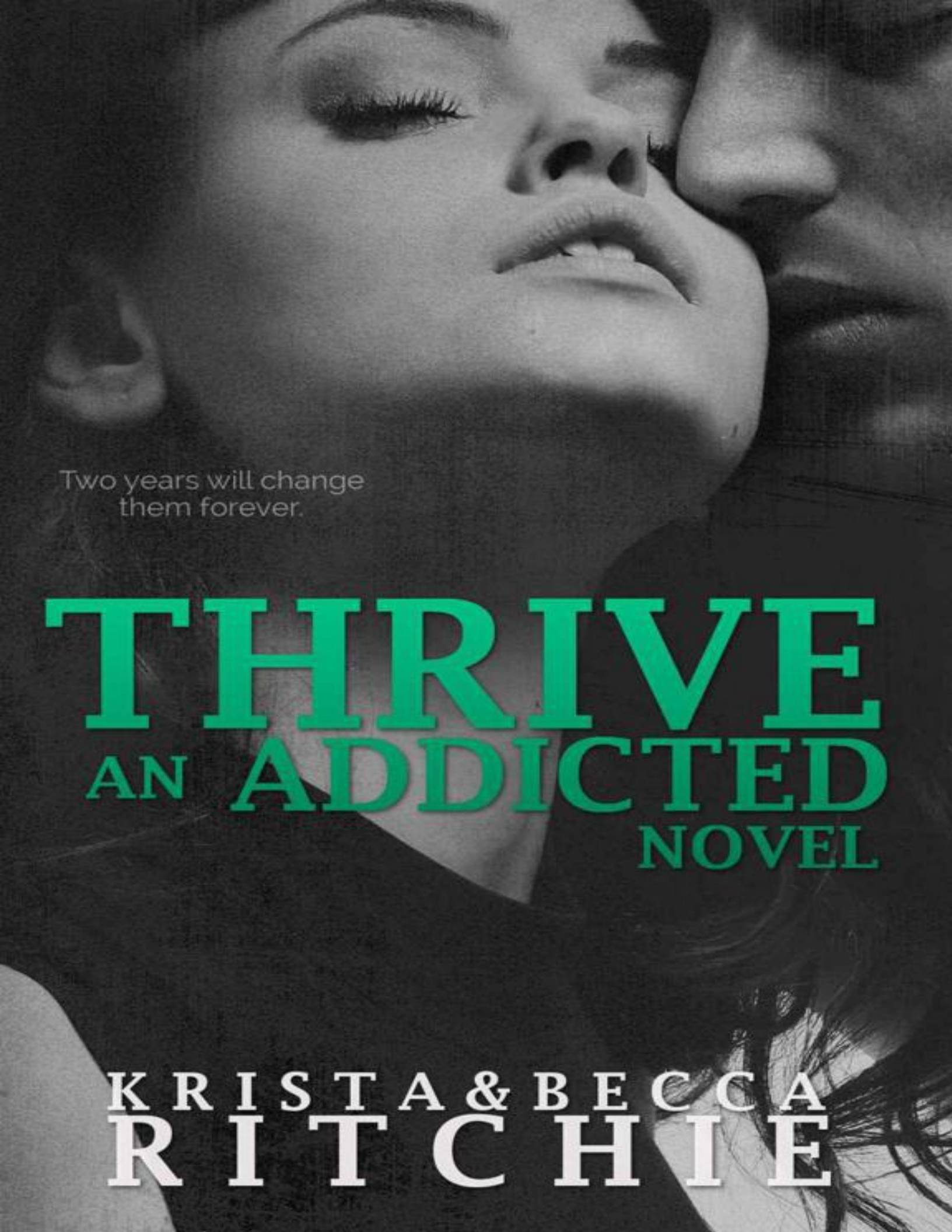

Two years will change
them forever.
THRIVE
AN ADDICTED
NOVEL
KRISTA & BECCA
RITCHIE

THRIVE

@booksunflowers



TRADUÇÃO: Luanna
REVISÃO: Bianca & Iasmin

ADDICTED SERIES

ORDEM RECOMENDADA

Addicted to You (Addicted #1)
Ricochet (Addicted #1.5)
Addicted for Now (Addicted #2)
Kiss the Sky (Spin-Off: Calloway Sisters #1)
Hothouse Flower (Calloway Sisters #2)
Thrive (Addicted #2.5)
Addicted After All (Addicted #3)
Fuel the Fire (Calloway Sisters #3)
Long Way Down (Calloway Sisters #4)

UMA NOTA DAS AUTORAS

Antes de começar a ler Thrive, existem alguns fatores a considerar. Se você está pensando em ler a série spin-off Calloway Sisters e não começou ainda - PARE AQUI. Thrive ocorre durante os eventos de Kiss the Sky e Hothouse Flower. Todos os principais clímax e arcos serão estragados para você neste livro. É altamente recomendável que você leia Calloway Sisters # 1 e # 2 antes de ler Thrive. No entanto, se você não tiver a intenção de ler a série spin-off, continue em frente.

Em segundo lugar, Thrive não é uma novela. O que descobrimos é que as pessoas mudam em momentos, em dias, meses e anos. Eles aprendem, crescem e às vezes até regridem. Para mostrar a evolução de Lily & Lo e suas amizades em pouco mais de dois anos, precisávamos de mais de cem páginas. Em um ponto, pensamos - "vamos retirar tudo o que aconteceu nos livros derivados, agir como se nunca tivesse existido e passar esses meses" - talvez seja demais para o leitor lidar com tudo em um só espaço. Mas então nós só damos a você uma parte da verdade, do que realmente aconteceu, e para fazer justiça à história completa da Lily & Lo, você merecia a foto inteira.

Então esta é a história deles. Sem esconder nada.

Aguenta aí. Nos vemos no final.

xoxo Krista & Becca

{Prólogo}

2 anos : 05 meses

LILY CALLOWAY

A vida se move muito devagar.

Loren Hale me disse isso uma vez. Quando tínhamos dezesseis anos, deitados em sua cama com histórias em quadrinhos espalhadas ao nosso redor. Ele segurou uma garrafa de Maker's Mark no peito e tomou um longo gole.

Para Lo, um minuto nesta Terra era um século. Ele estava esperando por alguém para acabar com a dor da vida.

Hoje ele me disse: a vida se move rápido demais.

Depois desses dois anos, tenho que concordar.

A vida se move rápido demais. E eu não posso prever um segundo dela.

PARTE UM

“Você sabe que eu não sou boa com palavras. Ou qualquer outra coisa.”

— Laura Kinney, X-23 Vol. 3 #1

{ 1 }

0 anos : 00 meses Agosto

LILY CALLOWAY

Sempre que eu imaginava meu vigésimo primeiro aniversário, incluía muita bebida, talvez algumas drogas, e um pacote gigante de strippers masculinos. Um pacote *gigante*. Possivelmente, até mesmo o tipo de strippers que lhe dão algo especial no final. Essa imaginação pertence a uma Lily diferente. De um tempo diferente. Possivelmente um universo cósmico diferente. Pelo menos é o que parece.

Meu vigésimo primeiro aniversário, na verdade, é muito menos tóxico. E os únicos homens com quem eu estou comemorando são meu namorado e seu irmão - o mais longe possível de strippers masculinos.

Na verdade, eu tinha proposto um bom aniversário na frente da televisão, mas Lo me arrastou para fora da casa, me seduzindo com meu lugar favorito em Filadélfia: Lucky's Diner. Eu disse anteriormente a minhas irmãs que eu não estaria tendo uma festa, e esse evento improvisado resultou depois que Lo descobriu isso. Agora eu meio que gostaria de convidar Rose ou Daisy ou até mesmo minha irmã mais velha, Poppy.

Uma longa onda de silêncio constrangedor passa entre Ryke e eu, e imploro em silêncio que Lo volte para a mesa. Mas ele está ao lado da mesa da recepcionista, ainda conversando com o gerente sobre fechar as persianas.

Dez cinegrafistas estão estacionados do lado de fora da lanchonete, algumas câmeras mais pesadas empoleiradas em seus ombros, as lentes pressionadas contra a janela de vidro. Uma semana atrás, soubemos que a mãe de Ryke vazou meu vício em sexo para a imprensa, a razão pela qual estou agora na primeira página dos tabloides e sou assunto nas redes sociais.

Ryke continua se culpando, mesmo quando dizemos a ele que não é para se preocupar. Se qualquer coisa, isso é tudo *minha* culpa. Eu sou aquela que seguiu esse caminho. Se não fosse verdade, seria uma história diferente, certo? Mas eu sou a viciada em sexo. Todo mundo sabe disso. E agora temos que descobrir como lidar com esse holofote.

O silêncio range em mim, e eu imediatamente o quebro sem pensar. —

Você sabe o que é engraçado, eu sempre pensei que hoje consistiria em um pacote de strippers masculinos, — eu deixo escapar. *Por que, Lily, por quê*? Eu olho em qualquer lugar, exceto seu rosto, já sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Um pacote? — Ryke diz em descrença. — Homens também são fodidas pessoas, Lily. Você pode não falar sobre eles como se você estivesse pedindo uma cerveja? E... que porra?

Eu acho que ele deveria ter começado com o *que porra*. Mas eu deixo isso passar.

Ele acrescenta, — Não me diga que você costumava olhar para os homens e só via outro pau para montar.

Eu coro, mas consigo responder apesar do meu constrangimento. — Costumava. Palavra chave. Passado, — eu digo rapidamente. — Agora eu vejo toda a outra anatomia. — Eu aceno minhas mãos para ele e então percebo o que estou fazendo. — Não que eu *tenha* pensado em você como apenas um pau. Quero dizer, eu pensei que você fosse um cacete, mas cacete do tipo metafórico. Não o tipo que eu iria montar. — Puta merda. Eu só preciso calar a boca.

— Você tem alguns problemas fodidamente graves, Calloway, — Ryke estala.

— Assim diz você e o resto do mundo, — murmuro e rasgo um pacote de açúcar. Eu tento evitar as câmeras que *clicam clicam clicam* atrás da janela de vidro gigante.

Seus olhos suavizam e ele balança a cabeça antes de soltar um gemido retorcido. — Olha, — ele diz, — é seu aniversário. Eu não comprei nada para você...

— Eu não esperava que você comprasse.

— Deixe-me terminar essa porra.

Eu coro novamente.

E ele balança a cabeça. — Você tem que parar, Lily. Tudo que eu digo não é sexual.

— Desculpe, — murmuro.

— Eu ia dizer, eu não comprei nada para você *ainda*. O que você gostaria?

O que eu gostaria? Há muitas coisas que gostaria, mas a maioria delas precisa ser adquirida por forças sobrenaturais.

— Você é um bruxo? — Eu acabo perguntando a ele.

— O quê? — Suas sobrancelhas se dobram.

— Não importa, — murmuro rapidamente. As câmeras de repente piscam em rápida sucessão. Eu me inclino mais na cabine, tão baixo que praticamente estou me escondendo embaixo da mesa.

— Pare com isso. — Ryke me encara.

— Você não deveria estar aqui, — eu chio. Eu não sei porque estou chiando. O restaurante não está nem metade cheio, mas tenho certeza de que ficará lotado dentro de uma hora, agora que estamos aqui.

— Eu fui convidado, — retruca Ryke.

— Por Lo, — eu sussurro, — que de alguma forma esqueceu que a imprensa acha que você e eu estamos tendo um caso. Nós não precisamos dar a eles outra razão.

— Então, porque eu estou almoçando com meu irmão e sua noiva, nós obviamente estamos fodendo. — Ele me dá um olhar duro. — Faz muito sentido completo.

— Não diga a palavra com f, — eu respondo. — Isso me dá urticária.

Ele faz uma careta. — Você vai se casar em menos de um ano. Isso não vai mudar, Lily. Você vai ter que aceitar isso.

— Eu não aceito *nada*, — eu digo, sem jeito.

Ele revira os olhos. — Você parou de fazer sentido dez minutos atrás.

Estou prestes a refutar, mas Lo volta a nossa cabine, as maçãs do rosto afiadas em agravamento. Merda. Enquanto ele desliza ao meu lado, ele rapidamente pega meu braço para me levantar da minha posição desleixada, como se fosse a coisa mais natural para ele, como se ele tivesse feito isso mil vezes comigo.

Ele fez?

Tudo o que sei com certeza é que meu esconderijo se foi.

Droga.

— Ele não vai fechar as persianas, — Lo nos diz. — Ele diz que é uma boa publicidade para o restaurante. — Pelo menos eles foram sinceros e honestos sobre isso.

— Talvez devêssemos sair. — Eu falo o que estou pensando. Bem desse jeito. *Uau, isso foi bom.* Eu espero por um deles falarem algo. Eu pulo da mesa, já esperando que eles concordem.

— Não, — diz Lo, com a mão no meu ombro, forçando minha bunda de volta ao banco. *Dupla merda.* — Hoje é seu aniversário, e você não sai de casa a mais de uma semana. — Seu braço se encaixa em volta da minha cintura, e eu

respiro fundo e me inclino em seu corpo quente. Eu gostaria de admitir que todos os meus pensamentos são castos neste momento, mas um breve flash de um Lo nu enche minha mente.

Dos seus músculos, seu corpo magro... Lo nu tem uma bela bunda e um grande...

— Mais uma vez, — Ryke diz rudemente, os olhos em mim, esmagando meus pensamentos sujos. — O que você quer de presente para o seu aniversário?

Pau.

Eu tenho que fechar meus olhos enquanto eu amaldiçoo meu cérebro por ir automaticamente *lá*.

— Ela quer algo que você não pode dar a ela, — Lo responde por mim.

— Como telecinésia e teletransporte, — eu deixo escapar, apenas no caso de Lo estar pensando sobre a outra coisa que Ryke não pode me dar.

— Eu estava me referindo a sexo, mas isso também, é, — diz Lo. Hoje não está indo tão bem. Nope.

Eu escondo meu rosto em minhas mãos e espero pelo *clique clique clique* superficial das câmeras. Qualquer segundo agora.

Clique.

Clique Clique Aí está.

Eu não saio do meu forte-de-mão.

— Lily... — Lo começa, preocupação em sua voz.

— Eu não quero falar sobre sexo ou pau, — eu deixo escapar.

Um homem pigarreia.

Merda.

Eu olho para cima com culpa. O garçom está no final da mesa com o bloco de notas na mão. Seu olhar pousa em qualquer lugar, menos em mim. Eu poderia também usar uma placa de trânsito ambulante que diz: Pervertida e viciada em sexo.

— O que vão querer beber? — Pergunta ele.

— Água para todo mundo — ordena Lo. O garçom sai e a porta do restaurante jinga quando mais jovens entram: adolescentes ou estudantes universitários. Eles se reúnem em uma cabine próxima e sacam seus celulares, tirando fotos.

Hibernar em nossa casa soa muito mais agradável do que isso. Talvez os ursos saibam algo que não sabemos.

Ryke tira sua jaqueta de couro. — É seu vigésimo primeiro aniversário; isso significa que você está bebendo esta noite? — Ele coloca a jaqueta de lado, agora apenas com uma camiseta cinza simples.

— Não — eu balanço minha cabeça. — Eu vou renunciar a essas tradições. — Minhas razões se estendem além de Lo ser um alcoólatra em recuperação. Eu quero lembrar desta noite, especialmente se envolver sexo.

— Ela viveu indiretamente no meu vigésimo primeiro, — acrescenta Lo. Eu vivi. Não foi agradável.

Alguém bate na janela perto do meu ouvido e pulo tão rápido que derrubo meu copo de água. Ryke amaldiçoa em voz baixa e limpa o vazamento com um guardanapo antes que eu tenha a chance.

Um cinegrafista bate de novo no vidro com o punho e meus olhos seguem o barulho.

Os flashes se apagam como lâmpadas quebradas. E então a mesa de adolescentes explode em gargalhadas, seus olhares voam para nossa cabine e se afastam. Meus nervos disparam, especialmente quando mais e mais sinos tilintam, sinalizando uma onda de pessoas entrando na Lucky's.

Vamos sufocar aqui ou sermos atacados ou pior. Há sempre um pior.

E eu deixei Garth, meu guarda-costas, ir para casa mais cedo. A mentalidade da multidão ultrapassará três pessoas. Dois é uma empresa, três é uma multidão, certo? Isso faz de quatro uma multidão. Nós somos um homem.

— Lily, acalme-se — Lo sussurra, a palma da mão na minha bochecha, o polegar acariciando minha pele macia. — Ei, o que está acontecendo na sua cabeça?

Absurdo. Medo. Tudo acima.

Eu não tenho a chance de responder a ele. O garçom retorna com o bloco de notas na mão, pronto para receber nossos pedidos. Eu nem olhei as palavras no menu (mesmo que eu saiba de cor).

O triste: estou com vontade de um cachorro-quente. Literalmente. Mas eu sei que fotografias minhas, boca aberta com uma salsicha entre meus lábios, vão acabar na primeira página de todos os tabloides. Eu poderia cortar no meio e comer? Talvez, mas não é o mesmo.

Meus olhos se movem ao longo das opções de salada, abandonando lentamente os desejos do meu estômago.

— E você? — O garçom me pergunta. Eu nem sequer ouvi o que o Lo escolheu.

— Eu vou... só tomar a sopa do dia. — Seguro. Mas não consigo esconder a decepção do meu rosto quando passo o cardápio de plástico para o garçom.

Lo olha para mim como se eu crescesse três chifres. — Você odeia sopa de brócolis e cheddar. — Ele está certo.

— Talvez o deles seja melhor. — Eu dou de ombros, evitando seus olhos âmbar.

Então Lo começa a sair da cabine. As adolescentes gritam porque ele está a um metro e meio da mesa delas. Ele nunca quebra seu foco de mim. — Eu preciso falar com você. — Ele acena para o banheiro.

As sobrancelhas de Ryke se levantam. — Isso não é nem um pouco suspeito.

Lo coloca as mãos na mesa e se aproxima do irmão. — Eu posso falar na *sua* frente, mas não na frente das outras cinquenta pessoas neste lugar.

Assim que ele termina sua declaração, outro grupo de pessoas entra no restaurante e se junta atrás de uma linha crescente.

Agora não há mesas livres.

Minhas coxas rangem contra o assento de plástico barato enquanto eu me arrasto para o final da cabine. Loren se endireita e espera por mim. Quando deixo meu esconderijo com sucesso, Lo descansa a mão nas minhas costas e me guia para o banheiro.

{ 2 }

0 anos : 00 meses Agosto

LILY CALLOWAY

Entramos no banheiro unissex, o único tipo sem cabines. Assim que a porta se fecha, ele vira a fechadura.

Quando ele me enfrenta, seus olhos encobrem uma preocupação inconfundível. — O que há de errado?

Ótimo. Eu sou tão transparente que ele me puxou para uma reunião no banheiro – por causa de cachorros-quentes. É um pouco patético, e é por isso que deixo escapar, — Nada.

Ele range os dentes. — Lily.

— Lo.

— Não venha com *Lo* para cima de mim. Você está chateado e não me dizendo o porquê. — Ele cruza os braços sobre o peito e bloqueia a porta, talvez percebendo que eu estaria saindo correndo agora. — Não vamos sair até você explicar.

— Você está fazendo uma cena dramática por nada, — eu sussurro. — Sério, você vai achar tudo muito estúpido.

— Por que você está sussurrando? — Pergunta ele. — E me deixe decidir se é estúpido ou não, Lil.

Eu solto um suspiro derrotado. — Cachorro-quente, — confesso. — Eu queria um cachorro-quente. — Eu espero pelo riso e o *é sério, Lily?* mas isso nunca vem. Ele olha para mim por um longo momento, processando, e suas sobrancelhas começam a se franzir de maneira frustrada.

— Eu sinto muito, — ele diz suavemente.

Eu sacudo minha cabeça. — Você deve sentir muito por reprovar na faculdade, romper com alguém e em funerais. Não para uma garota que não pode comer alimentos fálicos em público.

— Você sabe que isso é mais do que isso.

Suponho que minha vida tenha mudado muito nos últimos meses. Eu nunca fui normal, mas o fato de que esse escândalo tirou a *opção* de ser normal - isso

dói. Eu contemplo tudo por um segundo.

Então eu murmuro, — Eu não quero mais sentir pena de mim mesma. — Eu não mereço ficar com auto piedade. Como minha mãe disse inúmeras vezes, esta é minha cama e eu vou ter que dormir nela, com lençóis sujos e tudo.

Ele caminha para frente, mais perto, e meu coração bate forte com cada centímetro espremido entre nós. Quando seus braços se envolvem em volta do meu pescoço, é preciso toda a minha energia para ficar de pé e não pular nele aqui.

Eu permaneço de castigo e canalizo a minha estátua interior, provavelmente a postura menos sexy que eu posso reunir.

— Estou orgulhoso de você, — ele me diz. — Contanto que 'não sentir pena de si mesmo' não signifique enlouquecer em casa.

— Talvez um pouco. Como a metade. Meio conota, — eu admito.

Ele tenta muito não sorrir, então eu suponho que eu ganhei. Ou meio ganhei. Ou isso seria um empate?

Seus olhos âmbar inebriantes caem em meus lábios, e meu coração bate contra minhas costelas, como se estivesse me dizendo *agora agora agora*. Mas eu não digo uma palavra.

Sua mão lentamente sobe pelo meu pescoço, agarrando a parte de trás da minha cabeça enquanto seu olhar me devora inteiro. Qualquer chance de respirar foi arrancada pelo desejo alimentado em seus olhos, o que eu tenho certeza que compartilho. Meus lábios se partem e ele me observa de perto, seu peito subindo e descendo em sincronia com o meu.

Ele me provoca primeiro, beijando minha bochecha tão levemente.

Eu choramingo, — Lo.

E então seus lábios encontram os meus com desespero carnal, roubando o oxigênio dos meus pulmões. Ele levanta minhas pernas em volta da cintura, a mão perdida no meu cabelo, a outra me mantendo firme contra ele. Minhas mãos desaparecem debaixo da sua camisa, morrendo com seu abdômen, em sua proximidade. Eu não desabotoo ela.

Ainda não.

Mas o ponto entre as minhas pernas lateja e eu aperto minhas coxas em torno da sua cintura com tanta força que ele geme de excitação. Ele olha para mim enquanto ambos recuperamos o fôlego por um segundo.

Minha parte inferior das costas cava na pia de porcelana, e Lo nunca remove seu olhar intenso e estreito do meu, o que me desenrola completamente, o olhar

que encharca minha calcinha e me deixa nua.

Ele habilmente desabotoa meu short jeans e me ajusta para que eles deslizem pelas minhas pernas. Seu ritmo lento acelera meu coração, temendo que isso termine a qualquer momento.

— Não pare, — eu sussurro, praticamente ofegando por oxigênio.

— Eu não vou a lugar nenhum. — E então ele se inclina para mais perto de mim, uma mão apoiada debaixo da minha perna para que eu não caia, a outra segurando a pia de porcelana atrás de mim. Ele puxa minha calcinha para o lado. Eu não notei ele abrindo as calças - não até que sua ereção lentamente (tão lentamente) se afunda em mim.

Eu suspiro, meus olhos quase rolando para parte de trás na minha cabeça. Eu agarro em seus bíceps enquanto ele começa a empurrar dentro de mim. Estou tão cheia de Loren Hale, em um banheiro *público*, onde suas necessidades combinam com as minhas. E ele está a alimentando.

Para nós.

— Abra os olhos, — ele murmura, sua respiração superficial quando ele balança em mim. — Lil.

Eu não percebi que eles estavam fechados. Eu encontro seu olhar, e eu quase perco minha cabeça com a maneira que ele está olhando para mim. Lo me beija profundamente enquanto eu me esforço para segurá-lo sem gozar agora mesmo. Seus lábios entreabertos roçam minha testa enquanto ele acelera seu ritmo, enquanto a intensidade de seu olhar coincide com a de nossos corpos. Meus nervos se inflamam e, com um último impulso, nós dois gozamos juntamos.

Eu respiro pesadamente enquanto desço deste penhasco gigante de felicidade.

— Eu te amo, — ele sussurra, sua boca perto da minha orelha.

Meus lábios se levantam em um pequeno sorriso. — Eu também te amo. — Tudo agora mesmo parece muito bom para essas palavras. E quando ele fica dentro de mim um pouco demais, eu me pergunto se isso pode acontecer novamente.

Não vá lá, Lily.

Um som estrangulado trava na minha garganta. Como uma hiena moribunda. *Que diabos foi isso?* Eu acho que é o meu corpo querendo algo que não pode ter e está com raiva do meu cérebro.

— Shh, tudo bem, — diz Lo. — Lil. — Ele puxa para fora de mim e levanta

sua cueca boxer e jeans em torno de sua cintura rapidamente. Então ele me segura completamente, sua mão segurando meu rosto.

Eu fecho meus olhos. *Você não quer mais. Você não quer mais. Você está satisfeita.* Tento repetir o mantra, mas já anseio novamente pelo clímax, de igual intensidade. A coisa horrível: eu sei que não vai corresponder. Eu sei que a segunda vez não vai ser melhor que a primeira, então vou continuar tentando de novo e de novo para alcançar o que eu acabei de ter.

E isso não vai acontecer. Não até eu esperar mais. Talvez amanhã. Talvez no dia seguinte.

— Olhe para mim, — diz Lo com força, sua voz não mais tão doce.

Assim que eu cumpro, alguém bate na porta.

— Tem gente! — Lo grita. E então ele sussurra para mim, — Eu quero que isso funcione, porque se não... — Ele balança a cabeça. — Eu não quero ter outra quarta-feira como aquela.

Eu me lembro do começo da semana, quando Lo me pediu em casamento, onde eu declarava o quanto eu queria seguir a lista negra - os perímetros que meu terapeuta criou: sem sexo em público, só de manhã e de noite, sem as tardes à vista. Eu nunca vi a lista.

Até quarta-feira.

Nós tivemos possivelmente uma das piores lutas na história das nossas lutas. Foi sobre nossos medos. Como uma porta giratória, fomos atingidos pelos mesmos problemas com os quais estamos lidando há meses.

Eu me preocupo que *suas* necessidades não estejam sendo saciadas.

Ele se preocupa que eu vou ir para outro cara para obter o que ele me nega.

Eu me lembro de suas palavras tão claramente. — Isso não está funcionando, Lily, — disse ele, com os olhos vermelhos. Nós queríamos um ao outro, mas estávamos nos distanciando propositalmente para que eu não me tornasse uma besta louca e compulsiva.

A declaração silenciosa e excruciante se agarrava ao ar: *Devíamos nos separar.*

Nós dois estávamos chorando naquele momento, e eu senti que era o fim, como se alguém tivesse me destruído. Nós dois estávamos no carpete e seus braços estavam em volta de mim. No entanto, nenhum de nós poderia chegar a uma solução melhor.

Duas horas depois, afundado com essa dor incomensurável que não pode ser simplesmente explicada, ele sussurrou, — Fique comigo.

Meu coração se apertou. — O quê? — Meus olhos queimaram novamente.

Ele segurou minhas bochechas com as duas mãos, o rosto cheio de dor e amor, uma mistura distorcida que me lembrou de como éramos errados um para o outro, mas quão certo isso sentia. — Sem mais regras. Foda-se a lista. Você é forte o suficiente para lidar com sexo quando estou excitado e talvez até em público também. — Ele enxugou minhas lágrimas silenciosas que caíram.

— Como você sabe que eu sou forte o suficiente?

— Porque você está melhor agora, — ele disse, quase me convencendo. — E você me tem – o eu sóbrio. Vou me certificar de que você não saia do controle. — Sua voz baixou e sua testa tocou a minha. — Eu não quero viver se você não estiver vivendo comigo.

Eu também não.

E desde quarta-feira, nosso novo sistema realmente funcionou, apesar de eu ter lutado algumas vezes - o que eu acho que é de se esperar. Mas Lo não alimentou minhas compulsões. Nem uma vez.

— Eu estou bem agora, — eu digo, com mais segurança. *Eu posso fazer isso.* Sexo começa a derrapar para o fundo da minha mente. Eu ouço a frase: *eu não quero viver se você não está vivendo comigo.*

Eu não posso perder Lo. Eu simplesmente não posso.

Ele examina meus traços e então beija minha testa antes de me ajudar a entrar no meu short. Outra batida bate na porta. Desta vez, é muito mais irritada. — Tem gente aqui! — Lo grita de volta.

A pessoa grita através da madeira, a voz áspera muito familiar, — Sua comida está ficando fria. — Eu pensei que Ryke diria algo como: *É melhor vocês não estarem transando ainda.* Mas me lembro de que há multidões de pessoas do lado de fora e ele não quer expor nossa roupa suja.

— Eu ainda estou conversando com a minha namorada, — Lo dispara de volta. — Comece a comer sem nós, *mano.*

Eu imagino Ryke revirando os olhos. — Isso é tudo o que vocês estão fazendo aí?

— *Sim*, — rosna Lo. — Que porra, nos deixe em paz por um maldito minuto.

— Eu deixei vocês sozinhos por vinte minutos, — Ryke responde, sacudindo a maçaneta. — Vocês vão me deixar entrar?

— Não, — Lo estala, agora de frente para a porta como se ele estivesse brigando com ela e não com Ryke do outro lado. — Eu vou sair em um segundo.

Acabo de me vestir e depois penteio as mãos no cabelo pós-sexo.

— Vocês têm trinta segundos, — diz Ryke. — E eu estou fodidamente cronometrando vocês.

Lo aperta os dentes com tanta força, impedindo-se de soltar uma série de insultos. Suas mãos se fecham em punhos ao seu lado, e parece doloroso para ele se virar e me encarar, tentando ser uma pessoa melhor e deixar uma briga para trás.

Minhas bochechas começam a esquentar de ansiedade. — Você acha que eles vão descobrir? — Eu sussurro.

Com a tensão ainda constringindo seus músculos, ele me puxa para seu corpo e envolve seu braço em volta do meu ombro ossudo. — Somos bons em guardar segredos, — ele murmura. — Como isso é diferente?

Certo. Eu exalo profundamente, limpando um pouco da umidade dos meus olhos. Maldita quarta-feira. Esse momento ainda parece fresco na minha mente, até mesmo lembrar traz água aos meus olhos.

— Isso vai ajudar em parecer que você está chateada, — Lo me diz em voz baixa. — Ele vai acreditar que estávamos apenas conversando.

Boa.

Ninguém sabe que estamos fazendo mais sexo.

Nem minhas irmãs.

Nem o irmão dele.

Nem Connor ou até mesmo nosso terapeuta.

Nós não achamos que eles vão entender, e nós dois estamos exaustos de todas as vozes em nossas vidas. Pela primeira vez, só queremos fazer isso juntos. Sozinhos.

Lily e Lo.

Como era antes.

Só que melhores desta vez.

Estamos mais fortes agora.

Lo destrava a porta, mas é Ryke quem a abre. A conversa do restaurante lotado quase me rebenta, mas Lo me mantém perto. Percebo que ambos estão se encarando - isso até Ryke me examinar, tentando identificar a mancha de sexo em minhas roupas.

Meus jeans estão no lugar e minha camisa está reta e sem rugas, muito obrigada.

— Estávamos apenas conversando, — diz Lo.

Ou Ryke confia em Lo o suficiente para acreditar nele ou Ryke tem habilidades muito ruins de investigação. Ele nunca poderia ser um investigador particular. Talvez deixar o jornalismo tivesse sido uma boa ideia.

Sua preocupação sai do seu irmão mais novo e vira para mim. — Você está bem? — Ele ainda dá um passo mais perto, e na proximidade, as meninas na sala gritam incontrolavelmente e começam a bater palmas.

Alguém grita, — Triângulo amoroso!

Oh meu Deus. Não não não. Eu empurro Ryke de volta com duas palmas firmes e ele levanta as mãos em defesa.

Ryke suspira pesadamente, quase rosnando, e a agitação endurece sua mandíbula. — Então agora eu não posso nem me preocupar com você?

— Eu *não* estou traindo Lo com você. — Espero que *todos* no Lucky tenham ouvido isso. Eu quase quero ficar em uma cadeira e gritar. Isso é algo que minha irmãzinha, Daisy, definitivamente faria. Mas enquanto a ideia parece incrível, não consigo executar a tarefa.

E se alguém jogar um de hambúrguer em mim? Oh meu Deus, e se eles jogassem um cachorro-quente no meu rosto? Isso seria a minha sorte.

— Lily! — Grita Lo. Ele sacode meu ombro. — Acalme-se.

— Eu... eu estou calma. — Eu não estou calma?

— Você está ofegando como se estivesse sendo perseguida.

Eu olho entre os dois caras que bloquearam minha visão do restaurante com seus corpos, literalmente criando uma parede viril bem na minha frente. Eu acharia sexy se eu não soubesse o que estava por trás deles.

E então alguém grita, — Sexo a três!

Oh meu Deus. *Não*. Eu começo, — Eu não estou fazendo sexo com...

— Deixa isso pra lá, — Lo diz-me com um olhar escuro, combinando com o do seu irmão. — Você pode gritar e berrar, mas os tabloides vão publicar uma história falsa amanhã e no dia seguinte. Eu quero comer, porra. — Ele se vira para Ryke. — E você?

Ryke acena com a cabeça. — Sim, eu estou morrendo de fome.

Lo olha para mim de novo. — Eu não vou deixar ninguém fazer a gente sair daqui.

Eles se uniram contra mim.

Eu acho que gosto quando eles estão mais unidos do que quando estão um contra o outro. Isso me dá a confiança de que preciso para ir até a cabine, sentar e pedir a comida que eu quiser.

Um cachorro quente.

{ 3 }

0 anos : 01 mês Setembro

LOREN HALE

Mentir para todos que amamos, não é tão difícil quanto parece. Talvez porque tenhamos passado mais tempo mentindo do que dizendo a verdade. Ou porque eu a amo mais do que qualquer outra pessoa na minha vida.

Estou cansado de ter opiniões de terceiros sobre a vida sexual de Lily. Ela está me fodendo. As únicas opiniões que devem importar são as minhas e as dela.

E é assim que vai ser.

Foda-se todo mundo que pensa que sou o mesmo garoto autoindulgente que implorou a ela para namorar comigo sem parar de beber.

Esse cara está morto.

Eu tento ignorar os quadrinhos que cobrem minha mesa em pilhas desorganizadas. Connor Cobalt iria cagar nas calças se ele entrasse no meu escritório agora mesmo. Na semana passada, ele passou uma hora inteira me ajudando a arquivar meu trabalho, mas chegou mais rápido do que eu posso administrar.

A Halway Comics, uma *pequena* editora independente, explodiu na internet com a manchete: *Loren Hale inicia um novo empreendimento comercial.* Agora estou inundado de propostas de artistas aspirantes - e não importa o quanto eu tente, nunca consigo acompanhar.

Talvez se eu desse cem por cento de mim ao negócio seria mais fácil. Mas eu estou dando talvez quarenta por cento. Eu alegremente dou o resto para Lily.

— Que tipo de fivela é essa? — Lily se atrapalha com meu cinto, seus joelhos no carpete na frente da minha mesa. A cadeira de couro range quando eu rodo para trás e empurro as mãos dela para longe.

— Você está sem prática, — eu provoco.

Ela suspira. — Não estou. — Ela aponta para a fivela do meu cinto que eu lentamente desfaço. — Você está usando um cinto de castidade ou colocou um feitiço nele para que não abra com as forças externas... *Alohomora.*

Eu congelo e dou a ela uma boa olhada. Ela... ela fez. Ela acabou de tentar

desfazer meu cinto com um maldito feitiço. Suas bochechas ficam vermelhas.

— Eu estava lá quando você *não* recebeu sua carta de Hogwarts, — eu a lembro. Ela chorou em seu décimo primeiro aniversário, e para fazê-la se sentir melhor, eu a embebedei com o uísque caro do meu pai.

Eu era um idiota.

— Ah, que seja, eu sei que você tenta fazer feitiços quando ninguém está por perto.

Eu não nego isso.

Eu solto meu cinto e ela aponta. — Olha, funcionou, — diz ela com um sorriso.

— Ha ha, — eu digo secamente, mas estou olhando para o sorriso dela. Isso acontece tão raramente agora com a imprensa caindo sobre nós.

Ela se concentra apenas nas minhas calças, tornando-as sua missão. Ela puxa a calça jeans pela as minhas coxas, e seus olhos ficam grandes com a visão da minha ereção, pressionando contra a minha cueca boxer vermelha escura. Eu a vejo inalar mais esporadicamente do que antes.

Mesmo que isso a excite, ela está aprendendo a ser menos compulsiva e insaciável. Ela não viu pornografia, se masturbou ou ficar fora do limite por um tempo. Isso é um sucesso, especialmente depois de seu rápido declínio quando seu vício foi divulgado pela primeira vez.

Eu relaxo de volta contra a minha cadeira de couro, e ela lambe os lábios. Meu sangue aquece quando ela alcança meu pau debaixo do tecido. Eu escovo o cabelo dela para longe de seu rosto, ajeitando seus cabelos morenos no meu punho.

Sua mão trabalha meu pau do jeito certo - não muito forte, nem muito suave. Eu solto uma respiração áspera quando ele sai da minha cueca boxer e sua língua mal toca a cabeça. Eu estico mão livre para a minha mesa e aumento a música no meu iPod, baixo pesado e eletrônico. Eu acho que é Skrillex, mas minha mente não está focada o suficiente para saber com certeza.

Seus olhos brilham com nada além de desejo, e leva toda a minha energia para não me enfiar todo dentro de sua boca. Ela aperta levemente meu eixo, e um gemido penetra na minha garganta, mesmo quando eu tento abafar o barulho. Seus lábios se levantam, e ela planta um beijo delicado no meu pau antes de lentamente levá-lo em sua boca. *Jesus Cristo.* Eu aperto a cadeira com uma mão, a outra ainda segurando o cabelo dela.

Ela começa habilmente a me chupar. — Bem aí, Lil, — eu a encorajo.

Meus nervos se iluminam e eu agarro seu cabelo com mais força. Antes que eu possa me afogar nesse prazer, minha porta se abre. Sem bater. Nem nada. Eu mantenho minha mão em sua cabeça, alarme apertando minha mandíbula, e ela rapidamente para de me dar um boquete de nível A.

Sua boca está permanentemente aberta em pânico, e ela se enfia ainda mais embaixo da minha mesa.

Tenho tempo suficiente para aproximar minha cadeira da escrivaninha, puxar minha cueca boxer e preparar um ataque verbal para qualquer idiota de merda que acabou de invadir aqui.

— Você precisa de um maldito assistente, — meu pai me diz, entrando direto no meu escritório sem pausa.

De repente, questiono o ataque que planejei. Jonathan Hale iria engolir meus insultos como ele engole seu whisky. Inabalavelmente. Sempre pronto para mais.

— Eu sinto muito, nós tínhamos um compromisso? — Eu pergunto rudemente, não sendo capaz de segurar agora, mesmo que eu quisesse.

Lily dá um soco na minha perna, silenciosamente me dizendo para ser legal. Mas é a carranca do meu pai, aquela endurecida e fria, que causa mais danos.

— Não seja um merdinha, — ele zomba. — Como você vai fazer reuniões, se você não tem uma sala de espera com uma alma viva e respirando do lado de fora dessas portas? — Ele examina meu escritório, avaliando minhas estantes de livros com desprezo. Como se eles não estivessem organizados corretamente.

— Talvez eu não esteja planejando participar de reuniões, — replico. — Então, eu não preciso de uma sala de espera.

— Às vezes me pergunto se uma das minhas babás deixou você cair de cabeça quando você era criança, — ele diz.

Minhas "babás" de infância que ele diz que ele fodeu. Todas as *dez*. — Não, — eu digo, — eu assim sou apenas por causa de você, pai. — Eu mostro um sorriso amargo que meu pai combina rapidamente.

— Eu vim aqui para discutir o seu negócio. — Ele arrasta uma cadeira da parede até a minha mesa, posicionando-a na minha frente.

Eu fico rígido, e meus olhos piscam para Lily, que está se escondendo logo abaixo. Seus olhos se arregalam e ela segura as pernas no peito. Ela fala sem emitir som, *ele está bem aqui?*

Eu não afirmo suas suspeitas porque isso a assustará mais. Em vez disso, vejo meu pai pegar um actionfigure do *X-Men* de plástico que fica ao lado de

uma série de outros personagens. Eu poderia rir neste momento, especialmente quando ele move o braço do Mancha Solar, mas sua curiosidade está junta com uma carranca escura e olhos apertados. Sinto a desaprovação mordaz mesmo antes de ele falar.

— Você é um pouco velho para essa merda, você não acha? — Surpreendentemente, ele coloca o Mancha Solar de volta onde ele o encontrou.

— Eu tenho uma companhia de quadrinhos, — lembro-lhe. — Eu gosto dessa *merda*.

— Isso não significa que seu escritório deve ser parecido com um quarto de um garoto de onze anos de idade. — Ele balança a cabeça para o resto da parafernália de super-heróis. — Seu novo assistente pode redecorar para você.

— Eu não tenho energia para lidar com um assistente, — refuto. Eu não posso lidar com intrusos. Eu os destruiria. De acordo com Brian, meu terapeuta, afasto as pessoas antes que elas tenham a chance de me machucar.

Se eu pensar em quantas mentiras eu fui alimentado durante toda minha vida e no abandono de *duas* mães, eu começo a acreditar que ele está certo. Eu tenho problemas de confiança. Mas eu aceitei Connor, um completo estranho. Eu aceitei um meio-irmão que mentiu abertamente para mim.

Isso não é o suficiente?

Por que eu preciso adicionar mais pessoas ao meu círculo?

— É isso? — Eu pergunto ao meu pai. — Porque você está me irritando, se você não percebeu.

Lily se move desconfortavelmente e dá um puxão nas minhas calças. Ela quer que eu me acalme. Eu não vou beber depois disso. Eu posso jogar algo no meu pai quando ele estiver saindo, tipo uma caneta. Ou pelo menos imaginar isso. Mas eu não vou beber.

— O assistente está no final da lista, — diz ele, com o hálito cheirando a whisky. — E sobre a loja no andar de baixo?

Merda. — Superheroes & Scones, — eu esclareço. — Lily está tomando conta.

— E eu estou financiando, — ele me lembra. — Quando vai abrir? — Seu olhar se dirige para a pilha de papéis em minha mesa. Ele pega o manuscrito mais próximo, derrubando uma caneca que está marcada com o logo da *Halway Comics*. Eu me inclino para frente e a arrumo no lugar.

O rosto do meu pai literalmente endurece igual a maldita pedra quando ele folheia pela revista em quadrinhos.

Minha cabeça gira, tentando pensar cinco passos à frente de onde ele está. Mas esse é um jogo de xadrez que eu sempre perderei. — Lily quer levar as coisas devagar, então provavelmente vamos abri-lo depois que ela se formar. — O que pode acontecer daqui a alguns anos.

E eu gosto que ela possa ficar no andar de baixo sem multidões. Receio que, uma vez que abrirmos a loja, vai ficar muito louco para ela. Como foi no Lucky's. Só que pior.

Porque é *nossa*.

Meu pai zomba e joga os quadrinhos de volta na mesa. — Esse é um péssimo plano de negócios. Você está na imprensa *agora*. Você precisa aproveitar a exposição o mais rápido possível.

— Ela é viciada em sexo. Não vai ser boa exposição, — eu digo, frustrado. Eu olho para Lily, que não está mais puxando meu jeans. Ela olha longamente para o tapete, o pescoço vermelho como se a ansiedade estivesse se arrastando nele.

Estou prestes a dizer ao meu pai para sair, mas seu olhar brutal me silencia. — Loren. — Ele diz meu nome como se eu fosse um idiota completo. — Quando você está construindo algo do nada, a má imprensa é boa. Mas quando você já estabeleceu uma reputação, a má imprensa pode matar você. — Ele aponta para mim. — Você não tem nada agora. Má imprensa é o que você precisa. Use-o. Não seja idiota.

Eu só não quero que a Lily se sinta perdida em outra coisa por causa da mídia. Não esperávamos que a atenção durasse tanto tempo e continuasse a escalar. A esse ponto, eu não acho que isso vá morrer. Há muito interesse em meu relacionamento com ela e meu meio-irmão.

É como o sonho molhado de um tablóide.

— Eu preciso de mais tempo, — digo a ele, tentando encontrar uma desculpa do caralho. — Ainda não está pronto. Ainda temos estoque que precisa chegar...

— Eu estava lá embaixo. Se ainda não está tudo em estoque, então você está sobrecarregado. — Ele se levanta. — A loja será aberta até o final deste mês e, se você não marcar uma data, eu mesmo colocarei um anúncio no jornal e você terá que lidar com a linha do lado de fora do prédio.

Eu agarro a borda da mesa, meus dentes doendo quando eu fecho minha boca. *Você está bem*. É uma conversa estimulante idiota, considerando que tudo que eu quero fazer agora é explodir... e sim, uma garrafa de Jameson ia ser

ótima.

Ele para na porta para ajustar a gravata. — E, um conselho. Se você quer receber um boquete no seu escritório, você realmente precisa de um assistente.

Que porra é essa?

Meu rosto cai.

Meu pai olha para a mesa como se ele pudesse ver através dela. Ele não pode. — Lily, tente não respirar tão fortemente da próxima vez. Você se entrega. — Com isso, ele sai do meu escritório e sai da porra da vista.

É a cara do meu pai, ter uma saída tão dramática quanto sua entrada.

— Oh meu Deus, — diz Lily com os olhos arregalados, não saindo debaixo da mesa ainda. Eu olho para o rosto vermelho dela. Ela está muito mais envergonhada do que eu.

— Não se preocupe com isso, — digo a ela. — Nós dois o vimos chegar em casa depois de um caso de uma noite. — Se uma mulher não fosse embora com maquiagem borrada pela manhã, então ele estava entrando na casa às 10 da manhã - completamente vestido em seu terno da noite anterior.

Sem vergonha.

Nunca.

Meu pai não trabalhava até tão tarde *assim*, a menos que esteja transando.

Ela não diz nada.

Eu rolo minha cadeira para trás e mergulho minha cabeça para baixo para encontrar seu olhar. — Venha aqui Ela está imóvel. Eu acho que irei ter que puxá-la para fora. Que, estranhamente, não seria a primeira vez que eu teria que tirar minha namorada debaixo de uma mesa.

Eu vou levantar meu jeans até a minha cintura, e isso a afasta de seu esconderijo. — Não, eu vou terminar o que comecei, — ela me diz, rastejando em direção ao meu colo.

Meu estômago repentinamente afunda. Eu sei que tenho que rejeitá-la. Ela está muito ansiosa e o sexo não deve ser usado para demolir esses sentimentos contundentes. Ela tem que lidar com eles. Quando ela coloca as palmas das mãos nos meus joelhos, eu digo, — Não, não desta vez, Lil. — Eu pego suas mãos e as coloco de volta em seu peito. Então eu puxo meu jeans, fecho e abotoo para solidificar a minha escolha.

Ainda de joelhos, seus ombros caem. Ela parece perdida. Eu a levanto para o meu colo e ela coloca uma perna em cada lado da cadeira, em cima de mim. *Cristo*. Eu não quero continuar a rejeitando, mas também egoisticamente não

quero mudar minha namorada de posição.

Em vez de fazer sexo, ela surpreendentemente segue em outra direção. — Sobre a Superheroes & Scones... — ela se perde, incapaz de encontrar as palavras. Ela coloca a mão no meu peito, não mais feliz do que estava no chão.

A loja tem sido um lugar seguro para Lily longe da casa, e nós dois sabemos se ela abrir, aquele lugar seguro acaba.

— Nós podemos esperar, — eu ofereço. Seu olhar desanimado está realmente me assustando. — Eu posso convencer...

— Não, — ela interrompe, mas meus músculos continuam apertando. — Ele tem razão. Devemos abri-la em breve. — Eu sei que ela não acredita nisso. — Vou contratar um gerente geral e manter contato por telefone e mensagens, então vou saber o que está acontecendo...

— Lily, — eu digo o nome dela, mas não posso dizer mais nada. Meus pulmões se contraem e, quando olho para ela, tudo que vejo é uma garota presa em seu próprio mundo.

Inferno, ela está presa em seu próprio fodido corpo. Ela só precisa de tempo, mas ninguém parece estar dando isso a ela.

Ela realmente vira a cabeça para olhar para o espaço debaixo da mesa, como se estivesse pensando em voltar. *Não se atreva a engatinhar de volta lá, Lil.*

Lentamente, ela sai do meu colo. — Eu vou contar o inventário, — ela diz com uma voz muito suave, todo seu humor desaparecido. Meu maior medo entra em mim. A perder.

— Não, você não vai, — eu digo. — Você vai ficar aqui e me ajudar com essa pilha de merda. — Eu aceno na minha mesa, apontando para os quadrinhos. Ela considera isso como uma sugestão. Não é. Eu não confio nela para ficar sozinha agora.

— Por favor, Lil, — acrescento. — Eu estou me atolando aqui. Preciso da tua ajuda. Você pode fazer o inventário outro dia. — Isso a convence.

Ela caminha de volta para a mesa e pega um manuscrito grosso.

É apavorante como nós dois podemos subir e descer tão rapidamente. Ela desaba na cadeira e abre uma revista, com os lábios levemente virados para baixo. Mas eu aceito uma Lily para baixo do que Lily nenhuma.

Essa é a verdade.

{ 4 }

0 anos : 01 mês Setembro

LOREN HALE

Abrimos Superheroes & Scones na semana passada.

Três horas antes de abrirmos as portas, tivemos que colocar cordas ao lado da calçada para conter as linhas e linhas de pessoas do lado de fora. As multidões não diminuíram desde então. A coisa mais chocante dessa merda: Nós mal vendemos qualquer quadrinho. As pessoas compram uma xícara de café e sentam-se em uma cabine, esperando para ver Lily ou eu.

Somos os produtos em exibição.

Lily passou as últimas duas semanas escondida na casa de Princeton, escondendo-se da mídia reenergizada. Convidei-a para almoçar e ela deu uma desculpa que ia estudar. Mas eu sei que ela está assistindo um programa de TV.

Agora, eu ignoro Ryke e Connor, o último acabou de pegar nossas bebidas de uma garçonete. Ela usa um Sombreiro multicolorido. Aparentemente, foi o décimo segundo aniversário de uma criança, então eles cantaram em espanhol para ele e sacudiram maracas. O menino parecia muito feliz.

Eu me concentro no meu celular e falo com Lil.

Vou assistir algo na Netflix quando chegar em casa. Eu pressiono enviar, não esclarecendo. Ela vai entender onde eu estou indo com isso.

Ela responde rapidamente. *Faça isso. Estou estudando: P* - Lily Você acabou de mostrar sua língua para mim?

:P - Lily Embora adorável, o emoticon é o seu jeito de ser evasivo. Eu queria que ela estivesse aqui. É mais fácil saber onde a cabeça dela está quando posso realmente vê-la.

— Você está se juntando a nós para o almoço, Lo? — Connor me pergunta quando a garçonete nos deixa com mais batatas fritas e uma tigela de guacamole.

Eu seguro meu celular e tento limpar a frustração das minhas feições. É como um apêndice permanente, esse olhar puto de *eu odeio você*. Eu não posso me livrar disso.

Eu não sei como.

Meu olhar se dirige para aquele jovem garoto no centro do restaurante

mexicano, em uma mesa para dez pessoas, provavelmente toda a família em volta dele.

Enquanto ele abre um presente, sua mãe recolhe o papel e dobra-o ordenadamente.

Seu pai tira fotos.

Eu odeio tudo sobre esse garoto. Eu odeio que ele esteja sorrindo. Eu odeio que mais de uma pessoa o abraça. E eu odeio que eu o odeie. Por que a felicidade de outras pessoas é sentida como alguém me dando um soco no estômago?

— Lo, — Ryke estala.

Eu encaro meu meio-irmão e Connor. Eles mal conseguem suportar um ao outro às vezes, por isso estou surpreso que eles tenham escolhido assentos lado a lado. — Eu estou aqui, não estou? — Eu digo bruscamente.

Eu me inclino para trás contra a minha cadeira de madeira, tentando soltar meus músculos tensos. Nós nos sentamos na parte de trás, longe dos olhos persistentes e das janelas de vidro.

Sem câmeras. Nenhum paparazzi.

É mais libertador do que eu posso explicar.

— Fisicamente, você está aqui, — responde Connor. — Mas eu prefiro cem por cento de atenção das pessoas.

Ryke solta uma risada sem graça. — Você nunca muda, não é? Ainda é um narcisista.

Eu como uma batata e digo, — Eu diria que ele é uma prostituta por atenção.

— Isso também, — concorda Connor com um sorriso florescente. — Então eu me amo. Poucas pessoas podem dizer a mesma coisa, o que é uma vergonha.

Eu espero que ele olhe para mim.

Mas ele olha para o bar, bebendo sua água.

Eu coloco outra batata na minha boca e tento relaxar. Eu não questiono a camisa preta de Connor ou seu relógio caro ou seu cabelo castanho-claro, perfeitamente estilizado. O cara está sempre assim, ao contrário do meu irmão que parece ter rolado para fora da cama, despenteado cabelo castanho escuro, mandíbula não barbeada e uma camiseta da Universidade da Pensilvânia.

Eu acho que eu me encaixo em algum lugar no meio.

Pelo menos eu espero que sim.

— Como está Lily? — Connor me pergunta.

— Como está Rose? — Eu desvio da pergunta e alcanço a minha bebida. Uma água.

— Ocupada. Estressada. Você sabe que ela está planejando seu casamento ao invés de Samantha?

— Sim, — *eu sei.* — Lily e sua mãe ainda não estão se falando ainda. — Eu não sei se elas vão consertar as coisas. É tão complicado que eu não tenho certeza se abrir linhas de comunicação é a coisa certa a se fazer. Lily foi destruída depois que sua mãe disse que ela era uma decepção.

Toda a vida de Samantha é sobre proteger a reputação de sua família, e sua própria filha fodeu com isso.

Lily acha que nosso casamento consertará o vínculo quebrado que ela tem com a mãe - mas eu não estou prendendo minha respiração esperando isso. Eu não quero ver o rosto de Lily desmoronar quando ela percebe que sua mãe ainda guarda ressentimentos profundamente abrigados.

Então eu estou contando até o dia do nosso casamento de junho com nada além de medo.

Connor abre a boca e eu o interrompo. — Você já removeu o cinto de castidade da bruxa malvada? — Pergunto, redirecionando a conversa para o relacionamento dele. — Ou ainda está soldada no lugar?

— Rose ainda é virgem, — ele diz, como se isso não o incomodasse. Ele está com ela há quase um *ano* inteiro e eles mal fizeram nada, pelo menos de acordo com o que Lily e Connor compartilharam comigo. Rose, ela não me contaria os mínimos detalhes de seu relacionamento, mesmo que ela goste de saber tudo do meu. Só para garantir que não estou estragando a recuperação da irmã dela.

Eu não estou.

Eu pego uma batata da cesta, esperando pelo molho picante para comer meus tacos de frango. — Tenha cuidado com as unhas dela. Eu não quero que ela estrague o seu lindo rosto.

— Eu não tenho medo de Rose, mas obrigado pela preocupação, querido. — Ele pisca.

Eu toco meu coração. — A qualquer hora, amor.

Ryke revira os olhos e se inclina ainda mais na cadeira, meditando. — Que tal deixar isso para quando não estou por perto? — Ele diz.

— Homofóbico? — Eu pergunto, mergulhando uma batata no ketchup. Eu realmente não esperei que meu meio-irmão fosse assim.

— *Não*, — Ryke diz como se isso fosse a coisa mais distante da verdade. — Apenas irritado.

Acho que ele está com inveja do relacionamento que tenho com Connor. É simples. Nós somos amigos. Mas com Ryke - apenas... não pode ser assim. Há muita merda entre nós para que seja algo diferente de complicado.

Ryke pega seu celular e manda uma mensagem para alguém antes de colocar seu celular na mesa perto do meu. Quando a garçonete retorna, nós fazemos nossos pedidos, e então três meninas riem alto no bar. Elas percebem que estamos na parte de trás do bar e batem nos braços umas das outras. Eu leio seus lábios: *são eles*.

Todas usam camisetas de sororidades temáticas como *Go Greek!* e *Tri and Beat Us* com shorts de corrida. Com uns vinte anos - o tipo de garotas que frequentam a faculdade da qual fui expulso.

Universidade da Pensilvânia.

Ryke observa abertamente as garotas, e elas quase gritam, os olhos arregalados.

— Parece que você acabou de oferecer uma a elas carona em sua Maserati, — eu digo ao meu irmão.

— Eu não possuo uma Maserati. — *Era uma figura de linguagem*. Ele se levanta e joga o guardanapo na cadeira. — Dê-me cinco minutos.

Connor coloca o celular no bolso. — Tanto tempo assim?

— Vai se foder, — Ryke diz facilmente antes de sair para se aproximar das meninas.

Eu acho que a ruiva no final vai desmaiar.

Elas praticamente pulam em seus bancos no bar, e Ryke entra, usando qualquer jogo que ele tenha com elas. A loira baixa com batom vermelho-escuro fala com Ryke, mas ela aponta diretamente para Connor.

— Parece que uma delas gostou de você, — digo a Connor.

Ele acena para elas da maneira mais evasiva que eu já vi. Amigável, não como se estivesse a dispensando, mas meio removido, como se ele estivesse silenciosamente desinteressado.

— Cobalt, — Ryke grita. — Eles querem saber o seu QI.

— Mais alto que o seu.

Ryke revira os olhos e vira as costas para nós, ainda falando com elas.

— Que cantada, — eu digo. — Porra, eu perdi a chance de usá-la em você. — Quando eu o conheci, eu tinha certeza que ele era assexual. Lily suspeitava

que ele era gay. Agora, sinceramente, nem sei o que ele é.

Para mim, ele é apenas Connor.

Talvez seja esse seu ponto.

— Eu não teria recusado você. — Connor se inclina para trás em sua cadeira, verificando seu relógio banhado a ouro e preto.

— Por que?

— Você é bonito, — ele brinca. — Não tão bonito quanto eu, mas ninguém é. Então eu não usaria isso contra você.

Antes de eu ficar sóbrio, eu me sentava em um bar com Connor e as pessoas se derretiam sobre ele. Um metro e noventa e dois com aqueles olhos azuis incrivelmente confiantes.

Connor Cobalt atrai bucetas e paus.

Ele sabe disso e ele quase não se importa.

Acontece que Connor *tem* um tipo, e ela está entrando no restaurante agora. Eu solto um gemido audível quando ouço seus saltos de dez centímetros e vejo seus penetrantes olhos verde-amarelados. Mas Rose se concentrou em apenas uma pessoa.

Ela levanta os óculos de sol Chanel até o topo da cabeça e ocupa o lugar de Ryke ao lado de Connor. Ele a cumprimenta com algumas palavras em francês e ela responde na mesma língua. Seu braço desliza ao redor das costas de sua cadeira, seu corpo se inclina para ela em posse.

Se as garotas do bar não perceberam que ele está legitimamente comprometido, elas percebem agora.

— Ei, Rose, — eu digo sem entusiasmo. — Eu pensei que você não poderia vir almoçar.

— Eu tenho dez minutos, — diz ela, sinalizando para a garçonete. — Eu pensei em passar aqui só para te chatear. É o número três da minha lista de atividades diárias.

— Imaginei, — eu digo. — *Lixar suas garras* é a número quatro?

Ela me lança um olhar.

Eu lanço um de volta.

— Crianças, — diz Connor, — vocês podem brigar enquanto Rose não estiver perto de facas e Loren não estiver perto de mesas que ele pode virar? Acho que a essas brincadeiras descontroladamente divertidas, mas não quando estou no fogo cruzado.

— Você foi salvo, — Rose me diz como um vilão em um filme de ação

ruim. Ela está sendo meio séria, o que é uma coisa estúpida.

— Obrigada, Darth Vader.

Ela me mostra o dedo, assim que a garçonete se aproxima e limpa a garganta. Rose é pega com o dedo do meio no ar.

Eu dou risada - isso é rico.

Rose mal parece com vergonha. Ela abaixa o dedo e diz, — Eu gostaria de uma margarita, congelada, sem sal.

— Posso ver sua identidade?

Rose abre a carteira e mostra sua identidade para a garçonete.

— Obrigada. Eu vou pegar para você. Mais alguma coisa? — Ela conserta o Sombreiro.

— Sim, — eu digo, — um maçarico para descongelar a irmã da minha namorada. — Eu sorrio secamente. — Obrigado.

— E eu gostaria de um mata-moscas para poder bater no namorado da minha irmã.

A garçonete abre a boca parcialmente, mas nenhuma palavra escapa.

— Somente uma margarita, — diz Connor com um sorriso caloroso.

Ela engole em seco. — Eu vou trazer...

Quando ela sai, meu celular toca na mesa. Eu o pego e abro a mensagem.

Te vejo amanhã. - Daisy Eu fico totalmente rígido.

Eu viro o celular e percebo a capa verde escura, ao contrário da minha preta. Eu acidentalmente peguei o telefone do Ryke.

Moralidade, ética - fui ensinado a cagar nelas.

Eu nem hesito. Apenas percorro as mensagens rapidamente, chegando ao topo da conversa. Meus dedos sobem aos meus lábios em ansiedade, meus pensamentos rápidos afogando a conversa em francês de Connor e Rose.

Você deixou sua camisa comigo, você sabe. - Daisy *Fique com ela.* - Ryke Que porra é essa? Eu respiro pesadamente, emoções negras acumulando em mim de tantos lugares. Algumas indistinguíveis, outras realmente claras. Daisy tem apenas dezesseis anos.

É tudo que posso pensar agora.

De volta a Cancun, fiz uma promessa - confiar em Ryke, em não me envolver na crescente amizade deles. Eu estive seriamente *tentando.*

Meus olhos piscam para o meu irmão no bar. Ele está dando em cima da menina morena, sua figura curvilínea e sua mão em seu braço enquanto ela ri de algo que ele disse.

Ela está dando em cima dele igualmente.

E eu imagino Ryke brincando com a cabeça de Daisy – desse jeito. Como se ela fosse outra garota em um bar. Como se ele estivesse tentando transar com ela uma noite ou uma semana, talvez um mês.

Nada mais.

Eu imagino a provocação.

O flerte.

Eu não sei o que ele está fazendo com a irmã da Lily, mas não está certo. Ele pode dormir com qualquer garota - por que ele tem que ir atrás dela?

Ou ele está apenas a iludindo, sem nenhum plano real de fazer algo mais?

Ele gosta disso?

Eu vou perguntar a ele, eu penso. É a única coisa que impede a minha perna de balançar.

Eu volto as mensagens.

Eu posso devolver a camisa para você quando formos andar de moto. - Daisy *O que você quiser. Apenas certifique-se de usar fodidas botas dessa vez e não chinelos.* - Ryke *Eram sandálias. Eu também acabei de encontrar seus shorts. Eu vou usá-los na próxima vez que eu te ver também;)* - Daisy Sério?

Apenas use a porra das botas, Calloway. - Ryke *Você quer que eu ande nua? Eu normalmente não faço isso até depois do segundo encontro.* - Daisy *Eu prefiro que você apenas usasse meu short.* - Ryke *Isso te excita? Quando as garotas vestem suas roupas*? - Daisy *Eu te vejo amanhã, Dais.* - Ryke *Te vejo amanhã.* - Daisy Esse foi a mensagem mais recente.

— Você está bem, Lo? — Connor pergunta, por causa da minha expressão volátil. Calor praticamente irradia dos meus músculos.

Rose gira seu canudo em sua margarita. Eu nem vi a garçonete passar aqui.

— Eu estou ótimo, — eu digo friamente.

Apenas um segundo depois, Ryke retorna à mesa com um guardanapo. Ele se senta ao meu lado no assento livre. — Consegui o número dela e o endereço. — Ele coloca o guardanapo com a informação rabiscada no bolso. Então ele estica a mão e pega a água que está perto de Rose.

— Essa garota sabe que você só quer transar com ela? — Eu pergunto, minha voz rouca.

Tensão se espalha pela mesa, mas o remorso está muito longe - em outro domínio de existência. No corpo de algum cara bom.

— Sim, — diz Ryke, retirando a palavra enquanto estuda minha expressão.

— Acho que ela entendeu a mensagem quando eu disse que não estava querendo nada sério. — Ele faz uma pausa. — Eu fiz alguma coisa…?

Deslizo o celular pela mesa de mosaicos e coloco na frente dele.

Desde que sua cadeira está ao lado da minha, ele tem que virar o corpo para mim. — Você leu minhas fodidas mensagens? — Ele me encara.

— Por que ela está flertando com você?

Ryke passa a mão ansiosamente pelo cabelo grosso e castanho. — É inocente, Lo.

Não é isso que eu queria ouvir. — Ela sabe disso?

— *Sim*, — ele força a palavra para fora.

— Como? Como ela sabe disso, Ryke? Ela tem dezesseis anos e você está *a iludindo*.

Rose para de beber sua margarita. — Estamos falando da minha irmãzinha aqui?

— Devemos ficar de fora disso, Rose, — diz Connor.

Rose se volta para ele em francês e eles começam a discutir na língua estrangeira.

Ryke geme de angústia e aborrecimento. — Eu não estou tentando iludi-la.

Eu pego o celular de volta dele.

— Qual é, Lo, — ele reclama.

Eu levanto um dedo e percorro as mensagens. Então eu leio, — '*Eu prefiro que você apenas usasse meus shorts*.' O que é isso?

— Uma piada.

Eu o encaro, dois segundos de jogar o celular no rosto dele.

— Uma piada suja, — ele reescreve. — OK, eu sei. Parece ruim. — Ele solta um suspiro profundo, quase rosnando. — Você tem que me dar uma maldita folga. Nada disso é intencional. É apenas o meu jeito.

Eu odeio essa desculpa. Ele *sempre* usa isso. Ele culpa sua personalidade por tudo - como se fosse um escape. — Eu nunca vi você falar com outra garota assim.

— Isso é porque outras meninas não falam *comigo* assim. Ela é louca e ousada... — Sua boca permanece aberta como se ele estivesse prestes a dizer algo mais, mas então seus lábios se apertaram. Repensando essa última declaração.

— Termina, — eu estalo. Ele vai dizer que ela é gostosa. Ela é sexy. Tanto faz. Está escrito no rosto dele.

Ele levanta as mãos. — Terminei. Eu não sei mais o que dizer pra você.

Ele é uma droga em aliviar qualquer tipo de suspeita ou ansiedade que eu tenho. — Estou tentando confiar em você, — eu replico.

— É mesmo? Você não está fazendo um bom trabalho com essa porra.

Minhas entranhas se torceram. *Você não está fazendo um bom trabalho com essa porra* - as palavras soam na parte de trás da minha cabeça. Dói que ele pense nisso.

Eu me inclino mais perto dele, meu coração batendo forte no meu peito.

— Você entrou na minha vida com uma mentira, — eu digo. — Você não foi honesto sobre quem você era, e quando você contou a verdade, eu *ainda* deixei você me levar para a reabilitação. Eu ainda saio com você, sabendo que você poderia estar mentindo sobre muito mais. *Isso* é mais confiança cega do que eu já dei a alguém na minha vida. Então não me diga que eu não estou fazendo um bom trabalho. — Meus olhos queimam. Eu estou lhe dando tudo o que posso.

E isso nunca é suficiente.

— Você está certo, — ele balança a cabeça algumas vezes e esfrega o queixo. — Eu sinto muito. Você tem o direito de ser cauteloso comigo. Eu só... — Ele encolhe os ombros, incapaz de encontrar as palavras. Ele se afasta e toma um gole de água.

Às vezes eu só quero agitar Ryke com tanta força até que ele me diga as coisas diretas. Sem meias mentiras. Sem andar na ponta dos pés em volta de mim.

Eu só quero a verdade fria. Tudo. Descobrir tudo depois – isso é dez vezes pior.

Por que é tão fácil para ele falar livremente com outras pessoas, mas quando se trata de *nós*, ele hesita? É como se nosso passado fosse tão denso que ele se recusa a rastejar sobre isso as vezes.

Eu estou preso nisso.

Como em areia movediça.

— Você pode ser honesto comigo? — Eu pergunto, lembrando como ninguém me disse que eu era um bastardo. Ryke teve essas respostas por tanto tempo. E mesmo quando ele finalmente me conheceu, ele os manteve para si mesmo por meses. *Para me proteger de mim mesmo*, ele basicamente disse.

Ninguém me dá uma chance.

Eles apenas assumem que eu vou foder as coisas antes de eu realmente fazer

isso.

Eu não quero mais ser pego de surpresa. Não pelas pessoas próximas a mim.

Ryke olha para mim por um longo momento antes de dizer, — Eu *nunca* dormirei com Daisy. — Ele disse isso antes.

Rose de repente se levanta da mesa, sua bolsa em seu braço. — Eu tenho que voltar ao trabalho, mas da próxima vez que você falar sobre minha irmãzinha no contexto de *foder*, seja esperto o suficiente e não faça isso na minha frente. — Ela está jogando adagas com o olhar para Ryke. — Ela é imprudente e impulsiva, e apesar dessas falhas, ela ainda é minha irmã. Eu a amo mais do que amarei qualquer um de vocês nesta mesa. — Ela faz uma pausa. — E você deveria saber que eu possuo uma arma. Eu também sou uma atiradora melhor do que Connor. — Com isso, ela gira sobre seus saltos e caminha confiante para a saída.

Connor nunca tira os olhos de Rose.

Estou tão feliz por não estar namorando com ela.

Eu me concentro em Ryke. — Por que Daisy tem sua camisa e shorts?

— Nós fomos a uma pedreira e fomos nadar, — explica ele. — Meu amigo Sully estava lá. Nós acabamos na casa dela... — ele para, colocando dúvidas na minha cabeça novamente.

— Você quer dizer a casa dos pais dela?

— Sim, — diz ele. — Só para secar nossas roupas. Estava mais perto do que meu apartamento.

— Isso soa tão estranho....

— Eu sei, mas é a porra da verdade. Eu tive que sair mais cedo, então acabei usando apenas um par de shorts extras que estavam no Jeep do Sully. Deixei minhas roupas na secadora. — Seu pomo de Adão balança quando ele engole. — Eu prometo que não foi nada do que você está pensando. — Ele coloca um cotovelo na mesa, virado para mim. — Eu sei que você não deveria confiar em mim, mas eu preciso que você... eu *quero* que você acredite. Por favor.

Esse é um momento que definirá o resto do meu relacionamento com ele. Eu posso sentir isso. — Vou lhe perguntar uma vez, e quero que você seja completamente cem por cento honesto comigo.

Ryke acena com a cabeça. — Ok.

— Você se sente atraído por Daisy?

Ele olha diretamente nos meus olhos estreitados. E ele diz, — Não.

Eu tento dar um suspiro de alívio, mas esse demônio no meu ombro diz:

Não acredite nele. Não confie nele. Não o ame.

Tudo o que ele fará é te machucar.

— Nem uma vez? Ela é um modelo...

— Ela é linda, — Ryke admite, — mas ela tem dezesseis anos, Lo. Quantas vezes eu tenho que dizer a mesma coisa para você acreditar em mim? — *Eu não sei.*

— E quando ela tiver dezoito anos? — Pergunto. Eu nunca vi Ryke com uma garota por mais do que algumas semanas. Eu não posso tolerar o pensamento do meu irmão transando com Daisy.

— Não. Nada vai mudar, — ele me diz. — Eu prometo a você que sempre seremos apenas amigos.

Eu aceno algumas vezes, deixando isso entrar na minha cabeça, aceitando isso como a verdade. — Ok. — Eu passo o celular para ele. — Eu acredito em você.

Não acredite nele.

Eu vou acreditar.

Porque ele é meu irmão, e ele não vai me machucar assim.

E se ele me trair, então é minha culpa por deixá-lo entrar.

{ 5 }

0 anos : 02 meses Outubro

LILY CALLOWAY

Estou deitada de bruços, minha rede de dossel enrolada em volta da minha cama. *Muito fofos!* no Animal Planet passa na tv, e eu tento não abrir a pilha de revistas ao meu lado. Rose me disse para queimar a minha foto comendo um cachorro-quente, mas ainda está dentro de uma dessas revistas.

Queimar não vai livrar todos elas. Enfim, acho que Rose só gosta de fogo.

A porta se abre de repente e eu freneticamente tiro as revistas do colchão. Elas emaranham na rede e se penduram no ar. Hmm...

Lo hesita na moldura da porta, seu rosto afiando enquanto ele olha de mim para as revistas para os filhotes na televisão e de volta para mim. — Ok, isso tem que acabar. — Ele fecha a porta e disca um número em seu telefone.

— O quê? — Eu me ajoelho. — Não é pornô!

Ele anda mais para dentro do quarto e depois coloca o celular de volta no bolso.

— Para quem você mandou mensagem? Pensei que decidimos que não precisávamos de mais ninguém para lidar com nossos problemas.

— Isso não é sobre sexo, — diz Lo, subindo na cama e sentando-se ao meu lado. Ele tira meu cabelo para fora do meu rosto. — Isso é sobre você, com medo de sair, com medo dos malditos paparazzis. Você não pode viver assim. Cristo, *eu* não posso viver assim.

— Está ficando pior, — digo a Lo honestamente. — Eu sinto que toda vez que eu saio com você, há outro artigo sobre como eu sou uma puta mentirosa e traidora que está com Ryke. — Eu dou de ombros. — Eu acho que é mais fácil para todos os outros se eu ficar aqui. — Meus olhos piscam para a televisão. — E mais, os filhotes...

— Você pode ver filhotes em um parque. — Lo procura o controle remoto embaixo de almofadas decorativas.

— Ei, — eu digo, atacando-o para parar. — Bebês preguiças vão aparecer em seguida.

— Então podemos ir ao zoológico. *Qualquer coisa*, menos ficar aqui, Lil. —

Ele agarra meus braços e me empurra de volta na cama.

Eu subo nele, canalizando meu macaco interno (e ajuda que *filhotes de chipanzés* estavam passando antes em *Muito fofos!*) — Você não pode... — Eu envolvo minhas coxas em torno de sua cintura, suas costas contra o colchão agora. E eu tento levantar seus braços acima da cabeça dele.

Ele rola em cima de mim, basicamente me prendendo muito melhor do que eu o prendi. — Olhe para mim, — diz ele com força.

Eu olho. Eu olho direto em seus olhos âmbar que parecem puxar minha alma para seu coração. É tão profundo, tão intoxicante, que eu fico totalmente quieta e silenciosa.

— Eu não vou te perder para nada.

— Eu não vou a lugar nenhum, — eu sussurro.

— Claramente, — diz ele. — Você pode lidar com isso. Eu sei que você pode. Você sabe que pode. Você só precisa começar a acreditar em si mesma.

Eu respiro em suas palavras. — Ok. — Eu paro. — Mas logo depois dos bebês preguiças...

Alguém bate na porta. — Ela está aqui? — Eu ouço Poppy, minha irmã mais velha.

Lo leva o tempo para chegar acima da minha cabeça, pegar o controle remoto e desligar a televisão.

— Não bata, — diz Rose. — Só entre. — E é aí que Rose entra no nosso quarto como ela normalmente faz. Ela mal reconhece o fato de que Lo está me prendendo na cama.

Minhas bochechas começam a ficar vermelhas. Mesmo que não estivéssemos nem perto de nos beijar... eu acho. Quem sabe onde isso acabaria depois de mais dez minutos?

Poppy entra em seguida, mas congela alguns passos dentro. — Oh, desculpe. — Ela protege os olhos com a mão. Para Rose, ela diz, — Eu lhe disse que deveríamos ter batido de novo.

— Por quê? Eles não estão fodendo. Eles não podem. É o meio do dia. Certo, Loren? — Rose pergunta. Lo rasteja lentamente do meu corpo e se deita ao meu lado, apoiando-se nos cotovelos.

— Claro, — diz ele com um sorriso sarcástico. — Você pode abaixar sua mão, Poppy. Meu pau não está perto da sua irmã.

— Ok, mas eu ainda me sinto mal por invadir seu quarto, — Poppy diz suavemente, abaixando a mão. Ela me dá um sorriso caloroso. Eu não a vejo

muito desde a crise da mídia com o escândalo. Só posso imaginar que isso a afeta tanto quanto a todos os outros. Seu cabelo castanho ainda está longo contra o peito, sua pele ainda beijada pelo sol e ela ainda tem aquela pinta da Monroe sobre o lábio (não que ela possa realmente se livrar disso).

Pelo menos essas partes dela não mudaram. Eu não posso imaginar o que mais eu perdi.

— Você já disse a ela? — Rose pergunta Lo.

Eu me animo. — Me disse o quê? — E desde quando Lo e Rose conspiram contra mim?

— Nós conversamos, — Lo admite.

— O quê? — Eu franzo a testa e torço o nariz. — O que você fez com Loren Hale? — Eles têm passado um tempo juntos olhando as cartas que chegam algumas manhãs.

— Não foi divertido, — acrescenta Rose.

— Para nenhum de nós, — Lo se intromete.

Okaaay. — Alguém melhor contar logo.

Rose está no centro do quarto, com as mãos nos quadris. Qualquer um pode dizer a diferença entre minhas irmãs mais velhas apenas pelas roupas. Rose usa um vestido preto plissado enquanto Poppy está com uma camisa marrom boêmia e jeans skinny.

Poppy é provavelmente mais fácil de lidar, bastante descontraída, mas eu sempre gravito em direção à minha irmã mais feroz. Ela seria uma leoa no Animal Planet, com certeza.

Lo desliza da cama e fecha a porta que estava meio aberta.

Eu me aproximo mais de Poppy, que está ao lado do colchão, e ela realmente começa a trançar meu cabelo.

— Você precisa sair desta casa, — diz Rose.

Eu não posso responder. Eu sei que estou sendo uma eremita. O Lucky's Diner foi realmente meu último passeio real. Ficou tão louco depois disso - e as revistas foram à loucura com teorias sobre Ryke, eu e Lo.

Como se eu tivesse convocado o anjo para o diabo de Lo - Ryke Meadows abre a porta e entra no quarto, vestido apenas com calças rasgadas e o que parece ser uma camisa suada jogada por cima do ombro.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto a ele, forçando meus olhos a ficarem em seu rosto e não em seu abdômen.

— Fui convidado para esta reunião.

Reunião?

— Eu enviei uma mensagem em grupo, — Lo admite.

— Connor está na aula, — Rose me diz. — Ele não pode vir. — E Daisy está na escola preparatória. Ok... então isso significa que: é isso.

— Ninguém bate por aqui? — Poppy pergunta.

Ryke encolhe os ombros. — Eles não deveriam estar fodendo. É o meio do dia.

Rose puxa seus ombros para trás. — Foi o que eu disse.

Poppy olha entre Lo e eu com um pouco mais de preocupação e então ela se dirige a Rose e Ryke. — Vocês dois percebem que não eles têm privacidade fora e *dentro* do relacionamento, certo?

— Você diz a eles, Poppy, — diz Lo, encostado em nossa cômoda com os braços cruzados. Ele está sorrindo, divertido. Nossos outros dois irmãos parecem que poderiam arrancar sua jugular.

— Ele é um viciado, — diz Rose. — Eu não confio nele com a nossa irmã.

— E *ela* é uma viciada, — retruca Ryke. — Eu não confio nela com meu irmão.

Poppy levanta as mãos, vindo em paz. Eu fico quieta. Este é o meu papel na minha família barulhenta. — Parece que, para mim, vocês dois têm problemas de confiança... e talvez vocês precisem ter um pouco mais de fé neles.

— Só para todo mundo saber, eu tenho uma nova irmã Calloway favorita, — Lo proclama. Ele quase parece que poderia fazer um *toca aqui* com ela.

Eu gosto de ter alguém completamente do nosso lado, torcendo pelo nosso relacionamento. Isso é bom.

— Sem ofensas, — Ryke diz a ela. — Você não estava lá quando eles estavam fodidamente permitindo tudo um ao outro.

— Sem ofensas, — retruca Poppy, — mas eu estive aqui a vida toda. Eu vi a Lily quando ela está triste e eu vi Lo quando ele está com raiva.

Ryke apenas balança a cabeça algumas vezes, seus ombros relaxando. — Sinto muito, então, — ele diz a ela. — Eu não te conheço muito bem.

Poppy parece um pouco surpresa com sua gentileza súbita. Ela diz rapidamente, — Eu também.

Eu bato minhas mãos. — Então, se é só isso...

— Nem de perto, — diz Lo.

— Estamos saindo, — Poppy explica, passando os dedos pelo meu cabelo enquanto ela pega fios para trançar.

— Tipo, para uma balada? — Minhas sobrancelhas se levantam. *Isso não parece uma boa ideia.*

Rose olha para mim como se eu tivesse perdido seriamente algumas células cerebrais dentro desse quarto. — Não, não para uma balada. Há um Comic-Con em Filadélfia neste fim de semana. Estamos todos indo.

Meus olhos se iluminam. *Sim*! Eu quase salto para os meus pés, mas Poppy tem meu cabelo como refém.

Então meu rosto cai quando eu considero isso seriamente. — Espere... eu não ouvi sobre uma convenção. — Eles estão mentindo para mim? — Isso é um truque?

Lo já tem o celular dele em mãos e ele passa para mim. Eu ainda só tenho um celular que abre e fecha sem internet, o que frustra qualquer tentação de ver pornografia, mas também me deixa entediada. Eu coloco seu celular em minhas mãos como se fosse um tesouro. E então eu rapidamente olho o anúncio da pequena convenção.

— Espere. Espere. — Meus lábios se levantam lentamente em um grande sorriso. — O diretor do novo filme dos *X-Men* vai estar lá?

Lo sorri. — Sim.

— Ok, estamos indo. — Eu paro. — Espere. Espere. — Meu rosto cai.

— O que foi? — Pergunta Lo.

Eu o entrego de volta seu celular. — E as multidões? Se alguém nos ver, eles vão nos parar para tirar fotos ou fazer perguntas... — Eu paro. As convenções já são meio loucas. Mas essa loucura *nos* cercará.

— É sobre isso que Lo e eu estamos conversando, — diz Rose.

— Vamos nos fantasiar, — Poppy vai direto ao ponto.

Rose olha para a nossa irmã mais velha. — Eu estava chegando lá.

— Ela parecia ansiosa, —Poppy refuta, terminando de amarrar meu cabelo. — Pronto.

Rose inclina a cabeça para Poppy. — Ela parece que tem cinco anos.

— Ela parece fofa.

— Jesus Cristo, ela parece bem, — Lo se intromete. — Podemos voltar ao assunto aqui?

— Espere, — eu sorrio.

— Se você disser *espere* mais uma vez... — Ryke ameaça, tão irritado. Eu acho que só a minha voz o irrita.

Tanto faz.

Ele não pode estourar essa alegria rara. — Vocês *todos* vão se fantasiar? Para mim?

Poppy compartilha meu sorriso. — Eu acho que todos nós faríamos muito mais só para te ver feliz, Lily.

É esse tipo de honestidade que quase traz lágrimas aos meus olhos. Poppy tem o braço em volta do meu ombro, uma força materna que de repente reconheço neste momento. Mesmo quando minha mãe não era quente e gentil comigo, Poppy sempre foi.

Eu limpo meu rosto e mordo meu lábio para manter as lágrimas felizes à distância. — Eu só tenho uma pergunta.

Eles esperam que eu pergunte. O quarto calmo e tranquilo, ao contrário de antes. Quando eu falo, todos tentam ouvir. O que significa…

Muito.

Muito mesmo.

— Do que vocês vão se fantasiar?

{ 6 }

0 anos : 02 meses Outubro

LOREN HALE

— Então, qual é o problema com Sam? — Ryke pergunta, sentado na cadeira do hotel com uma bebida energética na mão, vestindo apenas um par de jeans.

— Ele está atrasado, — declara Connor, enquanto ele desabotoa sua camisa branca. — Então, todos nós sabemos que vocês dois vão se dar bem.

Ryke lhe mostra o dedo do meio.

Eu verifico meu relógio. — Ele não está tão atrasado. — Quase nunca defendo Samuel Stokes - porque não nos damos bem.

História da minha vida.

Eu puxo minha camisa preta sobre a minha cabeça, jogando-a na minha mochila pequena. Meu traje está na cama do hotel junto com o de Connor. Cada um de nós chegou à convenção em carros diferentes, tentando despistar os paparazzi. Sair da casa de Princeton usando nossas fantasias não era uma opção. Estaríamos por toda a internet. *A manchete, Lily Calloway e Loren Hale vão para a Comic-Com de Filadélfia*, seria o suficiente para fazer Lily correr de volta para o quarto.

Então, estamos nos trocando aqui, enquanto Lily e suas três irmãs se vestem em outro quarto de hotel, e então nós estamos nos encontrando com as meninas no andar de baixo da convenção.

— Dos poucos apertos de mão que tivemos aqui e lá, porra, não sei absolutamente nada sobre o cara, — diz Ryke.

Connor tira sua camisa. — Ele tem vinte e sete anos, é o Diretor de Marketing e Comercial da Fizzle, recebendo a posição puramente por nepotismo, — diz ele sem perder o ritmo. — Seu emprego anterior foi no Dairy Queen, e ele tem uma filha de quatro anos com Poppy Cadence Calloway Stokes.

— Fodidamente fantástico, — Ryke diz secamente. — Eu perguntei como ele é, não o fodido currículo dele, Cobalt. — Ryke acena para mim, procurando por uma resposta melhor.

— Eu quero dizer que Sam é um babaca como o resto de nós, — digo a ele. — Mas eu não penso muito nele. — Pensar em Sam significa que tenho que cavar memórias de infância dolorosas. Onde eu bebi para abafar o mundo. Onde eu vandalizei casas. Onde eu gritei.

Onde eu corri.

Onde eu me tornei uma coisa a ser odiada.

Samuel Stokes apareceu na vida de Poppy aos quatorze anos.

Eu tinha apenas oito anos. Não posso imaginar que ele me veja como algo mais do que um garoto rico e delinquente.

E então, dentro de um segundo, um punho bate na porta.

Connor vai cumprimentar a pessoa do outro lado, simultaneamente desafivelando o cinto. Quando Connor usa constantemente camisas de colarinho e trajes formais, é difícil dizer que ele está em forma. Ele tem uma definição melhor em seus músculos do que eu e eu me exercito muito para me livrar do estresse - mas a corrida reduz minha massa muscular.

— Você está atrasado, — diz Connor facilmente, abrindo a porta. Sem prestar muita atenção a Sam, Connor retorna a sua roupa na cama.

— Tente ter uma criança de quatro anos fazendo birra com a fantasia da Princesa Peach. — Sam entra mais no quarto, com uma mochila de viagem pendurada no ombro. — Eu tive que deixá-la na casa de Villanova com a mãe da Poppy. — Sam acena para Ryke e para mim em reconhecimento. — O que vocês dois vão vestir?

Eu inclino o braço no gabinete da televisão e engulo um comentário inteligente. — O Super Sem Camisa, — eu brinco. — Com o meu ajudante. — Eu gesticulo para Ryke que não tirou sua bunda da cadeira. Meu irmão levanta as sobrancelhas e bebe sua bebida, avaliando Sam com uma longa olhada.

Realmente, Sam pode ser descrito em duas palavras: Menino bonito.

Quando ele era mais jovem, ele tinha todo o grunge dos anos 90, metade de seu cabelo pendurado até seus olhos, como se ele fosse parte dos Hanson. Agora seu cabelo castanho está fora do seu rosto pouco barbeado, vestido com uma camisa simples e jeans - ele é a representação perfeita da imagem da normalidade.

Sem um pingo de humor, Sam diz, — Parece que você está indo como ciclope. — Ele faz um gesto para minha fantasia azul marinho e ouro na cama com uma viseira vermelha: Ciclope por volta da era dos quadrinhos de 2010. Antes de Bendis transformá-lo em um vilão. Depois que ele perdeu Jean Grey e

teve um dos mais fortes, mais confiantes e amados mutantes ao seu lado.

É esse o Scott Summers que eu mais amo. Em algum lugar entre o bem e o mal. Em algum lugar entre um duro e um revolucionário.

— Você me pegou, — eu digo com um meio sorriso.

Ele coloca sua mochila na cama livre e depois olha de volta para Ryke. — O que você está bebendo?

Ele sacode a lata de bebida energética e toma um grande gole.

— Tente isso. — Sam vasculha no bolso de sua mochila antes de puxar uma lata preta fina com uma insígnia de raio. Ele joga para Ryke, que facilmente pega em uma mão.

Meu irmão lê o rótulo. — Lightning Bolt… com um ponto de exclamação. O que é essa merda? — Ele inspeciona como se Sam estivesse entregado a ele um arsênico. E então Ryke abre a porra da lata e toma um gole.

Eu apenas balanço minha cabeça. Como ele ainda não morreu?

— Você não sabia o que era e ainda assim bebeu? — Diz Connor em voz alta. — Agora estou questionando nossa amizade.

— Que bom, — Ryke diz, — porque eu questiono todo dia.

— Eu lembro agora, por que somos amigos. — Connor entra na calça preta de seu traje. — Todo homem precisa de um cachorro. — Ele faz uma pausa. — *Lassie* me ensinou isso.

Eu bato palmas devagar.

— Vai se foder, — diz Ryke.

— Eu pensei que fosse um elogio, — Connor responde casualmente com um sorriso. — Todo mundo ama Lassie.

Sam se senta na beira da cama. — Você está segurando uma bebida energética, — ele diz a Ryke, então volta ao ponto. — Fizzle criou. Estamos revelando o produto em alguns dias.

— Não é ruim, — diz Ryke, examinando a lata.

— Bom, porque se você vai ficar ao redor da Lily, não pode beber marcas dos concorrentes da Fizzle. É marketing ruim.

— Não tem problema. — Ryke se levanta e joga sua velha bebida energética na lixeira.

Nós todos nos concentramos em trocar de roupa. Sam se levanta e tira a camisa antes de abrir a mochila. Me torno ciente de que ele é quatro anos mais velho que Connor e Ryke e seis anos mais velho que eu com a maneira que ele começa a comandar no quarto. Postura confiante, postura garantida - uma

construção que serviria para alguém que estivesse no exército. Não que ele vá se alistar como o pai e os quatro irmãos.

Sammy tomou outro caminho na vida para estar com os ricos e agora com os famosos.

No momento em que tenho o cinto de ouro em volta da minha cintura, junto com calças e botas azuis apertadas, Ryke ainda descansa na cadeira.

— Você não pode seriamente ter terminado, — eu digo, examinando sua jaqueta de couro verde escuro, um capuz anexado e uma blusa de gola alta de cor idêntica. Calça jeans preta para completar seu visual simples.

Sam o examina. — Quem você deveria ser?

— Arqueiro verde.

Eu balanço minha cabeça em desaprovação. Ele usava a mesma roupa exata quase um ano atrás - quando o conheci pela primeira vez.

— É a única coisa que tenho, — Ryke diz para mim. — E qual é a porra do problema?

— Eu posso ver seu rosto. — Eu aponto para ele. — Você pode fingir que seu pequeno capuz vai esconder suas características, mas no momento em que chegarmos ao andar da convenção, as pessoas vão nos cercar.

— Eu vou fazer a barba, — declara Ryke. — E eu tenho tinta preta que vou usar para uma máscara.

— Onde está seu arco e flecha? — Sam pergunta, examinando a sala para os adereços de Ryke.

— Eu os deixei no meu apartamento...

Eu gemo.

Connor diz, — Não estou surpreso.

— Olha, eu já tinha uma das garotas passando na minha casa e as pegando em seu caminho. Problema fodidamente resolvido. — Provavelmente Daisy... mas eu sufoco essa suspeita. Não importa se ela foi a única, eles são apenas amigos. Como ele disse. Eu prefiro não colocar minhas dúvidas na cabeça de Sam também.

Ryke fecha sua jaqueta de couro. — E se preocupe com você mesmo, Cobalt.

— Esse é o problema, — diz Connor, — eu não tenho que me preocupar comigo mesmo. — Ele coloca sua máscara preta sobre os olhos e nariz, encobrindo metade do rosto. — É chamado confiança, no caso de você estar confuso.

— Soa mais como arrogância, — diz Ryke.

— Intimamente relacionado, — diz ele, não negando nada.

Sam coloca seu cinto azul em volta da cintura. — Poppy está com meu escudo, — ele diz para Ryke, — então você quer ir no quarto das garotas comigo? — Ele está sendo todo amigo do meu irmão, o que me deixa um pouco de guarda.

Connor verifica seu relógio na cama. — Rose já me mandou uma mensagem dizendo que elas estão esperando no andar do salão de baile. — Todo mundo está pronto, exceto meu irmão, que está relaxando. — Apresse-se e faça a barba, Ryke.

— Eu encontro vocês lá embaixo, porra. — Ryke vai para o banheiro.

— Não, — diz Connor. — Um homem nunca deixa seu cachorro para trás.

Ryke o mostra o dedo, não se virando enquanto faz isso. Ele desaparece no banheiro.

Connor sorri. Nós acabamos esperando por Ryke na porta. Sam apoia o ombro na parede, os braços cruzados sobre o peito. A expressão que ele usa - o leve humor misturado com seriedade quando seus lábios se levantam - se encaixa muito bem em seu personagem.

— Capitão América, — eu digo. — Você não está feliz por ter deixado sua filha de quatro anos em casa? Ela aprenderia palavras como se porra e foder tudo dentro de trinta minutos.

— Eu acho que não deveria estar surpreso, — diz Sam.

— O que isso quer dizer? — Eu retruco de volta.

— Ele é seu irmão, certo? Corte do mesmo pano.

Eu não falo tanto palavrão quanto Ryke, não mesmo, mas ele está dizendo que hesitaria em deixar sua filha próxima de mim. Eu não posso fazer nada além de o encarar.

Sam suspira, vendo que estou ofendido com isso. — Eu não quis dizer nada além de que vocês dois são ásperos em torno das bordas. — Eu não tiro meus olhos dele, e para vomitar uma bandeira branca ou talvez provar um ponto, ele grita para o meu irmão — Você planeja em procriar, Ryke?

— Sim, — Ryke grita de volta. — E eu espero que meu filho seja uma influência horrível na sua.

Sam olha para mim e estende os braços como *eu estou certo?*

Sim. Meus lábios levantam. Talvez ele esteja.

{ 7 }

0 anos : 02 meses Outubro

LILY CALLOWAY

— Batman? — Eu estou sob uma figura imponente com lábios cor de rosa e ombros largos. E eu penso: *Por favor, que esse seja Connor Cobalt*. Em dez minutos, perdi minhas irmãs entre as massas fantasiadas. Eu estava distraída com o *melhor* cosplay de Tartaruga Ninja, de todas as coisas.

Eu procuraria pelos inúmeros Capitães Américas e Viúvas Negras, mas é fácil dizer quais não são Sam e Poppy. O mesmo vale para os Ciclopes - que seria minha primeira escolha.

Mas os Batman - não consigo discernir de longe. Então esta é a minha quinta tentativa de voltar ao meu grupo.

O cara abaixa a cabeça um pouco para que seus olhos azuis encontrem os meus. E então ele diz em uma voz profunda, — Eu sou Batman.

Okaaay. — Mas eu te conheço? — Eu pergunto. Eu gostaria de poder ser tipo: *Ei, Connor, você está brincando comigo?* Eu prefiro não gritar seu nome muito alto. Mesmo que "Connor" não seja tão original, as pessoas poderiam colocar dois e dois juntos, certo? E então eles descobrirão que eu sou Lily Calloway.

Eu endireito minha peruca loira em ansiedade, esperando que o glitter no meu rosto seja um bom disfarce. Se dependesse de mim, eu seria uma Power Ranger rosa - totalmente escondida da cabeça aos pés. No entanto, Rose e Lo disseram que eu preciso estar parcialmente exposta ao mundo porque não posso me esconder o tempo todo.

Eu me sinto *totalmente* exposta. Quero dizer, esses shorts spandex branco estão subindo e meu top não é nada mais do que um corpete com laços na frente.

E acho que o Batman pode estar checando meu decote, que é escasso. Ele não pode ser Connor...

— Eu deveria conhecê-la? — Batman pergunta como se tivesse cascalho na garganta.

— Não, — eu digo. — Eu não acho que já nos cruzamos antes. — Vamos encontrar o próximo Batman. Ou esperemos que o Scott Summers certo.

Assim que eu passo por ele, Batman coloca a mão no meu ombro. — Espere, eu te conheço. — Ele quebrou o personagem, sua voz não mais anormalmente baixa.

Meus olhos se arregalam. — Não, você não conhece. — *Eu sabia que deveria ter sido a Ranger Rosa.*

— Sim, eu conheço. — Ele sorri, o que parece estranho. Batman não sorri assim.

— Eu não sou ninguém, — eu digo estupidamente e imediatamente coro. — Eutenhoqueir, — murmuro a última parte.

— Eu conheço você, — diz ele. — Você é Emma Frost. A rainha Branca. A Maior Fodona.

Eu o encaro.

— Ei e você parece com ela também. Embora seus seios precisem ser muito maiores. Isso que me confundiu no começo.

Eu abro meus lábios um pouco, me sentindo um pouco ofendida como Rose se sentiria. — Pare de fazer o Batman parecer um pervertido. — Quando eu passo por ele, meu ombro empurra o seu, e eu vou embora. É provavelmente soou mais fodona na minha cabeça do que na realidade. Algo sobre fantasias - sobre ser outra pessoa - me dá um pouco da confiança que perdi desde que meu vício foi divulgado.

— Você até soa como ela também! — Ele grita.

Eu me viro, andando para trás. Eu me imagino mostrando o dedo do meio para ele, mas minhas bolas ainda não atingiram esse tamanho. Em vez disso, eu cerro meus olhos, esperando que tudo o que ele veja seja um olhar penetrante e cheio de irritação.

Ele ri.

Droga.

De repente, minhas costas batem em um peito duro.

Eu congelo.

Este é um peito de homem.

Com certeza.

— Eu perdi algo recentemente, — ele me diz.

Meu coração incha com a voz familiar, e eu me viro para ver de maçãs de um rosto lindo, um visor vermelho-rubi e lábios que dão um sorriso de tirar o fôlego.

— Encontrei ela, — diz ele.

Eu não sei porque essas palavras quase trazem lágrimas aos meus olhos - mas elas trazem. Elas ressoam profundamente dentro da minha alma, preenchendo uma parte de mim que somente Loren Hale pode alcançar.

Eu arremesso meus braços em volta do seu pescoço, de pé na ponta dos pés, e eu o beijo. Eu me sinto segura no meu traje e segura em seus braços.

Ninguém pode me impedir de amá-lo.

Ele me beija de volta, e ele me levanta em um cavalinho da frente. No meio do salão, cabines revestindo as paredes, pessoas andando ao nosso redor.

Eu perco o senso de tudo, exceto a maneira como suas mãos me seguram perto, a maneira como sua urgência, o grau de seu amor, combina com o meu.

— Eu senti sua falta, — eu digo entre beijos.

Ele agarra minha bunda, minhas pernas enroladas firmemente em torno de sua cintura, tornozelos cruzados. Tudo está bem. "Eu também, Amor."

Nós nos separamos por três horas.

E então o barulho ao redor aumenta e rompe meu lugar feliz. Os caras estão assobiando. Meninas estão batendo palmas.

— Enfie bem, Ciclope! — Alguém grita.

— Tem crianças aqui! — Uma pessoa mais furiosa rebate.

— Emma Frost, está gostosa!

— Scott, pare de trair Jean Grey! — Obviamente, aquele cara não percebeu que Jean Grey está morta.

Eu me separo dos lábios de Lo por um segundo, o lugar entre as minhas pernas latejando para uma entrada mais forte, mas eu forço a necessidade para longe, arquivando-a enquanto me concentro em coisas mais importantes.

É como ser um espetáculo *sem* que as pessoas conheçam nossos nomes verdadeiros.

Flashes de câmeras cegam meus olhos, e todo fanboy e fangirl nos assistem como se estivéssemos revivendo uma cena de um quadrinho dos *X-Men*.

Não estamos.

Nós estamos apenas... apaixonados? Com tesão? Ambos. Definitivamente ambos.

— Medeixadescermedeixadescer, — eu murmuro com pressa (e susto), batendo no braço de Lo.

Ele me coloca de pé, mas imediatamente agarra minha mão, enlaçando seus dedos com os meus. — Eu não estou perdendo você de novo, — diz ele. Ele examina nosso público e eles começam a aplaudir.

— Mais um! Mais um! — Gritam cinco pessoas.

Nãoooo. Bem... eu retiro o que eu disse. Certamente haverá mais um. Apenas ninguém estará assistindo. Apenas Lo e eu. Sozinhos.

Lo me puxa para fora da multidão, dando-lhes um aceno para dizer que o show acabou. Agora somos apenas parte das massas novamente.

— Devemos ir para o quarto do hotel? — Eu sussurro.

Eu não posso ver seus olhos por trás da viseira, mas ele olha para mim com uma carranca intimidadora. Ele faz um bom Scott Summers.

— Não para fazer sexo, — eu emendo.

— Nós temos amigos agora, lembra? Sem mais falsos Stacey e Charlie.

— Certo, — eu digo. *Sem mais desculpas*.

— E com grandes amigos vem grandes responsabilidades , — ele me diz. — Como tentar ouvir sua irmã falar sem que referencie uma entidade demoníaca. — Ele olha para mim. — É uma tortura.

Antes que eu possa responder, alguém grita, — Eu a vejo!

Eu só recuo para Lo porque a voz de Daisy emana de aparentemente nada. Eu agito minha cabeça ao redor - como ela pode me ver? E provavelmente o pensamento menos útil aparece: *ela seria uma espiã incrível*.

— Emma! — Daisy grita, usando o nome do meu personagem para evitar atrair os olhares errados. *Obrigada, Daisy*.

Eu finalmente a vejo... e ela está acima da multidão perto de um estande da Cider Rose Comics – a empresa independente onde Lo colocaria Halway se ele quisesse promover. Ele não quis, e seu pai o cortou por causa disso.

— Minha irmãzinha está flutuando acima das pessoas? — *Mas que...* eu inclino minha cabeça. Suas pernas estão tão altas quanto as cabeças. Ela está de pé sobre uma mesa?

Oh.

Não.

Ela está nos ombros de alguém.

— Vamos lá, — diz Lo, acelerando seu ritmo.

A peruca laranja curta e brilhante de Daisy molda seu rosto. Ela veste uma camisa branca e spandex dourado. O que torna essa roupa uma fantasia são os suspensórios de espuma laranja que vão sob sua virilha como uma calcinha. Eu não poderia ser uma Leeloo do Quinto Elemento com o mesmo vigor de Daisy.

Chegamos à fila dos estandes independentes e suponho que minha irmã esteja no corpo de algum estranho. Ela é muito confiante. O oposto de mim,

percebo.

Porém, eu estava errada.

Ela está nos ombros de Ryke. *Em pé*. Não está sentada.

As mãos dele agarram suas panturrilhas com tanta firmeza que duvido que ela possa até mesmo deslocar um centímetro. Ele está com a mesma roupa do Arqueiro Verde do Halloween do ano passado - oh meu Deus, ele se barbeou. Eu não acho que eu algum dia eu já vi Ryke completamente barbeado.

Ele se parece mais com Lo. Eu não gosto disso nem um pouco.

— Ei, pessoal, — diz Daisy com um sorriso radiante. Ela brinca alegremente com sua arma de plástico e não aponta para ninguém em particular. — Você viu algum alienígena que eu preciso matar?

— Sim, — diz Lo, — Connor deve estar por aqui em algum lugar com sua irmã.

Eu cutuco Lo. — Batman e a Mulher-Gato não são alienígenas.

Lo inclina a cabeça para mim. — Mas Connor Cobalt e Rose Calloway podem muito bem ser.

Eu cubro seus lábios, mas é tarde demais. Esses nomes já se espalharam pelo ar e penetraram alguns ouvidos. Eu faço uma careta. Penetrado. Orelhas. Eca...

— Tudo bem, só Connor Cobalt então, — ele murmura através da minha palma.

— Não diga o nome de 'você sabe quem'. — Eu solto minha mão.

Suas sobrancelhas endurecem. — Voldemort.

Eu soco ele no braço. Embora eu tenha caído nessa armadilha de referência de *Harry Potter* com muita facilidade.

Ele finge estremecer. — Ai.

Eu respiro fundo e olho para minha irmãzinha. Ela agora se senta nos ombros de Ryke. Ele a agarra pela cintura e a ergue do seu corpo, deixando-a de pé - muito menos cuidadoso do que Lo normalmente faz comigo.

Ela cai perfeitamente bem, felizmente.

— Ela é uma menina, — diz Lo Ryke, apontando para Daisy que gira sua arma e procura na área por nossas irmãs mais velhas.

— Eu não percebi, — diz Ryke com sarcasmo espesso.

— Apenas não seja rude com ela, — diz Lo, menos defensivamente. Ele está tentando não pular na garganta do irmão por causa de Daisy.

— Se ela não pode lidar comigo, então eu não teria deixado ela em meus ombros.

— Eu não posso lidar com você, mas você ainda está ao meu redor. Como você chama isso? — Lo pergunta.

— Amor duro.

Lo acena algumas vezes, e essa conversa é cortada por brigas altas.

— Você não pode simplesmente pegar meu chicote, Richard, — diz ela. — É parte da minha fantasia. Você está quebrando o protocolo da convenção.

— E você está inventando regras. A polícia fictícia de fantasias vai me prender em sua prisão invisível?

— Ugh! Você é tão... — Ela rosna. Eles entram em vista, apenas cerca de cinco metros de distância. Rose está com as mãos nos quadris, as calças de couro preto e a jaqueta de couro tão fodonas quanto a máscara de gato e as orelhas. Seu cabelo está em um rabo de cavalo perfeito. Mesmo em suas botas de cano longo, Connor fica uns dez centímetros acima dela, parecendo ter uma vantagem.

Batman e Mulher-Gato estão flertando/brigando.

A fangirl dentro de mim está surtando agora.

— Você me ama, — diz Connor, ainda segurando seu chicote preto, a fonte de seu argumento.

— Quanto mais você diz isso, mais falso se torna.

— É exatamente o oposto. — Ele dá um passo mais perto.

Rose levanta o queixo, sem recuar. Ela diz, — Então agora é o Dia dos Opostos?

Tenho certeza de que por baixo da máscara de Batman, uma única sobrancelha arqueia. Ele tem aquele olhar arrogante em seus olhos, aquele que ele usa muito melhor do que a maioria das pessoas. — Eu não declarei um feriado não oficial, meio sem sentido, mas se você quiser, vá em frente. Eu duvido que alguém escute.

Ela bate no peito dele. — Não me insulte, Richard.

Ryke pergunta, — Nós vamos continuar observando eles? — Ele está ao meu lado.

Lo e eu acenamos ao mesmo tempo, fixados no casal que fornece muito entretenimento. Ninguém neste planeta é como esses dois. — Talvez você esteja certo, — eu sussurro para Lo. — Talvez eles sejam extraterrestres.

— Isso explicaria muito, — concorda Lo.

— Como o porquê de Connor nunca gaguejar.

— Por que Rose faz bebês chorar quando passa por eles, — acrescenta Lo.

Eu concordo. — E por que Connor nunca tem um dia de cabelo ruim.

Lo ri. — Isso seria por causa de seus produtos de cabelo de cem dólares.

— Oh. — Eu paro. — Talvez o xampu dele venha do espaço.

Ryke sacode a cabeça para nós. — Vocês dois são tão fodidamente estranhos.

Naquele fato, Lo aperta minha mão. Hoje foi definitivamente uma boa ideia. Eu não acho que me sinto assim desde Cancun - antes da comoção da mídia.

Eu não quero que isso acabe.

Eu vejo Rose apontar um dedo ameaçador para Connor. — Você apenas está amargo porque *eu* te derrotei no xadrez *quatro* vezes seguidas na noite passada. Agora você está roubando minhas coisas por despeito.

Connor levanta o chicote, metade do couro preto enrolado na mão dele. — Eu só roubei isso porque você estava a minutos de bater com isso naquele cara, que teria mandado você para a cadeia *real*.

— Ele bateu na bunda daquela garota! Só porque ela estava vestida de spandex - não lhe deu o direito de tocá-la sem a permissão dela.

— Eu concordo, mas você não pode chicotear cada pessoa que faz seu sangue ferver.

Eles estão apenas a uns dois centímetros ou mais de distância agora. — E se ele fizesse isso comigo? — Ela pergunta seriamente.

Ele olha em seus olhos penetrantes verde-amarelo por um longo, longo momento, lendo seu olhar. Eu ainda gostaria de ter esse superpoder - ou aquela habilidade de pessoa inteligente.

Por fim, ele diz, — Eu teria entrado em cena. — Até agora, Connor não teve a oportunidade de proteger Rose de um cara rude. Geralmente ela faz todos os gritos e empurrões antes mesmo que ele chegue.

— Mesmo que você não seja o namorado dela, você deveria ter entrado como eu fiz.

— Claramente eu não sou tão moral quanto você, querida. Você sabe disso sobre mim.

Os olhos de Rose se estreitam ainda mais. Então ela dá um passo para frente, quase desafiadoramente, e faz uma pausa para um efeito dramático. Com tanta confiança, ela agarra a parte de trás de sua cabeça e lambe seu rosto lentamente, começando do queixo até o nariz - como um gato.

Connor está parado, imóvel e sem piscar. Mas seu sorriso poderia quebrar o mundo.

Meu sorriso cresce. — Ela acabou de...

— Sim, — Lo confirma, soando impressionado. Ela recriou uma cena de *Batman: O Retorno*, onde Michelle Pfeiffer lambe o rosto de Michael Keaton. Não tenho certeza se Rose viu o filme ou se é apenas uma coincidência.

— Daisy? — Ryke de repente olha ao redor. — *Porra.* Ela fugiu... — ele se vira para encontrá-la, e quando ele gira, um pedaço mais afiado de seu arco se prende nas cordas do meu espartilho. Com a pressa de Ryke (e força), meu traje *rasga* bem no meio.

Eu suspiro, minhas mãos voando para o meu peito. Oh meu Deus.

Estou nua! Quase nua. Seminua. Topless.

Merda.

Eu tento segurar o traje junto com apenas meus dedos. — Lo!

— Ei, tudo bem, Lil. — Ele me gira em direção ao seu peito e esconde meu corpo de vista. Por que isso está acontecendo? Que duende que eu irritei?

— Porra... — Ryke diz novamente, com as mãos na cabeça. — Eu sinto muito...

— Você pode ir procurar Daisy? — Lo pergunta.

Ryke franze a testa e vai para trás com choque. — Mesmo?

— Sim. Eu vou ajudar Lily, então... — Ele não pode procurar minha irmã pessoalmente. Nem eu posso agora que eu me expus, de certa forma, para uma multidão de super-heróis.

— Eu vou alcançá-lo assim que a encontrar, — diz Ryke antes de desaparecer.

E então algumas princesas da Disney perguntam, — Ei... você é Lily Calloway? — *Nãoooo.*

Eu balanço minha cabeça para Ariel, com inveja de seu sutiã de concha que eu definitivamente poderia usar agora.

— Você o chamou de Lo, — uma garota diz com um sorriso, apontando para meu namorado *melhor amigo* noivo.

Isso não está acontecendo.

Eu me viro para olhar para Rose por mais confiança. Ela aponta para algum lugar e murmura: *Banheiro. Agora.*

— Lo...

— Eu ouvi, — diz ele, já me levando para o banheiro. Meus dedos embranquecem enquanto tento juntar este espartilho estúpido com apenas a força dos meus dedos. A caminhada até o banheiro é surpreendentemente

rápida - talvez porque eu estivesse pensando nos meus peitos aparecendo o tempo todo.

A porta se abre, e Rose limpa as cabines com um grito — Você acredita?! Michael Fassbender está lá fora!

Eu nunca ouvi descargas sendo dadas tão rapidamente na minha vida.

Quando a última garota sai, Connor e Lo entram.

Eu estou orando para todas as estrelas no universo e planetas galácticos e habitáveis que minha irmã gênia tenha um plano.

{ 8 }

0 anos : 02 meses Outubro

LOREN HALE

— Pare de se mover, Lil, — eu ordeno, tentando amarrar as cordas em seu espartilho. A maioria dos ganchos foram arrancados, mas eu acho um intacto.

Mal fecha seu top.

— Deixe-me ver, — diz Lily para Poppy, que está verificando a internet por fotos de nós enquanto Sam vigia a porta. O maior dever do Capitão América é ficar do lado de fora do banheiro de uma garota. Seria hilário se os olhos de Lily não estivessem prestes a sair da cabeça dela.

— São apenas algumas fotos, — proclama Poppy, prestes a mostrar a Lily seu celular.

Rose pega o telefone da mão dela, censurando minha namorada do noticiário. — Tudo bem, Lily. Não surte.

— Como eu *não* posso surtar? — Ela pergunta. — As pessoas sabem que estamos aqui. Elas podem estar cercando a área, prontas para atacar.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela. — Isso não é Mortal Kombat. Ninguém vai atacar você quando atravessarmos as portas. — Eu sussurro — Você está segura, Lil. Eu prometo.

— Tecnicamente, — Connor diz para Lily - eu me endireito, estreitando meus olhos para ele — eles só sabem sobre você *e* Lo. Ninguém sabe que estamos aqui.

— Ainda melhor, — eu grito com um sorriso amargo.

— Eu tenho um plano, — proclama Rose, as mãos nos quadris.

Connor olha para baixo, para Rose, seus olhos azuis se destacando com seu traje preto do Batman. — Se importa em me consultar primeiro, querida? Nossos dois cérebros juntos são melhores que o seu sozinho.

— Não, — Rose diz com a finalidade. — Meu cérebro pode resolver esta crise muito bem.

Connor apoia as costas no balcão da pia e cruza os braços. — E se você adicionar o meu cérebro ao seu, teríamos um QI muito maior...

— Nosso QI combinado nem sequer seria humanamente possível, — ela o interrompe.

— Exatamente. Nós desafiamos o impossível, — diz ele com um sorriso inteligente.

Ficaremos aqui o dia todo se não calarem a boca. — Ok, nós entendemos, — eu interrompo. — Vocês são igualmente inteligentes.

— Nós não somos completamente iguais, — diz Connor.

Rose bufa. — E daí? Você tem um QI mais alto do que o meu. Eu não quero nem ser tão inteligente. Você sabe porque?

— Aqui vamos nós, — murmuro sob a minha respiração. Quando olho para Lily, ela não se concentra mais no mau funcionamento de seu traje. Ela para de se mexer e põe seu peso no meu corpo. Eu descanso meus braços em seus ombros, querendo-a ainda mais perto, mas isso terá que ser suficiente agora.

As brigas de Rose e Connor definitivamente afastam suas preocupações - por um momento, de qualquer maneira.

Eu vou aceitar.

— Por quê? — Connor pergunta casualmente.

— Porque você vê o mundo de uma maneira que ninguém pode entender.

Eu não sei o que ela quer dizer. Nem um pouco.

— Por que isso é tão ruim? — Pergunta ele.

— Porque você não pode se explicar sem confundir as pessoas, — diz ela. — Você tem que manter todos os seus pensamentos para si mesmo, porque não há *ninguém* inteligente o suficiente para entender você. Eu não quero esse fardo. Eu não gostaria de ficar tão desconcertada com as construções das sociedades apenas para perceber que, no final, você *tem* que segui-las. Eu não gostaria de viver como algo menor do que eu sou.

O silêncio ensurdece o banheiro. Eu uso uma expressão pesada como a da Lily. Eu não posso imaginar o que Connor pensa no dia-a-dia. Então, contemplando suas crenças, está fora do meu alcance.

— Você diz que não há ninguém inteligente o suficiente para me entender, — Connor respira. — Talvez você devesse ouvir suas próprias palavras, Rose. Você parece muito compreensiva. — Ele faz uma pausa. — Qual é o plano que você tinha em mente para a Lily? Nós não temos muito tempo.

Rose respira fundo, as clavículas afiando. Ela encerra esse argumento e se concentra em Lily. — Você vai ao painel do diretor.

— Rose, — eu estalo. Eu não quero dar falsas esperanças a Lily. Ela não

pode ir a um painel e fazer com que as pessoas a bombardeiem o tempo todo. Ela vai rastejar para dentro de si mesma.

Rose coloca a mão na frente do meu rosto como *cala a boca*.

Eu poderia acabar com isso, mas não vou deixar minha namorada.

Seus olhos caem para os de Lily. — Estamos trocando de roupa.

— O quê? — Lily e eu dizemos em uníssono.

Connor não parece surpreso, e Poppy está assentindo como se fosse a melhor ideia que já ouviu.

— Ninguém tem fotos minhas, — Rose nos lembra.

— Seus seios são maiores que os meus, — observa Lily. — E a sua bunda também.

— Eu não me importo. — Rose já está tirando a peruca loira de Lily de sua cabeça. — Você pode sair do banheiro como Mulher-Gato e ir assistir ao painel.

Eu olho para Rose. Ela ficou louca. — Eles têm fotos *minhas*.

— Eu nunca disse que você poderia ir com a Lily. Eu diria a você e Connor para trocarem de roupa, mas ele é muito alto para suas leggings.

— Calça de spandex, — eu a corrijo, porém Lily olha para minha virilha. Suas bochechas coram. As calças são bem ajustadas e mostram muito mais do que a maioria dos caras está à vontade revelando.

— *Leggings*, — retruca Rose, apenas para me irritar. — Eu acho que conheço melhor a moda do que você.

— Tanto faz.

Rose abre a jaqueta de couro e entrega para Lily. — Então você vai com Connor, e eu vou ficar com Loren.

— O que? — Eu balanço minha cabeça. — Não. Eu não estou agindo como se você fosse a Lily. Isso está além de insano, até mesmo para você.

— Acho que é uma boa ideia, — Poppy fala.

— Talvez essa peruca vermelha esteja afetando seu cérebro, — eu digo. Ela está sem suas camisas boêmias e em um traje da viúva negra.

— Vamos lá, é só fingir, — ela me diz.

— Quando eu pensei que gostava de você, Poppy.

Ela ri. Poppy pode ser a pessoa mais difícil de ofender. Bem lá em cima com o Connor Cobalt. E então ela acrescenta, — Você é bom em fingir, Loren. Você fez isso por três anos com a Lily.

Meu rosto se contorce. Ela nem percebe o que fizemos um com o outro nesses três anos. Eu costumava provocar o inferno para fora de Lily. Eu

costumava tocá-la e não há nenhuma maneira no inferno que eu estou tocando em Rose. Prefiro colocar minhas mãos no fogo.

— Não é como se você tivesse que beijar Rose, — diz Poppy, lendo bem minha mente.

Eu me encolho novamente. — Nem fale sobre isso. — Eu olho para Connor, que deveria me tranquilizar sobre esse enredo estúpido onde trocamos de namoradas.

Mas ele fica quieto.

— Então agora você não tem nada a dizer? — Eu pergunto a ele.

— Rose e Lily não são gêmeas, então não é como se isso funcionasse perfeitamente, — ele me diz. — Mas vai dar a Lily o tempo que ela precisa para ver o painel, e é por isso que estamos aqui.

— Eu não tenho que ir... — Lily começa.

— Não. — Rose joga sua jaqueta de couro para sua irmã mais nova. — Você está indo.

— Rose, sério, você não vai caber na minha roupa, — diz Lily, embora inspecione a jaqueta de couro com ansiedade. Talvez esta não seja a pior ideia.

— Não se preocupe com isso. — Rose tira seu kit de costura de sua bolsa de mão. — Connor, Loren, vire-se ou saia enquanto nos trocamos.

Eu sabia que isso estava vindo.

Eu beijo Lily nos lábios e ela segura meu cinto, não me deixando ir. — O que foi? — Eu pergunto.

— Estou com medo, — ela sussurra. — Mas eu não quero decepcionar ninguém e desistir.

Sem a peruca, o cabelo dela está em um coque bagunçado. Eu coloco uma mecha esvoaçante atrás da orelha dela. — Se alguém te encarar, é porque você é a Mulher-Gato, e não porque você é Lily Calloway. — *Ou uma viciada em sexo*. Eu beijo sua testa. — Você consegue fazer isso, Lil.

Sua mão desliza ao redor da minha cintura e eu a seguro antes que ela se agarre a mim. Ela não pode afogar sua ansiedade com seu vício.

Eu sei disso melhor que ninguém.

— Ok? — Eu pergunto.

— Sim, — ela balança a cabeça com mais firmeza.

Deixo seu lado para ficar ao lado de Connor perto das pias, nossas costas de frente para as meninas enquanto elas se trocam. Imagino Rose fingindo ser minha namorada quando sairmos do banheiro, e eu apenas balanço minha

cabeça diante do caos. — Rose e eu vamos matar um ao outro a cinco metros da porta.

— Pense pelo lado positivo, — diz Connor, — Emma Frost não tem uma arma. — Ele desenrola o chicote e o bate no ar. — Isso poderia ter sido a sua bunda.

— Você gostaria disso, não é? — Eu brinco.

Ele sorri largamente, parecendo menos com o Batman e muito mais como o Connor Cobalt. — Tanto que dói, — ele responde. — Apenas certifique-se de andar ao lado de Rose e não à sua frente quando sair. Ela odeia isso.

Você está brincando comigo? — Algo mais? Eu estou tentando evitar que meu coração seja arrancado e alimentado a bebês demônios.

— Eu ouvi isso, — retruca Rose.

Eu quase giro ao redor.

Mas ela grita, — Não se atreva a olhar, Loren! Eu literalmente vou esfaquear seu globo ocular com minha agulha!

— Ela está sem a parte de cima, — Lily esclarece com um grunhido, como se estivesse se esforçando para colocar suas botas ou calças.

Eu olho para o teto. — Eu definitivamente vou morrer hoje.

— Você não vai, — diz Connor. — Você durou tanto tempo.

— Verdade. — Eu solto um suspiro e então aceno para ele. — Estou surpreso que você não vai tentar dar uma olhada. — Até onde eu sei, ele nunca viu Rose nua. Eles se excitam mais falando do que se pegando, é meio maluco.

— Eu sei melhor, — ele me diz, tirando a máscara, o cabelo castanho ondulado ainda contido, nem perto de estar despenteado e fora de controle. Eu puxo meu visor vermelho para o topo da minha cabeça e penso em como Rose o descreveu. Ele tem mais poder em seus olhos sem a máscara, percebo.

— Acabamos, — declara Rose.

Nós dois nos voltamos para as meninas que estão ao lado das cabines. Meu olhar imediatamente cai em Lily, ficando com muito mais confiança em sua jaqueta de couro preta e calças, menos reveladoras.

Eu sorrio ao ver como ela fica bonita em orelhas de gato e uma simples máscara preta.

— Alguém vai dizer alguma coisa? — Poppy se pergunta.

Lily e eu quebramos nossos olhares ao mesmo tempo, e no momento em que vejo Rose, meu queixo fodidamente cai. Eu dou risada. — Droga, Rose. — Ela costurou as cordas de volta no espartilho, mas fica muito menor em seu

peito, levantando os seios, e os shorts prateados de spandex podem muito bem ser roupas íntimas, subindo em sua bunda. — Você seria a líder de torcida perfeita para o Cowboys.

— Cale a boca, Loren.

— Porém, você fica terrível loira.

Ela me mostra o dedo do meio.

Eu provavelmente merecia isso.

Connor não diz uma palavra, mas eu leio a expressão em seu rosto muito bem desta vez. Seus olhos roçam cada centímetro dela, cheios de luxúria, como se ele estivesse salvando a imagem para mais tarde. Poderia muito bem fazer isso. Quem sabe quando Rose estará confortável o suficiente para fazer sexo?

— Você tem algo a dizer? — Rose pergunta, erguendo o queixo como se estivesse pronta para combatê-lo.

— Você está linda. — A sinceridade é clara em sua voz.

Os ombros dela caem, pega de surpresa.

Lily se aproxima de mim e segura minha mão ao mesmo tempo em que Rose se aproxima de seu namorado.

— Você sabe de uma coisa? — Lily diz, seus lábios curvados para cima.

— O quê? — Eu pergunto, seu sorriso me fazendo sorrir.

— A Mulher-Gato é incrível.

Não tenho certeza se ela quer dizer Rose ou a fantasia. Muito provavelmente ambos.

Agora, eu meio que tenho que concordar. Rose é forte. Mas a Lily também. Ela possui essa coragem rara. É quieta e despretensiosa, mas ainda existe. Ainda é tão digna.

Eu esfrego suas costas e percebo que Rose está com os braços em volta do pescoço de Connor. Uma das mãos dele vão para a bunda dela, e ela deixa ficar lá. Um minuto eles estão brigando. No minuto seguinte, eles estão assim. Eu não consigo acompanhar.

Eu forço meus ouvidos para pegar suas palavras murmuradas. — Eu quero morar com você, — Connor sussurra em voz baixa.

Meu primeiro pensamento: *se ele morar na casa de Princeton, ele vai descobrir que eu estou fodendo muito mais a Lily*. E não: *Graças a Deus eu não serei o único cara sob esse teto*.

O lado viciado de mim supera todas as partes morais.

Eu sou um amigo terrível.

— Você não pode, — Rose responde. — Seu trajeto para Penn vai ser longo demais... e Lily e Lo...

— O trajeto é manejável, e Lo e Lily me amam. — Ele faz uma pausa. — Você me ama?

— Não me manipule, — ela sussurra.

— Eu não estou tentando. Eu só quero estar com você mais do que estou agora. Vou esperar alguns meses, se isso é necessário.

Ela acena com a cabeça. — OK.

Poppy limpa a garganta. — Eu odeio interromper, mas Sam acabou de me mandar uma mensagem e disse que as multidões estão começando a se reunir em torno do banheiro. — Seus olhos encontram os meus. — Eles estão esperando por você e Lily.

Ótimo.

Rose se separa do namorado e volta ao seu modo de comandante. — Lily, vá com Connor, — ela ordena como se estivesse se preparando para a guerra.

Eu só espero que não haja fogo amigo.

*

— Pelo amor de Deus, lhe dê espaço, — eu digo, tentando não tocar em Rose. Ela está tendo dificuldade em proteger seu rosto das câmeras dos celulares. Ela usa a peruca loira para se esconder, o que ajuda um pouco.

Nós só precisamos chegar ao elevador. Connor já me mandou uma mensagem e disse que eles estão esperando na fila do painel com Poppy e Sam.

Ninguém notou a Lily vestida de Mulher-Gato.

— Você está apaixonada por Loren ou Ryke? — As pessoas continuam perguntando. Através da minha viseira, todos e tudo está tingido de vermelho.

Rose surpreendentemente fica quieta. Ela deve estar literalmente mordendo a língua para não responder.

— Vocês estão brigados? — Alguém pergunta. — Por que você não está segurando Lily?

— Sim. Você sempre segura Lily!

Merda.

Rose me encara com o canto do olho. Essa é uma garota que eu nunca

abracei antes. Porra, além do Connor, eu só a vi abraçar alguém talvez três vezes em toda a minha vida.

— Ela está doente, — eu digo bruscamente, minha voz como fodidas facas agora. — Então vocês devem se afastar agora para não pegar nada.

As multidões começam a se disparar para trás como se eu dissesse que ela estivesse com a peste bubônica. Jesus Cristo.

— Ela está com herpes? — Alguém pergunta.

A raiva torce meu rosto, meu maxilar se contrai. — *Não*, — eu respondo bruscamente, tentando encontrar a fonte dessa voz. Meu coração bate rápido.

— Você parece muito defensivo.

Eu paro com tudo, as câmeras clicando, e agora a imprensa real aparece, empurrando as portas duplas de vidro, caminhando ao longo do feio tapete do hotel. Prestes a nos bombardear.

— Vamos lá, Loren, — diz Rose em voz baixa. Ela agarra meu antebraço com força e literalmente me puxa para o elevador. Antes de as portas se fecharem, duas pessoas correm em nossa direção, uma menina embalada nos braços de um cara. Eu repetidamente aperto o botão para fechar as portas de metal. Mas eu paro no momento em que eles escorregam para dentro, quando eu reconheço a garota com a peruca laranja brilhante e o cara com a jaqueta de couro verde.

— Finalmente, nós encontramos você, — Ryke diz, com um braço debaixo das pernas de Daisy e o outro nas costas dela. No começo, acho que eles estão brincando, mas Daisy usa uma expressão fraca e dolorida.

Eu franzo a testa. — O que aconteceu?

Ryke coloca os pés dela com muito cuidado no chão, e ela se inclina contra ele. — Ela deslocou o joelho fazendo um maldito backflip, — ele explica.

— Eu estava imitando a personagem, — acrescenta ela, se curvando para massagear o joelho.

— Ei, pare, Dais. — Ele move a mão dela. — Espere por um pouco de gelo primeiro. — Ele olha para mim e então congela completamente quando vê Rose.

— Pare de me olhar assim, — ela diz.

— Você está vestindo a fantasia de Lily, — é tudo o que ele pode dizer. Ele está olhando para Rose como se ele quisesse transar com ela.

Eu bato na parte de trás da cabeça dele.

Ele pisca algumas vezes, como se apenas agora registrasse em seu cérebro

quem ela é, junto com quem é o namorado dela. — Estou apenas surpreso. Me dê um minuto para processar isso.

Rose fixa a peruca na cabeça. — Processe e então siga em frente. — Ela olha para uma Daisy confusa. — É uma longa história. Eu vou te contar no quarto. — Ela pergunta: — Para onde você fugiu, de qualquer maneira?

— Para o lado de fora, — ela diz a Rose. — Eu só precisava de um pouco de ar fresco. — O elevador para abruptamente no nosso andar, e Daisy quase cai, oscilando em uma perna. Sem perguntar, Ryke rapidamente levanta Daisy de volta em seus braços. Um sorriso se espalha no rosto dela.

Eu balanço internamente minha cabeça. Então meu telefone toca no meu cinto, me distraindo. Eu o puxo.

Este é o segundo melhor dia da minha vida. O diretor acidentalmente tocou meu dedo mindinho!!!! - Lily Eu sorrio tanto que eu posso ouvir meu pai gritando comigo por isso. Ele costumava fazer isso quando eu era criança. *Seja sério pelo menos uma fodida vez em sua vida, Loren*.

Meus lábios caem. Eu respondo: Q*ual foi o primeiro melhor dia?* Eu pressiono para enviar em um instante.

Ela é rápida em responder.

O dia em que me apaixonei por você. - Lily Fecho os olhos por um segundo e tento me lembrar daquele dia. Eu tento transportar minha mente de volta para aquele lugar. Mas para todo calor há frio. Por cada grama de luz há negritude.

E para toda lembrança feliz, há sofrimento e dor.

Não me lembro daquele dia sem rastejar por tudo isso.

Então eu abro meus olhos e deixo isso se afastar.

Está tudo bem.

Eu vou fazer novos melhores dias com Lily Calloway.

Eu posso sentir isso.

{ 9 }

0 anos : 03 meses Novembro

LILY CALLOWAY

Nossa tradição anual de Ação de Graças foi colocada para descansar, enterrada com outras coisas normais que não posso mais fazer. Costumávamos fazer uma pré-refeição no Lucky's Diner antes de comermos com nossas famílias, mas eu não volto lá há três meses: desde o meu vigésimo primeiro aniversário quando o gerente se recusou a fechar as cortinas.

No último dia de Ação de Graças, as únicas pessoas que sabiam sobre o meu vício em sexo eram Rose, Connor e Ryke. Antes de tudo isso, costumávamos nos sentar em uma mesa de jantar familiar, carregando uma mentira em nossos corações. Agora que meu vício está a céu aberto, o evento tem sido mais incômodo e desconfortável para todas as pessoas envolvidas.

Minha mãe nem olhou para mim, e o peso sai só um pouco do meu peito quando fazemos uma pausa antes do café e da sobremesa.

— Estamos tendo uma reunião de irmãs? — Daisy pergunta enquanto pula na mesa de carvalho do nosso pai.

Rose disse que tinha algo importante para nos dizer, então nós quatro nos retiramos para o escritório antes de nossa mãe nos chamar de volta para comer a torta.

Sento-me na poltrona estofada mais feia, uma mola machucando minha bunda. Eu silenciosamente desejo os sofás de couro dos Hales em que eu possa me afundar.

— Connor te pediu em casamento? — Poppy pergunta, um sorriso já envolvendo seu rosto. Ela cruza as pernas no sofá de camurça.

Rose recua surpresa. — Claro que não.

Eu tento me ajustar na cadeira. Não, a mola definitivamente vai deixar hematomas na minha bunda depois disso.

Poppy diz, — Eu pensei que você estivesse com medo de bebês, não matrimônio.

— Primeiro de tudo — Rose anda na nossa frente — Eu *não* tenho medo de bebês. Eu odeio bebês. Eles gritam sem motivo e não conseguem andar

corretamente.

Eu sacudo minha cabeça.

Daisy ri, balançando as pernas e jogando um peso de papel de cristal em sua mão.

— Eles são pequenos... — Poppy tenta justificar.

— Demônios. Eles são pequenos demônios que só existem para me irritar.

Ela é dramática demais para o bem dela.

— E estranhamente, — diz Poppy, — Maria te adora, de todas as pessoas da família. Por que isso?

— Eu não sei. Isso é obviamente uma falha de caráter por parte da sua filha. Ela não sabe quem são seus inimigos.

Eu bufo.

Poppy suspira pesadamente e depois olha para mim. — Ela está com medo do casamento? — Ela quer uma confirmação desde que eu sou a mais próxima de Rose.

Eu levanto minhas mãos. "Eu não sei de nada." Espero que alguém mencione Jon Snow e *Game of Thrones*, mas percebo que Lo é o único que entende a referência. Público errado. E ele está na sala com Connor e Sam.

Ryke foi convidado, já que ele não está falando com sua mãe, mas ele se recusou a vir. Ele disse que não poderia estar no mesmo lugar que Jonathan Hale, seu pai. Ainda há sangue ruim lá, mas eu gostaria que ele aparecesse, por Lo e por si mesmo.

Imagino Ryke sozinho em seu apartamento, assistindo a esportes e comendo um sanduíche, sem jantar. Nenhuma família ou amigos, nem mesmo do tipo barulhentos e bagunceiros. Há algo triste em Ryke Meadows que ele não nos deixa ver, mas são em momentos tranquilos como este, onde ele não está, que eu sinto mesmo assim.

— ...nós nem fizemos sexo. — Eu pego o final da explicação de Rose.

— Sim, — diz Daisy, — mas eu pensei que você estivesse apenas esperando até o casamento.

Rose para no meio do chão. — Eu estou esperando até que eu esteja pronta e com alguém que eu amo, — ela refuta. — Eu não tenho certeza se *quero* me casar. E Connor não iria me pedir em casamento apenas para que ele pudesse fazer sexo comigo.

— Como você sabe? — Poppy pergunta.

Rose lhe lança um olhar severo.

Ela está tão acostumada a eles quanto o resto de nós. — Eu só estou perguntando.

— É como trapacear em um jogo, — diz ela. — É muito fácil para ele.

Seu estranho relacionamento merece ser observado. Por mim. Eu amo demais para não ser uma espectadora. Meu sorriso consome meu rosto quando penso nas guerras nerds de Connor e Rose.

Rose revira os olhos para mim e começa a andar de novo.

— Por que estamos aqui então? — Eu me pergunto.

Ela puxa os ombros para trás como se estivesse vestindo uma armadura. — Como você sabe, Calloway Couture tem feito menos que a média ultimamente.

Meu estômago imediatamente despenca, meu sorriso desaparece e o jantar começa a subir para a minha garganta. Eu engulo de volta. Desculpas nadam na minha cabeça.

É minha culpa. Meu vício em sexo arruinou sua linha de moda. Não há perdão para mim e eu não quero isso.

Ela continua, — Eu tenho lutado com soluções sérias, mas recentemente alguém fez uma oferta que pode realmente funcionar. O único problema é que envolve vocês três. — Seus olhos verde-amarelos voam de mim para Poppy e depois para Daisy. — Eu não quero que vocês façam nada que deixem vocês desconfortáveis. Eu vou entender se vocês disserem não para isso.

— Soa perigoso, — diz Daisy com um sorriso travesso. — Estou intrigada.

— Soa como *nada*, — eu a corrijo. — Ela ainda não disse o que é.

— O que é 'isso' exatamente? — Poppy pergunta com aspas no ar.

— Um reality show.

Minha boca cai imediatamente.

A sala fica em um espesso silêncio, mas não do tipo estranho. Estamos todas processando isso. Se estivéssemos em um quadrinho de *X-Men* agora, Poppy, Daisy e eu seríamos as irmãs stepford - pensando exatamente a mesma coisa com suas assustadoras mentes telepáticas. Não há outra resposta à proclamação de Rose.

— Você é louca, — Poppy diz primeiro.

Eu zombo ofegante. — Isso é o que eu estava pensando.

— Eu também, — Daisy concorda e me dá uma olhada de lado. — E você roubou meu suspiro falso.

Rose acena para nós, como se nos mandasse parar de falar. — Eu não sou louca. Calloway Couture precisa de uma boa exposição, e eu posso estar jogando

os dados com esse show, mas é *algo*. — Seus olhos viajam para mim. — E talvez o mundo possa ver você como nós vemos. Engraçada, doce e não apenas viciada em sexo.

Isso pode realmente acontecer? Um reality show não vai colocar mais atenção na nossa família? Mas... Rose é a inteligente da família... então ela deveria saber melhor, certo? Se isso for ajudar minha irmã, eu nunca direi não.

Eu a coloquei nessa posição em primeiro lugar.

— Ok, — eu aceno. — Vamos fazer isso.

Rose recua como se eu tivesse jogado uma bomba a seus pés. Jesus, acho que ela estava esperando uma briga. — Mesmo? Você pode pensar nisso por mais tempo, Lily. Vai ser uma grande mudança.

Uma grande mudança. Eu odeio isso. Mas às vezes a mudança pode ser boa, certo? É o que meu terapeuta me diz. — Não. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não preciso de mais tempo. Se há uma chance de isso ajudar Calloway Couture, então eu quero estar envolvida.

— Eu estou dentro, — Daisy nos diz. — Parece divertido e, além disso, estou acostumada com câmeras. Então não é um grande problema para mim.

Câmeras...

Mais delas.

Não pense nisso, Lily.

Todas nós voltamos para a nossa irmã mais velha, que apenas se senta no sofá em contemplação silenciosa. Ela solta um longo suspiro. — Por que o programa não pode ser apenas sobre você, Rose? — Ela pergunta.

— A empresa de produção lançou essa ideia para a rede, mas eles não aceitaram. — Ela segura a respiração, suas clavículas salientes. — Eles queriam Lily no show. — Ela dá um passo em minha direção. — Eu não quero mentir para você. Você deve saber que o programa tentará focar mais em você do que qualquer uma de nós - mesmo que eles o chamem de *Princesas da Filadélfia*.

Antes que eu possa assegurá-la novamente, Poppy fala à minha frente. — Isso é realmente a única coisa que você pode fazer? — Ela pergunta. — Parece drástico, e eu estou preocupada com a segurança da Lily.

— Eu *nunca* intencionalmente colocaria Lily em perigo, — diz Rose. — Eu tentei de tudo, Poppy. — Rose está prestes a chorar? — Essa é minha única chance.

O lado materno de Poppy entrou em ação, e ela ainda não recuou. — Então você vai colocar a família sob mais escrutínio, tudo para salvar sua linha de

roupas?

A parte leal de mim quase vem ao auxílio de Rose, que raramente chora. Mas ela está pronta com uma resposta rápida. Percebo que ela está preparada para esse tipo de questionamento. — Conversei com nossos pais. Ambos apoiam a ideia. Eles consultaram os publicitários que acreditam que não podemos nos afundar muito mais, e talvez a atenção da mídia finalmente seja positiva. — Ela faz uma pausa para respirar com muita necessidade. — Então, *sim*, Poppy, estou disposta a colocar nossa família sob mais escrutínio. Para Fizzle. Para Lily. E egoisticamente, para minha linha de roupas.

Poppy relaxa um pouco mais, e ela tira o cabelo castanho do ombro. — Honestamente, eu gostaria de poder dizer sim. Eu quero ficar do seu lado e te apoiar, Rose, mas eu tenho uma filha de quatro anos de idade. Eu não quero uma câmera na cara dela, nem na de Sam.

— Eu entendo, — diz Rose. — Vou pegar os contratos para Daisy e Lily darem uma olhada. O show pode continuar sem você.

Eu acrescento, — Mas vamos sentir falta de você.

Rose revira os olhos. — Isso foi implícito.

O escândalo sexual abalou minha família de muitas maneiras, mas agora percebo que não estou completamente ciente do grau em que isso afetou Poppy. Eu meio que esperava, o tempo todo, que não tivesse afetado.

— Ela está bem? — Eu pergunto a Poppy, mudando de assunto novamente. — Maria, quero dizer. Os paparazzi não a estão seguindo por aí nem nada, certo?

— Não, nada disso, — diz Poppy. — Eu acho que o sobrenome dela a salvou da imprensa. Stokes não é tão volátil quanto Calloway agora.

Que bom. Pelo menos uma pessoa da minha família evitou a bala em alta velocidade. Eu só me pergunto quantas balas um reality show vai lançar, e quem será pego no fogo cruzado desta vez.

{ 10 }

0 anos : 04 meses Dezembro

LOREN HALE

— Pare de ligar, — eu digo com a raiva no telefone de abrir e fechar. Lily está sentada no balcão da cozinha, comendo manteiga de amendoim de uma jarra. Meu olhar permanece sobre ela, especialmente quando ela chupa o dedo indicador e ergue as pernas finas contra o peito.

Minha respiração se aprofunda por um segundo, observando a maneira como ela lambe a manteiga de amendoim. Ela não percebeu quão sexual isso é então aproveito esse momento - esse antes de ela corar de vergonha.

Eu pego dois copos no armário ao lado de sua cabeça, meu braço roçando sua bochecha. Meu pau diz para andar para frente e se encaixar bem contra ela. Eu espero, só para observá-la por mais tempo. Ela tira o dedo da boca, os olhos radiantes com ansiedade quando encontram os meus. É um chamado, e eu me aproximo. Mas, em vez de agir de acordo com seus sentimentos, ela tenta se concentrar na manteiga de amendoim.

Eu coloco os copos no balcão e passo a mão pelo lado do cabelo dela. *Cristo, eu quero estar dentro dela. Agora.* Mas ela ignora o movimento e fixa os olhos no rótulo do frasco.

Através do alto-falante do telefone, a voz fria de Rose interrompe meus pensamentos. — Você não deveria atender o celular da Lily. Ela tem duas mãos.

— É? Bem, uma está ocupada. — Eu replico.

Lily descansa o pote entre os joelhos e solta um gemido audível com sua segunda colher de manteiga de amendoim. *Maldição.* Meu pau grita comigo para responder a esse barulho. Eu resisto, só porque uma das maiores dores na minha bunda ainda está no telefone.

— É melhor ela não estar...

— Ela está comendo, — eu esclareço, embora isso vai mudar quando eu desligar.

— Loren, — Rose estala.

— Ela não está me chupando. Pelo amor de Deus.

As sobrancelhas de Lily se levantam e os olhos dela se arregalam. Ela

murmura, *o que*? Seu olhar cai para o zíper do meu jeans, e ela cora na hora.

Eu pressiono o botão do alto-falante para que ela possa ouvir sua irmã. E então eu abro o botão do meu jeans, a boca de Lily cai como se eu tivesse feito um maldito truque de circo.

Eu não posso deixar de sorrir. Minha namorada é mais do que adorável.

Rose diz, — Eu só quero saber...

— Privacidade, — afirmo a única palavra que ninguém parece entender, nem mesmo nossos amigos e familiares. *Talvez* Poppy e Sam entendam, já que ambos se recusaram a assinar seus direitos para os produtores de televisão.

— Pedimos para ficarmos sozinhos na véspera de Ano Novo e você nos ligou vinte vezes, um recorde.

— E a Lily não atendeu dezoito dessas vezes, — observa Rose.

— Você está morrendo? — Eu pergunto. — Por favor, me diga que você está morrendo ou sofrendo de uma doença com risco de vida e não ligando para nos checar.

Lily murmura, *seja legal*. Mas ela deixou a manteiga de amendoim de lado, e está com os dedos presos nas alças do meu cinto, me aproximando mais.

Eu coloco minha mão sobre o alto-falante. — Estou sendo muito *legal* agora, — eu sussurro. — Eu poderia facilmente ter desligado depois de ter falado o que eu queria. — Eu espero Rose lançar uma granada sobre o alto-falante, mas ela fica quieta, inadvertidamente me respondendo.

Eu suspiro em agitação. — Rose. — *Estamos bem.*

Lily pega o telefone da minha mão e diz, — Você está em uma festa. Você não deveria estar se divertindo?

— Estou na festa de *negócios* da Cobalts, — Rose lembra. — Se divertir nesses eventos nunca está na agenda. — Ela faz uma pausa. — Porém, a comida não é terrível. — Ela hesita como se tivesse mais a dizer. Talvez ela não estivesse ligando para nos incomodar como uma mãe preocupada.

Agora me sinto um idiota.

— O que foi? — Lily pergunta, sentindo a mesma coisa.

Eu descanso as palmas das minhas mãos no balcão, em ambos os lados da Lily. Eu ainda sou uma cabeça mais alto que ela, e ela olha para mim enquanto espera a irmã responder.

Eu vejo seu peito subir e descer, desejo cobrindo seu rosto. Eu só quero foder minha melhor amiga. *Apresse-se, Rose.*

— Connor reservou a suíte para hoje à noite, — Rose sussurra, como se

fosse para impedir que as pessoas ao seu redor ouvissem. — Eu descobri quando chegamos.

Eu corro minhas mãos até as coxas de Lily, seus jeans macios sob minhas palmas. Eu me aproximo, então meu pau está bem contra aquele ponto, que eu sei que já está encharcado. *Cristo*. Eu começo a endurecer, apenas pronto para empurrar completamente dentro dela. Nós já transamos duas vezes esta noite - mas desta vez está me matando mais do que as outras.

Eu só quero ouvir a Lily gritar.

Seus lábios se abrem em uma respiração pesada.

— Lily? — Rose estala, gelo retornando à sua voz.

Eu removo minhas mãos para que ela possa falar com a irmã, mas não posso me afastar. Eu lambo meus lábios e descanso as palmas das mãos no armário ao lado de sua cabeça, me inclinando para ela.

— Qual é... o problema nisso? — Pergunta Lily. Ela força o olhar para o teto para que ela possa se concentrar. Eu pressiono meus lábios em seu pescoço, levemente e depois profundamente. Um barulho pega em sua garganta bem a tempo, tão suave que sua irmã não consegue ouvir.

A mão de Lily aperta minha cintura, e quando eu olho para ela, ela sussurra, *você quer ser pego?*

Não.

Rose e Ryke - eles não vão entender. Tudo o que eles verão é uma lista de regras que recebemos e quantas quebramos. Nada mais importará.

Eu ouço Rose inalar em voz alta. — Ontem, fiz essa grande declaração sobre como estou pronta para fazer sexo com ele - só para calar a boca dele - e agora acho que ele detectou meu blefe.

Eu posso resolver esse problema. Eu olho para o telefone na mão de Lily. — Apenas diga a Connor que você mudou de ideia. Ele não vai se importar.

— Ele vai *ganhar*, — diz Rose como se essa fosse a ideia mais idiota.

— E daí?

Rose rosna. — Você não entenderia.

Lily sussurra, *eu cuido disso*.

Ótimo. Porque eu não falo o idioma de Rose.

Lily limpa a garganta. — Coloque-o em uma posição realmente desconfortável e então ele vai surtar e vocês dois estarão fora do gancho.

Eu praticamente posso sentir Rose balançando a cabeça. — Confie em mim, ele não se sente desconfortável em nenhuma posição.

— Que tal apenas castrá-lo? — Eu me envolvo. — Você ameaça *minhas* bolas todos os dias.

— Isso é porque elas estão rondando a minha irmã, — Rose diz. Eu odeio que ela tenha um bom argumento. — E você tem todo o direito de ameaçar meus óvulos ou trompas de falópio. Sinta-se a vontade.

Eu faço uma careta. — Eu não vou a lugar nenhum perto da sua vagina.

Rose diz distante, — Eu só estou tentando ser justa.

Lily pensa com força, as sobrancelhas comprimidas de uma maneira adorável. — Eu não sei, Rose. Você pode perder esse. Quero dizer... você não pode ir para casa com outro cara... — Lily deixa essa terrível opção pairar no ar.

E sua irmã fica completamente em silêncio sobre o assunto.

— Rose! — Lily e eu gritamos.

— Eu não trairia ele, — diz Rose. — Isso é nojento. Ele está olhando para mim agora. — Sua voz diminui. — Eu acho que ele pode ler minha expressão.

— Sua expressão de bruxa?

— Não, — Rose arrasta a palavra. — .... Eu estou assustada.

Eu me arrependo das minhas palavras assim que ouço sua honestidade. Não vem com frequência, especialmente não perto de mim. — Rose, — eu digo, tentando suavizar minha voz afiada. — Sexo é um grande negócio, e você não deveria dormir com Connor se você tem medo.

— Por que você está sendo legal comigo?

— Eu não sei, — eu admito. *Parece estranho.*

— Bem... eu não gosto disso.

Eu olho para o telefone. — Que bom, porque não está acontecendo de novo.

— Obrigada — diz ela. Não sei se é para o conselho ou para a minha última declaração. — Ele está andando até aqui... eu te ligo mais tarde...

— Amanhã, — eu forço.

— Certo, — ela diz distraidamente. E então ela desliga primeiro.

Deslizo o celular de Lily no balcão, até a cafeteira, para *longe* de nós. — Sem mais interrupções de irmãs ou irmãos. — Eu anuncio isso como uma maldita regra. Ryke ligou três vezes esta noite para perguntar como estou. Eu passei a última véspera de Ano Novo na reabilitação. Não é como se eu fosse pegar uma garrafa de champanhe porque o dia do ano me diz para fazer isso.

— Você se lembra de antes de ficarmos juntos? — Lily pergunta enquanto desabotoo seus jeans.

Eu congelo. — Você quer dizer quando eu estava sempre bêbado?

— Não, eu quero dizer... sim, mas não é isso que eu quis dizer. — Sua pele cora com manchas vermelhas escuras.

Eu enrolo minha mão na dela. — Estou ouvindo.

Seus ombros se elevam com confiança enquanto ela fala. — Você costumava fazer isso comigo o tempo todo, — diz ela. — Me prender na cozinha, brincar comigo... — Ela sorri com as lembranças. — Eu gostava, mesmo quando não estávamos juntos. Mas isso é raro agora. — Seus olhos dançam ao redor de nossos corpos. — Eu só queria saber se você tem medo de me provocar.

Eu levanto o queixo dela para que o olhar dela encontre o meu. — Se eu estivesse com medo, eu não estaria fazendo isso hoje à noite.

— Mas vamos fazer sexo, — diz ela.

— E? — Eu franzo a testa, não entendendo aonde ela está chegando.

— Então você não vai flertar comigo a menos que possamos fazer sexo. Porque você tem medo de mim.

Eu a encaro, — Você pode parar de dizer isso? Eu não estou fodidamente com medo de você, Lil.

— Então você tem medo de me deixar com vontade.

Eu sacudo minha cabeça. Tudo o que eu queria era estar com ela completamente, totalmente, sem compromisso. Mas talvez haja algo no meu cérebro que diga: *não toque nela assim. Não a deixa mais excitada do que ela já está. Não a tente*. Não, a menos que ela possa ter algo a mais depois. — Você pode lidar comigo? — Eu pergunto baixinho.

— Eu quero começar a tentar, — diz ela, elevando o peito na proclamação. — Eu quero ter tudo o que tínhamos sem todo o mal.

Eu nunca estive mais apaixonado por ela. — Eu vou confiar em você para parar por conta própria então.

Ela acena repetidamente. — Eu vou. Eu posso. Eu sei que posso.

— É?

Ela sorri. Eu a beijo profundamente, seu corpo puxando para o meu com o abraço, e eu prendo nossas mãos juntas no armário acima de sua cabeça.

Enquanto ela recupera o fôlego, minha testa descansa contra a dela. Suavemente, eu sussurro: — Eu acredito em você, amor. — Esse é um objetivo que ela nunca teve antes. É um que vou entreter e ajudá-la a alcançar.

Mas esta noite - eu quero me encaixar perfeitamente contra ela sem espaço

para hesitação ou medos. Eu deslizo o jeans de suas pernas e saio do meu.

Ela desliza as mãos por baixo da minha camisa com um olhar inebriante. — Posso tirar sua camisa?

— Você não precisa perguntar, — eu digo.

Seus lábios se curvam, e ela avidamente levanta o tecido sobre a minha cabeça. Seus dedos penteiam meu cabelo castanho. — Mais perto, — ela sussurra.

Eu agarro suas pernas e a puxo para mim, meu pau entre suas pernas. O tecido das nossas roupas intimas está no caminho. Ela segura meus ombros nus como se eu já tivesse começado a enfiar dentro dela. Esta é a única vez que fico feliz que ela morda as unhas. Caso contrário, ela tiraria sangue.

Ela se agarra a mim com tanta força que não tenho chance de tirar sua blusa de gola V, a menos que eu peça. Eu prefiro mantê-la em meus braços, assim, do que tê-la completamente nua.

Lily descansa sua bochecha no meu peito e sussurra, — Mais perto.

Eu chupo a base do pescoço dela, e ela choraminga e engasga ao mesmo tempo. Sua bunda mal repousa no balcão. Eu apoio a maior parte do peso dela no meu corpo. Se alguém quisesse nos separar, eles teriam que arrancá-la de mim.

Eu sorrio enquanto beijo seus lábios. Calor se reúne entre nós. As sensações nervosas começam antes mesmo de eu empurrar.

— Mais perto, — é tudo o que ela pode dizer.

Quase.

Eu tiro minha cueca boxer e puxo sua calcinha para baixo. Sua necessidade é aparente quando eu distancio nossos corpos. Ela se contorce como se odiasse o ar vazio.

Seus braços engancham debaixo dos meus e seus belos olhos verdes permanecem fixos em minhas íris âmbar. Sobrecarregados. Nós dois.

— Mais perto, — ela respira.

E eu pego meu pau e lentamente empurro minha ereção bem dentro dela. *Deus.* Meus olhos quase rolam para trás na minha cabeça.

Ela grita, — Lo!

Eu descanso nossas mãos entrelaçadas de volta no armário. — Lil... — Eu empurro contra ela, tão profundo que um gemido sai da minha garganta. Com nossos corpos unidos, ela olha diretamente para mim. Eu balanço, mal conseguindo me separar dela.

Ela me beija primeiro e meu sorriso desaparece com o desejo carnal. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, minha língua separando seus lábios e deslizando contra os dela. A confiança de Lily, durante o sexo, foi perdida por um tempo. É bom ver isso começar a voltar.

Eu empurro forte novamente, e ela se afasta para deixar escapar um gemido agudo. Ninguém mais está escutando. Quando as filmagens começarem para o reality show, nosso público se multiplicará a menos que tenhamos cuidado. Neste momento, isso não importa.

Nós apenas deixamos ir.

Depois que nós dois alcançamos aquele pico, eu a mantenho em meus braços e penteio seu cabelo úmido para fora de seu rosto. A televisão toca um concerto de réveillon na sala de estar, os sons fracos agora audíveis em nosso silêncio.

— Eu te amo, — eu digo a ela. Mesmo que eu diga essas palavras muitas vezes depois que fazemos sexo, ela ainda brilha quando chega aos ouvidos dela.

— Eu também te amo.

Assim que eu vou beijá-la novamente, a porta da frente se abre.

Rose. Tem que ser Rose. Ela chegou em casa para evitar passar a noite na suíte com Connor. É uma decisão estúpida, considerando que ele agora mora nesta casa conosco. Eles até dividem um quarto. O que há de diferente em um hotel?

Os olhos de Lily se arregalam em pânico. — Oh meu Deus.

Eu estou na cozinha. Totalmente nu.

Enquanto Lily está de camisa, suas calcinhas estão espalhadas pelo chão com o resto das nossas roupas. Eu a levanto do balcão e coloco seus pés no chão.

Eu não sei porque estou surpreso. Eu tenho a pior sorte em todo o universo. Quantos caras acordam um dia e descobrem que são bastardos? Quantos têm sua mãe biológica basicamente dizendo: *ei, eu não te quis quando você nasceu e não me importo com você agora?*

Eu fui impressionado tantas vezes; eu posso muito bem me preparar antes que isso aconteça novamente.

Eu fecho minhas calças e me viro para Lily e abotoo seus shorts. — Nós estamos fodidos, — ela sussurra.

— Ainda não, — eu sussurro. — Arrume seu cabelo.

Ela rapidamente tenta achatar os fios bagunçados.

A porta se fecha com tudo, e quando me inclino para pegar minha camiseta

preta, vejo botas de couro e longas pernas no arco entre a sala e a cozinha. Meus olhos viajam até a jaqueta verde militar e cabelos loiros.

— Daisy, — eu digo hesitante. Eu respiro, apenas feliz que não seja Rose.

Seus olhos verdes - inchados e avermelhados - disparam entre Lily e eu. — Desculpe... eu não queria... — Ela gira e volta para a sala de estar.

— Espere, — eu digo, correndo atrás de Daisy com Lily ao meu lado. Eu rapidamente coloco minha camisa e percebo que Daisy está indo em direção a porta.

— O que aconteceu? — Pergunta Lily, com medo em sua voz.

— Daisy, não vá embora, — acrescento, correndo para frente e bloqueando sua saída. Eu inclino minhas costas contra a porta e mantenho a mão na maçaneta.

Então eu escaneio seus traços. Mas seu cabelo insanamente longo cobre suas bochechas e sobrancelhas, mascarando sua expressão. Seus dedos escovam sob os olhos - enxugando as lágrimas?

Meu rosto se contorce. — Você está chorando?

— Estou bem, — ela respira. — Eu vou embora. Eu não queria te interromper.

Meu queixo trava. Ela sabe que fizemos sexo.

Ótimo.

E ela vai dizer ao meu irmão - porque ele pede informações, e eles são estranhamente amigos.

Lily descansa a mão no ombro de Daisy. — O que aconteceu? Eu pensei que você estivesse passando a noite na casa de Cleo?

Minhas sobrancelhas franzem. — Cleo? — Eu tento percorrer meu cérebro atrás de uma imagem da amiga de Daisy. Eu acho que ela é loira também. Isso é tudo que eu lembro.

— Ela é minha melhor amiga, — Daisy murmura e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu só... a festa estava chata. Pensei que poderia voltar aqui e assistir a contagem regressiva do GBA com você e depois dormir no quarto de hóspedes.

— Então é isso que vamos fazer. Você vai ficar aqui, — diz Lily inflexível, orientando Daisy para o sofá. Elas se sentam juntas. Não me lembro de uma época em que a Lily era protetora. Talvez, quando eu estava na reabilitação, ela se aproximou de Daisy, mas nunca vi esse lado do relacionamento delas. Lily, sendo a irmã mais velha como Rose, exceto sem todo o gelo.

— Nós podemos assistir *Uma Noite de Aventuras*. Esse é um dos seus filmes favoritos, certo? —Lily oferece.

Daisy sorri. — Você se lembra?

Lily concorda. — Sim. Você me disse... — Ela fecha um olho enquanto tenta se lembrar da data. Eu poderia beijá-la novamente. — ...semana passada, eu acho.

— Isso soa bem. — Daisy tira sua jaqueta, se aconchegando.

— Aqui, eu vou guardar isso, — eu digo a ela, agarrando o tecido verde.

— Obrigada. — Ela me dá um sorriso fraco e se aproxima de Lily. Ambas as meninas têm os pés no sofá. — Então... — Daisy faz uma pausa.

Não diga nada. Não fale sobre isso. Eu gostei de pensar que ela iria fingir que nunca aconteceu. Eu abro o armário do corredor e tiro um cabide vazio.

— ...Eu pensei que você não deveria fazer sexo na cozinha ou na sala de estar - não que eu esteja julgando. Eu sempre achei que era uma regra. — Eu ouço a curiosidade em sua voz. Ainda assim, eu nunca tive o desejo de discutir minha vida sexual com a irmã de dezesseis anos da minha namorada. Na verdade, é tão desconfortável quanto parece.

— Ahhhn... — Lily alonga a palavra. — Lo? — Ela espia a cabeça sobre o sofá, esperando que eu volte e lide com isso. Suas bochechas estão vermelhas como um tomate.

Eu penduro a jaqueta de Daisy, fecho o armário e me sento na poltrona da Rose. — Não é uma regra, é mais uma sugestão. — Eu sorrio um sorriso amargo. Depois, pego o controle remoto, prestes a aumentar o volume para o *Ano Novo da GBA*.

— Você tem certeza de que Ryke e Rose sabem que é uma sugestão e não uma regra? — Daisy nos pergunta. — Eu acho que eles ficariam muito chateados... — Ela lambe os lábios secos. — Quero dizer... não é considerado uma recaída, certo?

A culpa invade o rosto de Lily.

— Não, — eu interrompo rapidamente. *Estamos em um maldito bom lugar. Ela está confiante, não compulsiva. Eu não vou deixar os medos deles foderem com o progresso dela.* — Não que eu realmente queira explicar isso para você, — acrescento e depois faço uma careta. *Pare de ser um idiota, Loren.* — O terapeuta da Lily diz que podemos avançar, dependendo de quão bem ela está indo.

Isso é completamente verdade, mas mesmo que Rose e Ryke se sentem e conversem com o Dr. Banning, eles provavelmente ainda acreditariam que Lily

precisa de mais estrutura e limitações. Externamente, ela parece indiferente e ansiosa, mas isso é por causa da mídia.

É complicado.

Daisy usa uma expressão de dor. — E você está bem? — Ela pergunta à irmã.

Lily concorda, mas ela tem muito pouca evidência para provar isso, considerando que ela se esconde sob as mesas, esquiva-se das câmeras e se isola das pessoas.

— Ei, Daisy? — Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço, meus olhos se estreitam. — Você pode *não* dizer ao meu irmão o que você viu hoje à noite? Na verdade, vamos apenas manter isso entre nós.

Lily diz, — Por favor. Estamos tentando não divulgar tanto a nossa vida sexual.

Daisy não é idiota.

As engrenagens clicam em sua cabeça, pensando que estamos em uma estrada perigosa. Nós não estamos. Ainda não, pelo menos.

Lily aperta a mão de Daisy e diz, — Você quer sorvete? Rose estocou chocolate duplo para você.

— Eu não posso... Eu tenho uma sessão de fotos na semana que vem.

— Oh, — Lily diz, mais remorso enchendo seus olhos.

— Não, está tudo bem. — Daisy abraça a irmã e, simples assim, o relacionamento delas foi revertido. Daisy animando Lily, algo que só faz Lily se sentir uma merda. — Vamos assistir ao filme após a contagem regressiva. Quem precisa de sorvete, certo?

Então a porta se abre novamente.

E tanto Lily quanto eu olhamos para Daisy. Sua lealdade conosco está prestes a ser testada.

{ 11 }

0 anos : 04 meses Dezembro

LILY CALLOWAY

Um sujeito de quase dois metros e meio - a maioria do tempo, irritado - entra pela porta. — Eu odeio as pessoas, — diz ele, mal olhando para Lo na cadeira. Eu tenho que esticar meu pescoço sobre o sofá para avistar Ryke, assim como Daisy.

Ele entra na cozinha com um passo irritado, desaparecendo através do arco.

— Não que eu não te ame aqui, — Lo grita do outro lado da sala, — mas você disse que estava passando o Ano Novo na piscina infantil daquele cara da fraternidade.

Ryke retorna da cozinha com um saco de pipoca pré-estourada e uma garrafa de água. — Era a sua banheira de hidromassagem e ele se formou em maio, assim como eu.

Ryke deve ter tido um momento não tão divertido na festa de seu amigo. Sua expressão tempestuosa diz tudo. A ironia: Lo e eu estávamos tendo uma boa noite, considerando tudo. Normalmente estamos do outro lado da cerca.

— Você pode imaginar uma banheira cheia de caras de fraternidade? — Daisy me pergunta, cutucando meu cotovelo com o dela, um sorriso brincando em seus lábios. Parece uma das minhas fantasias. Antes de Loren Hale. Mas então, novamente, Ryke não seria um participante da minha banheira de fantasia.

Eu não respondo a ela, mas eu, no entanto, percebo os músculos de Ryke flexionando ao som da voz de Daisy, surpreso por sua presença aqui.

Ryke dá um passo ao redor do sofá para nos encarar, e ele dá a Daisy uma longa olhada que parece amigável o suficiente. — O que você está fazendo aqui?

— Lo te perguntou a mesma coisa, — ela desvia.

Ryke afunda na poltrona vazia, seu olhar severo ainda em Daisy. — Você quer saber por que eu deixei a festa do meu amigo?

— Sim, — diz Daisy.

— Eu estava cansado das pessoas me perguntando como Lily é na cama.

O queeee... Meus olhos se arregalam. Eu desprezo esses rumores. — Eu

espero que você tenha dito a eles que eu nunca...

— Eu disse a eles para se foderem, — Ryke diz antes de eu ficar nervosa. — Eles são idiotas fodidos.

— Nós somos idiotas, — diz Lo. — Eles são cuzões.

— Você está realmente me dando uma aula sobre palavrões, irmãozinho?

Lo solta uma risada curta e agarra os braços da poltrona com muita força, como se quisesse se levantar e pegar uma bebida. — Não. Eu não corro tão rápido quanto você. Eu não sou tão inteligente quanto você. E eu definitivamente não xingo tão bem quanto você. — Eu ouço o que está abaixo de suas palavras: *Minha vida é uma batalha perdida.* Frio lava sobre mim. Eu olho para Ryke - seus braços estão arrepiados. — Eu só estou dizendo, — finaliza Lo, — que você é um idiota.

Por instinto, deixo meu lugar ao lado de Daisy e me ajeito no colo de Lo, abraçando seu corpo tenso. Seus ombros começam a se soltar assim que minhas pernas se enroscam com as dele, e suas mãos grandes deslizam ao redor da minha cintura, me puxando para ainda mais perto de seu peito.

Ryke bebe um gole de água e limpa a boca com o braço. — Pelo menos temos algo em comum, então.

Lo solta uma risada, sua carranca desaparecendo completamente. Ele está feliz que Ryke não o tente convencer de coisas que ele sabe que são verdadeiras. Lo passou sua infância correndo das pessoas. Ryke competiu no atletismo. Eu não acho que nenhum deles acredite que Lo ganhará força para derrotar seu irmão em uma corrida.

Porém, eu acredito.

Lo tem a vontade de ultrapassar a pessoa que o colocou em seus pés. Acho que, às vezes, temos mais fé uns nos outros do que em nós mesmos.

Daisy se desloca no sofá pela terceira ou quarta vez, inquieta. Ela começa a trançar a franja de um cobertor roxo. — Você está passando a noite aqui também? — Ela pergunta a Ryke.

— Se estiver tudo bem com meu irmão. — Ryke vira a cabeça para Lo. — Eu posso dirigir de volta para Filadélfia, se não estiver.

— É quase meia-noite, então você deveria ficar, — diz Lo. — Podemos abrir uma garrafa de champanhe, brindar ao Ano Novo e depois trocar para o uísque. — Ele dá o seu sorriso seco que agora é *literalmente* famoso. O *Celebrity Crush* chegou a classificar seus meio sorrisos amargos do melhor para o pior. Meu favorito foi aquele durante o Halloween (classificado apenas como #6). Eu

pensei que ele gostaria de ficar em casa no seu vigésimo segundo aniversário, especialmente já que o Halloween do ano passado foi tão apocalíptico, mas ele nos levou todos a uma casa assombrada no norte da Pensilvânia.

Ele era um pirata.

Um pirata *sarcástico*.

Uma garota vestida como Pippi Meia Longa tirou a foto de seu meio sorriso quando ele não estava olhando e postou no Instagram. Eu quase desejei poder agradecer a ela.

É uma das minhas fotos favoritas dele - talvez também porque ele está me carregando nas suas costas. Eu era um camundongo. Eu pensei que seria irônico desde que eu tenho ficado tão quieta, mas Ryke pensou que eu era uma ratazana, então... talvez não tenha sido a melhor escolha de figurino.

— Isso é hilário, — Ryke diz para Lo, sem achar graça.

— Você não ouviu? Eu não tomei um gole de álcool desde a reabilitação, — diz Lo. — Estou *curado*. — Eu não acho que ele acredite nisso.

— E Connor não é um gênio. Lily não é viciada em sexo. Daisy não é uma supermodelo. E eu tenho fantásticos companheiros de faculdade que me perguntam sobre *qualquer* coisa além de sexo a três.

— Eu não sei em que mundo você está vivendo, — brinca Lo, — mas isso soa fodidamente estranho.

Ryke ri, seus olhos se iluminando.

— Você pode ficar aqui o quanto quiser, — professa Lo, com a voz cheia de sinceridade.

— Só hoje à noite, — diz Ryke. — Eu amo você e Lily, mas eu não posso estar perto de Connor por tanto tempo.

— Eu pensei que eu não seria capaz de aguentar a Rose por muito tempo também, mas estou aqui a dez meses, e ela nem sequer me matou ainda. — Seus braços caem para as minhas pernas, me levantando mais em seu colo para que nossos peitos se toquem. Aconteceu do nada.

Flertar deve ser cheio de avanços sem medo como este.

Em algum lugar em nossa linha do tempo juntos, o medo se infiltrou e invadiu nossa paz. Espero que isso mude de vez.

— Por que você não gosta de Connor? — Daisy pergunta a Ryke, afastando minha atenção de Loren Hale.

— Ele é simplesmente irritante.

Acho que todos sabemos que há mais nessa história.

— Ele é legal, — Lo diz facilmente. — Eu sou irritante, e de alguma forma você gosta mais de mim?

— Você não é tão irritante assim. — Ele passa a mão pelo cabelo, não explicando *por que* Connor lhe dá nos nervos.

— É isso? — Lo pergunta com as sobrancelhas franzidas.

Ryke balança a cabeça. Leva um momento para reunir seus pensamentos. Então ele diz, — Você deixa todos verem *todas* as partes de você, e Connor oferece uma porção muito pequena de si mesmo. Eu não gosto de ver você ficar vulnerável na frente de alguém que usa mais armadura do que você pode ter. Não é justo, e é uma coisa de merda do Connor fazer isso com você.

Lo deixa as palavras do seu irmão afundar, e meu estômago se vira com a ideia de que Connor pode ferir Lo. Eu nunca sequer considerei isso. Nem uma vez.

— Eu não me importo tanto quanto você, — Lo diz ao irmão, apesar de sua testa se enrugar como se Ryke tivesse plantado uma semente. Ele nunca pensou nisso antes. Nem eu.

— E eu não entendo por que isso fodidamente acontece.

— Você disse que ele usa armadura e eu estou o que - nu? Eu não acho que ele vai se virar e me esfaquear... então eu estou feliz com a nossa amizade. — Lo faz uma pausa e esfrega os lábios em contemplação, e ele deixa por isso mesmo.

Com o silêncio, eu roubo o controle remoto de Lo e aumento o volume da transmissão de Ano Novo. — Estamos aqui na Times Square... — o anfitrião anuncia alegremente.

— Ei, — diz Ryke, atirando pipocas na Daisy. Uma vai direto para seu olho. Ele não se desculpa. — O que você está fazendo na casa da sua irmã?

Daisy pega uma pipoca do cabelo e cruza as pernas. — Eu apenas decidi ficar aqui.

— É mais do que isso, — diz Lo, trocando um olhar preocupado com Ryke. Como alguém que ficou na ponta recebedora da força fraternal deles, é muito difícil *não* sucumbir às suas exigências.

Daisy não tem chance.

E enquanto eu deveria ser toda Poder Feminino, Team Calloway - eu me importo demais com minha irmã para ficar cega em relação a ela. Eu só espero que ela não use a única munição que ela tem contra nós. Lo e eu fizemos sexo na cozinha. Isso é definitivamente algo que ela pode arremessar em Ryke para tirar o calor de sua situação.

Isso me assusta, mas seu bem-estar significa mais do que abrigar nossa mentira.

Daisy sacode a cabeça. — Estou bem.

— Você estava chorando, — diz Lo.

— O quê? — A carranca escura de Ryke lança uma sombra sobre a sala.

— Foi apenas as pessoas da escola preparatória sendo rudes, não meus amigos mais próximos, — diz Daisy vagamente. — A parte do choro foi um acidente... desculpe.

O rosto de Ryke se contorce em confusão e agitação. Ele joga um punhado de pipoca nela. Eu me estico em Lo para alcançar a poltrona de seu irmão e tirar o pacote de suas mãos. Ele mal percebe que eu tomei o lanche dele.

— Você está fodidamente se desculpando por *chorar*? — Ele rosna.

— Eu acho que sim.

Ryke balança a cabeça repetidamente enquanto eu mastigo a pipoca e olho entre eles, minha cabeça chicoteando de um lado para o outro.

Lo cava a mão no pacote para comer um pouco também.

— *Não faça isso*, — diz Ryke.

— Você não chorou sobre *seus* amigos, — afirma Daisy.

— Eu invadi aqui xingando todo mundo. Você pode mostrar alguma emoção humana, Dais. Eu mostrei.

Daisy se move novamente como se não pudesse se sentir confortável. Ela esmaga um travesseiro no colo e eu prendo a respiração, esperando que ela distraia Ryke agora mesmo com nossos problemas. Ela diz, — Tudo bem se não falarmos sobre isso?

Eu exalo.

Os músculos de Ryke se contraem. Ele claramente não quer desistir disso. Daisy tira suas botas, um pouco mais nervosa do que eu a vi pela última vez. Ela olha a *porta*. Imagino minha destemida irmã correndo pelas estradas escuras em sua motocicleta.

A morte vem a seguir.

— Daisy, — eu digo em aviso.

— Você não vai embora, — diz Lo.

Eu aceno de acordo. — Todos nós queremos você aqui.

— Eu vi sorvete na geladeira, — Ryke diz enquanto ele levanta. — Eu posso trazer uma tigela para você.

— Eu tenho uma sessão de fotos...

— Corra comigo amanhã de manhã.

Okaaayy... isso soou mais como uma proposta para um encontro, mas tudo sobre o Ryke é meio sexual. O jeito que ele se levanta, a maneira como ele se move. Aposto que ele pensa em sexo com a mesma frequência que eu também penso.

— Parece um encontro, — Daisy diz exatamente o que eu estava pensando. Eu não posso dizer se ela está esperando que seja. *Ela tem dezesseis anos. Ele tem vinte e três anos*. Ela pode ter uma queda por ele, mas não pode progredir além disso.

Eu descanso minhas mãos no peito de Lo, seus músculos duros como uma rocha, muito rígidos agora.

Ryke ficou tenso. — Não é, Calloway. Eu corro com Lo o tempo todo e somos apenas irmãos.

— Então, eu sou como sua irmã, então? — Ela pergunta.

Boa pergunta, eu penso, cavando mais pipoca na minha boca.

Seu rosto escurece. — Não.

— Então o que eu sou?

— Minha maldita amiga. — Suas sobrancelhas sobem. — Mais alguma pergunta?

Ela sorri fracamente. — É só isso.

— Vou pegar uma tigela de sorvete, — diz ele. — OK?

— Ok. — Ela morde o lábio e ele vai para a cozinha. Quando ele desaparece, Lo e eu olhamos para Daisy, que se agora está girando o botão no travesseiro.

— Obrigado, — Lo sussurra para ela, — por não nos dedurar.

— Mesmo que você tenha me dedurado, — ela termina. Ela é esperta demais para nós.

Os olhos dele se estreitam. — Isso é diferente.

— Eu espero que seja, — ela sussurra de volta.

— É, — ele diz inflexivelmente. — Você está fazendo a coisa certa.

Ela balança a cabeça, e então Ryke retorna com uma tigela de sorvete de chocolate duplo. Ele coloca nas mãos dela e depois limpa a pipoca do sofá antes de se sentar ao lado dela.

Lo beija minha bochecha, arrancando meu olhar deles e sobre ele. Eu gosto mais dessa visão.

Eu sorrio. — Você acha que Rose está passando seu cartão V hoje à noite?

— Definitivamente.

Nós todos ficamos quietos enquanto assistimos algumas bandas se apresentarem na Times Square. Eu descanso minha cabeça no ombro de Lo, e trinta minutos passam antes que os ruídos aumentem... do lado de fora.

— Ele *não* estava flertando comigo. Sua definição está errada.

Isso é cem por cento da voz feroz de Rose.

— Que diabos? — Diz Lo. Ele encontra o controle remoto no meu colo e silencia a televisão.

Em seguida, a porta se abre com tudo.

Vestido com um smoking caro, Connor abre a porta enquanto Rose passa por ele em botas de inverno de dez centímetros, um vestido preto e casaco de pele branca. —Flertar, — diz Connor, — se comportar de uma maneira que mostre atração sexual. Você pode aceitar minha definição ou podemos consultar o Dicionário, embora a minha definição seja mais precisa.

Eu sussurro em voz baixa para Lo, — Eu acho que Rose ainda é virgem.

— Eu também acho.

— Eu sou tão boa em pegar sinais, — responde Rose, ainda em uma batalha verbal com Connor. — Eu sei quando alguém está flertando comigo, Richard.

Ele fecha a porta, dificilmente perturbado pelo que aconteceu. Ele usa apenas diversão em seus profundos olhos azuis, enquanto Rose bufa mais e sopra como um lobo pronto para derrubar a casa de um porco. E então ele fala em francês fluente, tão facilmente que as palavras soam como mel dourado de sua língua.

Ela responde de volta em um francês irritado.

Parece violento.

Eles se enfrentam como se estivessem duelando. — Tudo o que eles precisam são de algumas varinhas, — eu sussurro para Lo.

— Eu nunca vou entender o pessoal da Corvinal, — ele me diz. Connor e Rose pertenceriam à casa mais inteligente do mundo dos bruxos. Sem dúvida. Antes que o chapéu seletor tocasse suas cabeças, ele gritaria *Corvinal*!

— Luna Lovegood é muito legal, e ela é da Corvinal, — eu digo quando Rose arqueia as costas e se aproxima de Connor.

Connor ri de algo que ela disse em francês, seu sorriso de um milhão de dólares muito brilhante para conter.

Lo diz, — Só porque Luna Lovegood gosta das outras casas tanto quanto gosta da dela.

Eu olho entre Rose e Connor. Mesmo que eles sejam tão espertos, eles passam muito tempo em nosso reino de ser.

Eles são meus corvinais favoritos que já existiram.

— Connor não acredita em mágica, — Lo me lembra.

— Eu acho que Rose poderia convencê-lo.

— Talvez. — Lo levanta a voz para que eles possam ouvi-lo. — Vocês dois não deveriam estar em um hotel agora? — Ele não acrescenta *fazendo sexo*, mas a idéia é declarada em silêncio. Pelo menos para mim é.

Rose vira a cabeça para nós, registrando nossa presença. — A festa estava horrível.

— A festa estava chata. Há uma diferença, — diz Connor com facilidade. Ele toma nota do seu entorno, nos examinando na poltrona e, em seguida, Ryke e Daisy no sofá.

Rose avista nossa irmãzinha com a mesma rapidez e caminha ao redor do sofá para se aproximar, Connor ao seu lado. — O que vocês dois estão fazendo aqui?

— Ambas as nossas fodidas festas estavam uma merda, — responde Ryke. E percebo a rapidez com que ele conseguiu tirar um holofote de Daisy. Exatamente o que ela iria querer.

Lo levanta as mãos. — Estou confuso. A festa era no seu quarto de hotel? — Lo pergunta como se ele fosse o único a pensar logicamente. — Caso contrário, você poderia ter deixado a festa sem vir para cá. — Ele dá a Connor um olhar do tipo *que porra aconteceu*?

— Não somos mais bem-vindos naquele hotel em particular... para a eternidade. Essas foram as palavras exatas do gerente. — Connor afrouxa a gravata borboleta. — Eu não o culpo por pensar que somos imortais. Em algumas civilizações pré-clássicas, eu seria considerado um deus.

Os olhos amarelo-esverdeados de Rose fazem furos em Connor. — Parabéns, você é oficialmente o ser humano mais cheio de si do planeta Terra. — *Na verdade seria o Homem de Ferro*. Mas eu seguro minha língua.

— Na verdade é o Homem de Ferro, — diz Lo. Eu literalmente me levanto como se estivesse flutuando. Eu o beijo nos lábios, tão de repente que acho que ele também foi pego de surpresa.

Rose segura a mão para ele tipo *fique fora disso*.

Lo não se importa. Seus olhos se fixam em mim com questionamento e desejo. Como se ele quisesse me beijar novamente. Mas eu paro. Eu mostro a

ele que posso.

Eu não quero sexo.

Apenas um beijo.

Como em Cancun. Quando eu estava na estrada para me recuperar verdadeiramente. Eu vou estar lá novamente. Eu posso sentir isso.

Hoje é um dia muito bom.

Seus lábios se levantam, dizendo tudo o que precisa ser dito.

Ele está orgulhoso de mim.

Eu olho de volta para minha irmã mais velha. Connor sorri para ela e fala francês. *Droga*. Eu abro meu celular e tento entrar em um tradutor, mas ele fala rápido demais para eu digitar as palavras. É em momentos como esse que eu gostaria de ter meu telefone mais agradável e mais novo com recursos de aplicativo que traduz por som, sem necessidade de digitação manual.

Eu considero pegar o telefone de Lo, mas uma das minhas mãos ainda está no saco de pipoca.

Felizmente, Rose volta a falar nossa língua. — O gerente estava exagerando.

— Claramente, — diz Connor, — mas isso não muda o fato de que fomos expulsos hoje à noite.

As engrenagens no meu cérebro começam a girar. Meus olhos se arregalam em realização, e eu tusso, engasgando com uma pipoca. Lo bate nas minhas costas. Ele me entrega o que costumava ser a água de Ryke. Isso grosseiramente se tornou comunal. Instinto de sobrevivência me atinge e eu bebo mesmo assim.

Rose. Ela encontrou uma maneira de evitar a suíte de Connor sem traí-lo ou colocá-lo em uma posição desconfortável. Ela conseguiu fazer com que o hotel *expulsassem eles*.

Ela é corajosa e um pouco maluca. Não teria sido mais fácil dizer a ele que ela não queria fazer sexo?

— Eu quebrei *uma* garrafa de champanhe no saguão, — afirma Rose. — A punição dificilmente foi justa.

— Você chamou o gerente de cretino superdimensionado, — diz Connor com uma sobrancelha arqueada. — E o que você fez *não* foi um acidente.

— E? — Ela responde defensivamente.

— Se você queria ir para casa, querida, tudo que você tinha a fazer era dizer.

Ha! Eu sugeri isso para ela, não foi? Eu espero que sim. Não me lembro muito dessa conversa telefônica. As mãos e os lábios de Lo estavam viajando para lugares perigosos durante todo o tempo.

— Então você teria vencido, — diz ela.

Ele a encara. — Eu já venci.

— Mas...

— Sexo não é um prêmio para mim. Eu não sei quantas vezes eu tenho que te dizer isso para você acreditar.

Eles começam a falar em francês de novo, e Lo me aproxima mais de seu peito, apoiando o braço em volta do meu colarinho. Eu pego o controle remoto e aumento o volume da televisão, que está pendurada acima da lareira.

— Trinta segundos, — o anfitrião faz a contagem regressiva.

Eu penso no último ano novo em que Lo estava na reabilitação, onde passei a maior parte da noite com Daisy, onde nos sentamos no carro de Ryke - presos no trânsito - quando o relógio bateu à meia-noite.

— Vinte segundos.

Agora estou nos braços de Loren Hale.

Ele está sóbrio.

Estou em recuperação.

Eu não tinha certeza se estaríamos nesse lugar. Eu olho para Daisy, que equilibra a colher no nariz com um sorriso brilhante - o primeiro sorriso genuíno que eu vi dela hoje à noite. Ryke olha para ela por um longo momento antes de mexer no cabelo dela com a mão. A colher cai no colo dela.

Connor e Rose estão a apenas alguns centímetros de distância da mesa de café, com as mãos nos quadris. O peito dela sobe e desce mais rápido que o dele, mas o olhar dele está grudado em Rose, aprisionado, como se ela fosse além de linda - como se ele pudesse toma-la ali sem hesitação.

Eu volto meu olhar para Lo e descanso meus joelhos em ambos os lados de sua cintura, montando nele.

— Dez segundos, — declara o anfitrião.

— Eu senti sua falta no ano passado, — Lo murmura, sua mão na minha bochecha, seu polegar acariciando minha pele.

Beijo sua mandíbula afiada e, antes de me afastar, ele beija a parte externa dos meus lábios, nervos cantando ao toque. *Sim.*

— Se lembra de quando éramos pequenos? — Eu sussurro. — Você me perseguia antes da meia-noite.

— Oito! — Falam da televisão. — Sete!

Os dedos de Lo penteiam meu cabelo enquanto ele segura meu rosto. — Você sempre ficava sem fôlego.

Eu sorrio. — Eu queria que você me pegasse.

Seus olhos âmbar dançam ao longo dos meus traços, como se ele estivesse gravando cada detalhe. — Eu imaginei.

— Cinco!

— Me pegue, — eu sussurro.

— Quatro!

— Eu já peguei, — ele murmura.

Nossos corpos se pressionam juntos, como se nunca tivessem se separado, não por três meses ou anos ou a qualquer momento.

Seus lábios tocam os meus, sua mão segurando meu cabelo. Eu chego ainda mais perto de seu corpo, o beijo me magnetizando para ele.

— Um!

Neste momento, todo o resto é apenas um plano de fundo para a nossa história.

Leva alguns minutos para ouvir os aplausos da televisão, as pessoas da Times Square comemorando com confetes e mais beijos.

Connor e Rose estão totalmente se pegando. Com beijos apaixonados e poderosos que ocorreriam depois de emoções reprimidas de uma briga. Ele está no controle, uma mão na bunda dela, seus lábios nunca se desconectam quando ele a leva para trás. Os ombros dela batem na parede.

— Uou, — eu digo. Antes de Lo cobrir meus olhos, eu movo o meu olhar. Eu não quero ficar excitada com *isso*. Quão embaraçoso - da minha parte.

— Vocês percebem o que isso significa? — Daisy pergunta, chamando minha atenção para o sofá.

No começo, acho que ela está falando sobre Connor e Rose. Para mim, isso significa que seu amor nerd está em órbita total. Onde deveria estar.

Mas os olhos dela não estão neles. Ela está olhando para a tela da TV, e Ryke tem a mão no sofá atrás da cabeça dela. Eles não parecem ter compartilhado o beijo de Ano Novo, mas eu me pergunto se eles pensaram sobre isso. Mesmo que por um segundo.

— O quê? — Eu pergunto.

Ela olha para frente, pensando, nem animada nem assustada. — Em alguns dias, vamos ser filmados. — Ela faz uma pausa. — Para um reality show.

Oh.

Merda.

PARTE DOIS

"É assim que eu sobrevivi. Todas as vezes. Esse é o meu segredo. Eu sobrevivi porque eu tive vontade... Como sobrevivi ao fogo apocalíptico? Eu simplesmente me recusei a sentir as chamas."

– Emma Frost, Reinado Sombrio: Cabala Vol. 1 #1

{ 12 }

0 anos : 05 meses Janeiro

LOREN HALE

— Então você tem que filmar tudo o que fazemos? — Eu pergunto ao cara da câmera baixinho e rechonchudo. Brett não pode ter mais de vinte e cinco anos. Quando Lily explicou o reality show, meu primeiro pensamento foi *porra, não*. Por que nós voluntariamente participaríamos desse tipo de tortura? E então ela começou a gaguejar sobre como isso poderia aliviar a culpa e como as pessoas poderiam nos ver como um casal de verdade.

Ela só me convenceu quando disse, — Estou fazendo isso, Lo. Com ou sem você. Então, se é sem você, nós não vamos nos ver tanto assim por seis meses.

Seis meses sem ela.

Isso nunca aconteceu antes.

Eu tento vasculhar meu cérebro atrás de uma memória que não é composta por Lily durante esse período de tempo, e eu não consigo achar uma. O único futuro que quero é aquele que acaba com ela.

Se isso significa participar de um reality show, eu posso fazer isso. Fácil. Todo o drama será fornecido por nós.

Eu fico do lado de fora da porta do nosso quarto. Na casa de Princeton. Olhando para baixo para uma Canon Rebel e o cameraman atarracado por trás dela. Lily se agarra à moldura da porta, protegida pelo meu corpo.

Exatamente onde eu a quero neste momento.

Brett permanece quieto, mas meu olhar deve motivá-lo porque ele finalmente diz, — Eu não posso falar com você. Você sabe... — Ele limpa a garganta. — A quarta parede.

Eu levanto minhas sobrancelhas. Interessante. — Então você só vai ficar parado aí, em *silêncio*, não importa o que aconteça?

Ele concorda.

Talvez eu tenha superestimado o quão terrível isso seria. Nenhuma pergunta investigativa? Sem interferência do cinegrafista? Nós podemos fazer o que quisermos.

Hã.

Eu olho de volta para Lil, que usa um macacão preto e colar de ouro. Uma roupa escolhida por Rose. Aparentemente, as meninas têm que usar roupas da Calloway Couture - para promoção.

Felizmente, ela não se *parece* com Rose.

Ela ainda tem aquele rosto redondo delicado, os braços e pernas desengonçados. Ela é adorável. Em todos os sentidos da palavra. E ela é toda minha para cuidar.

Eu dou um passo mais perto de Lily e descanso minha mão acima da cabeça dela. Quando eu olho para ela, ela separa seus lábios em questionamentos como se dissesse, *você está flertando comigo?*

Eu forço de volta um sorriso. *Sim, estou flertando com você, Lil.* Eu empurro qualquer preocupação para a parte de trás da minha cabeça. Ela pode lidar com isso sem fazer sexo. Ela tem que lidar com isso. Porque não podemos foder toda vez que eu a tocar *desse* jeito.

Com uma mão sobre sua cabeça, a outra cai para a bainha de seu macacão. Eu deslizo meu dedo no laço do cinto em seu quadril e faço uma pausa.

Sua respiração engata, o olhar dela flutuando dos meus lábios de volta para os meus olhos. E então seu pescoço fica vermelho. Ela olha para a maldita câmera.

A coisa é - temos mais liberdade de ação quando o assunto é demonstrações públicas de afeto agora que as câmeras nos seguem. Em vez de Rose pensar que estamos fazendo mais sexo, nós apenas falamos que estamos fazendo isso pelos telespectadores em casa. Rose raramente me censura agora.

Enquanto Lily puder lidar com isso, nós ficaremos bem.

Eu agarro sua cintura. Meus dedos mergulham abaixo do seu quadril, o tecido do macacão é muito mais macio do que o jeans que ela normalmente usa.

Suas costas arqueiam contra a moldura da porta, e seus braços voam em volta do meu pescoço. Eu me inclino para beijá-la e ela tenta me encontrar no meio do caminho. Eu recuo um pouco e ela pega ar.

Sua boca cai, sem fôlego. — Não é justo.

— Você não ouviu? — Meus lábios se curvam para cima. — Eu sou o maior provocador em Princeton. — Faço uma pausa, sorrindo mais. — E Filadélfia.

Ela dá um soco leve no meu braço.

Minhas sobrancelhas se levantam. — Isso é um toque de amor?

Ela me bate mais forte.

Eu esfrego meu braço e zombo. — Você está malhando, Lil?

Ela levanta o braço e flexiona o "músculo", que é uma protuberância muito pequena. — Ryke me deu um peso de 3 quilos para o meu aniversário, lembra? Ele disse que eu precisava ficar mais forte.

Eu lembro. — Esse foi um presente de aniversário de merda.

— O seu foi melhor, — ela declara com um sorriso caloroso. Foi um presente atrasado, de propósito. Durante a Comic-Con, consegui que alguns dos artistas assinassem os quadrinhos favoritos dos *X-Men* de Lily. Ajudou que nos separamos quando ela foi ao painel do diretor. Voltei ao andar da convenção apenas para conseguir as assinaturas.

O cinegrafista próximo preenche o curto silêncio, gemendo quando se aproxima de nós. Lily congela novamente.

Brett pergunta: — O que você deu para Lily?

Eu fecho a cara. *Tanto por não fazer perguntas.* — Você nos disse que não podemos falar com você, mas você pode falar com a gente? — Como diabos isso funciona?

— Sim, — diz ele evasivamente.

Eu franzo as sobrancelhas e faço uma careta ao mesmo tempo.

Brett dá um passo para trás. — Você não precisa responder, — ele murmura baixinho.

Ele provavelmente está com medo de que eu tire a câmera das mãos dele. Algo que Ryke fez aos paparazzi antes e foi severamente multado por isso.

Eu olho direto para Brett e pergunto, — Você quer saber como eu sacio uma viciada em sexo? — Quando eu mudo o meu olhar para Lily, ela já segura a respiração. Inclino seu queixo para cima, forçando seus olhos para os meus.

E então eu a beijo. Profundamente. Apaixonadamente. Como se tivéssemos nascido para compartilhar oxigênio. Eu separo seus lábios com a minha língua, a provando, e então me concentro em seu lábio inferior. Eu sugo suavemente, e sua perna instintivamente sobe até o meu quadril, silenciosamente desejando que eu me encaixe entre suas coxas. Eu quase endureço, especialmente quando ela se agarra mais a mim, coberta com uma necessidade forte e febril.

Ela mostra sua insaciabilidade com cada gemido violento e se esfrega contra mim. Eu alimento isso com cada movimento grosseiro e áspero que bate contra o seu corpo magro. É uma fome que só compulsivos e viciados conhecem bem. É por isso que as pessoas olham para longe quando nos beijamos. O desejo cru agarra meu pau, meus pulmões, minha mente. Meus lábios vão até o pescoço dela, e minha mão percorre perigosamente a borda entre sua cintura e seu

abdômen.

Quando nos beijamos com força total novamente, minha cabeça explode e eu perco o senso do que me rodeia. Eu não me importo com mais ninguém além de Lily. Eu levanto a mão dela acima da sua cabeça, enlaçada com a minha como já fiz tantas vezes antes.

Ela geme durante o beijo, mas nós não paramos.

Eu vou amar Lily como eu quero amá-la.

Esmagadoramente, intransigente.

Olhe para o lado, se for preciso.

Minha mão no quadril dela cai para entre suas pernas dela e eu aperto. Ela tenta abafar o choro, mas isso escapa de seus lábios. Eu sorrio entre o beijo enquanto ela move as mãos para o meu peito e me empurra para trás.

Seus olhos voam para a câmera.

Essa pode ter sido a primeira vez que ela me rejeitou - desde que viramos um casal oficial.

Jesus, talvez este reality show faça algum bem.

Meus lábios ardem. Ela respira pesadamente.

Eu sigo seu olhar e meu sorriso se estica.

As bochechas de Brett estão vermelhas, e ele faz um esforço concentrado para evitar nossos olhos.

Lily disse que sentia falta da provocação. Eu não percebi o quanto eu também sentia, até agora.

Um fino brilho de suor está reunido na minha testa. — Você está quente e incomodado, Brett? — Eu pergunto a ele.

Ele faz um barulho desconfortável que soa como um grunhido. — Você não pode...

— Falar com você? Certo. — Eu mostro meio sorriso.

Seis meses de um reality show - podemos fazer isso. Fácil.

O celular da Lily toca. Ela tira o celular do bolso e as seu humor muda. — Rose está perguntando sobre degustação de bolo.

Eu tento suprimir o medo, mas tenho certeza de que ele passa pelo meu rosto. Eu não sou Connor Cobalt. Eu não posso esconder o que estou sentindo. — O que você quer no casamento? — *Nosso* casamento. Agora eu realmente faço uma careta. *Merda.* Eu me seguro para não olhar de volta para as câmeras.

Nós vamos casar pelo bem da aparência, mesmo que seja real. Eu amo cada parte de Lily, mas eu odeio que este dia esteja sendo ditado por sua mãe e meu

pai.

Eu prefiro apenas fugir.

Mas isso não faz parte do plano de "reabilitação de imagens".

— Eu realmente não me importo, — diz ela em voz baixa.

Eu dou de ombros. — Eu também. Apenas diga a ela para escolher.

Lily concorda com a cabeça, os ombros caídos.

Quando ela termina de mandar uma mensagem de texto, eu a puxo para perto e a envolvo em meus braços. Eu não digo nada. Eu apenas a abraço.

Seis meses até nosso casamento - sim, a merda acabou de ficar real.

{ 13 }

0 anos : 05 meses Janeiro

LILY CALLOWAY

Em apenas três dias, nosso mundo se distorceu. Se isto é uma mudança terrível ou catastrófica, é para ser visto ainda.

— Você já viu os banheiros? — Daisy me pergunta, caindo na minha cama.

— Ainda não, — eu digo. *Eu estou em outra missão.*

Caixas de papelão vazias cobrem o chão do meu novo quarto em uma casa na Filadélfia. Ainda não consigo encontrar minha rede da cama. Ou o pessoal da mudança pegaram para si ou Lo jogou fora quando estávamos desfazendo as caixas. Eu não percebi que tinha criado um apego à coisa até perdê-la. Fingir estar em um safári à noite não será o mesmo.

Eu cautelosamente olho para a porta no caso de Brett ou Ben ou Savannah (o trio de câmeras) entrarem em meu novo quarto para nos filmar.

Eu preciso ficar incógnita por alguns minutos. Eu iço meu corpo na cômoda que acabaram de deixar aqui. Com uma vassoura na mão, eu tenho um pouco de dificuldade, mas consigo ficar de pé.

Daisy coloca seus longos cabelos loiros em um coque alto e bagunçado. — O que você está fazendo?

— Procurando intrusos, — eu digo. *Do tipo elétrico, do tipo pervertido*. Nos corredores, na sala de estar, na cozinha e em outras áreas comuns, as vigas até o teto, estão equipados com vários fios e câmeras. Rose disse que tivemos que nos mudar para obter um som melhor, mas os contratos dizem que não podemos ser filmados nos quartos.

Eu não vou arriscar.

O mundo já pensa que sou uma maluca sexual. Eu não quero que eles tenham imagens dos atos *privados* entre Lo e eu. Com a ponta da minha vassoura, eu cutuco os fios e uma caixa preta de aparência suspeita. Eu estou na ponta dos pés.

Oh meu Deus.

Há tanto espaço entre as vigas que um corpo inteiro poderia engatinhar em

cima delas, igual eles fazem no exército, e então eles podem se pendurar como em Missão Impossível e nos filmar enquanto estamos dormindo.

— O que há de errado?

Eu giro com a voz de Lo e a cômoda balança debaixo dos meus pés descalços. Enquanto eu me concentro em não cair, Lo me pega em seus braços e me deixa segura no chão.

— Você está limpando? — Lo pergunta com as sobrancelhas levantadas. — Porque eu *nunca* vi você pegar uma vassoura.

— Ela estava checando por intrusos, — Daisy diz a ele, com as pernas cruzadas na ponta da minha cama.

Lo franze a testa. — Eu pensei que Rose já tivesse contratado um exterminador. — A casa é velha, o que deixou a Rose mais chateada do que qualquer outra pessoa. Ela gosta de áreas limpas, não de mofo, rangidos e fendas cheias de teias de aranha e ocasionalmente de pernilongos gigantes. Eu não me importo muito. Talvez porque eu fique muito focada nas câmeras.

— Não esse tipo de intrusos. — Eu aponto para a caixa preta. — Isso é uma câmera.

Ele faz uma careta e então ele segue meu dedo. — Isso parece uma bateria.

Sério? Meu pescoço se aquece. — Eu só queria checar. — Agora eu sou uma aberração compulsiva e *paranoica*. — Crawlers podem estar lá em cima também.

Eu percebo que isso não faz sentido algum para as pessoas do lado de fora do meu cérebro.

O professor Xavier teria entendido.

Lo coloca a mão na minha cintura e me puxa para seu corpo. — Eu vou verificar as vigas com Ryke.

— Crawlers são pessoas, — eu digo, sem jeito.

Ele apenas sorri. — Eu imaginei.

Eu suspiro. — Você pode ler minha mente agora? Seu superpoder finalmente entrou em ação.

— Não, — ele respira fundo, olhando para mim. — Eu apenas te conheço muito bem.

Oh. — Você vai me contar quando conseguir usar o seu superpoder?

Ele assente, e seus dedos deslizam pela base do meu pescoço. Eu amo que ele está me tocando muito mais. — Mas eu tenho que te avisar, eu posso não posso ter um superpoder.

— Tudo bem, — eu digo. — Às vezes eu gosto da ideia de ser mortal com

você.

Lo se inclina para me beijar, mas um *barulho* alto nos separa. Brett tropeçou em uma lâmpada no chão, caindo de joelhos.

— Boa pegada, — diz Lo secamente. Brett não largou a câmera, mas ela está amarrada ao seu peito com um dispositivo estranho que parece um colete à prova de balas, só que de plástico. Eu acho que Connor chamou isso de steadicam.

Ryke passa pelo nosso quarto e para quando ele percebe Brett. Ele o ajuda a ficar de pé e depois entra. — Vocês já viram os banheiros?

Daisy perguntou a mesma coisa. Eles devem saber de algo que não sabemos.

— Ainda não, — diz Lo, não tão preocupado quanto eu estou agora.

Daisy se levanta da minha cama, e nós quatro ficamos em um silêncio embaraçoso.

Estamos todos morando juntos.

Isso nunca aconteceu.

É novo e estranho e algo que a produtora queria tanto. É a grande razão para nos mudarmos para essa casa. Os seis meses de filmagem de *Princesas da Filadélfia* ficaram muito mais interessantes.

Daisy quebra o silêncio. — Eu nunca vivi com um cara antes, — ela exclama, apenas colocando isso para fora com mais confiança do que eu teria. Ela ficará na mesma casa que Lo, Connor e Ryke. Eu passei a maior parte do meu tempo morando com Lo, então não é tão diferente para mim.

Ryke e Lo compartilham um olhar que eu não consigo decifrar e Ryke diz — Deve ser semelhante ao que você está acostumada.

— Eu duvido disso.

— Por quê? — Pergunta ele.

— Eu não estou acostumada a rapazes de dois metros de altura dormindo dois andares acima de mim. — Daisy escolheu o porão, de todos os quartos. Ela disse algo sobre chegar em casa tarde de sessões de fotos e não querer acordar todo mundo. As escadas fazem barulhos. E ela é legal. Essa combinação levou-a para o quarto mais escuro.

Eu prefiro tê-la aqui em cima.

Cheirava a xixi de gato no porão e, como Sadie, a gata de Connor, agora também está morando conosco - ela poderia ter sido a culpada e já ter escolhido seu primeiro alvo.

Sadie é uma criminosa nata.

— Eu tenho um metro e noventa e três, — Ryke corrige com as sobrancelhas franzidas.

Daisy encolhe os ombros. — Mesma coisa.

— Não, — Ryke diz uma única palavra.

Daisy tenta não sorrir. — Eu também nunca compartilhei um banheiro com um cara antes.

Lo e eu franzimos a testa juntos. Ele faz a pergunta primeiro. — Você não tem seu próprio banheiro no andar de baixo?

O sorriso de Daisy desaparece e ela troca um olhar com Ryke. Ok, todo mundo está compartilhando olhares sem mim. Eu me sinto como a garota escolhida por último para jogar queimada.

— Você não tem um banheiro? — Eu digo, tentando encontrar a resposta aqui.

— Hum, talvez vocês dois devam vir dar uma olhadinha nos banheiros, — diz Daisy, tendo que passar por cima de uma caixa e passar por Brett para chegar à porta.

Nós a seguimos.

— O chuveiro é nojento? — Eu pergunto.

Lo aperta minha mão enquanto andamos. — Talvez eles tenham encontrado mofo ou algo assim.

Boa teoria. — Talvez uma tartaruga tivesse dado a luz na banheira.

Lo considera isso e depois diz — E o chuveiro é definitivamente cheio de cobras.

— Macacos, — acrescento. — Há um ninho de macacos no armário. — Eu imagino *Jumanji*, um completo zoológico dentro do banheiro com hera e plantas mortais. As abelhas assassinas vêm em seguida.

— Macacos não têm ninhos, — diz Lo. *Onde os macacos moram então?*

— Vocês dois são fodidamente estranhos, — diz Ryke. Nossa imaginação é vasta. Não ajuda o fato de amarmos histórias em quadrinhos mais do que a realidade.

Ryke e Daisy param abruptamente no meio do longo e estreito corredor. Eu quase esbarro no peito de Ryke, e quando dou um passo para trás, bato na câmera de Brett.

— Desculpe, — murmuro. Eu claramente não me dou bem em espaços confinados.

Vozes do andar principal abaixo escorrem pela escada.

— Viajando para algum lugar, Scott? — Rose estala. — Espero que para a Califórnia onde você é realmente necessário. — Rose soa mais irritada do que o normal.

— Quem é Scott? — Daisy pergunta em um sussurro.

Eu acho que ela é a única sem essa informação. Alguém deveria ter dito a ela mais cedo.

— O produtor, — Ryke diz, — do show.

Considero aproximar-me da escada para ver se consigo vê-lo. Rose passou muitas noites reclamando do produtor misógino. Ela tem que lidar com ele, pelo bem do reality show.

Meus pés ficam colados às tábuas do assoalho, ansiosos demais para ver os banheiros para se mover.

— Eu sou necessário aqui, — diz Scott. — Só leva tempo para as pessoas perceberem o que é bom para elas.

Ryke cruza os braços sobre o peito, ouvindo atentamente com Daisy e Lo. Eles estão todos escutando enquanto eu fico louca pelos banheiros.

Eu realmente não acho que os macacos estão em nossos armários.

Porém, eu não descarto a possibilidade de tartarugas.

Lo sussurra, — Eu já odeio esse cara.

— O mesmo, — diz Ryke. — Se ele foder com uma das meninas...

— Isso não vai acontecer, — corta Lo. — Connor já fez uma verificação de antecedentes sobre ele.

— Eu não tenho tanta fé em Connor quanto você tem, — Ryke sussurra.

Lo dá um tapinha nas costas de seu irmão e diz, — Então, tenha fé em mim. — Ele conhece Daisy, Rose e eu quase toda a sua vida. Lo não deixaria Scott nos assediar.

Ryke solta um suspiro tenso e apenas assente com a cabeça.

Eu conto cinco portas ao longo deste corredor. Daisy tem a mão em uma maçaneta de metal de uma das portas. Esse é o banheiro do corredor então?

Eu pego o final do comentário de Scott. — ... mostrar seus seios aumentaria a audiência.

Meu queixo cai. *O que?!*

— Enfiar meu pé na sua bunda também, — Rose refuta.

Lo cerra os dentes.

— Eu estou indo até lá, — Ryke sussurra.

— Não, — diz Daisy, agarrando Ryke pelo antebraço. Ela o para antes de

seguir pelo corredor. — Precisamos mostrar os banheiros a Lo e Lily. E Rose não vai gostar de você ir defendê-la.

— Sim, — eu concordo. — Rose pode lidar com qualquer coisa.

Ryke relutantemente redireciona seu curso de ação, e ele descansa a mão nas costas de Daisy, dizendo-lhe silenciosamente para abrir a porta do banheiro.

É isso.

A velha madeira range quando ela a abre. Todos nós entramos devagar, e minha boca simplesmente cai mais. Nenhuma tartaruga ou macacos ou até mesmo mofo.

Os *dois* chuveiros são grandes. Grandes demais, na verdade. Como se eles fossem feitos para fins comunitários. Oh meu Deus. E se eles foram feitos especificamente para orgias? E se a produção acredita que vou ficar com *várias* pessoas aqui?

— O que é isso? — Pergunta Lo com um olhar profundo.

— Estamos todos compartilhando um banheiro, — anuncia Ryke, encostado em uma das quatro pias.

— Rose teria dito alguma coisa... — Eu paro.

Daisy diz, — Eu não acho que Rose sabia disso até hoje.

— Lily... — Lo coloca a mão no meu ombro, preocupação enchendo seu lindo rosto. Eu devo estar com um olhar petrificado. Pelo menos, é exatamente assim que me sinto.

Minha privacidade foi lentamente tirada de mim por meses e agora desapareceu quase completamente.

— Eu não gosto disso, — murmuro baixinho.

Meu pensamento imediato não é nada do tipo *merda, não podemos foder no chuveiro*. Esse é o meu terceiro ou quarto pensamento, que (eu acho) é um progresso. Meu primeiro pensamento é o quão embaraçoso será se Ryke ou Connor vierem tomar banho comigo. Oh não... e se um cinegrafista me ver nua? E se ele me gravar?

— Eles não podem filmar nos banheiros. Está no contrato, — Lo me lembra.

— Você tem certeza que não pode ler minha mente? — Eu sussurro, o humor perdido na minha voz.

Ele me abraça. Não há lugar mais seguro do que nos braços de Loren Hale.

— Você se masturba no chuveiro? — Daisy pergunta casualmente para Ryke, um sorriso em sua voz. Isso instantaneamente faz com que Lo fique

tenso. Ela se tornou quase muito aberta em torno de seu irmão.

Ryke não perde uma batida. — Eu não tenho que me masturbar, querida.

— Uau, a frustração reprimida deve doer, então, — diz ela com sarcasmo. — Não admira que você esteja sempre tão mal-humorado.

— Fodidamente hilário. — E então ele desfaz o coque dela, deslizando o amarrador de cabelo dela em seu pulso e bagunçando seus longos cabelos com uma mão áspera. As mechas louras de Daisy se destacam descontroladamente. Quando ele termina de tocá-la, um pequeno sorriso aparece no canto dos lábios dela.

— Por curiosidade, — diz ela, não consertando o cabelo desgrenhado, — onde você pega as garotas?

Ryke olha para o irmão, apenas reconhecendo que estamos no mesmo local com ele. Eu sei o que é ficar tão magnetizado por alguém que você esquece do seu entorno.

Meus lábios se separam de repente.

Ryke pode estar se apaixonando por minha irmã.

Uma garota que faz dezessete anos no próximo mês.

É uma sensação, mas eu sinto profundamente em meus ossos como eu senti com Connor e Rose.

Não posso contar a Lo sobre minhas suspeitas. Nada de bom virá disso.

— Você está sempre curiosa, — Ryke responde vagamente. Ainda assim, ele tem dificuldade de se censurar. — Eu as encontro na academia ou em qualquer maldito lugar para onde eu saio.

— Você já ficou com uma fã? — Ela pergunta.

Lo interveja, — Sim, ele já ficou. Duas vezes até agora. E elas tinham a idade dele.

Ryke olha para o chão, sem dizer uma palavra. Eu não consigo ler sua expressão sombria também.

— Legal, — diz Daisy, balançando a cabeça algumas vezes. — Aposto que eles eram legais. Eu considerei namorar um fã, mas a maioria dos meus são muito velhos.

— Velhos como, com vinte e três anos? — Lo pergunta, sua voz áspera. Eu estremeço. Essa é a idade de Ryke.

— Não, mais como trinta e cinco anos.

Tenho certeza que Daisy está pegando todas as dicas. Ela está apenas as dispensando com facilidade.

Eu seguro o braço de Lo. Ele está em um lugar tão bom com Ryke. Eu não quero que isso mude por causa da minha irmãzinha. Talvez, um dia, isso tenha que mudar, mas não agora.

— Você deveria pensar em namorar alguém da sua idade, Dais, — diz Ryke.

— Eu já namorei, — diz ela, indo em direção à porta. — Não foi nada especial. — Com isso, ela sai. Meus olhos encontram a lente da câmera que permanece apontada para *mim*. Jesus.

— Ela gosta muito de você, — diz Lo.

— Olha, eu estou tentando ignora-la sem ferir os malditos sentimentos dela, — retruca Ryke. — Mas ela é minha amiga. Eu não vou afastá-la completamente.

— Aqui está uma dica: talvez você não devesse falar sobre se masturbar na frente dela. — Lo cruza os braços. — É tão difícil assim?

— Para mim é.

Lo olha para ele por um longo minuto. Eu antecipo algo realmente desagradável. Ele diz: — Aposto que seus professores odiavam você no ensino médio. — Isso não foi tão ruim.

Ryke solta uma risada. — Eu ficava de detenção quase todos os dias por dizer *porra*. Então sim, eles não gostavam muito de mim.

Eu espreito por cima do ombro de Lo para examinar os chuveiros novamente. — Eles são enormes.

— Vai ficar tudo bem, — Lo me tranquiliza, suas mãos abaixando para os meus quadris.

Espero que sim, mas tudo o que a produção montou parece ser uma isca para pegar drama.

E nós somos obrigados alimentar isso.

{ 14 }

0 anos : 05 meses Janeiro

LOREN HALE

— Isso é ridículo. — Eu folheio um *roteiro* de cinco páginas em descrença. Assim que chegamos ao Museu de Arte de Filadélfia, Scott me entregou o que eu achava que era um panfleto do museu. A produção quer que a Lily fale e aja de uma certa maneira. A maioria é bruta.

Lily se inclina sobre o meu braço e suspira quando ela lê uma linha. — Eu não posso dizer isso.

Eu olho o papel e vejo o que a preocupa.

Lily encara os olhos de Loren com vontade e desejo carnal.

Lily: Eu lembro do seu gosto de ontem à noite. Eu mal posso esperar para te provar novamente.

— Jesus Cristo, — eu amaldiçoo. — Isso é como um pornô ruim. — Eu examino a pequena multidão, esperando que ela não cresça mais tarde. Rapidamente, encontro Scott falando em voz baixa com Brett, que tem uma câmera presa ao peito.

Eu pego a mão de Lily e a conduzo para o merda de vinte e oito anos. Assim que nos aproximamos, ele se vira e eu lanço seu roteiro de cinco páginas em seu corpo. Ele bate no seu peito com apenas um som e depois cai no chão. — Não vamos ler um roteiro, — eu digo.

Scott Van Wright encontrou todos os meios de me irritar no *menor* tempo possível. Primeiro, ele *mora* com a gente. Ninguém fodidamente o convidou para morar permanentemente no andar de cima. Em segundo lugar, eu não suporto olhar para seu cabelo loiro escuro, seu rosto presunçoso e aquelas calças de babacas feitas sob medida. Ele é como o anti-Connor. Um idiota arrogante que ganha de você em flexões e grita sobre isso com todas as forças.

Em terceiro lugar (e mais importante) ele antagoniza minha namorada.

Ontem ele tentou encurralar Lily para lhe fazer perguntas sobre suas antigas ficadas. Não estamos nem um mês com as câmeras. Isso não é nada bom. Eu estou tentando manter pensamentos positivos, mas essa merda é a razão pela

qual eu opto por um bar tranquilo e uma garrafa de Macallan.

— Então diga a sua namorada para falar, — Scott responde suavemente, nem mesmo suando. — Ela é tão quieta que ela literalmente desaparece no fundo. Estamos fazendo um show em torno de uma viciada em sexo, não de uma pessoa invisível.

— Eu estou bem aqui, — diz Lily antes que eu possa xinga-lo. — Você pode falar *comigo*.

Seus olhos nunca vacilam dos meus. Eu posso seriamente derruba-lo com o rosto no chão, mas raramente luto com meus punhos.

— Enquanto as câmeras estão rolando, vocês precisam parar de agir como se eu fosse o produtor do programa, — diz ele, ignorando completamente o problema.

— Certo, — eu digo. — Você é o ex-namorado de Rose. — Não é nada além de uma mentira. Apenas drama roteirizado. Scott está criando um falso triângulo amoroso entre ele, Connor e Rose. Seus motivos estão em todo lugar.

— Exatamente, — diz ele, desabotoando *um* botão de sua camisa branca. Para o que – para que os espectadores possam ver seus músculos? Esse cara-

— Você acha que Rose e Connor vão conseguir vir hoje? — Scott sorri, como se fôssemos amigos. Lily instintivamente verifica a câmera. A luz vermelha está acesa.

Scott já sabe a resposta para essa pergunta. GBA, o canal que exibe *Princesas da Filadélfia*, queria mais cenas com Lily e eu, sozinhos, então eles planejaram uma viagem para o museu com apenas nós. E aparentemente Scott. Eu tenho uma forte suspeita de que ele está junto apenas para nos irritar.

Meus olhos se estreitam em desprezo, e Lily aperta minha mão para me acalmar.

Scott sorri mais. — Como está sendo ficar sóbrio, Loren? Você está bem?

Meu sangue ferve, minha careta se intensifica. — Não, eu não estou indo muito bem. Eu apenas sinto muito por você, cara. Durante seis meses, você vai nos assistir dirigir nossos carros caros, participando de nossas festas exclusivas e pilotando nossos jatos particulares. E quando tudo acabar, você voltará para seu apartamento de um quarto em Los Angeles e perceberá que nunca terá nosso estilo de vida. Você *nunca* será nada além de um produtor de segunda categoria de um reality show lixo. — Eu toco meu peito. — Isso só me faz sentir tão fodidamente triste por você.

O sorriso e as pretensões de Scott desaparecem em um instante. — Você é

um idiota.

— Você é um babaca viscoso, — refuto. — Nunca mais me pergunte sobre minha sobriedade.

Lily me segue enquanto eu vou em direção a uma das exibições na parte de trás, tão longe de Scott quanto eu posso conseguir ir.

— Ele está tentando nos provocar, — ela me lembra.

Uma pressão pesa no meu peito. Minha mão esquerda treme. — Bem, está funcionando, — digo em uma voz baixa. Esse ódio vibra embaixo da minha pele. Eu só quero um gole de álcool. Qualquer coisa. Deus, beber é muito melhor do que lidar com essa besteira.

— Eu te amo, — diz ela, seus olhos traçando minhas feições rapidamente.

Eu respiro fundo. *Eu também te amo.* As palavras grudam na minha garganta. Em vez de falar, eu descanso um braço nas costas dela e a abraço ao meu lado.

Ela leva a mão à boca, prestes a morder as unhas. Mas ela cai antes de ir tão longe.

— Eu não posso ficar aqui, Lil, e não revidar. Ele está te deixando nervoso e ele está me irritando. Eu não posso aceitar essa porcaria, de ninguém.

Silêncio se estende onde minha mentira reside. Eu aceito merda do meu pai o tempo todo, mas Lily decide não anunciar esse fato. Ainda bem.

— Eu só não quero que você pareça um vilão quando o programa começar a ser exibido em fevereiro, — ela explica, — porque você não é.

Eu tentei tanto não ser *esse* cara - aquele que aterroriza outras pessoas. Aquele que ninguém mais, além de Lily, pode entender. É difícil se afastar desse instinto. É autopreservação. Se eu não atacar primeiro, vou ser abatido por uma dor angustiante.

Estou me salvando.

— Lo? — Lily diz, sua voz se elevando em preocupação.

Eu me viro para Lily e seguro seu rosto delicado entre as minhas mãos. Eu noto Brett nos filmando à distância. — Nós vamos ser nós mesmos nesse show, — eu digo. — Foda-se quem não gosta de nós. Não importa.

Ela balança a cabeça com confiança e me dá um sorriso encorajador. Eu solto minhas mãos. Seus olhos voam ao redor do museu. — De todos os lugares que a produção poderia escolher, eles escolheram algo mais a cara de Rose.

— Sim, eu sei. — Pinturas e esculturas estão contra paredes brancas. As pessoas andam por aí com fones de ouvido, quietos como se estivéssemos em uma biblioteca. — Isso vai ser tão chato.

— Talvez possamos apenas dar uma volta e tentar adivinhar os nomes das pinturas. Ohhh. — Ela aponta para um retrato de uma mulher em um enorme vestido renascentista segurando um gato. — Aqui está um. Eu acho que é chamado de *Senhora com um gato*.

Meus lábios se levantam. — Muito criativo.

— É o meu melhor palpite.

Eu me aproximo da pintura mais próxima de nós e leio a pequena placa debaixo da moldura. Jesus. — Você estava perto. *Senhora de vestido azul*.

— Sério? — Ela sorri.

Estou prestes a responder quando vejo Scott Van Wright andando na nossa direção. Por que ele não pode ficar longe, porra?

— Eu tenho que ligar para o meu irmão, — eu digo a ela em voz baixa. No momento em que digo isso, é o momento em que sei que é o melhor plano que tive durante todo o dia. Esse peso no meu peito começa a diminuir.

Ela sussurra, — Você está bem?

Eu não quero que ela se preocupe com o meu vício. — Precisamos de alguém para distrair Scott de nós. — Ou então eu vou fazer algo que eu vou lamentar.

O rosto de Lily se contorce em uma infinidade de emoções. Ela sabe que eu não estou bem e prefiro tê-lo aqui. Mas ela odeia perpetuar os rumores dos tabloides sobre triangulo amoroso e traições.

— E Rose ou Daisy? — Ela pergunta.

— Rose está trabalhando em Nova York, e Daisy está na escola agora. — Eu omito Poppy já que ela não quer participar do reality show. — Eu as chamaria antes de Ryke se pudesse. — Acrescento isso, só para ela. Se eu estiver sendo honesto, prefiro meu irmão aqui às irmãs dela.

Lily abre a boca para responder, mas Scott se aproxima. Em uma distância que dá pra ouvir. Ele age como se estivesse avaliando a *Senhora de vestido azul*. — Estou completamente surpreso que vocês dois ainda não pularam um no outro, — diz ele, com o olhar fixo na pintura. — Pode ser um novo recorde.

— Você não nos conhece, — Lily refuta.

— Você é viciada em sexo, — diz ele. — Você quer a definição curta? — Ele lambe os lábios. — Você gosta de cavalgar no pau.

Eu bufo, meus dentes doendo de tanto rangê-los. Lily descansa a mão no meu peito. Seu rosto está vermelho, manchas vermelhas pontuando seu pescoço e bochechas. Eu odeio que ele a deixe com vergonha. Eu odeio que ele esteja

julgando o vício dela. Mais importante, eu odeio que *nada* que eu diga cause algum fodido dano nele.

Este é o ponto em que eu iria embora e começaria a foder com a vida dele.

Eu o arruinaria de dentro para fora.

Sua carreira. Seu dinheiro. Eu utilizaria as ferramentas que meu pai me deu para destruir um homem. Mas eu não posso.

Eu não posso fazer isso dessa vez.

Nós *mal* começamos o reality show. Porém, qual é a outra alternativa? Ficar aqui e aceitar essa merda?

Eu não posso.

Meus músculos queimam. Cada inspiração é como se eu tentasse respirar através de uma fumaça negra.

— Olhe para mim, — eu zombo, tão agravado que Scott não tira os olhos da pintura. Ele é patético.

Finalmente ele vira a cabeça, mas eu posso ver que está ficando cada vez mais difícil para ele manter o seu sorriso satisfeito quando está de frente para mim.

— Fique fora da minha maldita vida. — Estas são as minhas únicas palavras antes de eu arrastar Lily para o outro lado do museu, onde móveis antigos e talheres de prata estão em exibição. Scott fica para trás por enquanto.

Eu tiro meu celular do meu bolso e começo a enviar mensagens para Ryke.

Pare de escalar rochas falsas e venha nos encontrar no museu.

— Se ele é assim conosco, — Lily murmura, — eu me pergunto como ele é com Rose e Connor. — Suas sobrancelhas se juntam em confusão. — Você acha que ele diz coisas sujas sobre ela? — Preocupação atormenta seu rosto. Eu não estou acostumado a ver Lily sendo protetora de Rose.

— Ela pode cuidar de si mesma, — eu a lembro. — E se ela não puder, ela tem Connor.

— Sim, — diz Lily suavemente, — você está certo.

Meu celular vibra na palma da minha mão. Eu leio a mensagem rapidamente.

Eu não fui convidado. - Ryke Mesmo? Isso não o parou antes.

Preciso te dar um convite por escrito? Traga sua bunda aqui.

Eu dou a Lily meu celular e depois digo, — Quer uma carona por esse lugar?

Ela acena com um sorriso.

Curvo-me e a levanto nas minhas costas, meus braços debaixo de suas pernas. Eu praticamente posso sentir o calor da câmera em nós. Os paparazzi

tiveram que ficar do lado de fora. Mas as câmeras de *Princesas de Filadélfia* vão para onde nós vamos.

Eu esperava isso, mas é diferente quando realmente se torna sua realidade.

Eu carrego Lily de cavalinhos em direção a uma pintura de um regador.

— É um crime, sabe, — diz ela, sua voz distante em pensamento. — Nós nem sequer tivemos chuveiros comunais no nosso primeiro ano de faculdade. — Ela faz uma pausa. — Você acha que isso é um retorno cósmico?

— Eles não são tão ruins. — Eu não quero que ela tenha medo deles. Liguei para a terapeuta sexual para falar sobre o assunto e ela disse que preciso encontrar uma maneira de motivar a Lily.

Eu sinto que tentei de tudo. Repito as mesmas palavras repetidas vezes, e ela ainda está com medo de que alguém nos grave e coloque na internet. Ela disse que tem um "mau pressentimento" sobre eles.

— Esse é um belo regador, — diz ela, evitando a questão.

— Você não vai tomar um banho, não é?

— Essa é uma frase forte, — ela respira. — Vou *renunciar* um pouco ao chuveiro e optar por uma alternativa.

Eu gentilmente a coloco de pé.

Seus ombros se curvam em direção ao seu corpo magro. Ela está desapontada.

Mas isso é sério. — Tomar banho de caneca? — Eu pergunto, esperando, mas não acreditando que ela escolheria essa opção.

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, os fios já ficando oleosos. — Mais como uma experiência com esponjas de banho.

Eu não pisco. — Não por seis meses. — Não é uma pergunta.

— As pessoas na selva fazem isso.

— As pessoas na selva pulam no rio quando começam a ficar com um cheiro ruim. Você vai pular em um rio?

Ela empalidece. — Não.

— Então tome um banho.

— Por que, de repente, você está sendo a polícia da higiene? — Ela questiona, com os olhos cheios de lágrimas. Meu estômago cai. — Você nunca se importou se eu não tomasse por uma semana.

Eu odeio ter que ser durão. Eu abaixo minha voz para que o equipamento de filmagem de Brett não capte o som. — São seis meses e vivemos com outras pessoas agora. Você cheirando a sexo não é o caminho a seguir, Lil. Eles podem

pensar que estamos fodendo mais do que o normal e então eles estarão em cima de nós. — Seus olhos suplicantes e aguados tentam me convencer. — Fiquem sem tomar amanhã, tudo bem, mas vou ter que começar a ser cuidadoso quando eu gozar em você.

Ela franze a testa. — Você não fez isso em...

— Em muito tempo, eu sei. — Sexo louco tem estado fora de cena por um tempo.

Ela olha para os peitos dela como se estivesse visualizando o evento.

— Lily, — eu estalo. — O que há de errado?

— Eu só estava pensando... — Ela fica toda vermelha. — ...sobre seus planos.

Eu a abraço e beijo seus lábios levemente.

— Seu telefone acabou de vibrar, — ela me diz enquanto nos separamos. Ela me entrega o celular e eu abro a mensagem.

Está tudo bem? – Ryke *Eu não sei.* Eu digito a mensagem e penso em mais coisas para adicionar, mas muitas frases surgem na minha cabeça. Eu percebo que estou apenas sobrecarregado.

Nem todos os dias são fáceis.

A maioria dos dias não fazem o menor sentido. Um bom punhado me despedaça, membro por membro. Os melhores dias são os que eu tento lembrar, mas às vezes, até eles são engolidos pelo mal.

Eu mando a mensagem como está. Três palavras.

Estou a caminho. - Ryke Estou prestes a guardar meu celular, mas ele vibra novamente.

Não beba. - Ryke Ele me disse isso um milhão de vezes antes, mas é dessa vez que me afeta mais. *Não beba.* Eu não vou transformar esse dia ruim em um dia terrível. Para mim.

Mas realmente, para ela.

Medo de falhar Lily - isso me motiva de uma forma que ninguém consegue entender.

{ 15 }

0 anos : 05 meses

Janeiro

LILY CALLOWAY

Lo e eu andamos pelo museu em silêncio, uma câmera nos seguindo. Ryke chegou cerca de dez minutos atrás e puxou Scott para fora enquanto Savannah, uma linda garota ruiva, os filmava. Quando passamos pelas janelas de vidro, vi Ryke gritando com o produtor, mas seus punhos não estavam levantados.

O dia inteiro, eu senti o quão perturbado Lo estava ficando. Ele tem muito o que se preocupar. Halway Comics, Superheroes & Scones, seu pai respirando no seu pescoço, álcool... e eu.

Dói perceber que eu não posso tirar a dor dele hoje e que, de alguma forma, eu posso estar contribuindo com ela.

Nós nos sentamos em um banco, uma enorme pintura pendurada na parede diante de nós. Um anjo branco luta contra um homem de cabelos escuros em seda vermelha; o homem provavelmente perde no final.

Anjos sempre vencem.

Eu não sei o seu verdadeiro significado. Ou o contexto. Mas quanto mais olho para a imagem, mais triste fico.

— Eu sinto muito, — eu respiro.

Eu sinto ele se virar para olhar para mim. — Pelo que? — Ele se aproxima, sua coxa contra a minha. Eu olho direto para aqueles redemoinhos de âmbar, vendo sua agonia, seu amor e seu vício. Tudo de uma vez.

— Você tem tanta coisa acontecendo na sua vida, — eu digo baixinho. — Eu não quero que você se preocupe constantemente comigo também.

Ele franze a testa. — Eu sempre vou me preocupar com você, — ele me diz. — É impossível não fazer isso.

— No futuro, — eu sussurro, — eu gostaria de pensar que você sabe que onde quer que eu esteja, eu estou sorrindo... e contente. — *Não agonizando. Não estressando sobre o meu bem-estar.* — Seja esse futuro juntos ou com outras pessoas.

— Concentro-me no banco novamente.

Ele pressiona os dedos por baixo do meu queixo, levantando meu olhar mais uma vez. — Você se lembra de quando estávamos no décimo ano e decidimos abandonar os quadrinhos da Terra-616 por todos os universos e realidades alternativas?

Eu concordo. — Foi divertido por alguns meses. — Nós lemos alguns dos quadrinhos mais bizarros durante esse tempo, e meses depois, preferimos a continuidade principal nos quadrinhos da Marvel. Terra-616.

— E você sabe o que decidimos no final de tudo isso? — Lo me pergunta.

— Que Magneto e Vampira não podem namorar - em nenhum universo.

Seus lábios se levantam. — Sim, e que esses universos alternativos geralmente têm os piores finais com as conclusões mais infelizes. — Sua mão quente desliza para a minha bochecha, e seus olhos perfuraram em mim, intensos e inflexíveis. — Mas estamos na Terra-616, amor. Nós vamos ter o nosso final feliz. Só pode levar alguns anos até chegar lá.

Meu peito ergue com seu raro otimismo, mexendo em algo poderoso dentro do meu coração.

Isso me enche com tanta, tanta esperança.

{ 16 }

0 anos : 05 meses Janeiro

LOREN HALE

Eu verifico as armadilhas de rato que Connor, Ryke e eu colocamos no espaço pequeno no porão. Daisy encontrou dois ratos mortos no quarto dela, o que não é surpresa, já que vimos excrementos nas escadas do porão quando chegamos.

— Sua gata não está fazendo o trabalho dela, — digo a Connor, enquanto eu agacho pela pequena porta, um saco de lixo na mão. Ryke já se arrastou, e eu espero que ele volte com esperançosamente um rato morto ou dois.

— Ela já matou três deles, — Connor defende seu animal de estimação. Ele inclina o braço contra a parede, olhando para mim. — Mais e eu questionaria sua domesticação.

— Eu odeio ter que te falar isso, Connor, — eu digo, — mas sua gata é feroz. — Em privado, Lily a chama de *a besta laranja*. Quero dizer, Sadie arranhou o inferno de Rose quando ela tentou colocar uma coleira nela. Eu pensei que Rose era impenetrável para quase tudo.

— Eu encontrei Sadie, você sabe. — Ele segura uma caneca de café fumegante. — Ela estava na chuva do lado de fora do meu internato. A mãe estava morta. Assim como os outros três filhotes.

Não sei para quantas outras pessoas ele contou isso. — Eu nunca te identifiquei como o tipo carinhoso.

— Eu não sou, — ele diz honestamente. — Não foi como se ela tivesse capturado meu coração naquele momento. — *Claro que não*. — Eu só sabia que tinha o poder de salvar a vida dela, então eu salvei.

Isso foi bastante convencido, mas eu tento cavar em volta disso. — E agora que ela é mais velha e mais irritada?

— Eu a criei exatamente como eu queria, — diz Connor. — Ela não precisa mais de mim para sobreviver. Embora ela me ame mais.

Hã. Eu estudo a maneira como ele está encostado contra a parede, cansado. Seu corpo não está rígido e reto como de costume. Anéis negros estão sob seus olhos. — Você parece uma merda, — eu digo. *Sério*. Eu nunca o vi tão

desgastado antes.

Ele bebe seu café. — Eu sou um estudante de graduação tentando assumir uma empresa multibilionária. Se eu não parecesse uma merda, estaria drogado.

Eu esqueci que ele está tentando tomar as rédeas da Cobalt Inc. Eu quase menciono Scott, mas até mesmo o pensamento dele irrita todos os nervos do meu corpo.

Eu olho para trás através do espaço pequeno assim que Ryke bate a cabeça em um dos canos. — *Foda-me*, — ele xinga.

— Transando com os ratos já? — Connor pergunta com um sorriso.

— Vai se foder, Cobalt. — Ele está de bruços, usando seus antebraços e pernas para rastejar através da pequena área. — O menor de nós deveria ter rastejado por aqui.

Isso foi direcionado para mim. — Se eu soubesse que você ia ficar reclamando, eu teria feito isso sozinho, e eu sou apenas uns cinco centímetros mais baixo do que você, *mano*.

Ryke bate a testa desta vez. Ele faz um barulho animalesco. — Eu ainda tenho um metro e noventa e três.

Eu o vejo se mover no ritmo de um caracol. — Além de ser um gigante, por que você está demorando tanto? Você colocou a armadilha. Você deveria saber onde está.

— O rato deve ter carregado a armadilha.

— Basta usar o nariz, — diz Connor. — Os cães têm o melhor olfato.

Eu realmente rio.

— Vai se foder, — Ryke retruca.

Tenho certeza que Ryke pode lidar com as provocações de Connor. Mesmo quando Connor o irrita, parece que os comentários nunca realmente o atingem. Ryke é a pessoa mais forte que eu já conheci. Mais forte que eu.

É por isso que Connor insulta Ryke e me elogia.

Eu não sei se Ryke percebe isso ou se Connor reconhece o quão bem eu entendo seu relacionamento comigo. Mas eu vejo como Connor passa seu tempo tentando me construir - então eu acredite que sou tão digno quanto meu irmão.

Eu não sou. Eu nunca vou ser tão *bom* quanto ele, mas é bom ter um amigo tentando me lembrar disso.

Connor tira o telefone do bolso e começa a mandar mensagens. Menos de um minuto depois, ele pergunta: — Lily está fazendo mais sexo do que o

habitual?

Eu endureço. Manter um segredo de um cara dez vezes mais inteligente que eu, é difícil. Mas não impossível. Passei três anos fingindo estar em um relacionamento com a Lily. Eu consigo fazer isso — Ela não está fazendo, mas ela quer. — Eu seguro o saco de lixo preto e levanto, minhas pernas doendo nessa posição. — Todo esse reality show a coloca no limite. — É a verdade, mas nós estamos fodendo muito mais do que as pessoas gostariam. Na maior parte do tempo, nós transamos no carro dela, longe de câmeras e das paredes finas onde as pessoas podem ouvir. Eu falo tudo o que ele espera, — E ela medica sua ansiedade com sexo, o que significa que eu não vou transar pela próxima semana, e ela só tem os meus dedos.

Eu encontro a câmera mais próxima, pendurada em uma viga no teto, e aceno meus dedos. E pisco, apenas para ter mais efeitos. Talvez isso distraia Connor.

Os cinegrafistas estão no horário de almoço, então câmeras fixas são a única coisa que nos grava.

— Então você não está fazendo sexo? — Ele pergunta.

Eu não consigo ler o tom da voz dele. Eu espero que eu esteja fazendo com que ele acredite nisso.

Quanto mais ele olha para mim, mais percebo que posso ter superestimado minha capacidade de mentir para ele.

O calor se acumula na minha testa. Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço enquanto eu peso as opções na minha cabeça. Eu tenho que parcialmente falar a verdade. — Não, eu quero dizer... — *Só fala logo*. — Nós transamos no outro dia. Ela ficou um pouco compulsiva depois, então eu quero que ela se abstenha por três ou quatro dias e veja como ela se sai com isso.

Ela não estava tão compulsiva. Ela se impediu de continuar ultrapassando seus limites, e não há absolutamente nenhuma maneira de nos abstermos. Mas acho que vai agradá-lo ouvir um plano.

Não muito tempo atrás, até pedi a ele que ficasse de olho em nós - para ter certeza de que estávamos cumprindo um cronograma de vinte e quatro horas. Sexo toda noite, em nenhum lugar no meio.

— E você usou camisinha? — Ele pergunta.

Meus lábios se abrem em choque, não esperando isso. Meu estômago se revira e eu bato meu punho na parede. — Ryke, apresse-se. — Eu não quero compartilhar todos os detalhes da minha vida sexual. Connor mal compartilha

da dele. Eu preciso manter *algo* privado, pelo amor de Deus.

— Lo, — diz ele.

Eu me viro para ele, meus olhos brilhando. — Essa conversa acabou.

— Estou tentando imaginar como Lily ficará grávida. — Seu tom é de conversação, não rancoroso. — Seu corpo inteiro incharia ou apenas sua barriga?

Meu peito se ergue com irritação e com algo tão sombrio. Sou egoísta. Mas eu nunca quero ser tão egoísta *assim* - ter um filho, sabendo que ele ou ela poderia ser atormentado com essa luta ao longo da vida.

— Pelo menos eu estou transando, — eu digo, minha voz como navalhas que fisicamente me doem. Mas eu continuo indo. — Há quanto tempo você está *fodendo* a sua mão?

— Minha mão e eu temos história, — diz ele com facilidade, com um sorriso caloroso.

Meus músculos se soltam. É um mistério porque as pessoas me mantêm como amigo.

— Eu não sou seu irmão. — Connor acena para o espaço. Ryke ainda está procurando pelas armadilhas. — Eu não vou te xingar por fazer algo estúpido. Mas eu estou namorando a irmã mais velha da sua namorada, então minhas próprias bolas estão em jogo aqui.

Certo. Eu concordo. — As consequências de ir para a cama com um demônio.

— E eu fodidamente gosto dela, — ele diz, — então facilite minha vida e use preservativo.

Eu relaxo completamente. Eu posso imaginar como deve ser irritante ter Rose em seu ouvido o dia todo. Eu penso se Lily e eu tomamos cuidado. Eu acho que nós tomamos. Ela está tomando os anticoncepcionais. Eu murmuro, — Eu vou tomar mais cuidado com isso.

Ryke bate em mais canos, xingando e depois gritando, — Há muito fodido mofo aqui. Ninguém deveria estar vivendo neste andar até contratar alguém para limpá-lo.

Eu leio entre as linhas.

Daisy vive no nível mais baixo.

Eu vi o jeito que ele olhou para ela no banheiro quando chegamos pela primeira vez na casa. Por tantas razões, mal posso tolerar a possibilidade de que ele pudesse gostar dela mais do que como apenas um amigo.

Eu me agacho novamente e vejo Ryke indo para a porta. — Se esta é a sua maneira de fazer com que a Daisy durma em um quarto com você, você pode *esquecer*. Eu mal estou tolerando sua amizade.

— Você está fodidamente brincando comigo? — Ryke retruca. — Havia ratos no quarto *dela*, ela está vivendo perto de mofo, e sua primeira suposição é que eu quero transar com ela?

Eu faço uma careta, tentando não imaginar isso. — Eu não disse nada sobre transar com ela.

Ryke geme. — Vou fodidamente dividir um quarto com Scott, — ele grita. — Daisy pode ficar com meu quarto. Ou eu ficarei aqui e troco com ela. Eu não dou a mínima. Nenhuma das meninas deveria estar vivendo perto disso.

— E se ela ouve Lily e eu fodendo através das paredes? Há uma razão para ela estar no nível mais baixo. — É difícil acreditar que Daisy é quem protege nosso segredo - uma garota que pula de penhascos, anda de moto e corre de cabeça para a vida.

Eu gostaria de poder mantê-la a dez mil metros de tudo isso. O porão está a salvo de Scott. Da maioria das câmeras maliciosas. De nós.

Talvez ela possa crescer normal, ter uma adolescência verdadeira e pacífica que nenhum de nós realmente teve.

Ryke me dá um dos olhares mais sombrios que eu já vi em um bom tempo.

Eu franzo a testa e estico o pescoço por cima do ombro, olhando para Connor para sua opinião.

— Você não pode censurar uma garota que tem quase dezessete anos, especialmente uma que é uma modelo de alta moda, — ele diz para mim. — Ela ouviu e viu as mesmas coisas que você, se não mais. — *Então, é tarde demais para ela.*

Ela está toda crescida.

— Vou ligar para alguém para limpar aqui, — continua Connor, — mas, até que isso aconteça, Rose iria querer a irmã dela em algum lugar limpo.

Eu solto um suspiro. — Ryke, você vai ficar com o Scott?

— Eu disse que ficaria.

— Bom. Quantos mais olhos naquele idiota, melhor, certo? — *Especialmente se Daisy estiver dormindo lá em cima.*

Ryke murmura um *sim*, e seu braço bate em um pedaço de madeira pendurado. — Fodidamente fantástico, — ele amaldiçoa, alcançando a porta. Eu o pego por debaixo de seus braços e ajudo a puxá-lo pela pequena saída.

Nós dois estamos de pé. Ele agarra a armadilha, um rato morto preso, a cauda presa no metal prateado.

Connor sorri. — Nós encontramos uma nova profissão para você?

— Pelo menos eu posso sujar as mãos, princesa. — Ele balança a ratoeira no rosto de Connor.

Connor permanece completamente estoico, seu sorriso só se espalhando mais.

Ryke revira os olhos e pega o saco de lixo.

— Espere, — eu digo, colocando a mão no braço de Ryke. Meu peito lateja, escuridão se agita dentro de mim. — Talvez possamos fazer algo com essa coisa. — Scott precisa mais do que apenas algumas palavras para recuar. Ele não parou de se meter na minha vida, ou na da Lily.

— Não, — Ryke e Connor dizem em uníssono.

Eu estreito meus olhos para eles. — Vocês nem me deixaram terminar.

— Você quer usá-lo contra Scott, — diz Connor.

Eles não viram como ele é? Eles não estão nem um *pouco* preocupados com o que ele poderia fazer conosco, com as meninas?

Nós temos que pará-lo *agora*.

— Ele é o fodido produtor, — Ryke explica da minha raiva. — Você começa uma guerra com Scott e ele pode transformá-lo em um psicopata no programa. Apenas relaxe, porra.

— Ele fez Lily chorar! — Eu grito. *Eles não entendem?* Ele envergonha a Lily toda vez que ele se aproxima dela. Eu odeio Scott mais do que eu já odiei outra pessoa. Porque eu não fiz *nada* para ele. E ele ainda está vindo para mim. — Eu não vou ficar aqui por seis meses e ignorar toda a merda que ele diz. Isso é diferente dos blogs de mídia social e fofocas. Estamos *vivendo* com esse bastardo.

Eu respiro pesadamente e ambos os caras olham para mim como se *eu* fosse louco.

Porque eu sou o viciado.

Porque eu penso irracionalmente.

Mas sou uma pessoa. Eu posso *sentir*.

E só tenho uma certa quantidade de merda que posso aguentar antes de começar a me afogar.

{ 17 }

0 anos : 05 meses Janeiro

LILY CALLOWAY

Eu enfio minha bolsa de higiene pessoal debaixo do meu braço e uso minha mão livre para manter a toalha acima dos meus seios. Meus chinelos molhados batem no chão de ladrilhos enquanto eu vou para o meu quarto. A única vantagem dessa situação: não estou nua debaixo da minha toalha.

Lo e eu planejamos uma estratégia para tomar banho nos chuveiros comunais.

Maiôs.

Minha peça única me mantém coberta e diminui o risco de mostrar mais do que devo a qualquer pessoa que entrar acidentalmente no banheiro. Nas duas primeiras vezes, Lo tomou banho comigo. Ele até usava seus calções de banho em solidariedade.

Mas hoje eu queria dar um passo e ficar sozinha. Eu fico codependente muito facilmente. Outro item adicionado à minha lista de *Coisas em que preciso trabalhar*.

Chuto a porta do quarto com o pé e coloco a bolsa na minha mesa. Quando me sento na cadeira de couro, meu traseiro molhado faz um ruído de peido na cadeira. Meus olhos se arregalam e eu olho por cima do meu ombro, certificando-me de que estou sozinha.

Não há espreitadores.

Nenhum fantasma (que eu sei).

Bom. Eu volto minha atenção ao meu laptop e entro na internet. Se eu não checar minha agenda todos os dias, vou acabar esquecendo um prazo aleatório de lição de casa - ou pior, uma prova. As alegrias das aulas online. A vantagem é que meus privilégios de internet foram restaurados. Lo confia mais em mim e estou começando a encontrar a mesma confiança em mim mesma. Eu preciso navegar na internet sem "tropeçar" em pornografia.

Antes de abrir meu calendário, vejo um alerta.

*** 5 novos artigos com Lily + Calloway + sexo ***

Isso não é pornô.

Só para ser clara.

Eu configurei meu computador para rastrear os artigos que falam sobre mim. É um pouco obsessivo, claro.

Eu percorro alguns dos artigos, a maioria apresentando uma variação do mesmo título. *Lily Calloway estrela Reality Show em fevereiro deste ano. Assista ao vídeo promocional aqui!*

Eu já vi isso dez vezes, mas isso não me impede de clicar no link.

A tela fica branca e começa a tocar "Animal" por Miike Snow. Eu não sei o que a produtora estava tentando dizer. Nós não somos todos animais. Ok, eu posso ser um animal *sexual*, e acho que Ryke é um animal literal, mas os outros não são bestas.

Nós filmamos em um estúdio; Todos os sete de nós (Scott incluso) estão na frente de um pano de fundo branco. Esperei que alguém me entregasse um roteiro, mas o diretor nos disse para agirmos normalmente, que o vídeo seria sincero.

O comercial começa alinhando os sete, e depois foca em cada um, começando Daisy no final. Ela planta uma bananeira, sua camiseta branca caindo para revelar seu estômago nu e sutiã de renda verde. Ela mostra a língua com um sorriso brincalhão. Uma legenda aparece sobre seus seios.

Atrevida.

E então Ryke empurra suas pernas por trás, e ela cai no chão com uma risada. Em seu peito, a legenda rola a palavra: **Babaca**.

A primeira vez que vi o comercial, foi como se um furacão tivesse invadido a casa. Ninguém esperava receber um rotulo. E não demorou muito para eu deduzir o meu.

Lo e eu somos os próximos da fila. Seus braços me seguram perto, nossos peitos se esmagam e nossos lábios se devoram em um beijo intenso.

Mesmo que seja a minha décima primeira vez assistindo isso, ainda tenho que desviar o olhar com essa parte. Eu nunca pensei que ver Lo me beijar iria me excitar. Mas isso acontece. Ele mexe lugares que não devem ser mexidos quando ele não está por perto. Eu não confio *tanto* em mim agora que tenho acesso à internet novamente.

Meus olhos voam até o computador.

As palavras **Viciada em Sexo** *e* **Alcoólatra** *aparecem em nossos corpos.*

E então Rose, Connor e Scott enchem a tela. Os olhos verde-amarelados de Rose estão praticamente irradiando raiva, e seu corpo está virado na direção de Connor. Ele olha para ela

como se ela tivesse inventado o sol, um olhar que eu já vi um milhão de vezes quando eles estão em suas épicas batalhas nerds. Connor se inclina para sussurrar em seu ouvido, e isso a deixa no limite, suas bochechas cravando de raiva.

Ela empurra o braço dele e ele sorri.

A palavra **Espertinho** *pisca em seu corpo.*

Em seguida, a tela se move para Scott, que olha para baixo (muito rapidamente) para os peitos de Rose. E então minha irmã dá a Scott uma rápida olhada. A edição faz parecer que eles eram um casal ou tinham algum tipo de relacionamento. Scott inclina a cabeça e lhe dá um olhar sexual.

Quando sua legenda aparece, isso me faz odiá-lo mais.

Galã.

Sério. Ele é um babaca. Acho ofensivo que, de todos os caras, ele receba o único rotulo decente.

E finalmente o comercial mostra Rose, entre Scott e Connor, explorando ainda mais o falso triângulo amoroso. Ambos os caras olham para ela com vontade e desejo.

Sua legenda aparece assim que ela olha diretamente para a tela.

Virgem.

Agora todo mundo sabe sobre seu status sexual, mas ela não se importou muito com isso. Rose não tem vergonha de ser virgem. Acho que ela gritaria isso dos telhados se pudesse - só para provar um ponto.

O comercial termina com o logotipo e título de Princesas da Filadélfia e, em seguida, o slogan pisca na parte inferior.

Entre nas irmãs Calloway em fevereiro.

Sujo. Isso era sujo, e eu não tenho que ser viciada em sexo para saber disso.

Além disso, recebi a confirmação da Daisy que ela achava que era uma insinuação sexual também. Então tem isso.

Eu desço e leio alguns comentários abaixo do vídeo.

Havana33: *Eles vão mostrar Lilo f**endo nesse show? Eu sinto que precisa ser +18.*

NoelMarch: *+ Havana33 De jeito nenhum. O GBA seria processado. Porém to curioso para ver o quão cru vai ser.*

JamesGGG: *Quantos anos tem a Atrevida? Ela é gostosa pra caralho.*

James. Seu GGG deve representar *gordo, gordo, gordo*. Eu tenho que fechar o vídeo e limpar minha mente. Não é culpa dele, eu me lembro. Daisy não é irmã dele. Ele não a conhece. Mas é difícil me convencer de que ele não é um nojento morando no porão de seus pais.

Eu clico no último alerta, um artigo da *Celebrity Crush*. Ótimo. Esta revista

não foi nada além de desagradável comigo.

Só a manchete faz meu estômago revirar. *Enquete: Qual irmão Lily Calloway deve escolher?*

Uma enquete? Há uma maldita enquete agora.

Minha descrença e curiosidade masoquista me levam a ler o artigo de Wendy Collins no topo.

Enquete: Qual irmão Lily Calloway deve escolher? Loren Hale ou Ryke Meadows? Por Wendy Collins Faltando apenas alguns dias para a estreia de Princesas da Filadélfia, temos uma grande pergunta a ser respondida. Lily tem mais química com Loren ou Ryke? Embora tenhamos fortes suspeitas de que ela esteja namorando os dois ao mesmo tempo, um desses homens é obrigado a ter mais ação na tela do que o outro.

Vamos ver: Loren Hale é seu namorado de "muito tempo", agora noivo, e um alcoólatra em recuperação. Basta clicar na foto dele e você perceberá que ele tem um ótimo corpo, mas é o rosto que fecha o negócio. Só "lindo" não é o suficiente. Ah, e ele tem uma boa herança de supostos US $ 2 bilhões, o herdeiro direto dos produtos para bebês da Hale Co.

Ryke Meadows é o meio-irmão de Loren, rotineiramente visto andando em sua Ducati e escalando em uma rocha local de Filadélfia. Ele é notório por suas brigas com os paparazzi, afastando as câmeras de Lily e seu irmão. Apesar do noivado de Lily com Loren, acreditamos que Ryke traga o certo calor na cama que Lily deseja.

Agora lembre-se, Lily é uma viciada em sexo "em recuperação", então suas necessidades precisam ser satisfeitas por seu homem (ou homens). Como não sabemos sobre seus... pacotes completos, basearemos a química entre eles a partir de fotos recentes e espontâneas.

Eu rapidamente percorro as fotos, nenhuma das quais me faz parecer muito íntima com Ryke. Eu estou literalmente beijando Loren na maioria delas. A enquete reside logo abaixo das imagens e antes de clicar nos resultados, eu leio um aviso na parte inferior.

Nota: Embora seja minha firme convicção que Lily pode muito bem estar dormindo com os dois homens, sabemos, no final, que ela só pode estar com um. E enquanto ela pode escolher Loren para publicidade, esta pesquisa é para você escolher com quem ela deveria estar, apesar do que acontecer.

Eu a odeio.

Eu clico nos resultados e meu coração cai.

22% Loren Hale 78% Ryke Meadows …não.

Eu não aceito isso. Como ela poderia fazer uma enquete? É rude. Ninguém está pesquisando para ver se Kate Middleton seria mais compatível com o

príncipe Harry do que com o príncipe William. Percebo que posso ter me comparado à realeza. Não foi minha intenção.

Eu estou apenas enlouquecendo.

Muito.

Muito, muito.

Foda-se. Wendy Collins não pode simplesmente escrever artigos tendenciosos e não sofrer as consequências. Eu abro meu e-mail e começo a bater as teclas em frustração. Eu nunca escrevi uma carta desagradável, mas desde que seja legível, estou bem com isso.

Prezada Sra. Collins, Eu não te conheço pessoalmente e você não me conhece pessoalmente, e é por isso que estou escrevendo para você hoje. Este é seu quinto artigo sobre mim e os supostos rumores de Ryke/Loren circulando pela mídia. Esses rumores NÃO SÃO VERDADEIROS. Eu ficaria feliz se focasse em outro tópico. Inferno, eu nem me importo se você ainda tem que escrever sobre mim (eu preferiria que você não escrevesse). Mas pare de inventar que estou dormindo com o irmão do meu namorado.

Obrigada, Lily Calloway Eu reli algumas vezes, verificando a gramática. Soa mais profissional do que eu pensava que soaria. E então eu aperto enviar.

Assim que meu dedo toca o botão, e o e-mail entra no ciberespaço, minha ansiedade aumenta cerca de dez níveis.

{ 18 }

0 anos : 05 meses Janeiro

LILY CALLOWAY

Já se passaram trinta minutos desde que enviei o e-mail e não recebi uma resposta. Não que eu achasse que Wendy Collins responderia. Eu apenas pensei que *talvez* ela me enviasse um e-mail com um "ok, eu entendo, obrigada por me avisar. Eu não vou postar mais nada." Pensamento positivo.

Eu sento no sofá, minha mente cambaleando. Eu sei exatamente o que me acalmaria e limparia meus pensamentos. Meus dedos avançam em direção ao meu short.

Não.

Eu não posso.

Me levanto rapidamente e ando de um lado para o outro. Quando eu me pego roendo minhas unhas, eu solto minha mão. Comida. Eu posso me distrair com comida. A cozinha foi abastecida com coisas necessárias e porcarias. Perfeito.

Eu abro um armário e encontro um tubo de cobertura de bolo no topo da prateleira. De pé na ponta dos pés, tenho que me aproximar para pegá-lo. Todo o tempo, minha pélvis "acidentalmente" roça contra a borda do balcão. Foi um acidente.

Eu acho.

Eu não sei de mais nada.

Eu solto um suspiro e me afasto do balcão, levando a cobertura comigo. Depois que eu abro a tampa, eu mergulho uma colher no recipiente e solto uma respiração relaxada.

A cadeira está perto de mim e uma imagem repentina irrompe na minha cabeça. Eu. Me esfregando contra ela. Assim como no balcão. Só que talvez isso seja melhor. Eu me aproximo, mudando minha mente assim que minha virilha roça a madeira. De repente eu vou para trás, meu rosto queimando. Eu viro minha cabeça para olhar ao redor. Não há cinegrafistas por perto, mas ainda há câmeras nas vigas. Merda.

Merda.

Merda.

Merda.

Talvez eles não usem essa filmagem. Eu tenho que acreditar nisso.

E o pior, minha ansiedade está tão alta que estou roçando em objetos inanimados para aliviá-la. Isso é um pouco extremo... e estranho, até mesmo para mim.

Eu ando no meio da cozinha, minha cobertura nas mãos.

O que eu faço? Nenhum lugar é seguro. Se há dias ruins para viciados em sexo, isso é um *muito* ruim para mim. Devo ligar para Lo? Não. Eu não quero sobrecarregá-lo com isso. Ele ficará muito preocupado e eu preciso lidar com isso sozinha.

A porta da frente se abre antes que eu tenha a chance de tomar uma decisão adequada. E a sala de estar e a cozinha da casa estão todas num espaço visível, onde não se pode esconder.

— Que porra você fez? — Ryke rosna.

Oh-oh. Ele me viu roçar na cadeira? Não. Isso é impossível. Ele não tem visão de raio-x, e o mundo não é tão injusto que lhe daria um superpoder antes de dar a Lo ou a mim.

— Eu... eu não... — Eu acabo gaguejando.

— Você escreveu para *Celebrity Crush*, — ele me diz, entrando mais na cozinha.

— Como você sabe disso? — Eu pego meu celular assim que digo as palavras. Mas eu lembro que não tenho internet, então o deslizo de volta no meu bolso do meu short.

— Eles postaram seu e-mail online. — Ele me entrega seu smartphone e meu estômago dá cambalhotas e acrobacias dignas de medalhas de ouro.

Lily Calloway responde ao Celebrity Crush e refere-se a Loren Hale como seu namorado, não seu noivo. O casamento é uma farsa?

Ah não.

Eles colocaram meu e-mail original abaixo do título com algumas palavras de escolha de Wendy Collins. Principalmente, ela me chamando de dramática e sensível.

O triste: sou um pouco dramática e muito sensível.

Eu olho de volta para Ryke e seus olhos escureceram consideravelmente. — Eu tive que fazer algo. Eles tinham uma enquete, Ryke, uma enquete! E você estava ganhando do Lo. Isso não é nada legal!

Suas sobrancelhas se franzem em confusão. Eu acho que não estou me explicando muito bem. — Quantas vezes eu tenho que te dizer para esquecer os malditos rumores? — Ele diz. — Você não só deu à mídia um motivo para acreditar que é verdade, mas meu pai está fumegando.

Meu coração para. — O quê? — Eu sussurro.

— Lo está no carro falando no celular com ele, — explica Ryke. É por isso que ele está tão chateado. Não é sobre os rumores, não realmente. É porque coloquei Lo em uma posição onde ele teve que confrontar seu pai, o homem que o empurra para beber.

Eu estou fodendo as coisas.

Meu corpo fica gelado e arrepios passam pelos meus braços. Uma pressão se instala no meu peito, tão pesada que fica difícil respirar.

A porta se abre de novo, e espero ver Lo entrando na sala ao lado. Em vez disso, ouço a voz afiada da minha irmã.

— Eu estou entrando em casa agora, mãe, — diz Rose, com a mão apertada em seu celular. Meu estômago se revira mais uma vez. Minha mãe está chateada também?

— Espere, eu vou perguntar a ela. — Rose coloca a mão no celular e encontra o meu olhar. — Mamãe gostaria de saber por que você não usou a publicitária da família antes de fazer uma declaração.

— Essa é uma boa pergunta, — eu digo baixinho. Meus olhos se afastam, procurando a resposta, como se estivesse do outro lado da sala.

Rose solta um suspiro e volta para o celular. — Ela não tinha o número de Cynthia, — diz Rose, o que não é uma mentira completa. Eu tenho o número do publicitário de Jonathan, mas não a da nossa família. Adquirir o número de Cynthia significa comunicar-se com minha mãe, algo que não faço há tempos.

Brett anda de costas para dentro da casa, filmando Connor enquanto ele passa pela porta aberta. Todos eles chegaram em casa cedo para isso? Eu sei que estraguei tudo, mas não esperava arruinar o sábado de todo mundo.

Connor fala através de seu próprio celular. — Não se preocupe, Greg. Rose e eu vamos lembrar a todos como se comunicar com à mídia.

Eu pego meu celular e checo por chamadas perdidas.

Zero.

Que é também a minha classificação com meus pais. Ou, pelo menos, eles ainda não sabem como falar comigo. Não antes do escândalo sexual e definitivamente não depois. No entanto, estou um pouco desapontada com meu

pai. Eu pensei que estávamos tendo um progresso. Ele me ligou algumas vezes para discutir sobre Superheroes & Scones e a faculdade, mas suponho que esses fossem tópicos seguros.

Eu dou alguns passos para trás, ciente de que a câmera de Brett está girando pela sala, tentando determinar quem é a pessoa mais interessante no momento.

Ele para em Rose, que começa a discutir ao celular.

Eu a ignoro e me viro completamente. Não há muito que eu possa fazer aqui. Ninguém vai confiar em mim para fazer algo. Há apenas um lugar para onde devo ir. Para minha bat caverna! (meu quarto). Eu preciso verificar a internet para mais alertas ou xingamentos ou ambos.

Alguém agarra meu braço, me impedindo.

Quando me viro, afundo nos olhos âmbar de Lo. A raiva não os invade. Somente preocupação. A cozinha, percebo agora, está em silêncio. Todos os telefonemas terminados e celulares guardados.

— Eu sinto muito, — eu sussurro, minha garganta inchando. — Eu não quis que isso explodisse. — *Não chore. Canalize sua Rose interior. As lágrimas são para bebês e perdedores.*

Eu limpo meus olhos.

Eu sou uma péssima Rose.

— Não é sua culpa, Lil. Nossos pais estão exagerando com isso, — Lo diz, sua mão deslizando pelo meu braço até o meu ombro nu. Estou com tanto medo de mim que dou um passo para trás, longe do toque dele, não importa o quão bom seja.

Sua testa franze em mais preocupação. Dói ficar longe dele, mas é perigoso estar perto dele.

Rose caminha para a frente, seus saltos fazendo um barulho agressivo contra a madeira. — Por mais que me doa concordar com Loren, ele está certo — ela revira os olhos para a palavra — eles estão sendo dramáticos e tentando fazer você se sentir mal.

— Está funcionando, — murmuro.

— Bom, fique mais forte então, Lily.

Ai. Mas é a verdade. Tão verdade.

Lo faz uma careta para ela. — Nem todo mundo tem bolas de ferro.

— Eu não preciso de *bolas* para ser resiliente, — diz ela secamente antes de se voltar para mim. — Da próxima vez que um repórter lhe irritar, você pode escrever um e-mail desagradável, mas o envie para mim. Eu vou até fingir ser a

repórter e responder você.

Eu tenho a melhor irmã do mundo.

Sem dúvidas.

Por mais que suas palavras me acalmem, elas não apagam o que aconteceu. Não é tão fácil seguir em frente de algo que acabou de acontecer há cinco minutos.

— Talvez devêssemos assistir a um filme, — diz Connor, digitando em seu celular.

— Não, — eu falo. — Vocês todos estavam ocupados. Apenas, voltem para o que estavam fazendo. — Eu não quero interromper suas vidas com o meu erro estúpido.

— Nós estávamos apenas almoçando, Lily, — Rose diz, suas mãos se pressionam contra as minhas costas, me guiando para o sofá da sala. — Nós temos isso todos os dias.

Sim, mas eu sinto vontade de saltar nos braços de Lo, por um pouco de sua dureza. Ok, muito mais que um pouco. A coisa de roçar contra a mobília que eu fiz antes, realmente soa mais desejável agora, mesmo que seja estranho. Meu pescoço se aquece quanto mais eu penso em sexo na companhia de outras pessoas.

Lo e Ryke seguem logo atrás. Quando chegamos ao sofá, paro por um momento, observando Lo sentar-se na enorme poltrona. Eu me imagino montando em cima dela, pernas bem apertadas ao redor dele, e ele vai se enfiar em mim...

Eu não posso ficar em cima dele. Eu forço minhas juntas enferrujadas e fracas a se curvarem e se sentarem ao lado de Rose no sofá. Connor usa o controle remoto para percorrer os filmes na televisão, o silêncio engrossando, especialmente quando me sento com as costas retas.

E Lo está reto também, seus olhos piscando para mim de vez em quando.

Todos, não apenas nós, avaliam a estranheza. Ciente de como é estranho que Lo esteja *ali*. Enquanto estou bem *aqui*. Um grande pedaço de espaço entre nós. Nós não estamos juntos. Fisicamente.

Isso raramente acontece hoje em dia.

Estaria tudo bem, mas todo mundo sabe porque eu estou me separando dele. Eu posso sentir seus pensamentos julgadores na minha cabeça. *Eu não posso acreditar que ela quer fazer sexo agora.*

O olhar de Ryke diz o suficiente.

Antes de Connor colocar o filme, a porta da frente se abre. Eu estico minha cabeça sobre o sofá para ver Daisy entrando com uma lata de Fizz Life na mão, de cabeça abaixada, mandando uma mensagem em seu celular.

Quando ela entra na sala, ela olha para cima e congela. — Hum... — Ela franze a testa. — Houve uma reunião ou algo do tipo? — Seu rosto cai de repente, pensando que ela não foi convidada para a nossa reunião do grupo.

— Ou algo assim, — Ryke responde primeiro.

Daisy estuda a área. Seus olhos passam de Lo para mim, percebendo como não estamos sentados juntos. — Vocês dois... — Ela faz movimentos entre nós.

Merda. Ela acha que nós contamos nosso segredo.

— Eu estraguei tudo, — eu explico rapidamente. — Eu respondi a uma repórter sem passar pela publicitária.

Seus olhos verdes se transformam em pires. — Mamãe deve estar nervosa.

— Ela está desabafando, — Rose corrige. — Ela só precisa se acalmar.

Daisy coloca a lata de refrigerante na mesa e senta do outro lado. — O que estamos assistindo?

Connor começa a listar os nomes dos filmes e eu o bloqueio. Eu aprecio que todos eles estejam tentando evitar o tópico *Celebrity Crush*, mas isso ainda pesa em mim.

O objetivo de ter um casamento divulgado é para apaziguar meus pais. Mas se eu faço algo pequeno e os irrito de qualquer maneira, quão importante é o casamento?

Meus olhos voam para Lo e percebo que ele está me observando. Eu quero tocá-lo - não para sexo. Só para deixá-lo me consolar sem precisar de mais nada. Como sei se sou forte o suficiente para isso?

Ele lentamente afasta o olhar e força os olhos para a tela da TV. Meu coração se quebra em um milhão de maneiras diferentes, em conflito além dos termos.

Eu sigo seus movimentos e redireciono minha atenção para o filme. Mas minha cabeça gira em torno dele e me vejo tentando observá-lo através da minha visão periférica. Talvez eu possa pegá-lo olhando para mim. Eu percebo tudo. Quão rígido ele está. Quando ele se contorce ou se ajusta na poltrona. Como ele mantém a mão em sua boca, descansando lá e escondendo sua mandíbula flexionada. Eu noto o jeito que ele olha para mim a cada poucos segundos, os mesmos olhares clandestinos que eu dou a ele.

E percebo que nunca vou saber se sou forte o suficiente se não tentar. Esse

pensamento me impulsiona para os meus pés e corta a tensão espessa e silenciosa em um único movimento. Todo mundo olha para mim, mas eu me concentro apenas em Loren Hale.

Seu peito sobe com uma respiração forte quando eu me aproximo. Sem hesitar, eu rastejo em seu colo, e suas mãos instintivamente me puxam mais e mais, unindo nossos corpos juntos. Nossos membros se emaranham até que eu não posso dizer onde um começa e o outro termina.

Eu solto uma respiração desconfortável e descanso minha cabeça em seu peito, seu coração batendo tão rápido. Seus dedos se entrelaçam com os meus e o ritmo de seu pulso diminui quando eu fecho meus olhos.

Qualquer desejo de sexo é abafado pela minha consciência, não tão ruim quanto eu pensava que seria.

Ele me beija na minha cabeça, e eu rezo por um sono moderado, lágrimas vincando meus olhos quando começo a pensar no que aconteceu.

As pessoas cometem erros todos os dias, alguns pequenos e alguns grandes, mas eu só me pergunto quando irei parar de comete-los. Ou isso é uma coisa que acontece ao longo da vida? Nós todos apenas vagamos pela vida, fodendo as coisas e tentando nos recompor para continuar de novo?

Somos o acúmulo de nossos erros?

Uma parte de mim lamentavelmente pensa assim.

Meus fracassos me definiram mais do que meus triunfos.

Mas eu não quero viver nessa realidade sem esperança. Não mais. Eu quero ser o acúmulo de meus fracassos, meus sucessos, de todas as pessoas que já conheci, do homem que amo e da vida que quero. Eu quero ser definida por tantos fatores que vai ser muito complicado até para um matemático desfazer.

Essa seria a vida perfeita.

Nem boa nem ruim.

Apenas complexa.

{ 19 }

0 anos : 06 meses Fevereiro

LILY CALLOWAY

A estreia de *Princesas da Filadélfia* não poderia ser apenas um evento tranquilo na casa da cidade. Contei dez câmeras que lotavam o salão de baile de um hotel cinco estrelas. Garçons serpenteiam com champanhe e lanches, aumentando a massa de corpos e a excitação geral.

Minha mãe está aqui.

Com meu pai.

E todos os seus amigos da alta sociedade.

Em poucos minutos, nas televisões de tela grande ao longo das paredes, vai ao ar todas as nossas travessuras. E não temos *ideia* do que será mostrado. — Então, vai ser ao vivo a partir de agora? — Eu pergunto Lo, seu braço em volta do meu ombro.

Estamos perto de um vaso de plantas, que protege metade dos nossos corpos das lentes.

— Não exatamente, — diz Lo. — Connor tentou explicar para mim. Eu acho que nós vamos ser filmados todos os dias, e eles vão passar as imagens da semana anterior. — Oh. Haverá um pequeno atraso, quase ao vivo. A maioria dos shows é filmada com meses de antecedência, e as gravações terminam antes do primeiro episódio ir ao ar.

Mas ainda estamos filmando enquanto o programa passa na televisão.

Eu acho que isso vai deixar tudo mais louco.

— Se escondendo? — Ryke pergunta, se aproximando do bar com uma lata de Fizz Life e um prato de almôndegas suecas.

— Talvez, — eu digo. Meu estômago ronca ao ver as almôndegas. Eu estive tão nervosa o dia todo com a festa de exibição que esqueci de comer.

— Veio se juntar a nós? — Pergunta Lo com um meio sorriso.

— Sim, — Ryke diz, dando a Lo a lata de Fizz Life e então ele me entrega as almôndegas. *Para mim?* Eu sorrio. Antes que eu possa agradecê-lo, ele

acrescenta, — Se eu tiver que ouvir Sam Stokes falar sobre a colocação de produtos da Fizzle por mais um minuto, eu vou me matar.

Os lábios de Lo se erguem e ele ri. — Talvez você deva fazer anotações.

No centro da sala, o marido de Poppy conversa com meu pai, um belo sorriso no rosto de Sam, suas mãos gesticulando enquanto ele fala. Minha irmã mais velha ficou em casa com Maria, apenas para protegê-la das câmeras.

— O que você quer dizer? — Ryke pergunta, passando a mão pelo cabelo. Ele usa um paletó caro com uma camisa comum por baixo como Lo, perfeitamente adaptada para seus corpos.

Porém, eu meio que quero tirar a camisa de Lo e deslizar minhas mãos em seu abdômen. *Talvez mais tarde*, eu penso enquanto mastigo minha almôndega.

— Eu sei que não me encaixo nisso. — Lo movimenta para o salão de baile e as decorações extravagantes: lírios folheados a ouro, margaridas e rosas como peças centrais das mesas. — Mas você se destaca ainda mais do que eu.

— É verdade, — eu aceno.

Ryke estende os braços. — Eu já estive em eventos como este antes. Eu disse a vocês dois isso. — Além disso, ele compareceu ao lançamento do novo refrigerante da Fizzle comigo há cerca de um ano. Foi tão glamoroso.

— Você parece meio zangado, — acrescento e torço o nariz para ilustrar.

Ryke franze a testa. — Você está constipada?

— Não. — Eu relaxo meu rosto.

— Então o que porra você está fazendo?

Ele é tão malvado. — Exatamente, — eu digo, não fazendo muito sentido. Mas ele demonstrou o quão áspero ele realmente é.

Eu não acho que alguém tenha se aproximado dele durante o tempo que ele está aqui.

— As pessoas não precisam gostar de mim, — Ryke nos diz. — Eu sou quem eu sou.

Lo toma um gole de sua bebida e dá um tapinha nas costas de Ryke com mais afeto do que humor seco. — Eu acho que nós vamos descobrir o tanto que as pessoas gostam de você depois que o show for ao ar. — Então ele se vira e pega uma das minhas almôndegas com um palito.

— Como foi esse roubo para você? — Eu pergunto a ele.

Ele toma um gole de refrigerante em seguida. — Ilícito, — diz ele com as sobrancelhas franzidas. Eu soco seu braço e ele realmente estremece. De verdade dessa vez. — Jesus Cristo.

— Eu tenho levantado pesos, lembra? — Eu flexiono para mostrar a ele os músculos do meu bíceps (ainda pequeno, mas um pouco maior do que antes). As câmeras ficam loucas atrás de mim, piscando loucamente, e eu imediatamente deixo cair o braço.

— Você quer dizer o peso que Ryke comprou para você? — Pergunta Lo.

Ryke não presta mais atenção em nós. Ele se concentra em Daisy do outro lado da sala, que está sendo obrigada a ouvir nossa mãe falar. Eu deveria ir resgatá-la... porém, um encontro com minha mãe - que age como se eu fosse uma filha, duas vezes removida - não está no topo da minha lista de coisas que eu quero fazer.

Lo acena com a mão em ambos os nossos rostos e nós o encaramos em vez da multidão reunida. — Talvez devêssemos apenas dar o fora? — Lo puxa seu colarinho. Ele tem um ponto. Estamos no canto dos perdedores com rostos ligeiramente irritados, apesar de boas risadas aqui ou ali. E eu só pensei em sexo no banheiro *uma* vez.

Definitivamente um sucesso com essa contagem.

— Tudo bem comigo, — diz Ryke.

— Não, — acabo declarando, surpreendendo até a mim mesma.

Tanto Ryke quanto Lo olham para mim como se tivesse crescido um chifre de unicórnio em mim.

— Rose precisa de nós, — eu explico. Do outro lado do salão de baile, minha irmã está ao lado de Connor enquanto ele conversa com algumas pessoas de negócios. Este show é para ela, principalmente. Um pouco pela reputação da Fizzle. Mas estamos todos aqui e participando para que Calloway Couture sobreviva ao meu escândalo sexual.

Lo me abraça em seu peito como se eu tivesse dito algumas palavras mágicas. Meu prato sujo quase quebra entre nossos corpos, mas Ryke rapidamente o pega das minhas mãos.

Ele tem reflexos rápidos.

E então a contagem regressiva aparece em todas as telas. A conversa turbulenta morre em murmúrios suaves.

— Eu não posso olhar, — eu sussurro, minhas mãos voando para o meu rosto. Lo mantém o braço em volta dos meus ombros. Cinco segundos.

— Não importa o que aconteça, — Lo diz, seus lábios roçando minha orelha, — eu sempre estarei aqui, Lil.

Eu sempre estarei aqui.

Eu respiro fundo.

Eu acho que estou pronta para me ver. Mesmo se eu parecer como uma idiota insaciável.

{ 20 }

0 anos : 06 meses Fevereiro

LOREN HALE

Enquanto o reality show continua, estou cada vez mais surpreso por eles estarem se concentrando no aspecto de romance do meu relacionamento com Lily, não apenas os amassos, mas as coisas reais onde eu falo sobre como ela nunca me traiu. Onde ela diz que me ama mais do que ninguém.

Próximo a nós, Ryke, Rose, Connor e até mesmo Daisy não parecem tão chocados com a boa luz que foi colocada sobre nós. Eu não estou contando com que isso dure o show todo.

— Tem certeza de que quer ficar para o resto? — Pergunto a Lily, que segura minha mão.

— Positivo, — diz ela, respirando fundo.

— OK.

Não muito tempo depois, uma montagem vai ao ar. Demoro alguns segundos para perceber que são todos os momentos em que Lily estava na casa da cidade. Sozinha.

Lily se contorce no sofá de couro. E então a mão dela desce em direção ao jeans. Ela se retrai rapidamente e, em seguida, verifica por cima do ombro.

Ela olha diretamente para a lente, para os espectadores e coloca um travesseiro no rosto.

A parte inferior do meu estômago cai.

Eu não percebi... tem sido difícil para ela enquanto estou no meu escritório durante o dia. — Lil, — eu sussurro. Ela solta a minha mão, as palmas de suas mãos pressionadas contra o rosto dela. Eu não tenho certeza se ela está assistindo através de seus dedos mesmo assim.

Lily está deitada no sofá, com o laptop nas pernas. Ela olha em volta e depois fecha o computador. Sua mão desce em direção a sua calça jeans, mas permanece em cima do tecido.

Ela alcança o lugar entre suas coxas.

Lily quase desmorona na minha frente. Cristo. Eu me inclino e sussurro em seu ouvido. — Está tudo bem.

Ela sacode a cabeça, tremendo.

Meu corpo inteiro se contrai - meus músculos em chamas. Eu falo

rapidamente, palavras jorrando de mim. — Você foi bem, Lil. Você não quebrou nenhuma regra. Você não fez nada que não fizemos juntos. Você se deteve. — Espero que isso alivie a dor em seu peito, o tipo quase insuportável que bate em mim como uma onda de dez metros.

Espero que ela nos arraste para baixo da corrente. Enquanto a seguro por trás, as lágrimas dela caem nos meus braços. As imagens são transmitidas tão rapidamente quanto minha voz encontra seu ouvido.

Lily se esfrega na cadeira da cozinha. Ela cora quando ela percebe o que ela está fazendo.

Lily esfrega a pélvis contra o balcão.

Eu me sinto tão doente.

Não porque ela falhou a si mesma. Ela não falhou. Mas porque ela acredita que sim. Ela sabe que todo mundo vai ver isso e acha que ela é um caso perdido.

Lily gira no meu peito e agarra minha camisa preta. Antes que eu possa agarrá-la, ela se esconde debaixo da camisa, se escondendo. Eu sinto suas lágrimas molhadas no meu peito nu, e seus braços se envolvem firmemente ao redor da minha cintura.

— Eu não vou sair, — ela murmura, sua voz embargada. — Não me faça sair, Lo.

Eu coloco minha mão em sua cabeça e olho para ela através do meu colarinho. — Fique aí o tempo que quiser, amor. — Ela sabia que o programa a humilharia de alguma forma, mas é diferente quando isso acontece.

Quando você sente o julgamento implacável de cada maldita pessoa na sala.

Eu entendo.

Todos os olhares que está nela - eu encontro com o ódio que me deixa frio e sombrio. Eu poderia matar alguém agora mesmo. Não é mentira ou exagero. É um sentimento.

É uma dor tão profunda que *o pior* parece possível.

Eu quero machucar as pessoas do jeito que elas nos machucam.

— Hey, — Ryke diz olhando entre mim e minha camisa, onde Lily se escondeu da festa. Ele sussurra, — *você está bem?*

Eu mal posso dar de ombros.

Ele dá um passo mais perto. — Ela está bem, — diz Ryke em voz baixa. — Lily, você me ouve?

Lily funga alto, mas não consegue formar palavras. Ela soluça e eu passo a mão nas suas costas. Seu corpo relaxa no meu.

— Fique forte, — diz Ryke, passando a mão na minha camisa. Ele olha para

mim. — Me diz que isso foi a cabeça dela.

Eu solto uma risada fraca. *Deus, porque diabos eu estou rindo agora?* O som acaba desaparecendo rapidamente. — Sim, foi.

Eu mal assisto o resto da estreia, principalmente desinteressado no que Scott editou. Lily fica enterrada debaixo da minha camisa, e ela se agarra com mais força quando eles mudam para uma série de perguntas das entrevistas.

— Você acha que Daisy é tão sexualmente ativa quanto Lily? — Savannah perguntou a mim, Ryke e Connor a mesma coisa, mas em momentos diferentes.

Eu cerro meus dentes. Eles continuam tentando colocar sua irmã como viciada em sexo também - ou pelo menos uma garota que poderia se tornar uma. A respiração de Lily pega como se ela estivesse tentando não chorar novamente.

Isso é uma merda. Essa porra toda. Vergonha. Culpa. O que mais eles querem jogar nela?

*Eu me levanto, a cadeira de couro rolando para trás. — Eu terminei com essa me*da.*

*— Que p**ra de pergunta é essa? — Ryke pergunta. Ele se levanta e joga um travesseiro.*

— Não, ela não é, — diz Connor, com mais força do que o habitual. Ele fica de pé e abotoa o paletó. — Isso é o suficiente para o dia.

Daisy, que estava mandando mensagens no chão, levanta-se devagar. Ela evita meu olhar.

O do meu irmão.

O de Connor.

— Como você está? — Eu pergunto a ela. Eu percebo que todos nós estamos nos verificando durante o show. Se algo pode destruir amizades e familiares, é exibir nossa roupa suja.

— Perfeita, — ela murmura, olhando para a porta de saída de emergência.

Meu irmão se aproxima de mim e sussurra: — Ela vai fugir.

Eu inclino minha cabeça para ele. — Você quer ir atrás dela? — Daisy me assusta. Mas a ideia do meu irmão estar com ela também.

Ryke franze a testa e se vira para olhar para mim, estudando minha expressão. — Não. Eu quero ficar com você.

Eu tenho estado paranoico demais sobre suas intenções com Daisy. E eu tenho sido um idiota com ele a noite toda. Ele está apenas cuidando daquela garota. Só isso. — Você pode ir se você...

— Não, — diz ele com força. — Eu não estou deixando você.

Suas palavras pesadas me atingiram com força. Ele olha para mim como se quisesse dizer mais do que apenas neste momento único. Eu fui abandonado pela minha família antes. Uma mãe biológica - que não queria me reconhecer quando criança ou adulto. Pela mãe dele, alguém que eu acreditava ser a minha por muito tempo.

Seria fácil para ele simplesmente ir embora. A qualquer segundo. Eu não sou a pessoa mais legal de estar por perto. Eu teria desistido de mim em alguns segundos me conhecendo.

Mas Ryke ainda está aqui.

Esse cara... ele é bom demais para mim. Eu não mereço alguém assim na minha vida.

*

Depois de alguns minutos com as câmeras se aproximando de nós, Daisy se foi. Desapareceu dentro das massas de pessoas.

Estamos na última parte do show, que se concentra no falso triângulo amoroso entre Scott, Rose e Connor. Quando Lily se afasta de seu esconderijo - minha camisa -, enxugo suas lágrimas restantes.

Ela funga e segura no meu cinto. — Isso foi ruim.

— Sim, — eu concordo. — Eles nem sequer me mostraram dando o dedo do meio a câmera. Nem uma vez. Esses idiotas.

Ela ri e esfrega as bochechas com as costas da mão. — Eu sinto muito.

— Não sinta, — eu digo. — Você não me puxou para o banheiro ou para o carro, Lil. — *Você ficou forte.* Eu a beijo levemente nos lábios, mas isso se transforma em algo mais desesperado. Seu corpo se curva no meu e minha mão aperta a parte de trás de sua cabeça.

— *Eu penso nela o tempo todo.*

A voz de Scott ecoa pelo salão de baile, fazendo com que nos separássemos e nos voltássemos para as telas.

Scott usa um sorriso de desejo. — Ela é uma tempestade de fogo que eu nunca vou apagar. Eu sou a pessoa que a inflama, que a irrita para um novo grau de confusão. Ela é minha combinação perfeita.

Isso soa como algo que Connor diria. Bem ao lado de Rose, Connor

realmente empalidece, seus lábios entreabertos em choque.

— Eu odeio esse cara, — Ryke diz suavemente.

— Você quer fazer algo sobre isso? — Espero que ele tenha chegado ao ponto que eu cheguei - pronto para lutar, algo mais do que apenas dizer *foda-se*.

Ryke inala profundamente. — O que podemos fazer? Nós assinamos um fodido contrato.

— Muita coisa, — eu replico.

— Não vá por essa estrada novamente, Lo. Você precisa enterrar esses demônios.

Eu pensei que nunca atacaria um cara depois que eu pedi desculpas a Aaron Wells e fechei a porta nessa briga. Mas isso não é diferente?

Scott está esperando por nós para explodir. Para a audiência. Ele não vai parar até que o show pare. E Lily e eu nos importamos muito com Rose para fazer isso com a empresa dela. Então *Princesas da Filadélfia* tem que continuar.

Parar não é uma opção.

— Ainda estou apaixonada por ela, — diz Scott. — E eu não posso ajudar o que sinto, mas está lá. Eu amo Rose do jeito que ela merece ser amada. Eu só... eu não vejo Connor sendo a melhor pessoa para ela. Ele é muito egoísta para cuidar dessa garota do jeito que eu cuidei. E espero que, ao longo desse tempo que vou viver com ela novamente, ela perceba que estamos destinados a ficar juntos.

Meu sangue ferve em cada palavra. Eu balanço minha cabeça e olho para o meu irmão. — As coisas que enterramos, — digo em voz baixa, — têm um jeito de voltar para nos assombrar.

Ryke pode tentar enterrar seus problemas.

Eu vou enfrentar os meus.

Connor senta na sala de estudo para a entrevista.

— O que você acha de Scott? — Savannah pergunta.

— Eu o acho comparável a um pequeno adolescente que tenta arrombar a fechadura da minha casa. Ele não é nada mais que um ladrãozinho, tentando pegar o que é meu. Isso é honesto o suficiente para você?

— E quanto a Rose?

— O que tem a Rose?

Eu franzo a testa. Ele disse o nome dela como se ela não significa nada para ele.

— Você a ama? — Pergunta Savannah.

— O amor é relativo para alguns.

— E é para você?

Seus dedos descansam em sua mandíbula em falsa contemplação, e ele sorri com autoconfiança. Pela primeira vez, o sorriso dele realmente me irrita. — Sim, — diz ele. — O amor não tem sentido na minha vida.

Mas que... porra.

As telas ficam pretas. Foi isso.

Tantos pensamentos se passam pela minha cabeça enquanto todos aplaudem. As pessoas começam a conversar e se dirigir ao bar para mais bebidas.

Ryke e eu encaramos Connor. Eu nunca pensei que a produção teria transformado o cara mais legal no mais maligno. Mas eles definitivamente fizeram isso.

Rose pega outro copo de champanhe da bandeja do garçom e relaxa as costas contra o peito de Connor. Ele a segura no lugar já que ela está meio alterada. Eu não posso acreditar que ela está bem com tudo o que ele acabou de dizer no show.

— Então esse foi o verdadeiro Connor Cobalt? — Eu pergunto, deslizando meu braço em volta dos ombros de Lily. Algumas das cenas poderiam ter sido fabricadas com edição, mas quantas dela?

Eu ouço o aviso do meu irmão, sobre Connor não ser aberto o suficiente comigo. Eu nunca pensei que ele tivesse um relacionamento parecido com Rose, mas ela se coloca lá fora e ele nem está *disposto* a admitir que a ama.

— Eu falei honestamente, — diz ele. — E essa não foi a primeira vez que fiz isso.

— Então você nunca amou alguém? — Eu questiono. — Nem mesmo uma namorada, sua mãe, seu pai ou um amigo? — Eu não quero que nosso relacionamento seja um jogo. Eu sabia, no começo, que ele estava apenas me colecionando como ele fazia com todo mundo. Ele foi sincero sobre isso, e foi por isso que eu gostei dele. Eu tinha dinheiro e conexões, então é por isso que ele virou meu amigo. Mas eu pensei que nós tivéssemos passado além disso. Não passamos?

— Não, — diz ele. — Eu nunca amei ninguém, Lo. Eu sinto muito.

Rose aponta para mim, sua taça de champanhe na mão. — Deixe isso para lá, Loren. Eu entendo.

— Por quê? — Eu estalo. — Porque vocês são dois androides frios?

Sua careta é suavizada pela bebida. — É assim que ele é. Se você entendesse

metade das crenças de Connor Cobalt, sua cabeça explodiria.

— Rose, — diz Connor, como se dissesse a ela para deixar isso pra lá.

Eu nunca a vi dar tanto de si mesma a uma pessoa, e *temo* que ela esteja sendo manipulada por ele. Talvez, todo esse tempo, eu também estive sendo.

Rose ainda defende o namorado. — Não, Connor não fez nada de errado.

— Ele não te *ama*, — eu zombo. — Ele está com você há mais de um ano, Rose. — Ele vai machucá-la. Uma garota que *nunca* deixa ninguém chegar tão longe assim, está deixando a pessoa errada entrar. Por que eu sou o único que vê isso?

— Lo, — Lily adverte.

— Não, — eu digo, — ela precisa ouvir isso. — Eu aponto para Connor, mas falo com Rose. — Que tipo de cara fica com uma garota por tanto tempo sem nada em troca? Se ele não te ama, então ele está apenas esperando para te foder.

Connor fica calmo. E desta vez, isso realmente me irrita. — Ela não precisa da sua proteção, — ele me diz. Rose balança em seus braços, embriagada. — Ela sabe quem eu sou.

— Então você está bem com isso tudo? — Pergunto a Rose. — Ele vai te foder, e então ele vai ir embora. Isso faz você se sentir bem, Rose? Você esperou vinte e três malditos anos para perder a virgindade, e você vai dar para um cara que não pode *admitir* que ama você.

Ele é um covarde. O cara que eu achava que era a melhor pessoa do mundo - não é nada além de uma farsa.

Connor diz, — Eu não vou admitir algo que eu não sinto. — Eu tenho uma resposta pronta, mas ele me bate nisso. — Você gostaria que eu sentasse e enchesse sua cabeça com números, fatos e relatividade? Você não pode engolir o que eu tenho a dizer, porque você não vai entender, e eu sei que isso machuca você. Mas não há nada que eu possa fazer para mudar a maneira de como as coisas são. Eu sou o resultado de uma mãe com paredes de tijolos em volta dela, assim como eu, e confie em mim quando digo que você nunca verá mais do que eu lhe dou. Para ser meu amigo, isso tem que ser suficiente, Lo.

Eu processo cada palavra pesada. Eu queria que ele sentisse que eu poderia lidar com tudo dele. Eu queria não ter o idolatrado tanto desde o começo. — E para você, Rose? — Eu pergunto, me voltando para ela. — É suficiente para você?

Lily fica ao lado de Rose e segura a mão dela. O fato de Lily poder confortar

alguém depois do que aconteceu com ela esta noite - isso constrói algo puro dentro de mim.

Rose acena com a cabeça, o pescoço endireitado e os ombros puxados para trás. Mas eu a pego apertando a mão de Lily. — Eu vou ao banheiro. Vocês podem nos encontrar no carro. — Lily segura Rose pela cintura, e elas passam entre as multidões espalhadas.

Eu vejo como Connor mantém seus olhos azuis bloqueados em Rose. Com mais e mais preocupação.

Ele *está* apaixonado por ela.

Pela primeira vez, em sua vida, Connor está cego.

Quando ele encontra o meu olhar, eu digo, — Eu só quero que você saiba que perdi algum respeito por você esta noite. E você não vai recuperar essa porra tão facilmente. — Eu não quero jogar seus jogos. Eu não sou um investidor que ele precisa guardar no bolso de trás. Eu sou seu *amigo*. Eu só quero que ele seja real comigo.

— Claro, — ele diz suavemente. — Compreendo.

Seu olhar se dirige para o tapete em pensamento profundo. Um olhar distante que eu não vejo frequentemente nele. Meu estômago está em nós. Eu já quero perdoá-lo, *dizer não se preocupe com isso*. Ele tem esse poder sobre as pessoas. É insano e percebo o quanto amo o cara.

Essa é a coisa engraçada: Ele provavelmente nunca vai me amar.

{ 21 }

0 anos : 07 meses Março

LILY CALLOWAY

— LILY! LOREN!

Os paparazzi nos cercam como formigas saindo de uma colina. Eles estão correndo entre carros na rua, apenas para nos filmar na calçada enquanto tentamos entrar em um prédio em Nova York.

Uma lente da câmera acidentalmente bate na minha cabeça. *Ai*! Eu fecho meus olhos enquanto a dor cresce.

— Para trás! — Lo grita com os paparazzi. Ele me guia para frente e protege minha cabeça, puxando-me para mais perto de seu peito.

Ryke fisicamente restringe cinegrafistas com os seus braços fortes, usando-os como barreiras. Ele é como o meu Garth substituto desde que eu tive que tristemente lhe dar umas férias. A equipe de produção não deixou Daisy e eu mantermos nossos guarda-costas, algo sobre "atrapalhar".

Tenho saudades dos olhares brutais e intimidantes de Garth que encolhia os pedestres que me davam olhares feios.

E eu sinto falta do jeito que ele cheirava a rosquinhas de manhã. Não importa se ele é um homem de poucas palavras. Ele era o musculoso que eu carecia severamente.

Tento segurar minha lata de spray de pimenta com estampa de leopardo para autoproteção, mas praticamente tenho uma mão em forma de garra do T-Rex, incapaz de esticar muito o braço.

— Quem é melhor na cama, Lily? — Grita um cinegrafista. — Loren ou Ryke?!

O fogo queima minha barriga. Eu queria ser um T-Rex. Eu o comeria.

De um modo *não sexual*. Apenas para ficar claro.

Meu pescoço se aquece.

— Lily, — diz Lo, seus lábios ao lado da minha orelha. — *Respire*.

Eu percebo que estou respirando lentamente e superficialmente. Minha testa está suada, e meu lábio superior provavelmente também. Tão sexy. — Lo, — eu

sussurro sobre os gritos dos paparazzi e de Ryke que grita para *irem para trás*! — Nós vamos conseguir?

Eu quis dizer entrar no prédio. Estamos aqui para dar suporte a Daisy, que está em um desfile de moda para um designer popular. Mas minhas palavras parecem abranger mais do que esse tempo e lugar. *Princesas da Filadélfia* foi o reality show mais visto no GBA desde *sempre*. Nós não tínhamos essa quantidade de fama antes. É um novo nível de loucura.

Lo responde me levantando em seus braços, estilo cavalinho dianteiro que é íntimo e seguro. Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, pressionando minha testa em seu ombro. Eu bloqueio o barulho. É só Lo e eu. Como nos velhos tempos.

Ele diz, — Nós vamos conseguir.

Eu acredito nele.

Minhas pernas apertam em torno de sua cintura, e uma parte ruim de mim começa a latejar... por algo mais duro. O sexo está no cérebro hoje.

Só entre no prédio. Tudo ficará quieto.

Assim que Ryke empurra as portas à nossa frente, Lo entra com uma fileira de cinco ou seis câmeras à sua frente. Apenas dois pertencem ao reality show.

Mais flashes e cliques.

Não há escapatória.

*

Nós nos sentamos em cadeiras brancas de plástico que se alinham na pista. Eu me inclino para mais perto de Lo, segurando seu bíceps enquanto sua mão permanece no meu joelho. — Você pode colocar sua mão mais alto, — eu sussurro, meu coração acelerado no meu peito. Eu preciso de *algo*.

Espera. Meus olhos se arregalam.

Eu estudo nosso ambiente. Assentos na primeira fila de um desfile. A imprensa tirando fotos da plateia antes que as modelos comecem a desfilar. Estou entre Lo e Ryke. Por alguma razão, a produção nos separou de Rose, Connor e Scott, que se sentam do outro la da passarela branca.

Eu não posso ser *tocada* agora. Nesta cadeira. Na frente de outras pessoas.

Alguma parte lógica do meu cérebro morreu do lado de fora.

Lo me dá um olhar preocupado.

— Deixa pra lá, — eu murmuro. — Mantenha sua mão aí, bem aí. — Eu acaricio o topo de sua mão no meu joelho para mais ênfase. Mas eu me pergunto se posso simplesmente a subir um pouco mais.

Não.

Eu cruzo minhas pernas para colocar alguma pressão entre as minhas coxas.

Isso não ajuda. Eu acho que estou suando com uma blusa da Calloway Couture. Eu vou estragar uma das roupas da Rose. *Merda.* Eu puxo o tecido de seda do meu peito para evitar o suor.

Lo esfrega meu ombro. — Olhe para mim, Lil.

Eu olho. Seus olhos âmbar quase me fazem derreter. Meu coração está batendo tão rápido. Tudo vai ficar melhor se nós apenas... eu só quero que ele empurre... *não Lily.*

Ele examina meu estado de espírito, seus olhos cor de whisky passando por mim. Então ele segura minha cabeça para sussurrar em meu ouvido, — Eu não posso fazer sexo com você hoje. — Sua voz é muito severa.

Eu exalo uma dor forte no meu peito. — Eu sei. — Seria o sexo ruim que só medica a minha ansiedade. O lado compulsivo, bestial de mim que sai com estresse e solidão.

— Por que você está aqui, Lily?

Eu franzo a testa. — O que você quer dizer...?

— Nesta cadeira, — diz ele, — neste edifício. O que você está fazendo aqui?

Eu olho em volta. Oh. As câmeras. A passarela. Eu olho através dele. Rose e Connor estão falando tão rapidamente, provavelmente em francês, e seus olhos ficam piscando para mim. A preocupação reveste seus rostos.

Tem até mesmo alguns atores famosos ocupando a primeira fila. Alguns ex-modelos.

Eu me viro para Ryke à minha direita. Ele olha para mim com aquelas sobrancelhas endurecidas. — Você parece uma merda.

Déjà vu. Eu abandonei o desfile de Rose por sexo uma vez. *Nunca mais.* Eu não quero continuar repetindo os mesmos erros. Desta vez será diferente.

— Estou aqui pela minha irmã, — digo a Lo.

Ele assente novamente, vendo que eu entendi.

Eu respiro fundo, descruzo minhas pernas e enlaço meus dedos com os de Lo. *Não pense em sexo.*

Bom plano, Lily.

E então a música começa - uma batida eletrônica que eu de todo o coração aprovo. As pessoas ainda se acotovelam com seus amigos, sussurrando enquanto as modelos se preparam para fazer suas coisas, mas a conversa geral é abafada pela música.

Eu me contorço e sento mais alta, reta na cadeira, inflada com essa confiança temporária. *Não pense em sexo.*

— Lily, — Lo estremece. Estou segurando sua mão com tanta força que seus dedos estão roxos.

— Desculpe, — murmuro.

— Tudo bem, — diz ele, descansando a mão no meu joelho.

Eu fico reta novamente e ele se retrai quase instantaneamente.

— Espere, — eu digo apressadamente, — não tenha medo de mim...

Lo me olha por um longo segundo com confusão. — Eu não estou com medo, Lil. — Ele esfrega minha coxa só para me mostrar.

Eu assinto. Isso é bom. O ponto entre minhas pernas pulsa. *Fique quieta, vagina.*

Agora estou falando com minha vagina. Ótimo.

Eu posso sair.

Mas isso significa que deixei meu vício dominar minha vida. Eu só ganho se eu ficar parada. A mão de Lo vem para a parte de trás do meu pescoço, seu polegar fazendo círculos calmos e melódicos que retardam meu coração.

Seus olhos âmbar nunca deixam os meus, e eu me vejo chegando mais perto, minha perna pressionada contra a dele, minha mão em seu cós.

— Lily... — ele respira superficialmente. É um aviso, mas por que ele parece tão sexy?

Sua *preocupação* está me excitando? Querido Deus.

Eu me concentro na pista para um cenário mais feio. Loren Hale é lindo demais para olhar agora. Mas assim que viro a cabeça, percebo que modelos já começaram a andar pela faixa branca.

Metade deles é do sexo *masculino*.

Quem eu feri na semana passada?

Eu treino meu olhar em seus pés. Eles são a parte mais não-sexy de um ser humano, na minha opinião. Eu nunca tive toda essa coisa de fetiche por pés.

Ryke abaixa a cabeça ao meu lado, seu mau humor estranhamente ajudando a manter minhas ansiedades afastadas.

Lo diz para nós, — Rose acha que o namorado de Daisy é um desses

modelos com os quais ela está trabalhando.

Eu ainda não consigo acreditar que nenhum de nós o conheceu, e aparentemente eles estão namorando desde *janeiro*.

— Eu sei, — Ryke diz tensamente. — É uma teoria estúpida.

— Por quê? — Eu pergunto, essa conversa sendo a distração perfeita. Mas minha mão ainda não saiu do cós do jeans preto de Lo.

— Você não está vendo esses malditos caras? — Ryke diz para mim.

Eu corro. — Eu não estou olhando... porque, você achou que eu estava? — Eu aperto meus olhos para ele.

Ryke balança a cabeça para mim como se dissesse *não posso acreditar*... — Esses modelos realmente estão te excitando agora? — Eu coro mais do que antes. Tecnicamente, Loren Hale está me excitando mais.

— Ei, — Lo o corta. — Você não sabe o que ela está passando.

Ryke levanta as mãos em defesa. — Eu só não vejo como esses caras vestindo coletes de cashmere e camisas xadrez poderiam excitar *qualquer* garota, não apenas ela.

Lo pensa e acena com a cabeça. — Isso é verdade.

O quuu... eu belisco seu braço.

Ele sorri, nem fingindo que doeu.

— Apenas me diga como eles são, — digo, concentrando-me nos joelhos de Lo. Se ele pudesse se mover para um pouco mais perto, eu poderia colocar minha perna ao redor dele— *Não.*

— Vinte anos, — explica Lo. —Cabelo bonito.

Eu espero mais, mas é só isso. — Descrição horrível.

— Se eu for pintar uma imagem viva, você pode muito bem apenas olhar para eles.

E fantasiar sobre outra pessoa além de Lo? Não vai acontecer. Minha mente está no modo DEFCON. Eu tenho que tomar precauções, prender tudo, antes que me traia.

Lo acena para a pista e diz a Ryke, — E se esse for o namorado dela?

— O loiro sem camisa? — O rosto de Ryke escurece completamente, e sua mandíbula endurece como pedra.

— Não fique tão chateado com isso.

— Ele provavelmente tem uns vinte e oito anos, — retruca Ryke.

— De jeito nenhum, ele provavelmente tem dezessete anos. Modelos geralmente parecem mais velhos do que são.

— Exemplo A, — eu me envolvo, — minha irmã. — Daisy já foi confundida com uma estudante universitária de vinte e poucos anos, tanto quanto eu fui confundida com uma adolescente.

— Exatamente, — acrescenta Lo.

— Provavelmente é esse cara, — diz Ryke, apontando brevemente para alguém.

Curiosidade compele meu olhar para onde ele está apontando. Os modelos não são tão atraentes quanto Lo, então respiro relaxadamente. Eu acho o cara que Ryke escolheu. Ele é alto, magro, com orelhas grandes e cabeça raspada. Eu não posso vê-lo com Daisy. De jeito nenhum. Seria tão incompatível. Talvez seja por isso que Lo e eu começamos a rir ao mesmo tempo.

Do outro lado da pista, eu pego Rose revirando os olhos para nós, mas seus lábios se erguem quando ela sussurra para Connor novamente. Apesar do seu habitual olhar frio, ela irradia felicidade. Talvez porque Lo e eu estamos exalando alguns sentimentos brilhantes em vez de tempestuosos.

E Scott parece apenas empurrar Rose e Connor para mais perto do que para separá-los. Por um breve segundo o produtor trava os olhos comigo. Ele penteia as mechas loiras escuras para trás, o sorriso tão oleoso quanto o cabelo dele.

Ele pisca para mim.

Eu tremo. Meus desejos sexuais começam a diminuir, e de bom grado me concentro no meu namorado.

— Certo, — diz Lo para seu irmão. — De todos os modelos aqui, Daisy vai escolher o mais estranho.

— Eu não tenho nada para comparar, — ele rosna, seu mau humor exalando. — Não é como se eu tivesse conhecido seus antigos namorados.

Eu olho para Lo. — Você conheceu o ex dela? O nome dele era... Josh, eu acho. — Eu foco nos lábios rosados de Lo.

Ele pensa muito, e eu vejo sua testa se enrugar em contemplação.

Beija ele.

Mais tarde. — Ele tinha um corpo médio, cabelos castanhos, — lembra Lo. Ele se inclina para nós enquanto fala para evitar interromper o desfile.

Falando sério, todo mundo está conversando.

Essa descrição não soa nada familiar para mim. — Por que ainda não vimos uma foto do novo namorado dela? — Pergunto a eles. — Ele não deveria estar nos tabloides? — Eu os vejo diariamente ainda e nada. Sem manchetes com: *Daisy tem um namorado modelo gostoso!*

— Eu sempre estou com ela quando ela está na cidade, — explica Ryke, — e ela se recusa a trazê-lo por algum motivo. É muito estranho.

— Talvez ele não exista, — teoriza Lo.

— Eu pensei sobre isso, — diz Ryke, — mas ela tinha... — Ele se encolhe e gesticula para o pescoço.

Lo geme. — Deus. Pare... ela ainda tem treze anos para mim.

— O que? — Eu me animo. *Chupões. Deve ser chupões.* Mas eu não quero ser chamada de pervertida em público, nem por brincadeira de Ryke, então eu não ofereço o meu palpite.

— Chupões, — diz ele. *Sabia.* — Você provavelmente os verá no episódio da próxima semana.

Lo geme ainda mais e aperta a ponte do nariz. — Por que ela ainda tem um namorado?

— Por causa do sexo, — eu deixo escapar.

Os dois me encaram tipo *que porra é essa?* Suas carrancas irritadas e sombrias podiam matar, parecendo irmãos. Eu percebo que *sexo* era a coisa errada a dizer.

Agora *eu* levanto minhas mãos em defesa. Daisy tem tentado encontrar o "cara certo" por um tempo. Mas ela está sempre em todos os lugares: praticando mergulho, fazendo parkour, andando de skate *etc.* Em algumas ocasiões, quando o assunto envolve caras, ela sempre compartilha a mesma história insatisfatória.

— É um palpite lógico, — sussurro. — Ela está tentando... você sabe.

— Não, eu não sei. — Ryke olha para mim como se eu estivesse falando em outro idioma. Eu sei que estou o nosso aqui.

Eu sussurro muito, muito suavemente. — Ela está tentando ter... um O.

Lo cobre o rosto com a mão. — Isso é mais do que eu sempre quis ouvir.

Ryke cruza os braços sobre o peito. — Em Cancun, ela disse que teve um orgasmo durante o sexo, lembra?

Como ele pode dizer tudo isso sem vacilar? Estou admirada. — Rose não acha que ela teve, — eu sussurro. Eu vejo Lo da minha visão periférica, e uma imagem safada pisca na minha cabeça: meus lábios em volta do seu pênis. É como uma lembrança e a perspectiva de um futuro.

— Lily, — Lo diz, pegando minha mão.

O que eu fiz? Meu coração sobe para a minha garganta. Ele pega meus dedos se aproximando de seu zíper. Oh meu Deus. Câmeras *clicam*, *clicam*, desta vez, algumas das lentes apontam mais para mim do que para as modelos.

Lo tenta me distrair com mais conversas e menos silêncio. O silêncio deixa

minha mente vagar para longe, especialmente se for abastecida com música eletrônica e pano de fundo indutores de fantasia (também conhecidos como Loren Hale).

— Vamos dizer que ela realmente tenha um namorado, — Lo sussurra entre nós, — como diabos *ele* vai se sentir com o reality show? — Ele dá um tapinha nas costas de Ryke. — Você está em *todas* as cenas com Daisy, você percebe isso, né? — Eu me pergunto se o namorado dela já se sente ameaçado por Ryke.

— O idiota não pode nem ir em sua festa de aniversário de dezessete anos, — retruca Ryke. — Você realmente acha que ele se importa com *Princesas da Filadélfia*? A essa altura, acho que ele não se importa nem com *ela*.

Infelizmente, acho que estou de acordo.

A coleção masculina termina com o designer andando até a metade da passarela e se curvando. Ele aperta as mãos em agradecimento, sua gravata de bolinhas excêntrica como o resto de suas roupas. Assim que ele sai, toda a sala amolece, a música se esvaindo.

Algumas mulheres e homens abrem cadernos e clicam em canetas para anotar seus pensamentos. Provavelmente para revistas ou donos de lojas de departamento. Minha importância como "irmã de Daisy" encolhe, e a intensidade desse desfile de moda me surpreende.

As luzes se apagam dos dois lados da passarela, o público encoberto de escuridão enquanto a longa e larga faixa brilha em branco. Cada lâmpada e flash está direcionado para o meio da sala de tamanho modesto. Tecido preto sobe contra as janelas de vidro, nos envolvendo, ainda mais escuro e mais íntimo.

Rose nunca teve um desfile de moda deste calibre para Calloway Couture.

Estas são as grandes ligas.

Eu reconheço a música que começa o desfile: "Sacrilege" por Yeah Yeah Yeahs.

A primeira modela começa a desfilar pela pista em saltos pretos de plataforma. Como ela não está com a cara no chão? Ela usa um vestido cáqui até a metade da coxa com um cinto cor de salmão. Seu cabelo moreno está perfeitamente esticado e delicadamente enrolado nas pontas.

Antes da modela chegar ao fim, outra garota é mandada para a passarela, acompanhando o ritmo da música. Eu conto uma, duas, três, quatro modelos antes da minha irmã aparecer.

Daisy. Eu sorrio - o tipo de sorriso que eu não posso conter, que faz minhas bochechas doerem um pouco. Ela está com um vestido cinza com tecido caro e

elegante e um cinto amarelo, mais fashion do que comercial. Seu longo cabelo loiro até a cintura, as pontas onduladas.

Aos dezessete anos, ela anda como uma mulher madura e poderosa, com equilíbrio além das minhas capacidades. Seus quadris balançam; cada salto alto se ergue na frente do outro.

Seu olhar está trancado à sua frente, sedução flamejando em seus lábios vermelhos e olhos focados. Os flashes não a fazem piscar ou vacilar. Minha jovem irmã se move como se o mundo estivesse sendo criado sob seus pés.

O momento me rouba o fôlego. Estou cheia de orgulho dela.

Ela possui o público, mesmo quando ela passa a outra modelo e posa brevemente na borda. No caminho de volta, ela está mais perto dos nossos lugares. Eu dou uma olhada em Ryke ao meu lado, e seus músculos tensos nunca se soltam, sua mandíbula dura permanece como de costume. Mas sua respiração está mais pesada do que deveria estar.

Ele a observa com a cabeça um pouco abaixada, a música perto do fim.

E os cantos dos lábios de Daisy se levantam sutilmente, como se ela pudesse senti-lo bem ali. Quando ela se move até o fim da passarela, eu dou uma cotovelada em Ryke de lado.

Ele olha para mim. — O quê? — Ele sussurra defensivamente.

— Ela tem um namorado. — Minha irmã merece romance, do tipo com rosas vermelhas e chocolates e orgasmos épicos. Ryke lhe dará a melhor noite de sua vida e a deixará com um coração partido. É uma coisa que Lo e eu mutuamente tememos.

Somos mais próximos de Ryke do que Connor e Rose. Conhecemos melhor seus hábitos, e transar no banheiro do Lincoln Field não é tão romântico. Eu fiz isso quatro vezes, eu deveria saber.

— Lily, — ele sussurra, — ela tem *dezessete* anos.

Nós não deveríamos estar conversando, não durante este show em particular. Todos prestam atenção nas roupas que as modelos usam, e eu também deveria prestar. Eu apenas aceno e deixo passar.

Apenas quinze minutos depois, as meninas desaparecem da pista, preparando-se para a caminhada final. E então o primeiro corpo surge.

Daisy lidera as modelos, uma posição cobiçada. Seu vestido de boneca rosa pálido se move com cada balanço de seus quadris, elas está praticamente deslizando em seus saltos gladiadores prateados. Cerca de vinte mulheres atrás de Daisy usam a mesma peça em um tom diferente.

O público começa a bater palmas. Eu felizmente me junto, mas, mesmo quando fazemos isso, posso ver uma tristeza normalmente contida nos olhos de Daisy. Um entorpecimento que bloqueia sua personalidade brilhante e errática.

Lo sussurra em meu ouvido, — Ela parece chateada.

Bater palmas deve animar alguém. É basicamente como gritar *eu acredito em fadas*! mas faz o oposto por Daisy, sua luz vai se apagando como uma Sininho murchar.

Quando ela se vira, voltando para a pista e passando pelas modelos para criar duas faixas de corpos, ela nos ultrapassa novamente.

Desta vez, Ryke fala.

— Apenas corra, Calloway, — ele diz a ela enquanto ela passa.

Ela quase vacila, quase parando em seu caminho. Eu juro que era como se Ryke tivesse tocado em algo profundo em seu núcleo, algo que vem a machucando. Eu não consigo entender, e o fato dele conseguir... deixa tudo mais complicado.

Ryke aperta o lado da cadeira como se estivesse se segurando para *não* se levantar e invadir a pista. Eu o imagino andando para trás enquanto ele fala com ela, tentando desesperadamente convencer minha irmã a fazer algo que ela ama e não o que nossa mãe diz a ela.

Modelar nunca foi sua paixão.

Mesmo que ela seja ótima nisso.

Em vez disso, Daisy mantém seu rumo, se mantendo a mais profissional possível.

— Você não pode forçá-la a sair dessa vida, — lembro-lhe em um sussurro suave. — O trabalho dela significa muito para a nossa mãe.

— Ela odeia, — Ryke diz de volta para mim. — Você não pode ver isso?

— Nós temos que fazer coisas que não gostamos às vezes, — eu digo, pensando no reality show, no iminente casamento em junho.

— Porque? — Ryke pergunta.

— Para a nossa família.

Talvez um dia ele perceba até onde estamos todos dispostos a ir. Para as pessoas que mais amamos.

{ 22 }

0 anos : 07 meses Março

LOREN HALE

— Eu não estou pedindo para você me ajudar. — Neve cai no pátio dos fundos da mansão do meu pai. Em um rico subúrbio da Filadélfia. Eu seguro o frio com ele, calor saindo dos aquecedores de prata. Nós dois bebemos café. Única diferença: o dele está com licor irlandês.

— Você não tem que pedir, — ele me lembra, sentando-se em uma cadeira Adirondack. — Eu sou seu pai, está na descrição do meu trabalho ajudá-lo. — Antes de refutar com *eu não estou com problemas* ou *onde você estava quando eu estava me afogando em álcool e precisava de reabilitação*, ele acrescenta, — Você vai entender quando você tiver filhos.

Eu cerro meus dentes. Não importa quantas vezes eu diga a ele que nunca vou ter filhos, ele simplesmente não escuta. — Eu acho que nunca vou entender então, — eu digo.

Ele bebe seu café, me observando de perto enquanto eu olho para o lago congelado. A grama está coberta de neve, toda branca. — Ryke diz que eu não deveria ir atrás de Scott.

— Scott está atacando Ryke?

— Na verdade não.

— Então ele não tem nada a dizer. — Ele franze a testa, o rosto não barbeado. Ele parece mais com o Ryke agora, mas não vou contar isso a ele. O relacionamento deles ainda está fraturado, talvez até além do reparo.

— Ontem, — eu digo, — Scott entregou a Lily um roteiro que dizia para ela roçar um travesseiro. — Dói respirar completamente, várias emoções me atingindo. — Quem faz isso?

— Os homens farão *qualquer coisa* por dinheiro, Loren. Ele está apenas tentando lucrar com vocês dois, e até agora, ele está indo bem. — Certo, o show é um sucesso.

Meu estômago se aperta. — É? — Eu me inclino para frente, meus braços

em minhas pernas, com a caneca entre as minhas mãos. Estou com medo de Scott Van Wright.

Estou com medo de quão longe ele vai nos empurrar.

Eu tento engarrafar esse medo, sufocando-o tão baixo que não consigo sentir nem um pouco dele. Eu não vim aqui para pedir a ajuda do meu pai. Eu não quero ele envolvido nisso. Eu só precisava ouvir alguém concordar comigo.

— Ei, — ele diz com força.

Eu viro minha cabeça para encontrar seu olhar duro.

— Não deixe nenhum filho da puta entrar em sua vida e destruir o que pertence a você. Seja suas mulheres, sua casa, seu dinheiro ou sua carreira. Você protege tudo isso, você me ouviu? — Ele coloca uma mão firme no meu ombro. Ele pode oferecer conselhos retrógrados, mas ele sempre esteve lá por mim.

Isso é mais do que qualquer mãe minha pode dizer.

— Eu só tenho *uma* mulher, — eu digo a ele levantando minhas sobrancelhas.

— Não seja um espertinho.

Eu digiro todas as suas palavras, mesmo que não devesse. — Eu nunca quis atacar alguém novamente. — *Mas eu sei que vou precisar fazer isso.* Eu admito isso para ele, de todas as pessoas. Não para Connor, não para Ryke ou Lily.

— Se você não quer estragar o reality show, como você me disse, então você tem que fazer algo com *ele*. Ele vai intimidar você, filho. E se você não vai fazer alguma maldita coisa, *eu* vou. Eu não quero ele perto da Lily. Ela é como uma filha para mim. — Ele toma um grande gole de café.

É como se houvesse uma guerra dentro do meu corpo sem sinais de rendição. Se eu ataco Scott, eu vou me sentir um merda. Se eu não fizer nada, eu vou me sentir um merda. Que porra sobrou para mim?

— *Não* me ajude, — digo de repente ao meu pai. — Eu preciso fazer isso sozinho.

Ele concorda. — Apenas certifique-se de bater nele onde mais dói.

Eu nem sei onde é isso.

A pior parte de ser o mais fraco: eu nunca ganho até o último minuto. Então eu cavo e arranho e raspo, lutando na esperança de que no ato final, eu sairei por cima.

Mas o que acontece se eu nunca sair?

{ 23 }

0 anos : 07 meses Março

LILY CALLOWAY

O meio da tarde no meio da semana tem que ser o momento mais deprimente. Presa diretamente no centro, onde ninguém quer. Solitária. Quando a casa está vazia. Pessoas no trabalho. Pessoas em almoços de negócios. Ninguém está *aqui*. Não comigo, pelo menos.

Estou S.O.Z.I.N.H.A.

Até mesmo os cinegrafistas se dispersaram.

Agora seria o momento em que eu me espancaria por adiar o trabalho escolar. Mas terminei minhas tarefas on-line há duas horas.

Viva eu!

Eu pensei que me sentiria mais realizada, mas comemorar sozinha não é tão divertido quanto fazer outras coisas sozinha. *Coisas* que não posso mais fazer.

Cuidadosamente, eu me arrasto na cama com a última edição da *Uncanny X-Men*. Não é meu quadrinho, e Lo tem uma regra rígida de "não leia meus quadrinhos antes de mim". Algo sobre eu amassando as páginas ou borrando as fotos. Mas o tédio exige riscos, e estou disposta a arriscar sua raiva pelo Ciclope.

Cinco páginas. Isso é quanto tempo eu duro antes que minha mente se desvie. Eu imagino Lo. Seu abdômen. Seu sorriso com covinhas e mandíbula afiada. Eu tenho que me parar antes que minha imaginação leve a lugares mais nefastos, com nudez e corpos giratórios.

A porta do meu quarto se abre assim que olho de volta para o quadrinho. Lo está na porta como uma invenção da minha mente. Talvez ele seja.

Eu me belisco.

Ai…

Lo me dá uma olhada. — Eu sou real, Lil. — Ele fecha a porta atrás dele e coloca sua pasta de couro sobre a mesa. Um presente do pai dele. É difícil tirar meus olhos dela. A um ano atrás, essa pasta não pertencia à nossa vida. Agora tem um ponto específico em que ela repousa.

Não parece fora do lugar. Não como eu pensava que ficaria.

Quando volto meu olhar para Lo, percebo que ele não se mexeu. Ele me

observa com cuidado como alguém assiste uma tempestade de raios. Com curiosidade, preocupação e atenção extasiada.

— Se você é real, — eu digo, estreitando meus olhos. — Então, por que você não está no trabalho?

— Esse é o lado bom de trabalhar para si mesmo, — diz ele com um sorriso irônico. — Eu posso definir minhas próprias horas, levar o meu trabalho para casa e passar a tarde fazendo amor com uma garota.

Ah...

O meio dos dias e o meio das semanas não parecem mais tão solitários. Ele não se aproxima e minha respiração já me traiu. Pelo menos meu corpo não está fazendo nada de espástico... ainda.

— Só *uma garota*? — Eu pergunto. — Não uma específica?

Seus olhos voam da minha cabeça lentamente pelo comprimento do meu corpo. Eu fico tão molhada em resposta. Maldito seja ele.

Ele lambe o lábio e eu tenho que segurar os lençóis para não pular da cama e apressá-lo. Eu não estou tão acostumada com o Loren Hale Excitado vindo *me* seduzir. Eu sou sempre a excessivamente excitada, emocionalmente corrupta. É uma boa mudança, mesmo que meu corpo esteja gritando *vai vai vai*.

— Eu tenho uma garota em mente, — ele me diz. — Mas aqui está o problema... — Ele começa a desabotoar sua camisa, e eu começo um mantra na minha cabeça. *Concentre-se em suas palavras, Lily, não em seu abdômen. Palavras. Não abdômen. Palavras. Não abdômen. Definitivamente não em seu pênis*. — Da última vez que fiz amor com ela, ela chorou quando terminamos.

Minha cabeça se levanta. — Eu não chorei, — eu defendo. — Eu tinha suor salgado nos meus olhos. Isso é uma coisa real, você sabe.

— Ela chorou, — ele continua sem perder uma batida, seus lábios se curvando. — Ela tinha essas grandes lágrimas em seus olhos e ela se transformou neste monstro de amor, choramingando sobre o quanto ela me amava.

Ele começa a se mexer dessa vez e eu tento não sorrir.

— Eu não fiz isso. — Eu mordo meu lábio e depois desisto, meu sorriso acaba se espalhando. — Se me lembro bem, eu disse que podia sentir sua alma. Foi poético.

Seus joelhos batem nos meus e sua camisa se abre, revelando seu peito nu. Mas eu não tenho que cantar meu mantra por mais tempo. Seus olhos âmbar e palavras afiadas têm toda a minha atenção. O humor vai embora e sua mão

desliza para minha bochecha. — Foi lindo, — ele respira.

Pensamentos rastejam na minha cabeça e eu não consigo parar minha boca. — Você veio para casa apenas para uma rapidinha?

Eu gemo internamente. *Muito bem, Lily. Que jeito de arruinar o momento.*

Ele lê meu constrangimento e abre um sorriso. — Eu não estou sendo claro o suficiente?

— Hmmm... — Minha mente fica vazia. Totalmente. Eu estou com morte cerebral.

Ele me traz de volta à vida, agarrando minha mão e colocando-a sobre suas calças. Em sua ereção. — Nós estamos entendidos agora?

Ah, sim.

Nós vamos foder, Ou fazer amor.

Ambos. Talvez ambos.

Eu estou dançando e brincando de bambolê por dentro. Ele joga a camisa no chão e meus olhos encontram os dele. Eu não vou remover minha mão. Ela vai ficar bem ali. — Você sabe o que isso significa? — Eu pergunto.

Ele estreita os olhos e se inclina para frente, me fazendo deitar na cama. Seus dedos encontram os botões do meu jeans, não esperando mais. — Você vai ter que me ajudar com isso aqui, Lil.

Eu franzo a testa. — Eles são botões normais.

Ele sorri novamente. Eu poderia me acostumar com isso. — Não os botões. Me ajude com sua pergunta.

Eu coro. Certo. — Bem, você veio a *mim* atrás sexo. Você é o único a me despir. Você está praticamente me *implorando* para transar com você.

— Eu estou? — Mesmo com os lábios juntos e achatados, ele ainda está sorrindo. Eu vejo isso em seus olhos.

Eu aceno com a cabeça descontroladamente. — Ah, sim. O mundo gira, Loren Hale. Este é um dia monumental. Você estava excitado *antes* de mim. — Eu sorrio.

Ele joga minha calça jeans para o chão, e eu estou muito feliz de perceber que minha calcinha foi com ela. Quando seus dedos entram em mim, eu suspiro e tiro a mão de suas calças. Seus dedos pulsam levemente, e minha cabeça cai de volta no colchão. — Pelo que vejo, você está bem excitada, — ele diz suavemente.

Porra.

— Palavra-chave: *antes*, — eu respondo em uma respiração desconcertada.

Estou prestes a me levantar nos cotovelos, mas não tenho tempo. Ele não me avisa antes que ele substitua seus dedos por sua ereção, entrando em mim completamente. Eu grito com um prazer eufórico. Cada centímetro de mim treme, como um instrumento vibrando em uma alegria empolgante.

Ele levanta minha perna sobre seu quadril, aprofundando-se. Ele não se afasta, ainda não. Seus lábios encontram os meus e ele me beija fervorosamente, sem pausa ou hesitação. Desde que comecei a recuperação, pude ver a relutância nos olhos de Lo. Como um passageiro noturno para nossa paixão. Eu nunca pensei que ele ganharia confiança suficiente em si mesmo, confiança suficiente em mim, e esperança suficiente em nosso relacionamento para deixar todas aquelas hesitações irem embora. Fazer amor comigo tão desenfreado que todo movimento é um impulso e nada leva um segundo pensamento.

É apenas natural.

Ele empurra e me deixa mover meus quadris para encontrar os dele. Eu gemo profundamente, o barulho pegando no fundo da minha garganta. Ele sorri e seus movimentos se tornam mais fortes e agressivos. Eu não tento balançar meu corpo no dele mais, não quando estou com apertando os braços dele e me segurando como se a porra da minha vida dependesse disso.

Seus grunhidos baixos enchem meus ouvidos e enviam meu corpo para o limite. Eu me sinto cavalgando a íngreme montanha até meu pico. — Lo, — eu engasgo. — Eu não posso... aguentar...

Ele para de se mover e eu solto um gemido involuntário. Pelo menos, acho que é involuntário. Eu nunca faria esse barulho de forma *voluntária*.

Lo esfrega o suor da minha testa com a mão. — Goze agora, — ele me diz. Ele pressiona beijos leves no meu pescoço.

Agora?

— Você parou de se mover, — eu o lembro. Eu me contorço debaixo dele, e ele puxa seus lábios para longe, sua mandíbula cerrada.

Oh. Ele está tendo alguns problemas.

Suas mãos seguram meus quadris, me parando. — Por favor, goza agora, — ele me diz, — porque quando eu começar a me mexer e você tiver um orgasmo, eu vou ter terminado.

— E? — Eu franzo a testa. — Nós podemos fazer isso de novo depois. Eu vou te chu... — Sua mão sobe para a minha boca, silenciando minhas palavras.

— Nós não temos tempo. Ry... — ele faz uma pausa para se segurar. — *Pessoas* vão voltar para casa da academia em meia hora.

Ele remove a mão dele. Eu estou fazendo uma careta. Eu não posso evitar. — Você quase disse o nome dele. E agora você quer que eu goze?

Ele move seus quadris ligeiramente e a pressão de seu pênis adormece meu corpo e limpa minha cabeça. — Ahhhhh... — Eu gemo no meu braço.

— *Goze*, — Lo ordena, meio que malvado.

— Você é mal, — murmuro em meu travesseiro, minha bochecha esmagada nele.

Seus lábios escovam minha orelha. — Eu disse por favor primeiro. Você simplesmente não escutou. — Ele penteia meu cabelo para fora do meu rosto, e minhas pernas ficam firmemente enroladas em volta de sua cintura. E então suas mãos descem para a minha camisa. Ela é rasgada antes que eu tenha alguma opinião sobre o assunto.

Ainda não há relutância em seus movimentos.

Ele olha para o meu sutiã como se ele tivesse o atacado.

— Parece que você não é o Hulk, — eu digo com um sorriso.

Seus olhos voam para os meus, sem humor, e então ele puxa o sutiã até meu queixo, meus seios saltando para fora. Merda. Eu levo minha mão para contê-lo, em parte apenas para irritá-lo, mas ele me bate nisso. Ele agarra meus pulsos e os coloca sobre minha cabeça, e quando ele faz isso, sua pélvis se move e eu desmorono debaixo dele.

Meus gemidos são suaves e soam mais como lamentos do que ruídos reais de prazer. Lo solta um suspiro pesado e aperta os dentes como se estivesse lutando para se controlar.

Gozar parece a melhor coisa do mundo agora. Porém eu não tenho certeza se posso fazer isso sem a ajuda dele. Eu acho que ele sabe disso. Sua língua roça meu mamilo endurecido e tento me empurrar para frente, mas seu corpo grande e pesado me mantém imóvel na cama.

Não é preciso muito para me fazer chegar lá.

Ele chupa gentilmente e depois levanta a cabeça. — Basta pensar no meu pau, amor, — diz ele. — Ele está esperando muito impacientemente por você. Você não pode sentir isso, não é?

Sim. Eu me sinto muito, muito cheia.

Repito suas palavras na minha cabeça e me concentro em sua espessura. Meu calor espasma, e eu o aperto bem. Ele tira uma mão dos meus pulsos e abaixa para o meu clitóris, me esfregando tão rápido que eu grito. O mundo inteiro gira, e eu deito de costas, mal me segurando em seu corpo imóvel

enquanto cavalgo as ondas de prazer que me atingem. Uma após a outra. De novo e de novo. Até que meu clitóris esteja muito sensível ao toque, fazendo-me tremer quando ele roça nele.

Ele puxa a mão e se inclina para beijar meu pescoço, minha respiração muito irregular para ele beijar meus lábios. Ele suga suavemente, em seguida, com força, e ele começa a estocar em mim novamente, construindo minha excitação mais uma vez.

Quando eu recupero o fôlego, ele pressiona a testa na minha e ele empurra. Movimentos fortes e rítmicos que roubam meu oxigênio a cada poucos segundos. Seus lábios estão tão perto que poderíamos nos beijar, mas ele os mantém separados. Eu posso sentir sua respiração entrando na minha boca e a minha respiração entrando na dele.

Suas mãos seguram o topo da minha cabeça e ele começa a bombear mais rápido e mais forte, até que nós dois estamos no mesmo nível, tentando alcançar o mesmo clímax.

{ 24 }

0 anos : 07 meses Março

LOREN HALE

Eu puxo minhas calças para cima e vejo Lily colocar um travesseiro sob o queixo. Seus olhos seguem meus movimentos tanto quanto os meus seguem os dela. Não tenho certeza se é medo ou amor que mantém nossos olhares combinados. Talvez uma mistura de ambos.

Eu puxo um cobertor emaranhado na cama, prestes a dobrá-lo, e uma revista em quadrinhos de repente cai no chão. Quando me curvo para pegá-lo, Lily salta do colchão e pega a revista em quadrinhos primeiro. Minha camisa preta está pendurada em seu corpo como um vestido, parando no meio da coxa, mas seus seios são expostos quando ela se desloca de certa maneira.

Meus olhos brilham de seu mamilo para suas mãos, protegendo o quadrinho atrás das costas.

— Essa é minha história em quadrinhos. — Eu não pergunto.

Seu rosto vermelho responde a minha pergunta antes que suas palavras o façam. — Você se lembra daquela vez que fizemos sexo e foi tão bom que eu não pedi mais?

— Você quer dizer há cinco minutos?

Ela acena com a cabeça. — Sim, bem, hum... Acontece que nós fizemos isso em cima de *um* de seus quadrinhos. Oquedeixamaisimpressionante! — Ela fala a última parte rapidamente, e eu tenho que separá-la devagar.

— Qual deles? — Eu já posso sentir minha careta. Eu tento, muito mal, suprimi-la.

Ela solta um suspiro, como se estivesse tentando lembrar. — Sabe, eu não tenho certeza.

— Está nas suas costas, — eu afirmo.

— Ah... certo. — Lily dá um passo à frente e oferece a história em quadrinhos para mim. Antes mesmo de ler o título, noto grandes manchas e as páginas enrugadas. Nós realmente fodemos em cima dele. *Jesus.*

E então eu olho o título: *Uncanny X-Men.* A última edição. Aquele que eu

ainda não li. A irritação explode por um segundo, mas já passou antes que eu possa engarrafá-la.

— Eu sinto muito, — diz ela, com os olhos grandes e redondos. — Eu vou comprar uma nova para você.

Até os menores insultos geralmente me irritam o suficiente para abrir uma garrafa de Macallan. Hoje não. — Tudo bem, Lil. É só uma história em quadrinhos. Eu sempre posso comprar outra.

A surpresa no rosto dela quase me faz sorrir.

Eu dou um passo à frente para envolvê-la em meus braços, mas a porta do nosso quarto se abre abruptamente, sem bater, sem aviso. Espero que seja Ryke invadindo. Que o nosso segredo tenha disso descoberto.

Mas é muito pior.

Scott Van Wright está na porta, peito bombeando com intensidade lívida. Ele segura uma garrafa embrulhada em um saco de papel marrom. Eu tento não me concentrar nisso.

— Saia da porra do nosso quarto, — eu zombo, minhas veias se transformando em fogo líquido. Eu bloqueio o corpo de Lily de vista. Estou acostumado com nossos irmãos invadindo nossa privacidade, mas não esse cara. Isso é algo que eu nunca vou ficar aceitar.

Em vez de sair, ele fecha a porta com um ruído alto. — Precisamos conversar. — Não há humor em sua voz. Ele tira o celular do bolso, e suas sobrancelhas loiras e escuras se erguem como se dissesse *você sabe do que estou falando.*

Ah, sim.

Meus lábios se curvam em um sorriso amargo. — Certo. Fale tudo o que quiser. Eu vou ouvir. — Eu ironicamente aceno para ele. Lily se senta na beira da cama, com um travesseiro no colo.

— Você excluiu *todos* os meus contatos.

— Eu excluí? — Eu finjo confusão. — Eu não me lembro de ter pego o seu telefone. — Eu coço a cabeça. — Mas agora que penso nisso... posso ter tocado nele uma vez. Com luvas. Eu estava com medo de pegar qualquer doença que você tenha, que te transformou em um fodido idiota.

— *Loren*, eu tinha contatos de executivos que eu *não* posso recuperar sem fazer um bilhão de telefonemas para números que eu agora não tenho. Você vê o problema aqui?

— Sim, — eu digo. — Parece um problema real. Que merda, cara. — Eu

dou de ombros.

— Eu *não* estou atuando, — rosna Scott. — Não há câmeras instaladas aqui. Isso é sério.

Eu franzo as sobrancelhas. — Tão sério quanto você se aproximar da minha namorada todo *maldito* dia e a chamar de vagabunda? — Eu dou um passo em direção a ele. — Você tornou nossas vidas miseráveis nos últimos três meses. E você apenas anda por aqui, *sorrindo* — outro passo mais perto. — Você acha que eu sou a pessoa mais fraca da casa, então você vem atrás de mim e da Lily. Mas entenda isso, Scott. Eu sou a *última* pessoa com quem você quer mexer. Você tenta puxar meus braços como se eu fosse a porra de uma marionete, e eu arranco os seus do seu corpo.

Seu nariz se alarga.

E antes que ele tenha a chance de dizer uma palavra, eu pergunto, — Então, como está sendo mandar mensagens de texto? Uma *merda*? — Eu reprogramei sua correção automática. Toda vez que ele digita *sim*, reformata para dizer *filho da puta*. *Não* agora é *me chupa*. E a frase, *eu estou a caminho* é *eu quero cheirar sua bunda*. É tão pouco poético quanto eu consegui. E eu fodi com provavelmente cinquenta frases e palavras comuns.

Sua pele fica mais avermelhada quanto mais ele fumega. — A merda de gato foi você também? — A caixa de areia estava na lavanderia. Eu decidi colocar uma surpresa em seus mocassins caros.

— Isso foi a Sadie, — eu digo. — Parabéns, você é o primeiro cara que ela já odiou. — Eu aplaudo, observando seu rosto se transformar em pura raiva. *Bom*. Ele parece como eu me senti.

Ele fecha o espaço entre nós rapidamente e eu deixo cair minhas mãos.

Eu ameaço: — Você torna nossas vidas um inferno; eu faço da sua um inferno. É assim que isso funciona, Scott. Você me deixa em paz, não temos problemas. Sua escolha.

Scott tenta me quebrar simplesmente olhando nos meus malditos olhos. Isso não vai funcionar. Eu encarei Jonathan Hale muitas vezes antes - Scott é um anjo em comparação.

— Você veio aqui para chorar? — Eu pergunto a ele. Eu poderia facilmente ter aceitado a ajuda do meu pai e fodido com sua vida, esvaziado sua conta bancária e destruído seu carro. O que eu fiz foi pequeno, mas ainda significativo - ou então ele não ficaria tão chateado.

— Tudo bem, — ele finalmente diz. Seus olhos piscam para Lily, mas eu

entro na sua frente para que ele não possa vê-la. — Eu vou ser bonzinho a partir de agora. — Ele guarda seu celular no bolso e, em seguida, ele enfia a garrafa ensacada no meu peito. — Saúde.

Ele vai para trás, esperando que eu desembrulhe o saco de papel.

Eu não preciso. Eu abri Maker's Mark suficiente para reconhecer o selo ceroso vermelho no pescoço. Ele me deu uísque Bourbon.

Ele quer que eu beba e quebre a minha sobriedade. Não vai...

Lily se levanta ao meu lado com um grito estridente, rouba a garrafa das minhas mãos e a atira para Scott. A garrafa, ainda no saco, faz um forte impacto na parede ao lado de sua cabeça. Ele pula de surpresa, o vidro se quebrando e o uísque escorrendo pelo papel de parede.

Estou tão atordoado que mal consigo me mexer. Lily acabou de... *sim, ela fez.*

— Não se atreva a dar álcool para ele como se não fosse nada, — diz Lily.

Scott range os dentes e dá um sorriso dolorido, seus lábios se contorcendo. Então ele bate a porta ao sair.

Demoro um momento para falar. — Lily Calloway, — eu digo, chocado além da crença. Eu viro minha cabeça para ela. — Você acabou de *me* defender jogando uma boa bebida na cabeça de um babaca?

— Sim, — diz ela com um aceno de cabeça e, em seguida, inclina o queixo para mais efeito.

Eu toco meu coração. — Eu pediria você em casamento, mas eu já fiz isso.

Ela sorri, mas tenta ficar séria, apertando os lábios com força. — Ele não pode mexer com seu vício.

— Ele não mexeu. — Eu a puxo para o meu corpo.

Lily sacode a cabeça, mais nervosa do que eu. — Ele é como Draco Malfoy, — diz ela, descansando as mãos em meus braços. — Nojento e mal e um completo bufão narcisista.

— Além disso, ele tem cabelos loiros, — acrescento.

Ela vê o humor nos meus olhos. — Não é engraçado. A coisa toda é tão *não* engraçada.

— Lil... — Eu seguro suas bochechas entre as minhas mãos. — *Ninguém* vai mexer com a gente ou tornar nossa vida mais difícil apenas para dar umas boas risadas. OK?

Depois de um breve momento, ela concorda com a cabeça.

Minhas mãos caem para sua bunda que espreita para fora da minha camisa, mas ela sai do meu alcance. Eu vejo ela se abaixar até o saco de papel molhado.

— Vou limpar isso, — diz ela. — Você não deveria tocar no álcool já que você está tomando Antabuse.

Eu faço uma careta, mas ela não consegue ver minha expressão, suas costas viradas para mim. Eu não disse a ela que parei de tomar os remédios. Após a estreia de *Princesas da Filadélfia*, tudo ficou louco. Superheroes & Scones estava uma loucura, mais e mais manuscritos são enviados para o meu escritório, Rose *me* enche o saco para encher o saco de *Lily* sobre o casamento e, em seguida, Scott - comecei a ficar sem.

A última coisa que eu queria fazer era tomar Antabuse, acidentalmente comer algo cozido com álcool e vomitar. Eu não tenho energia para verificar os ingredientes de todos os pratos do restaurante. Então sim, eu dei descarga nas pílulas que fisicamente me deixariam doente se eu recair.

Na época, senti como se tivesse tirado um peso de cinquenta quilos dos meus tornozelos. Agora estou com medo de ver a decepção no rosto da Lily se ela descobrir - ou pior, ela se culpará. Como se fosse culpa dela por não me motivar mais ou não perceber isso mais cedo.

Eu direi a ela.

Mas hoje não.

Talvez quando o reality show acabar, quando tudo ficar mais calmo e eu puder tolerar o pensamento de tomar aquelas pílulas. Eu vou contar a verdade.

Eu passo a ela uma cesta de lixo. — Tenha cuidado, — eu aviso.

Ela aperta as pontas do saco de papel como se fosse uma fralda suja, o vidro estilhaçado dentro, e o despejou no lixo.

— Essas coisas com Scott ficam entre nós, — lembro a Lily. — No momento em que Rose souber que ele está fodendo com a gente, ela vai querer acabar com o show. — Connor provavelmente vai convencê-la do contrário. A linha de moda de Rose teve um grande aumento nas vendas desde que *Princesas da Filadélfia* foi ao ar. Mas nós não queremos ser aqueles que irão arruinar o sucesso dela ou causar problemas.

— Eu sei, — diz Lily, de pé ao meu lado. — Não podemos contar a ninguém.

{ 25 }

0 anos : 07 meses Março

LOREN HALE

Eu acordo às 5 da manhã com uma dor de cabeça enorme e pensamentos incessantes. Sento-me na beirada da minha cama, com cuidado para não incomodar a Lily, que está deitada de barriga para baixo enquanto dorme, os braços esticados para abraçar o travesseiro.

Eu puxo os cobertores até seus ombros, e ela solta um suspiro silencioso, os olhos ainda fechados. Eu gostaria de poder voltar a dormir ao lado dela, mas não posso desligar meu cérebro esta manhã.

Saio do quarto, gentilmente fechando a porta atrás de mim. Banho. Café. Escritório. É como se eu fosse um completo adulto. Na maioria dos dias, sinto que ainda estou fingindo.

Quando foco meu olhar na porta do banheiro, Connor sai de repente do seu quarto e entra no corredor estreito.

Eu congelo no lugar, examinando suas calças de algodão azul-marinho, sem camisa e com abdômen que faz o meu parecer brincadeira de criança. Ele vai tomar um banho no banheiro comunitário. E eu tenho mais ou menos o evitado desde a estreia, quando ele confessou não amar Rose.

— Bom dia, lindo, — ele brinca como se nada tivesse mudado entre nós. Ele vai até o banheiro e abre a porta para mim. — Depois de você.

Foda-se o banho.

Eu ando até as escadas com braços flexionados e ombros rígidos.

— Lo, — ele chama, soando em conflito.

Paro no primeiro degrau e olho para trás. Ele está na porta do banheiro, mas ele não oferece uma única palavra extra para mim, não *me desculpe* ou *você estava certo* ou *eu a amo*.

Balanço a cabeça para ele e depois desço a escada. Só depois que eu entro na cozinha e ligo a cafeteira, eu finalmente ouço os tubos gemendo através das

paredes, o chuveiro ligando.

— O que você está fazendo acordado?

Eu pulo com a voz fria de Rose, a caneca de café azul quase caindo das minhas mãos. Eu respiro fundo. — Jesus Cristo, não se aproxime de mim assim, — eu sussurro, inclinando minhas costas contra o balcão.

— Por favor, se eu anunciasse minha entrada na sala, você me chamaria de a Rainha Vadia. Na verdade, estou te fazendo um favor. Você precisa de material novo. — Ela pega uma caneca vermelha no armário ao lado da minha cabeça, já de banho tomado e usando um vestido preto com um colar de ouro.

— Ótimo, — eu digo, muito cedo para ter uma batalha verbal com ela.

Ela espera impacientemente que o café ferva, seu salto alto batendo nas tábuas do assoalho. — Ele não é perfeito, você sabe, — diz ela.

Meu queixo dói de tanto flexionar, eu percebo. Agora eu realmente quero que essa máquina estúpida se apresse. — Não me diga, — eu murmuro, ambos os nossos olhares colados ao café que goteja muito devagar.

— Connor se sente péssimo, — acrescenta ela.

Meu estômago se aperta. — Uau, Connor Cobalt pode sentir algo? — Eu gracejo. — Eu pensei que seu interior fosse feito de endereços de IP e cabos de roteadores. — Eu me encolho; o insulto me machuca mais do que eu pensava.

Por alguma razão, Rose não alimenta meu sarcasmo seco hoje. — Você é o melhor amigo dele, — ela enfatiza, agora olhando para mim enquanto eu evito seus olhos penetrantes.

— Eu pensei que o melhor amigo dele fosse seu terapeuta.

— Ele era, — diz Rose, — antes de conhecer você. E o que Connor vê em você, eu *não* tenho ideia. Sair com você por mais de cinco minutos é como se eu estivesse deitada em uma cama de pregos.

— Da mesma forma com você, — digo a ela. Eu finalmente giro, realmente vendo o jeito que o rosto dela se suavizou, não tão severo, defensivo ou em guarda. Ela está *tentando* ser real comigo. — Connor pediu para você vir resolver as coisas por ele? Ele fez você fazer o trabalho sujo dele?

Ela faz uma careta. — Eu não sou a cadelinha do Connor, — ela diz. — Eu faço o que quero fazer. Você quer saber a verdade? Ele me disse para ficar fora do relacionamento dele com você porque ele tem medo de fazer mais mal do que bem. Ele está com tanto medo de te perder, e você não pode ver isso, porque Connor não vai deixar você ver.

Eu processo tudo o que ela diz. — Por que isso?

— Ele gosta de agir como se fosse invencível. É irritante, mas todos nós temos nossas falhas, até mesmo ele.

Eu o coloquei em um pedestal acima de todos, acima do meu próprio irmão. Eu pensei que não havia *nenhuma fodida maneira* que Connor Cobalt pudesse me machucar. Ele foi projetado para estar lá para todos nós. Ele me fez sentir digno de amor, mesmo que ele nunca realmente me amasse.

— Toda a nossa amizade parece uma mentira, — digo a ela.

— Não é, — diz ela. — Eu o conheço desde os quatorze anos, Loren. Eu vi as amizades superficiais e aquelas que ele cria para se promover na vida. Você *não* é uma dessas. Ele é mais ele mesmo com você do que ele normalmente é. Você tem que acreditar nisso.

— Por que você está o defendendo? — Eu pergunto. — Ele nem sequer te ama, Rose. — Desta vez, acho que ela vai ter uma reação diferente às palavras, não mais bêbada de champanhe.

Mas sua expressão permanece exatamente a mesma. — Ele é incrivelmente inteligente, — diz ela, — mas isso vem com algumas peculiaridades. Essa é uma das qual eu aceito bem. Eu não preciso que ele me ame, porque não é como se ele fosse amar outra mulher. Não se ele não acredita nisso.

Minha dor de cabeça pesa. — Às vezes, fico feliz por não ser tão inteligente quanto vocês dois. — Abro uma gaveta próxima, pego uma garrafa de Advil e engulo duas pílulas sem água. Eles se alojam na minha garganta antes de descer.

— Loren, — ela diz, com a voz ainda gelada, — apenas me dê um sinal de que você entende *tudo* o que estou dizendo. — Ela realmente quer que eu faça as pazes com Connor. Isso vem de uma garota que não gosta muito de mim, de todo mundo do nosso grupo de seis.

Tudo o que Rose disse faz mais e mais sentido para mim. Connor não vai se desculpar ou dizer que ele está errado, não se ele acredita que ele está certo. Mas o fato de que eu o desgastei de alguma forma - isso significa que ele se preocupa com algo além de si mesmo.

Isso significa que nossa amizade é real.

Dou-lhe um polegar para cima, um pouco de lado, como uma resposta afirmativa de meia-boca.

— Sempre juvenil. — Ela me dá uma olhada como se dissesse *eu aceito isso* e se aproxima do pote de café cheio só pela metade, muito impaciente para esperar mais tempo.

Eu coloco minha caneca no balcão e abro a porta da despensa.

Passos soam nas tábuas do assoalho. — Rose, você está com o meu... — Connor só se afasta quando ele me vê. Eu não presto muita atenção a ele. Ele engole em seco e depois recupera seu foco. — .... Meu passaporte, você o viu? Eu pensei que eu tivesse deixado na nossa gaveta.

— Eu o coloquei com o nosso itinerário.

Eu pego um saco de rosquinhas e coloco no balcão. Os olhos de Connor piscam para mim novamente, a tensão aumentando no ar. Ele já está vestido com uma calça preta e uma camisa social branca.

Eu coloco uma rosquinha na minha boca, pego mais uma, e fecho o saco.

Connor fala com Rose em francês, e ela responde na mesma língua.

Estou muito acostumado com eles falando em francês para me incomodar com isso. Eu apenas encho minha caneca de café e coloco a rosquinha extra na torradeira.

Então Connor diz, — Lo...

Eu não me viro enquanto vou para a sala de estar. Eu só aponto para a torradeira. — Eu não vou passar manteiga para você. — Eu dou uma mordida na minha rosquinha e apenas olho para trás uma vez. Sim, eu fiz o café da manhã do cara, um pequeno, *pequeno* sinal de paz entre nós.

Eu vejo como seus lábios puxam para um daqueles sorrisos genuínos - um que não guarda nenhum traço de arrogância.

Eu acrescento, — Isso não significa que eu ainda não estou bravo com você. — Eu não vou deixá-lo escapar facilmente, mas duvido que essa briga vai durar muito mais tempo.

— Prefiro meus amigos com raiva, — diz Connor. — Isso me faz parecer melhor.

— Muito cedo, — eu digo a ele, comendo minha rosquinha e voltando para a sala de estar.

Eu posso praticamente sentir seu sorriso se alargando atrás de mim. E levo um minuto para perceber que estou sorrindo também.

{ 26 }

0 anos : 07 meses Março

LILY CALLOWAY

Eu subestimei a quantidade de pessoas que assistem *Princesas da Filadélfia*. Um casal de adolescentes toma café com leite e espreita ao redor de uma estante alta, sussurrando enquanto espionam Lo e eu. É impossível ficar invisível com a câmera de Brett apontada para nós.

Eu continuo me perguntando por que saímos de casa. Minhas sobrancelhas franzem. Eu não tenho uma resposta, então eu volto para Lo, que examina o corredor de Sci-Fi/Fantasia na livraria local.

— Por que saímos da casa? — Pergunto — Ar fresco. — Ele puxa um livro e lê a sinopse. Na maioria das vezes, ele lê quadrinhos, mas às vezes ele se ramifica nesses gêneros. Ele devorou *Game of Thrones* antes de assistir ao programa de televisão. Eu disse a ele que terminei o primeiro livro, mas, na verdade, apenas pulei e li as partes da Arya.

Ela é a melhor.

Uma risada emana de uma prateleira atrás de nós. Meus ombros se curvam para a frente, esperando que não seja algo que eu tivesse feito. — O ar estava bem fresco em casa.

Ele me dá uma olhada, uma que diz: *Eu não quero que você se torne uma eremita assustada*. Seus olhares dizem mais que suas palavras. Isso é um fato.

Eu inalo fortemente e tento seguir Lo. *Apenas relaxe, Lily. Seja casual.* Eu sacudo meus braços e examino a fileira de livros. Então eu congelo, sentindo olhos me observando.

Lentamente, eu olho para cima e vejo alguém de cabelos castanhos, nos observando de *cima* de uma prateleira. Ele se abaixa rapidamente quando nossos olhos se encontram.

Puta merda Eu não posso fazer isso Eu não posso.

Eu pego a mão de Lo, meu peito se contrai de um jeito paranoico e louco. Rapidamente, eu o arrasto para o banheiro mais próximo, ignorando o fato de

que Brett está atrás de mm. Eu fecho a porta na cara do cameraman antes que ele possa entrar.

Ele bate na porta em protesto.

— Estou fazendo xixi, — grito.

Ele deve ter abaixado o punho porque tudo fica silencioso do lado de fora.

Meus olhos dançam sobre a porta como se alguém fosse entrar a qualquer momento. — Todo mundo está nos encarando, — eu sussurro para Lo. Eu tremo, como se os olhos estivessem fixados em mim. Como eles podem me ver *aqui*.

Quando me viro para Lo, seu olhar se suaviza para mim. Eu me preparo para uma conversa épica de motivação. Ele segura meu bíceps. — Você é uma viciada em sexo e eu sou alcoólatra, — diz ele, — e todo mundo sabe disso. Temos que nos acostumar com as pessoas encarando, amor.

Ele está certo, claro. Minha mente parece acalmar, mas meu corpo não a segue ainda. Minhas pernas parecem gelatinas, e meus ombros tremem um pouco, no limite.

As palavras saem dos meus lábios antes que eu possa pará-las, — Posso te dar um boquete?

— Não, — ele diz rapidamente.

Eu levanto minhas mãos. — Você está certo. Você está *tão* certo. Boquetes são tão anos 90.

— Não vamos exagerar. — Ele sorri suavemente, e eu não sei por que, mas as lágrimas picam meus olhos. Eu sou tão boba. E lá se vai aquele sorriso, desaparecendo. — Lil...

— Eu sinto muito, — eu deixo escapar. — Eu não deveria ter perguntado. Podemos esquecer isso?

— Claro, — diz ele. — E que tal nós esperarmos aqui por um tempo, ver se nós irritarmos Brett o suficiente para que ele nos troque por Ryke ou Rose?

— Eu gosto dessa ideia.

— É?

Eu concordo. — E talvez um vírus infecte todos, transformando-os em zumbis, e quando sairmos do banheiro, a livraria estará completamente deserta.

— Legal, — ele diz, — mas prefiro não ser inserido no enredo de *Extermínio*.

Droga. Ele é bom.

— Eu te amo, — eu digo de repente. Mas é a verdade. Porque quem mais

iria ficar em um banheiro de livraria comigo, só para eu me esconder por um tempo.

Definitivamente não a Rose. Talvez Daisy. Ryke preferiria morrer, tenho certeza. E Connor nunca pode ser adicionado a qualquer equação sem machucar minha cabeça.

Então sobra Lo. Apenas Lo.

{ 27 }

0 anos : 08 meses Abril

LILY CALLOWAY

— Machucou? Você gostou? Você fez de novo? — Minhas perguntas são derramadas como água. Esta não é a primeira vez que eu pergunto a Rose, mas ela nunca fornece detalhes, então esperei até podermos conversar sozinhas. Mas nós não tivemos muita chance desde as férias nos Alpes, uma viagem planejada pela produção. Eu pensei em tentar conversar no avião para casa, mas ela se sentou com Connor.

O maior evento da viagem, na minha opinião, foi Rose perder a virgindade.

Rose sussurra para mim, — Abaixe sua voz.

Ok, então, tecnicamente, *não* estamos sozinhas. A produção queria outro segmento em grupo, então reunimos todos para uma noite de boliche. Quando Rose foi pegar sua bola de boliche, eu a segui.

Os outros se juntam atrás de nós nas cadeiras giratórias de plástico, fora do alcance da minha voz. Mas Savannah fica ao nosso lado, apontando a câmera para nós. Mesmo assim, Scott se recusou a colocar no ar qualquer coisa sobre Rose e Connor dormindo juntos. No começo, achei que ele não queria ser visto como um perdedor na televisão, mas Rose disse que eles só querem perpetuar seu rótulo de "virgem" para marketing.

— Você não quer falar comigo sobre isso? — Eu pergunto.

— Não é isso. — Seus lábios se alinham enquanto ela examina as coloridas bolas de boliche. — Eu odeio que Scott esteja se aproveitando de um comentário descartável que fiz em uma entrevista sobre odiar boliche.

Germes. Rose melhorou um pouco do traço obsessivo-compulsivo que tinha quando éramos pequenas, mas a intensidade das câmeras e a falta de privacidade reacenderam alguns de seus velhos hábitos. Ela tem uma política rígida de higiene, e enfiar os dedos em três buracos que antes eram ocupados por mãos suadas e não identificadas, meio que a quebra.

— Daisy provavelmente vai rolar a bola no estilo de vovó, — eu digo. —

Basta copiar sua técnica.

Ela pondera isso por um segundo, e sua expressão suaviza uma fração. — Connor e eu fizemos sexo novamente.

Eu sorrio e juro que ela se esforça para não sorrir. — Foi tudo o que você pensou que seria? — Eu pergunto.

— Melhor... diferente, mas melhor. — Ela olha para longe, um sorriso brincando em seus lábios. Eu tento imprimir a imagem. Minha irmã, se derretendo. Seu brilho desaparece de uma vez, substituído por gelo. — Desde quando *você* quer falar sobre sexo?

Verdade. Eu geralmente fico de lábios fechados sobre o assunto. — Eu estou tentando ser melhor sobre isso, — eu admito, — e chocantemente, é mais fácil falar sobre a vida sexual de outra pessoa.

— Não é chocante, — ela refuta e agacha como uma dama para pegar a bola de boliche na prateleira do meio. Sua blusa se move, e noto uma marca de mordida vermelha no ombro dela.

— Ohmeudeus, — eu falo rapidamente.

— O que? — Ela se endireita rapidamente em alarme. — O que foi?

— Ele *mordeu* você, — eu sussurro, minha surpresa enchendo meu rosto. Ela imediatamente pressiona a mão na minha boca, me silenciando. Eu nunca achei que Connor fosse do tipo áspero. Eu pensei que ele era o tipo doce e gentil. Como um gigante amigo.

— Não seja tão dramática. — Como se ela nunca fosse dramática? Ela faz uma pausa e, em seguida, deixa escapar em curiosidade, — Lo nunca te mordeu?

Eu faço uma careta e lembro dos momentos em que fizemos sexo. Uhh, há muitos momentos para poder lembrar os detalhes exatos de cada um, isso é certo. Ele provavelmente já mordeu meu pescoço antes.

Ela deixa cair a mão para que eu possa falar.

— Não é a mordida que me surpreende, — sussurro. — É que foi *Connor*, que me incomoda.

— Então não pense nisso, — ela diz. Bom ponto. — Na verdade, embora eu ame essa sua confiança recém-descoberta em falar sobre sexo, não tenho certeza se você deveria pensar tanto nisso.

Ela está certa. Eu preciso relaxar.

— Estou animada por você, — digo a ela. — É como um marco em seu relacionamento. — As estrelas nerds em órbita finalmente colidiram.

De dentro da minha visão periférica, vejo Daisy escorregar em seus sapatos

de boliche enquanto, simultaneamente, corre em direção a nossa pista.

— Bebê, que diabos? — Isso vem do cara atrás dela. Vinte e três anos. Cabelo escuro. Pele bronzeada. Um modelo. E também o namorado dela. — Fique tranquila.

Ela gira e anda para trás com um sorriso torto. — Eu estou totalmente tranquila. — No momento em que ela pisa na superfície lisa da pista de boliche, seus pés deslizam debaixo dela e ela cai de bunda.

Ryke, sentado em uma cadeira, vira a cabeça para avaliar a situação e depois olha para a pista. — Como está o chão, Calloway?

— Duro, — ela brinca com um sorriso travesso. — Isso provavelmente deixará uma marca.

— Isso geralmente é o que acontece quando sua bunda encontra algo duro, querida.

Ok, isso é sexual. Eu sei de *fato* porque Julian parece irritado, encarando a parte de trás da cabeça de Ryke. Daisy se levanta do chão, e Julian de repente a beija do nada, uma mão segurando sua bunda.

Uh. É por isso que eu não gosto dele.

Ryke e meu namorado veem sua sessão de amasso espontânea, e ambos acabam fazendo uma careta, levemente enojados e definitivamente enfurecidos.

Todos conheceram Julian nos Alpes, e as coisas não foram tão bem. Lo não gosta dele. Ryke não gosta dele. Até mesmo Connor, que pode encontrar um pouco de decência em *qualquer pessoa*, afirmou que Julian era nada menos que um macaco.

— Você conversou com os rapazes, certo? — Pergunto a Rose. Ela coloca uma bola verde azulada de volta na prateleira e ergue uma rosa brilhante em suas mãos, encolhendo-se por ter que tocá-la.

— Sim, — ela diz, — Eu disse a eles se eles forem grosseiros com o namorado de Daisy, nós teríamos sérios problemas. — Ela solta um suspiro severo. — E então Connor teve a audácia de me dizer que a mesma regra se aplica a mim.

Eu não menciono que eu concordo com ele.

Rose questionou Julian muito mais do que Lo ou Ryke. Mas minha irmãzinha quer que todos se deem bem, e a produção quer o namorado dela no programa para mais drama, então todos nós vamos ter que fingir felicidade.

Por ela.

E assim podemos ter um dia são.

{ 28 }

0 anos : 08 meses Abril

LOREN HALE

Eu luto com a corda de sapato desgastada, me obrigando a tirar um minuto extra para amarrá-los. Ryke se senta ao meu lado, sua careta sombria colada em Julian, que continua a enfiar a língua na garganta de Daisy a apenas três metros de nós.

— Eu não posso ser legal com ele, — diz Ryke, finalmente removendo o olhar deles. — Eu não fui fodidamente criado dessa maneira.

— Ao usar a palavra "criado", você insinua que alguém o transformou em um bárbaro, — responde Connor, quase distraidamente, enquanto digita nossos nomes no computador. Eu sorrio, divertido por ele, mas meu irmão não segue o mesmo caminho.

Ryke balança a cabeça. — Eu sinceramente pensei que sua personalidade tivesse sido o resultado de se masturbar muitas vezes no ano passado. — Ele toca seu peito. — Pelo amor de Deus, eu seria um idiota se eu não transasse por doze meses. Mas, obviamente, ser um idiota está apenas programado em você.

— Você ainda não está entendendo, — diz Connor casualmente, — ser um idiota é uma escolha. Da mesma forma que você ser rude com Julian é uma escolha. Não é tão difícil assumir responsabilidade por suas ações.

Ryke geme. — Apenas cale a porra da boca.

— Ei, — eu corto e aceno para a tela do computador de Connor. — Você sabe que estamos jogando boliche, certo? Nós não estamos nos inscrevendo para ser o Modelo ONU. Você deveria criar apelidos.

Connor olha para a tela como se tivesse dito a ele que ele respondeu a uma pergunta errada.

Ryke quase ri. — Cobalt, esta é sua primeira vez jogando boliche?

— Em um boliche público, sim. — Ele começa a apagar todos os nossos nomes. — Toda vez que joguei boliche, foi na casa de alguém.

O sorriso de Ryke se transforma em uma careta. — Idiota fodido, — ele murmura baixinho. Connor apenas sorri mais largo como se estivesse gostando

de ser chamado de um.

Quando eu finalmente termino de amarrar meus sapatos, eu sento e meu cotovelo bate na câmera de Brett. — Você pode me dar algum espaço? — Eu digo, no meu limite.

Connor e Ryke trocam um longo olhar. *Sim, entendi.* Eu não fui muito gentil com a produção ne última passada. No caminho para cá, Brett quis sentar no banco do passageiro assim ele poderia me filmar dirigindo e eu lhe falei que ou ele senta atrás ou eu o jogaria para fora do carro em movimento.

Todos os sentimentos agradáveis que eu tinha com a equipe de filmagem morreram na viagem de volta para casa há três dias. Scott foi extremamente desagradável nos Alpes. Ele fodeu com Lily novamente, entregando-lhe um DVD de *Magic Mike* como se fosse um gesto inocente, mas suas ações tinham um motivo claro. Foi o mesmo de quando ele empurrou o uísque para o meu peito.

E depois, Lily e eu vimos Ben deixando pornô de *verdade* em nosso quarto.

Nós não contamos a ninguém. Lily jogou as revistas no lixo por conta própria, superando um enorme obstáculo. E embora Scott tivesse tentado fazê-la recair, ambos consideramos a viagem um sucesso. Nós esquiamos. Nós rimos. Nós nos sentimos normais, mesmo sob o olhar quente da lente da câmera.

Eu tento não deixar minha frustração e raiva em relação à Scott subir a superfície. Não quando ele está na casa, editando as gravações feitas na viagem. O que, por mim, está ótimo. Quanto menos eu vejo seu maldito rosto, menos eu sinto vontade de rasgá-lo.

— Chega, — Rose estala, abrindo caminho entre Daisy e Julian, separando-os. — Eu não vou levar minha irmã para o hospital por privação de oxigênio, obrigada.

Daisy coloca uma mecha de seu cabelo loiro atrás da orelha, saindo dos braços de Julian, envergonhada. Ela bate as mãos, agindo de forma mais calma do que eu acho que ela realmente está neste momento. — Então, quem vai primeiro? — Ela se senta em uma cadeira vazia.

— Por que não deixamos Julian ir primeiro? — Eu digo com um meio sorriso. Apenas dizer seu nome completo em voz alta me deixa enojado. Ele não deveria compartilhar o nome com um dos meus *X-Men* favoritos: Julian Keller. É um sacrilégio do caralho.

— Funciona para mim, — diz Julian, em pé ao lado da cadeira de Daisy. Ele faz um gesto para ela se levantar para que ele possa tomar o assento.

Estou nervoso, mas os olhos estreitos de Ryke brilham com raiva, inquestionavelmente assassinos.

Na França, Julian admitiu descaradamente que ele estava com Daisy apenas para o sexo, mas está esperando até que ela complete dezoito anos, que seja legal. Era moral e desprezível de uma só vez.

Daisy relutantemente se levanta e depois hesita, balançando-se sobre os calcanhares enquanto percebe que não há mais nenhuma outra cadeira aberta.

Julian a ignora enquanto fala. — Eu odeio dizer isso para todos vocês, mas eu sou um ótimo jogador. — Incrível.

Ryke limpa a garganta como se estivesse tentando engolir um insulto. — Com licença, — ele tosse em sua mão. — Vou pegar algo para beber. Dais, você pode pegar minha cadeira. — Ele se levanta e Daisy caminha em direção ao seu lugar.

— Obrigada, — ela sussurra.

Ele acena com firmeza, e ela se senta na cadeira.

— Traga uma dose pra mim também, — eu falo para ele.

Ele me dá um olhar penetrante e o dedo do meio antes de sair, passando Lily e Rose enquanto elas se aproximam da nossa pista.

Rose coloca a bola de boliche na máquina de retorno e estende as mãos como se tivessem sido infectadas com o H1N1.

— Por que você não comprou uma bola nova? — Daisy pergunta enquanto gira na cadeira. — Você comprou sapatos novos.

— Ela tentou, — Lily responde por Rose. — Nenhuma delas coube nos seus dedos.

— Esta é apenas a confirmação do que já sabemos, — eu digo, — Rose é uma bruxa. Os dedos das bruxas são supostamente muito magros.

Rose me dá com um longo olhar com seus olhos verdes amarelados. — Espero que você fique com pé de atleta.

Os olhos de Lily se arregalam. — Não o amaldiçoe, Rose.

Eu dou um sorriso. Lily não me defende da sua irmã na maioria das vezes. Ela gosta de ficar neutra na maior parte do tempo. Rose, ofendida, vira para a irmã, o olhar focado.

— Eu. Não. Sou. Uma. Bruxa, — Rose diz devagar e distintamente.

Lily sacode a cabeça e se encolhe. — Desculpa. Escorregou. — O engraçado é que eu acho que se Rose fosse realmente uma bruxa, Lily a amaria ainda mais.

Rose ainda tem as mãos para fora como se estivesse tentando não infectar

suas roupas.

— Aqui, querida... — Connor gira em sua cadeira e esguicha um pouco de álcool gel nas palmas das mãos dela.

— Isso só mata 99,99% dos germes, Richard. E quanto ao 0,01% restante?

— É chamado de sistema imunológico, Rose.

Os olhos dela piscam com raiva, e o sorriso dele domina todas as suas outras características. Eles começam a falar em francês, no momento em que Lily se senta no meu colo.

Eu gemo com impacto da sua bunda, e ela engasga. — Eu não te machuquei, não é? — Ela sussurra, com medo cintilando em seus olhos.

Deus, eu a amo.

— Meu pau está bem, — eu digo e deslizo-a pro lado apenas um pouco para que a parte óssea de seu traseiro não esteja cavando em meu pau. — Como está sua bunda?

Ela olha para mim e olha em volta, verificando se alguém presta atenção em nós. Eles estão todos ocupados ajeitando seus cadarços. Rose tira a tampa de uma caixa, dobrando o papel de seda depois de pegar o novíssimo par de sapatos.

Quando Lily percebe que estamos em nosso próprio mundo, ela se vira para mim e coloca as mãos em volta da minha orelha. — Você está fazendo insinuações sexuais para mais tarde?

Eu descanso minha mão na parte inferior das suas costas, meu polegar mergulhando abaixo do cós de seu jeans. Ela inspira bruscamente, mas se inclina para trás para examinar minha expressão, realmente curiosa sobre meus motivos.

Eu faço um movimento para ela com dois dedos para se aproximar. Seus lábios imediatamente se separam, focados nesses dedos. *Sim, Lily, estou te provocando para mais tarde.*

Às vezes eu acho que tenho que soletrar para ela. Eu provavelmente deveria ter feito isso quando estávamos fingindo estar em um relacionamento... isso parece que foi há tanto tempo atrás.

Ela finalmente se aproxima e meus lábios tocam a pele macia de lóbulo da sua orelha. Sua respiração engata. — Eu vou deslizar profundamente em sua bunda hoje à noite, amor. — Sutilmente, minha outra mão desliza entre suas pernas, seu jeans, claro, ainda está no lugar.

Ela quase treme.

Eu nunca teria feito isso quando voltei da reabilitação, com medo de que ela não pudesse lidar com isso. Agora, eu confio nela mil vezes mais.

— Lo... — Ela sussurra. — Talvez...

Eu espero ela coletar seus pensamentos.

— Talvez... devêssemos fazer dos dois jeitos hoje à noite, — diz ela, observando meus lábios. Ela me beija de repente. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, aprofundando o beijo antes de nos separarmos.

— Você está tão molhada assim? — Eu sussurro, me forçando a não ficar duro só com o pensamento.

Ela balança a cabeça rapidamente. — Sim. — Ela se contorce. — Ou você acha que fazer as duas coisas é muito?

— Vamos ver. — Eu a beijo de novo, e então Ryke retorna para a nossa pista, me entregando uma garrafa de água. Daisy está prestes a se levantar, oferecendo-lhe o assento de volta, mas Ryke acena para ela ficar lá.

— Podemos começar esse maldito jogo? — Ele pergunta.

Lily franze a testa, olhando para a pista. — Onde estão os bumpers?

— Nós não estamos jogando com bumpers, — Rose diz a ela, colocando mais álcool gel em suas palmas, mesmo que ela tenha acabado de tocar em *novos* tênis de boliche.

— Bumpers são os melhores, — Daisy concorda. — Você pode jogar a bola com muita força e tentar fazê-la ziguezaguear nos pinos.

— Sim, — Lily concorda.

— Então vocês dois vão jogar naquela pista. — Rose aponta para a pista vazia ao nosso lado.

Lily fica de pé. — Bem. Vamos nos divertir mais de qualquer maneira.

Daisy hesita por um segundo antes de se levantar, e então ela cutuca a perna do seu namorado babaca, que está mandando mensagens no celular. — Você quer vir?

— O que?

— Bumpers ou sem bumpers, — ela explica brevemente.

— Eu não estou jogando com os bumpers infantis. Eles são estúpidos.

— Ei, eles são bumpers adultos, — diz Lily, — para os adultos que não gostam das bolas caindo nas canaletas.

Julian olha para Lily como se ela fosse uma completa idiota.

— Julius... — Eu começo com o que deveria ser o seu nome de *direito*, mas me detenho, lembrando da nossa promessa a Rose. *Seja civilizado.* Tanto faz.

Meus lábios se fecham, mas eu trinco meus dentes com mais força do que gostaria.

— É *Julian*, — diz ele pela milésima vez para mim.

— Que tal nos unirmos contra Rose e Connor? — Eu mostro a Rose um olhar como se dissesse *isso é civilizado o suficiente para você*?

Ela acena em aprovação enquanto Julian encolhe os ombros, parecendo um pouco cético. Não é um truque. Então ele diz, — Claro, cara.

— Ótimo.

Lily me beija rapidamente nos lábios, e eu passo a mão levemente na sua bunda. Quando ela sai para a outra pista, todo o seu rosto está vermelho brilhante, e ela se esforça para evitar as câmeras.

Ryke assiste minha namorada partir com a irmã, e eu posso ver sua escolha antes mesmo de ele dar um passo na direção delas. Julian não ter a mesma idade de Daisy é dez vezes pior do que Ryke. Eu não posso confiar em Julian nem por um segundo. Eu não tenho nenhum motivo para isso.

— Eu vou... — ele começa.

— Que seja, vá brincar em seus bumpers, *mano*. — Não posso deixar de lhe dar um tempo difícil. É como uma função destruída no meu cérebro.

Ele revira os olhos, hesita por um momento e segue Daisy para a outra pista.

Connor apaga alguns dos nomes, deixando apenas quatro. Eu rio quando percebo que ele levou minha dica ao coração. Ele deu nomes de deuses gregos a todos nós.

Eu examino a lista restante: Zeus / Athena Hades / Dionísio Julian pega uma bola azul clara. — Quem eu sou? — Pergunta ele. — Zeus? — Ele não é o mais brilhante nada.

— Você seria o Hades. Deus do submundo, — diz Connor.

— Um cara fantástico, — acrescento secamente.

— Legal.

Jesus.

Ryke percebe a tela de longe e olha para Connor. — Você é um verdadeiro babaca, você sabe disso?

Eu não entendo.

Rose coloca a mão no ombro de Connor. — Oh, por favor, Loren seria Dionísio independentemente se ele bebeu ou não.

Ryke apenas continua balançando a cabeça até Daisy distrai-lo, segurando duas bolas de boliche verdes gigantes em seus peitos.

Eu faço uma careta internamente. *Não pense sobre essa parte da anatomia dela.* — Quem é Dionísio? — Eu pergunto.

Rose esclarece, — O Deus do vinho, festas e basicamente, do hedonismo.

— Ele é um homem de caos e prazer, — acrescenta Connor.

— Parece certo, — eu respondo. — Obrigado, amor.

Ele pisca e pede para que Julian comece.

O namorado de Daisy chega a pista com a bola na mão, e meu estômago se contrai quanto mais tempo eu tenho que observá-lo. Como você suporta um cara que você simplesmente não gosta? Ele derruba todos os pinos, exceto dois e, em seguida, bombeia um braço.

— É disso que estou falando.

Continuamos a jogar algumas rodadas, com Connor e Rose claramente na liderança. Connor esqueceu de mencionar que seu *colégio interno* tinha uma pista de boliche, e eles apostavam em jogos com dinheiro e favores. Então, basicamente, ele nos enganou.

Eu não me importo nada. Quanto mais perdemos, mais a natureza competitiva de Julian aumenta - gritante, ofegante, um péssimo perdedor. Sempre que olho para a outra pista, Lily e Daisy estão dando risadinhas, ajoelhadas e tentando girar a bola de boliche antes de rolar pela pista.

Daisy até cobre os olhos de Ryke, então ele tem que jogar sem ver. Ele está realmente sorrindo. Meu olhar se desloca para Lily. Ela pratica sua postura de boliche nas cadeiras giratórias e toda vez que ela vai jogar de brincadeira, o peso da bola faz com que ela se incline instavelmente em seus pés. Seu cabelo castanho está na frente dos seus olhos e ela o afasta antes de tentar novamente.

Eu a amo.

O mundo parece vazio sempre que eu a assisto. É uma existência pacífica. Mas eu conheço uma vida só com nós dois, sozinhos, é um futuro melhor como uma fantasia. Amigos. Família. Eles não são fáceis de deixar para trás.

Risada atrás dela quebra meu foco. Ryke levanta Daisy pelas pernas, pendurando-a de cabeça para baixo, e ela não consegue recuperar o fôlego, suas risadas ecoando pelo boliche.

— Ei! — Julian grita. Merda. Ele se aproxima do meu irmão mais velho. — Eu estou cansado de você sempre ficando perto da minha namorada, cara.

Ryke só deixa cair uma mão, segurando Daisy perfeitamente de cabeça para baixo com a outra, agarrando sua panturrilha. Ela balança no ar, o sangue correndo para a cabeça, mas seu sorriso é enorme.

— Então, talvez, — Ryke diz, — você não deveria deixar sua namorada com outro cara.

Julian está prestes a empurrá-lo, mas Lily intervém. *Merda.* Eu fico de pé, correndo para a pista enquanto ela bloqueia Julian com as duas mãos. Ele afasta as mãos dela.

— Cai fora, — eu falo para Julian com desdém.

Ele dá alguns passos em uma direção segura. — Daisy... — diz Julian. — Jogue comigo. — Soa como uma ordem.

Ryke agarra Daisy pela cintura e a vira para cima, seu corpo se encaixa com o dele, deslizando pelo peito dele lentamente antes dos pés dela tocarem o chão. Ela respira pesadamente, seus lábios entreabertos. Ryke tem um jeito com as mulheres. Não há como negar isso.

Ele arruma a blusa dela que sobe pelo seu estômago. — O que você quer?

Ela engole em seco como se nunca tivessem lhe perguntado isso antes. E então ela dá de ombros.

Ryke olha em volta para todos nós enquanto o observamos. Eu não sei mais o que fazer de nada. Eu gostaria que as pessoas fossem simples - só para que eu pudesse entender todos - mas elas não seriam reais.

— Acho que seria melhor se eu fosse para casa, — diz Daisy. — Eu vejo vocês amanhã?

— Daisy... — Ryke começa.

— Não, está tudo bem.

— Eu vou te levar para casa, — diz Julian.

— Não, eu vou. — Lily sai de trás de mim.

E então Rose se levanta de seu assento. — Vocês podem terminar. — Ela joga sua garrafa vazia de álcool gel no lixo a caminho da porta. Daisy pula para acompanhar sua irmã mais velha e Lily está com elas em um segundo.

Depois que as meninas saem, Julian diz a Ryke, — Se você quer transar com ela, tudo bem. Apenas pare de me atrapalhar.

Ryke avança para frente, — Seu filho da puta... — E então Connor fica entre eles.

— Estamos em público, — ele anuncia.

— Vamos lá fora então, — diz Julian. — Ele quer uma briga...

— Você não vai brigar com o meu irmão, *Julius*. Deixe isso para lá. — Eu pego Ryke pelo braço. — Estamos indo. — Eu o arrasto para a saída.

— Como você consegue aturar ele? — Ele rosna para mim, virando as

costas para eles com juntas rígidas.

— Eu não consigo, — eu digo. — É por isso que estou saindo por essa porta. Eu me afasto de brigas o tempo todo. Você deveria tentar de vez em quando. — Eu abro a porta e olho para o sol brilhante.

— É? — diz ele, protegendo os olhos com a mão.

— É.

Entre Scott e Julian, eu cheguei ao limite de lidar com pessoas de quem não gosto.

Esse é o jogo do Connor, não meu.

{ 29 }

0 anos : 08 meses Abril

LILY CALLOWAY

Lo e eu nos enrolamos no sofá, relendo *Vingadores: A cruzada das Crianças* juntos. Mesmo que esta seja a nossa quinta leitura, Lo vira as páginas tão devagar, permitindo que minha mente faça desvios.

Não do tipo sexual.

O casamento se infiltra no meu cérebro, especialmente desde que Rose me perguntou esta manhã, que cor eu preferia para os vestidos das damas de honra. Como sempre, eu disse a ela para escolher.

Eu não posso acreditar que eu tenho apenas 21 anos, prestes a me casar, quando tudo o que eu realmente queria era andar para o altar com a cabeça reta. Emocionalmente pronta para algo tão sério.

Meus desejos não se realizaram.

Todo mundo teme que eu me tornarei a noiva fugitiva. Ninguém disse isso, mas vejo nos olhos deles. Mas poderia ser apenas meus próprios medos, meu próprio reflexo me encarando.

A porta da frente se abre, e vestido com as costumeiras calças e camisas sociais, Connor fecha a porta atrás de si. Ao mesmo tempo, ele vai em direção a escada, os saltos de Rose fazem barulhos quando ela desce. Ela segura o pulso dele, seus olhos pulsando com fúria quente.

Eu pensei que se Rose perdesse a virgindade com Connor, o relacionamento deles seria menos volátil, preenchido com *menos* brigas verbais que faziam meu cérebro fritar. Errado. Eles ainda brigam em francês, e ela ainda olha para ele como se ela pudesse arrancar suas bolas.

Eu estico meu pescoço sobre o sofá para observá-los, curiosa demais.

Connor tira a mão dela com cuidado do pulso dele. — Eu acho que sei onde fica o quarto.

— Não estamos fazendo sexo agora. — Ela nem sequer tenta abaixar a voz.

Então a briga é sobre sexo?

— Tudo que eu quis dizer foi que eu posso me levar para cima. Não falei nada sobre sexo.

Ah. Deixa pra lá.

Connor passa por Rose no meio da escada e desaparece da minha vista. Merda.

Rose bufa e diz, — Não temos tempo para acomodar seu ego. — Ela vai para o andar de cima atrás dele, fora do alcance da voz.

Eu me sento, me soltando de Lo enquanto ele continua a ler os quadrinhos. Eu verifico a internet em seu celular, abrindo o Twitter, e Lo me observa com o canto do olho. Quando eu pesquiso #LilyCalloway, mensagens brutais aparecem.

@NorthGuy77: *Vocês sabem quantas doenças #LilyCalloway deve ter? Eu não iria me aproximar daquela vagabunda.*

@DaniellaESP: *A vagina de #LilyCalloway deve ser enorme.*

Um caroço sobe na minha garganta. Eu tenho que mudar para uma hashtag diferente.

@RealityTV89: *Lily e Lo são o casal mais bonito e sexy da TV. Se você não está assistindo #PdFiladelfia, você é um babaca.*

É um pouco desanimador que as pessoas não gostem de mim, mas quando falam de mim com Lo, elas se animam. Mas eu vou levar o bem com o mal. Eu não sou tão exigente — Lil, — diz Lo, fechando sua história em quadrinhos. — Pare de entrar no Twitter. Não é saudável.

— Essa é a primeira vez que eu verifiquei o dia todo, — eu defendo antes de fechar o aplicativo. Eu abro o *Celebrity Crush* e meu coração dá uma bombeada extra com manchete: *RE-ENQUETE: Com quem Lily Calloway deveria estar? Loren Hale ou Ryke Meadows?* por Wendy Collins.

Ótimo.

É claro que me lembro da enquete meses atrás, onde Lo perdeu para o irmão. Wendy Collins provavelmente quer ver se as opiniões diferem depois que o programa foi ao ar. Eu engulo o caroço alojado na garganta e clico no artigo.

Vou até a enquete e voto em Loren. No minuto em que clico em seu nome, os resultados atuais preenchem a tela.

Ryke Meadows: 12%

Loren Hale: 88%

— Ohmeudeus! — Eu recuo, quase pulando nas almofadas, e bato no braço de Lo repetidamente. — Você está com oitenta e oito por cento!

Sua testa se franze em confusão. — Oitenta e oito por cento do que?

Eu franzo a testa, não sei como dizer isso. — Vencendo contra seu irmão por oitenta e oito por cento...

Ele joga sua história em quadrinhos sobre a mesa de café e se inclina para mim para ler o artigo. Ele ri e encontra meus olhos. — Eu acho que esses rumores vão acabar agora.

Eu nem percebi... mas, sim, eles vão. Se as pessoas estão começando a acreditar que Lo e eu somos um casal real, não pela aparência ou pela publicidade, mas porque estamos *apaixonados*, então eles vão esquecer Ryke como uma opção de romance.

Hoje é um bom dia.

— Lily, Lo! — Rose chama de cima das escadas. Nós dois viramos nossas cabeças. Sua expressão oscila entre preocupação e pura raiva.

Qualquer sorriso momentâneo simplesmente desaparece em um instante.

— Vocês podem vir aqui por um minuto? Precisamos conversar com vocês dois.

Nós?

Lo e eu trocamos olhares. Estamos ambos sem saber o que isso poderia ser. Pelo que sei, eles estão nos chamando para uma festa surpresa...

Grande chance.

{ 30 }

0 anos : 08 meses Abril

LOREN HALE

O que diabos está acontecendo?

O pensamento se repete enquanto Lily e eu sentamos na cama de Connor e Rose. Quanto mais ele fala os detalhes, mais a escuridão se espalha sobre o meu rosto, agarrando-se às minhas emoções como alcatrão. Minha perna pula em irritação e ansiedade enquanto Lily balança a cabeça, como se as palavras deles não fossem nada além de erradas.

Connor e Rose esconderam o álcool deles - uma garrafa de vinho e tequila - e ambos desapareceram.

Eu sinto onde isso está indo, mesmo antes de Connor dizer, — Encontramos a garrafa vazia no fundo do seu armário.

Seus olhos, junto com os do meu irmão, perfuram-me. Interrogativamente. Acusador.

Não é verdade, mas não tenho provas. Por que eles levariam minha palavra a sério? Eu sou o viciado. Eu sou indigno de confiança. Qualquer coisa que eu faça ou diga não importará, porque tudo pode ser uma mentira.

É por isso que fico quieto. É por isso que meu olhar aquecido fica fixo na parede. Através do meu silêncio, Lily começa a me defender. — Ele teria vomitado se bebesse! — Ela grita. — Ele está tomando Antabuse.

Eu esfrego meus lábios para esconder uma careta. Eu deveria ter dito a ela que eu parei de tomar as pílulas. *Cristo*. Eu deveria ter *fodidamente* dito a ela.

Eu enterro minha angústia sob confusão, tentando descobrir quem colocou o álcool no meu armário. Mas não é um problema difícil de resolver. Scott quer drama. Ele recebeu muito de nós, apesar de sua declaração de *ficar bonzinho*.

— Você ainda está tomando? — Ryke me pergunta.

Suas palavras apertam o botão errado. O ódio queima meus pulmões. — Você não deveria saber disso? Você conta minhas pílulas. — Minha voz áspera machuca meus ouvidos. Eu odeio isso.

Eu odeio estar na defensiva, mas é o modo mais fácil de ficar.

Rose quase dá um passo para frente em retaliação, mas Connor coloca as mãos na cintura dela para mantê-la calma.

Ryke coça a nuca. — Parei porque estava tentando confiar em você.

Por que você fode as coisas, Loren? Meus olhos começam a queimar. — Eu nem sei por que você me pergunta, — eu digo. — Você já acha que eu bebi.

— Honestamente, eu não sei o que pensar.

Connor interrompe para aliviar a situação. — Nós podemos resolver isso muito facilmente. Nós não vimos você doente nas últimas duas semanas. Tudo o que você precisa fazer é nos mostrar suas pílulas para sabermos que você está as tomando.

Eu não posso. Eles vão me odiar. Eu não preciso ver a decepção deles. — Não é a porra do seu corpo, Connor, — eu digo com desdém. Por que eles não podem simplesmente me deixar em paz? Seria muito mais fácil. — Isso não afeta *ninguém* na sala além de mim e talvez Lil. Eu não tenho que *te* dizer merda nenhuma. — Eu estou de pé, prestes a deixar isso tudo para trás.

Eu não posso olhar para Lily. Eu apenas ando rapidamente para a porta, mas Rose entra no meu caminho, esticando os braços na moldura da porta para fisicamente me bloquear. Eu não preciso disso agora, não dela.

— Seu vício afeta *todos* nesse quarto, — ela quase grita. — Se você não pode ver isso...

— Eu vejo muito bem, — eu digo friamente. *Não me pressione, Rose*. Meu queixo palpita. Meus músculos se esforçam. Eu só quero escapar *disso*. Ela não entende?

— Não seja um idiota.

Não seja um fodido idiota, Loren. Eu solto uma risada curta. — Isso é tão fodidamente fácil para você, não é? — Eu digo com malícia. Eu estou sendo engolido pela escuridão. Eu não posso ver uma saída para isso além de machucá-la tanto quanto ela está me torturando. — Sendo *inteligente*. — Eu dou um passo para frente, mais próximo dela. — Senhorita perfeita. Com o que você precisa se preocupar? Meu cabelo está bom hoje? Meus sapatos combinam com meu vestido?

— Lo, — adverte Connor.

Sua voz é tão suave atrás de mim. Eu afogo isso. Eu vejo as costelas de Rose caírem e subirem pesadamente, o veneno saindo de seus olhos.

Eu começo a ficar dormente.

Eu giro e vejo sua estante organizada, muito meticulosa, nada fora do lugar.

Eu ando até as prateleiras. — Vamos ver, Rose... — Eu pego um livro de capa dura e folheio as páginas antes de estrangular o livro, a espinha descolando. — Como você se sente com isso?

Ela inala severamente, suas clavículas se projetam.

Sua dor corta meu interior, e eu apenas continuo me movendo, sendo cortado com cada ação sem alma. Eu abro uma pilha de pastas de papel e agito os papéis soltos.

— Pare com isso! — Rose grita, caindo de joelhos para coletar cada página.

— Isso não te incomoda, certo? — Eu digo, agonia apertando meu estômago, agarrando meus ossos. Eu queria que ela me batesse. Me socasse bem no estômago. Eu só quero que essa dor vá embora. — Nada está fodidamente errado com Rose Calloway? Eu sou o idiota. Eu sou o fodido babaca no seu mundo que é tão estúpido e egoísta que beberia de novo e de novo. — Eu sou o fodido. O degenerado. O perdedor.

Apenas me deixe em paz.

Me deixe ir.

— Não... — ela diz, os olhos arregalados de horror por causa de seus papéis espalhados.

Minha garganta quase fecha com o quão louca ela se tornou. Eu a encaro enquanto ela respira bruscamente, hiperventilando. Connor se aproxima rapidamente e se inclina para ela, sussurrando em seu ouvido. Então ele a levanta pela cintura.

Ela grita maniacamente, — Não! — Rose tenta chegar perto dos papeis.

Eu vou vomitar. Enjoo sobe do meu estômago.

— Pare, — Connor diz na sua orelha.

Ela grita estridente, um desespero que eu nunca ouvi dela. Enquanto Connor a segura, os olhos de Rose encontram os meus.

E minha boca se move antes que eu possa pará-la. — Levou vinte e três malditos anos para você finalmente perder sua virgindade, — eu digo, encontrando uma fenda em sua armadura. — E você perdeu com um cara que está apenas transando com você pelo seu sobrenome.

— LOREN! — Grita Connor.

Eu quase cambaleio para trás com a força do meu nome nos seus lábios, seu rosto coberto de raiva. Frio lava meu corpo, a culpa aperta meus pulmões. *Por que você não pode me bater? Eu mereço isso.* Eu abro minha boca para perguntar, mas ele diz, — *Não.* — A sala silencia. Meu nome completo de sua língua ainda toca

nos meus ouvidos. — Me dê um minuto.

Enquanto ele cuida de Rose, eu me concentro nas vigas acima, minhas pernas fracas daquela explosão. Isso poderia ter acontecido de outra forma... de *qualquer* outra maneira teria sido melhor.

Ryke coloca a mão no meu ombro. Eu não posso olhar para ele.

— Ei, está tudo bem.

Não está.

— Olhe para mim.

Eu não posso. Eu engasgo com as lágrimas. Que porra está acontecendo comigo?

Ele segura meu rosto entre as mãos, forçando meu olhar no dele. — Estamos do seu lado, Lo. Nós não estamos contra você.

Eu mal olho para Rose, que está sentada no banco da penteadeira, Connor enxugando suas lágrimas com o polegar. Ela quase nunca chora.

— Lo, — diz Ryke, virando minha cabeça novamente, então eu me concentro nele. — Você está bem.

— É? — Eu respiro. — Todos vocês me olham como se eu fosse um cachorro que precisa ser tirado de sua miséria. Estou apenas esperando que um de vocês finalmente faça isso.

Sua expressão se quebra. — Isso não vai acontecer. — Ele não nega que esse é o caso.

— Certo, — eu sussurro. E então eu cometo o erro de finalmente olhar para Lily, que está na beira da cama. Ela está congelada em confusão, e é por isso que ela não interveio. Ela está com uma expressão assombrada, como se eu tivesse a traído.

Eu acho que a traí. Eu engulo em seco.

— Você vai vomitar? — Ryke pergunta.

— Eu não sei... — Eu examino o quarto, procurando por uma saída novamente. Mas eu não posso realmente escapar de mim mesmo. Eu tenho que me afastar do meu irmão. A tensão entre Lily e eu é o que está me dilacerando.

Para resolver *alguma* coisa, tenho que falar com ela.

Então eu vou para a cama enquanto Ryke cruza os braços. Quanto mais eu olho para as feições dela, mais me machuca. — O que? — eu digo.

— Você bebeu? — Ela questiona.

Eu cambaleio para trás. Ela realmente acha que eu bebi?

— Eu só... eu não entendo por que você não pode pegar suas pílulas para

provar, — diz ela em voz baixa.

— Então você vai tomar o lado deles ao invés do meu? — Eu engasgo. *Pare de ficar na defensiva.* É uma das poucas vozes positivas na minha cabeça.

— Eu não estou tomando lados. — Ela olha para as mãos enquanto pensa muito. — Eu só quero a verdade, Lo.

— Eu não bebi. — Eu balanço minha cabeça repetidamente, meus olhos nublando. — Mas eu não posso provar isso. Eu parei de tomar Antabuse meses atrás. — A verdade não me liberta - não tira um peso do meu peito. Estou com uma bagagem tão pesada que não há esperança de chegar à superfície.

— Você fez o quê? — Ryke grita.

— Eles estavam me deixando louco! — Eu grito. Eu odeio isso, mas é uma conversa que não posso mais evitar. — Eu ficava paranoico com tudo o que eu comia, se era acidentalmente cozido em álcool. Eu me via vomitando por causa uma fodida refeição de merda. Eu não posso fazer isso pelo resto da minha maldita vida. — Eu volto para Lily. — Você *tem* que acreditar em mim. — Eu não sei o que vou fazer se ela não acredita em mim. Eu não aguento isso...

— Eu acredito, — diz ela sem qualquer dúvida.

Eu exalo profundamente e caminho para a cama. Eu a envolto em um abraço.

Então ela empurra meu peito e aponta um dedo para mim. — Mas não é certo. Não é. — Eu deveria ter contado a ela. Seu queixo treme e ela puxa os ombros para trás com mais confiança. Eu a amo por isso. — Você não pode parar de tomá-los só porque deixava você maluco. E não está certo que você tenha escondido isso de mim... de nós...

Suas lágrimas combinam com as minhas. — Eu sei, — eu digo a ela em um sussurro. — Eu sinto muito. — Eu sento ao lado dela, e ela se aproxima de mim. Então nossos braços se encontram ao mesmo tempo. Eu não quero deixar ela ir.

— Estamos brigados, só para você saber, — ela sussurra. — Eu vou dormir no quarto da Daisy.

A dor contorce meu rosto. — Você não fez sexo em três dias. — É a verdade. Ela está estudando para uma prova em maio e adormece antes de chegarmos tão longe. Tem sido bom, mas ela não será capaz de manter essa rotina por muito tempo. Não é como o cérebro dela funciona. — Eu ia... — Eu paro quando ela balança a cabeça.

— Eu não me importo com sexo. Eu me preocupo com você ficar saudável

e não beber.

De repente estou sobrecarregado de orgulho. Dela. Mas também com medo por mim. Estou ficando para trás. Eu posso me sentir regredindo enquanto ela está indo em frente. Eu tenho que colocar minhas coisas em ordem.

— Temos outro problema, — Ryke de repente diz, chamando nossa atenção para o resto do quarto.

— Nós não temos que falar disso agora, — Rose diz.

Connor e Rose estão juntos, de mãos dadas, e eu tento pedir desculpas, mas quando abro a boca nada sai.

Rose levanta o queixo, equilibrada novamente. Como se nada tivesse acontecido. Ela apenas me dá um único aceno de cabeça tipo *está feito, vamos esquecer isso*.

Eu não acho que vou esquecer isso. Eu ficarei com essa culpa dentro de mim para sempre.

Ryke pega uma câmera que pertence à equipe de filmagem. Eu franzo a testa, e Lily e eu nos levantamos, chegando ao seu lado. — Veja isso, — diz ele.

Meu estômago se revira.

Isso não é bom.

{ 31 }

0 anos : 08 meses Abril

LILY CALLOWAY

Nãonãonãonão.

Eu olho para a câmera nas mãos de Ryke, já emocionalmente esgotada com Lo. Eu gostaria de voltar no tempo, voltar para o sofá com nossos quadrinhos e fingir que tudo isso foi um pesadelo.

Em vez disso, Ryke aperta o botão "play" da câmera. *Oh meu Deus*. Meus olhos se arregalam. Lo e eu estamos na livraria - o dia em que as pessoas, em geral, começaram a me assustar. Eu me vejo arrastando Lo para o banheiro e depois fechando a porta na câmera.

Calor ansioso se forma em minha pele. No vídeo, eu digo, — Posso te dar um boquete?

Eu posso explicar. Minha mão dispara no ar, prestes a derramar todas as desculpas que surpreendentemente são verdades. — Eu estava tendo um dia ruim, — eu começo.

— Shhh, — diz Lo, franzindo a testa e olhando para a câmera. Tenho certeza de que esse olhar é na verdade para o Scott. E enquanto nós vemos somente a porta no vídeo, os efeitos sonoros começam a tocar... de *gemidos* masculinos. Eles não mostraram como Lo rejeitou meu pedido? Ou como eu retirei o que disse também? Minha carranca se aprofunda.

— O que é isso? — Lo pergunta, sua mão escorregando na minha antes que eu tenha a chance de morder minhas unhas. — Isso é algum tipo de piada fodida?

— Você nos diz, — Ryke refuta. — Vocês estavam fodendo em um banheiro público no meio da tarde.

Meu estômago se afunda. É assim que eles reagiriam se soubessem que fizemos *isso* muitas vezes antes que as câmeras invadissem nosso espaço pessoal?

— *Nãoo*, — Lo diz a palavra lentamente. — Nós não transamos no banheiro. Nós não fodemos em nenhum outro lugar além do nosso quarto. —

Eu calo a boca porque sou uma mentirosa pior do que ele. Isso é fato. — Alguém deve ter adulterado o vídeo.

— Então você não pediu para fazer um boquete no Loren? — Rose me pergunta, com as mãos nos quadris.

— Eu... — Meus cotovelos estão assando. — Eu pedi... — eu murmuro.

— E então eu disse a ela que não, — acrescenta Lo. Nós não estamos mentindo sobre isso - essa é a coisa estranha.

— O que vocês estavam fazendo por trinta minutos no banheiro? — Connor pergunta casualmente.

Eu relaxo um pouco, não me sentindo tão defensiva com ele.

Lo diz, — Eu estava dando Lily uma conversa estimulante.

— Eu precisava de uma, — eu digo. Eu sorrio para Lo e ele passa a mão nas minhas costas. Então lembro da minha declaração anterior. Eu nunca acreditei que ele pudesse começar a mentir para mim depois da reabilitação. E eu dou um passo para longe dele, sua mão caindo da minha. — Nós ainda estamos brigados.

Ele engole em seco. — Eu vou começar a tomar Antabuse novamente, Lil.

— Bom, — eu digo com um aceno de cabeça. Eu quero ficar em seus braços, que ele me segure e segure ele. Nenhum lugar é melhor do que em seu abraço. Mas tenho que fazer o que é melhor para ele. Não posso permitir recaídas. Então eu posso aguentar por um dia ou mais. Eu me viro para Ryke. — Avance rapidamente para o final. Para quando saímos do banheiro, sei que vou parecer desapontada.

Ryke acelera a gravação, e quando ele aperta o play, eu me vejo sair do banheiro, meus dedos entrelaçados com o de Lo. Meu cabelo está perfeitamente arrumado, mas meus lábios estão levemente curvados para baixo. — Ah-ha! — Eu aponto para a câmera. — Eu pareço *tão* chateada.

Rose se aproxima da tela com descrença. Espero que a expressão dela se encha de compreensão. Mas não muda.

— Isso é você desapontada? — Ryke pergunta. — Você está suando e seu rosto está vermelho.

— Estava quente no banheiro, — eu defendo.

— Verdade, — concorda Lo, mas sua voz é suave. Ele sabe que não temos provas a nosso favor. Eles só precisam confiar em nós. Talvez eles não devessem. Estamos mentindo para eles de uma forma.

— Eles vão mostrar isso? — Eu pergunto.

— Provavelmente, — diz Connor, — mas vai ajudar a promover o casamento de vocês. — *O casamento.* Eu internamente encolho. — A edição ruim seria você entrando no banheiro com outro cara.

— Estamos apenas preocupados com sua saúde, — diz Rose.

Eu queria tanto que eles pudessem acreditar que estou bem. Mas apenas Lo realmente vê meu progresso. Ele é o único envolvido tão intimamente com o meu vício em sexo. Os outros apenas vêem vislumbres aqui e ali, e os maus momentos parecem se destacar muito mais do que os bons.

— Eu não fiz sexo, Rose, — digo a ela, esperando desesperadamente que ela aceite essa verdade. — Estou melhor. Quer dizer, eu não deveria ter perguntado a Lo... essa pergunta. Mas, além disso, estou melhor.

Eu posso passar um dia sem sexo, sem ansiedade ou medo paralisante. Claro, às vezes me agarro mais a Lo do que deveria. Mas é uma briga cotidiana.

Eu não sei como mostrar a eles o que sinto.

Lo abaixa seus dedos e eles roçam nos meus, silenciosamente perguntando se ele pode segurar minha mão.

Eu olho em seus olhos âmbar que expressam milhares de arrependimentos. Ele está se torturando sobre as pílulas mais do que eu jamais poderia. Este vídeo não é culpa de ninguém... Mas talvez seja de Scott Van Wright.

Eu aperto seus dedos e ele os enlaça com os meus.

— Eu pensei que vocês estavam brigados, — Ryke diz para nós.

— Nós estamos, — eu digo baixinho, sem tirar os olhos dos dele. *Ninguém vai nos machucar*: eu li em seu olhar. *Ninguém vai nos separar.*

Nem o Scott.

Nem a minha irmã.

Nem o irmão dele.

Se alguém vai nos afundar, será nós mesmos. Disso, tenho certeza.

{ 32 }

0 anos : 08 meses Abril

LOREN HALE

Eu estou rígido como mármore na base da escada. A televisão da sala está ligada, tocando uma reprise de *Princesas da Filadélfia*. O episódio gira em torno da viagem aos Alpes, onde todos nós jogamos jogos de festa e tivemos que suportar Julian, assim como Scott.

Rose está sentada no sofá, o computador no colo e os olhos voando para a televisão. Ela não me nota parado.

— Você já viu esse episódio? — Pergunto. Ela não se vira para reconhecer minha presença, o que faz o remorso pesar mais em mim. Eu não a confrontei sobre o que fiz depois que me acusaram de beber. Desculpas se infiltram na minha cabeça. Mas eu sempre relaciono "desculpa" a um pedido de perdão. E eu não sei se quero que ela me perdoe.

O silêncio paira no ar e eu solto um longo suspiro. Talvez eu deva apenas dizer de qualquer maneira. Porque eu sinto muito. Eu quero dizer as palavras.

Antes que eu possa abrir minha boca mais uma vez, ela finalmente responde à minha pergunta anterior: — Estou fazendo uma lista de quanto tempo de tela cada peça do Calloway Couture tem, quem usa a roupa e então eu estou cruzando os números com vendas.

— Como vai? — Eu me pergunto.

— Surpreendentemente, as roupas que a Lily usa têm mais vendas, mas ela também tem mais tempo na tela, então isso é provavelmente um fator, — Rose diz.

Meus olhos levantam para a TV, e vejo Julian revirando os olhos e tomando um gole de cerveja. Mesmo sua presença virtual faz meus nervos dispararem e minha pele se arrepiar. E ainda assim, eu ainda o tolero. Isso é algo que fazemos para as pessoas com quem nos importamos?

— Como você pode estar ao meu redor? — De repente, pergunto o que está incomodando minha mente.

Rose se desloca em seu assento para olhar por cima do sofá, seu olhar encontrando o meu.

— O que você quer dizer?

— Você me odeia, — eu digo, — mas você me atura pela Lily. Deve ser difícil, certo? — Eu não sou mais fácil de estar por perto do que esse cara na tv. Essa é a triste verdade que me rasga.

Ela lê entre todas as linhas, seus olhos voando para a tela e depois de volta para mim. — Você não é Julian, — ela diz, como se eu fosse um idiota. — Você nem chega perto.

— Eu fiz você chorar, — eu digo, minha voz vazia. No quarto dela. Eu a empurrei até o seu limite de propósito.

— Eu te perdoo, — diz ela facilmente.

— Como?

Ela não é doce. Ela se senta em linha reta com barreiras de centenas de metros de altura. — Porque eu sei que você nunca vai se perdoar, — diz ela. — Sua culpa é punição o suficiente, você não acha?

Talvez. Eu não sei. Mas acho que ela me conhece muito bem.

— De qualquer forma, Daisy nem gosta de Julian. Ela só está com ele porque está com muito medo de largá-lo e ferir seus sentimentos. Todos nós temos o direito de não gostar dele se, coletivamente, sabemos que o relacionamento está condenado. — Ela faz uma pausa. — Mas você e Lily - vocês dois se amam. Não é tão difícil deixar meus sentimentos de lado quando posso ver o quanto você a faz feliz.

Sua honestidade me surpreende, e sei que, neste momento, tenho que retribuir. Ela merece pelo menos isso.

— Independentemente... — eu digo. *Me desculpe, Rose.* As palavras ficam presas na parte de trás da minha garganta.

Ainda assim, ela concorda com a cabeça. — Contanto que você mantenha minha irmã segura, nós estaremos quites.

Não é nem um preço justo a pagar porque eu faria isso, não importa o quê. Mas eu aceito.

Estou prestes a virar e voltar a subir as escadas quando ela diz, — Eu espero que você saiba que eu não sou malvada com você porque você é um cara... — Ela solta um suspiro profundo e tenso.

Eu ouvi Connor ontem tentando consolar Rose por causa dos comentários online. Os que a chamam de misândrica. Ela estava chorando. Eu nunca pensei

que ela iria se ofender com alguma coisa, mas eles acharam uma fenda em sua parede de ferro. Eu acho que o assunto está em sua mente ultimamente.

— É só que... — ela tenta novamente. — ...Eu não odeio homens. — Seus ombros se levantam, provavelmente ao pensar em todo o ridículo.

Rose sempre foi dramática - ela ameaça castrar caras, cortar suas bolas. É uma parte do humor dela, mas no ar, foi portada do jeito errado.

— Eu acho que você não gosta de tipos de pessoas, — digo a ela, — homens e mulheres. A TV mostra apenas partes de nós. Eu não me importaria com isso.

Ela balança a cabeça e depois de um breve minuto, ela se concentra na televisão. Nosso momento raro e honesto termina assim.

{ 32 }

0 anos : 08 meses Abril

LILY CALLOWAY

Lo encontrou a *melhor* maneira de se vingar da produção: nos escondendo em nosso quarto. Scott quer imagens de nós; bem, agora ele não tem nenhuma.

Sete dias desde o começo do nosso protesto e a febre da cabana começa a chegar. Estou acostumada a ficar escondida em uma *casa*, mas ficar em um *quarto* é bem diferente. Por um lado, Lo e eu concordamos que sairemos apenas para ir no banheiro.

Estamos esperando que o Scott se desculpe por todas as coisas más que ele disse, *além* de alterar imagens de nós. É diferente de me entregar pornografia e passar uma garrafa de álcool para Lo. Ele está ativamente tentando colocar nossos amigos e familiares contra nós. Essa é baixo, até para ele.

No entanto, acho que é mais provável que nós morreremos de fome aqui em cima. Nossa única fonte de comida vem da minha irmã mais nova, que nos contrabandeia rosquinhas e biscoitos sempre que está em casa - o que não é frequente.

Volto em 10 minutos. Táxi se perdeu. - Daisy Eu gemo enquanto Lo faz flexões no chão. Ele teve que parar de ir à academia algumas vezes esta semana, e ir o ajuda a tirar sua mente da bebida e alivia o estresse. — Vamos morrer de fome,

— digo a ele. — Talvez eu possa convencer Connor a me trazer um Pop-Tart.

— Sem chances, — diz Lo, seu peito abaixando para o chão. — Eu mandei uma mensagem para ele para me trazer uma lata de Fizz, e ele começou a me ensinar sobre anatomia e como funciona a mobilidade bípede. Tudo em uma maldita mensagem. Se eu não estivesse tão irritado, ficaria impressionado.

— Sim, mas Rose é minha irmã. Ele *tem* que ser legal comigo.

Eu rapidamente escrevo uma mensagem para ele. *Connor, eu preciso de comida. Estou morrendo. SOS!* Eu aperto enviar.

Pena que Rose e Ryke se uniram para ficar contra o nosso protesto. Eles acham que se esconder em um quarto, nos isolar, nos fará regredir. Mas não estamos fazendo mais sexo do que costumamos fazer. Na maioria das vezes, gastamos nosso tempo assistindo Netflix e lendo quadrinhos on-line.

Eu abro meu laptop assim que meu telefone toca.

A geladeira está abastecida. Se você perdeu mobilidade em suas pernas, Loren pode levá-la para baixo. E você sabe como me sinto sobre hipérboles. - Connor Ugh.

Eu fecho meu celular. — Ele está no Team RoRy. Abortar missão. — Sento-me na beira da cama, digitando no meu laptop, e Lo rola de costas para começar a fazer abdominais.

— RoRy? — Ele pergunta com um grunhido.

— Sim, também conhecido como irmãos malvados Rose e Ryke, — digo a ele. — Eles precisavam de um nome. — Começo a percorrer a tag #PdFiladelfia no Tumblr. A maioria dos comentários são parágrafos longos que detalham como eles amam o show.

Secretamente, eu só gosto de olhar os gifs. Muitas pessoas os criaram a partir de vídeos de Lo beijando e flertando comigo. Nós temos sido chamados de OTP (one true pairing: um par verdadeiro) tantas vezes que eu literalmente tenho que parar de produzir lágrimas felizes.

Eu nunca pensei que *nós* teríamos um fandom. Não é algo que eu procurei, e agora que está acontecendo, parece mais surreal do que qualquer coisa. Eu tenho que admitir, eu amo esse lado da cultura pop muito mais do que os paparazzi. Talvez porque Lo e eu sempre fomos fãs de coração.

Clico na tag #Coballoway e encontro gifs da sobrancelha arqueada de Connor e do olhar brutal de Rose em resposta. Eu sorrio instantaneamente.

— Você está no Twitter? — Lo pergunta enquanto ele solta um suspiro pesado. Ele abaixa as costas no chão e para antes de tocar o chão. Quando ele se levanta, ele me dá um olhar que fala *já conversamos* sobre o Twitter. Nós

conversamos. Não é um lugar saudável para mim.

— Tumblr, — eu respondo, minha voz baixa.

Ele congela no meio do abdominal. — *Lily*, — ele diz meu nome em alerta. Tumblr é pior para mim.

— Estou vendo gifs castos, — eu deixo escapar. — O tipo com você e eu nos beijando.

— Você não pode nem nos ver beijando na TV sem ficar molhada, — ele me lembra e continua seu treino. — Você não deveria estar olhando para gifs disso também.

— Estou ficando melhor, — admito sinceramente.

— Tudo bem, — diz ele, — mas o que acontece se você tropeçar em gifs de homens nus e paus. Você se absteve do pornô por tanto tempo, Lil. Você não quer estragar isso por acidente.

Ele está *tão* certo. Mas eu olho de volta para a tela do computador e vejo um gif de Connor envolvendo seus braços em volta da cintura de Rose, seus olhos se iluminando com desejo, posse e amor. Estou tão emocionada que somos todos parte de um fandom. Vai ser muito triste abandonar isso. Nunca mais ver isso.

— Lil. — Lo se senta, o braço em seu joelho dobrado. — Me dê dez minutos e eu me sentarei ao seu lado e poderemos ver juntos. Eu cobrirei seus olhos se eu ver qualquer pênis. Que tal?

Eu sorrio. — E se aparecer seios? Posso cobrir seus olhos?

— Claro, — diz ele com uma risada enquanto ele se abaixa de volta ao chão. Eu entro no site da Marvel, um lugar seguro, enquanto ele continua seu treino.

A porta se abre alguns minutos depois, e Daisy desliza furtivamente para dentro no seu skate... ok, não tão furtivamente, mas é uma entrada bem legal.

E sua aparência desencadeia um sentimento brilhante, como a manhã de Natal. Eu a apresso antes que ela chegue longe. — O que você trouxe?

Ela sorri, colocando um pé no chão e deixando um no skate. — Seu favorito. — Ela sacode uma sacola de papel marrom do Lucky.

— Você é a melhor. — Entre manter nosso segredo e contrabandear alimentos, Daisy demonstrou sua lealdade ao Team LiLo (é assim que eles nos chamam on-line agora).

Lo levanta do chão e pega a sacola de Daisy. — Obrigado, Dais.

— Sempre feliz em ajudar, — diz ela, de pé em seu skate. Ela rola pelo quarto. — Eu tenho que avisar, Rose está me dando esses olhares sujos. Acho

que ela está percebendo que estou me esgueirando com comida.

— Fique forte, — eu encorajo quando Lo me passa uma caixa de batatas fritas.

— Ela tem aquele olhar, sabe, — Daisy nos diz. — Ele é meio assustador.

— É isso que parece ser transformado em pedra, — diz Lo. Ele se senta na mesa e desembrulha um hambúrguer.

— LILY! LO! — Ryke grita do andar de baixo. — Estou subindo! Acho bom vocês dois estarem vestidos!

Merda. Porra. Merda.

— Se esconde, — eu assobio para Daisy. Eu não quero que ela tenha problemas reais com Rose ou Ryke. Nós dois olhamos para a cama ao mesmo tempo, e Daisy deita de barriga para baixo em seu skate e rola para baixo, fora de vista.

Eu enfio uma batata frita na boca e encontro a arma Nerf na mesa de cabeceira.

Lo estala os dedos para mim. — Uh-uh. — Ele balança a cabeça em desaprovação.

Eu engulo minha batata e depois digo, — Ele é o inimigo, Lo.

A porta se abre antes que ele possa responder, e eu atiro no peito de Ryke. Ele não recua, nem mesmo um pouco. — Que porra é essa, Lily? — Ele rosna e se aproxima, puxando o brinquedo de plástico das minhas mãos.

Eu olho para Lo, e ele tem aquela expressão do tipo *eu te disse*.

Dano não infligido. Entendi.

Eu caio na cama, enrijecendo um pouco quando me lembro de Daisy se escondendo debaixo do colchão.

Ryke estreita os olhos para a arma Nerf. — De onde você conseguiu isso?

— Nós já tínhamos, — eu menti rapidamente.

— Se você já tivesse isso, você teria atirado em mim semanas atrás.

Verdade.

— Aparatou em nosso quarto.

Suas sobrancelhas se franzem. — *O quê*? — Ele se vira para Lo. — Ela está falando nossa língua?

Lo limpa a boca com um guardanapo, ainda focado em sua comida. — É um termo de *Harry Potter*.

— Mas que porra, vocês dois estão sendo ridículos. Pare com esse fodido protesto idiota e desçam... — Sua voz desaparece quando ele vê o *que* Lo está

comendo. A sacola de um Lucky ao lado da lâmpada inocente. E então o rosto de Ryke escurece. — Calloway!

— Sim? — Eu pergunto.

Ele revira os olhos. — Não você. — Sua cabeça gira em torno do quarto. — Daisy! — Ele abre a porta do guarda-roupa, procurando por ela entre as minhas camisas e as de Lo.

— Você deveria estar direcionando sua raiva para o Scott, — Lo refuta, bebendo de uma lata de Fizz. — No momento em que ele pedir desculpas, nós voltaremos para baixo com as câmeras.

Ryke não escuta. Ele se concentra em encontrar minha irmã loura e alegre. — Daisy! — E então ele descansa a mão no colchão, prestes a abaixar a cabeça debaixo da cama.

— Espere! — Eu grito. Mas é muito tarde.

Ele agarra seu tornozelo e a rola pelo chão.

Ela está sorrindo, seu cabelo loiro emaranhado e pendurado em seu rosto. — Ei, — ela diz, olhando para Ryke.

Ele dá a ela um longo olhar que é difícil não notar. — Pare de dar comida para eles, e... *brinquedos*. — Ele joga a arma Nerf na cama.

Daisy se vira, com as costas no skate. — Eles estavam ficando entediados, — ela refuta como se fizesse toda a diferença. E faz.

— Que bom.

Ela desliza para longe dele com o impulso de suas mãos, como se estivesse flutuando na piscina de costas.

Ryke coloca o pé entre as pernas dela, parando o skate de rolar. Minha irmã respira um pouco mais fundo do que antes. Isso foi totalmente sexual. Certo? Eu olho para Lo, e seu olhar pode queimar um buraco na testa de seu irmão.

Ryke nunca recua, esperando que Daisy fale.

— Eu tenho essa teoria, — diz Daisy, — de que se você deixar duas pessoas que são *muito, muito* atraídas uma pela outra, sozinhas em um quarto, sem nada para fazer, elas farão sexo. Muito, *muito* sexo.

Eu coro, imaginando se ela está falando sobre nós ou sobre ela e Ryke.

Nós esperamos em um silêncio desconfortável pela resposta de Ryke.

Ele diz, — Se essa teoria está certa, você deve realmente achar seu namorado fodidamente feio.

— Quem disse que eu não tive muito sexo com ele?

Seu olhar podia matar alguém. — Ele tem vinte e três anos, Dais. Se você

está transando com ele, ele vai para a cadeia.

Ela levanta a mão em defesa e senta-se no skate. A perna de Ryke está mais perto de sua virilha em resultado disso, mas ela agarra seu tornozelo para que ele não se mova. — Eu não estou... eu não faria isso com alguém. — Ela olha para mim atrás de ajuda.

— Ela está apenas sendo gentil conosco, — eu digo. — Não pule em sua garganta, Ryke. — Meus olhos se arregalam. — Nãodessejeito.

Lo geme atrás de mim. — Perdi o apetite, Lil.

Sim, eu não quero pensar em Ryke, fazendo *você sabe o que* perto da boca de Daisy também.

Daisy respira fundo e diz, — Eu pensei que, se eles se entediassem, provavelmente iriam querer fazer sexo.

Lo tosse roucamente, e eu vou até ele para acariciar suas costas. Ele toma um grande gole de seu refrigerante antes de dizer, — Por favor, não fale sobre minha vida sexual, Daisy.

Ela suspira e coloca a testa na perna de Ryke em frustração. Ele ainda se eleva acima dela. — Eu estava apenas tentando ser útil.

— Você não está fodidamente ajudando, — Ryke diz rudemente, embora sua mão esteja na cabeça dela, mais próximo fisicamente do que eu já vi antes. A amizade deles deu alguns passos extras, parece. *Espero que para não muito longe.*

— Ei, — eu me envolvo. — Ela está ajudando demais. Se eu não tivesse minha arma Nerf, provavelmente teria pulado em Lo. Crise sexual evitada.

Ryke se afasta de Daisy e se vira para mim. — Se você está com problemas para se controlar, talvez você não deva ficar trancada em um quarto com seu namorado. — Ele aponta para a arma de brinquedo na cama. — Mas esta é a porra da sua solução? Mesmo?

— Parece mais divertido do que a posição de cachorrinho, — Daisy fala com um sorriso torto.

— Não é, — Ryke responde.

Eu tenho que concordar com ele. As armas Nerf não são tão divertidas quanto a posição de cachorrinho.

Lo aperta a ponta do nariz e depois se levanta da mesa. — Ok. — Ele pega a arma Nerf da cama e empurra no peito de Ryke. — Pegue a arma. Pegue Daisy. — Ele segura o pulso de Daisy, a coloca de pé e lhe entrega o skate. Então ele se junta a mim no meio do quarto. — Nós vamos protestar em *particular.*

Ryke não parece feliz.

— Eu te disse, — Daisy diz baixinho, — eu tentei mantê-los longe de...

Ryke rapidamente a puxa para o peito dele e cobre a boca dela com a mão. Eu posso dizer que ela está sorrindo debaixo da palma da mão dele.

— Você realmente sairá se Scott pedir desculpas? — Ele pergunta.

— Sim, — diz Lo.

— Eu vou traze-lo aqui dentro de uma hora, — Ryke proclama, uma promessa ligada às palavras. — Essa merda termina hoje à noite. — Ele solta Daisy, seus olhos vagando ao longo de suas feições. — Eu não sei que tipo de posição de cachorrinho você está fazendo, mas está errado. — Ele dá um tapinha na cabeça dela antes de sair.

Lo grita de volta, — Inadequado, *mano*!

Daisy assiste Ryke sair antes dela se aproximar de mim e cutucar meu quadril. — Desculpa.

Eu balanço minha cabeça e lhe dou um abraço de lado. — Você tem sido uma soldada valente. A melhor.

Quando ela dá um sorriso, é brilhante e bonito, e eu me pergunto como passei tantos anos evitando um relacionamento com ela. Daisy é uma das pessoas mais espirituosas que eu conheço, e talvez se eu tivesse me soltado com ela um pouco mais cedo, eu teria sentido essa alegria desde o começo.

{ 33 }

0 anos : 09 meses Maio

LILY CALLOWAY

Eu descanso minhas costas contra uma prateleira com uma variedade de frascos de comprimidos à venda, tentando não fixar essa imagem em meu cérebro. Lo e Ryke, lado a lado, olhando para uma enorme parede de preservativos. Scott se desculpou depois que Ryke o empurrou fisicamente em nosso quarto. Seu "sinto muito" não foi muito sincero, mas nós dois estávamos prontos para seguir em frente. Eu nunca pensei que estaria *aqui*. No caminho de volta para casa do almoço, nós três fizemos uma parada em uma farmácia local para pegar as luvas de amor.

É engraçado - antes de Lo, os preservativos eram obrigatórios para mim. Agora eu os odeio.

Como as coisas mudam.

— Por que você tem que usar preservativos? — Eu pergunto a Lo pela terceira vez.

Ele ainda não me respondeu. Eles estão tirando sarro dos preservativos Magnum GG que brilham no escuro pelo último minuto, não por causa do tamanho. Eu participaria das piadas se não estivesse tão confusa.

— Eu entendo porque Ryke tem que usá-los, — eu continuo como se estivessem ouvindo. — E se uma de suas conquistas alegar estar gravida de Ryke? Isso é um pensamento assustador, certo?

Ryke gira para me encarar. Finalmente! — Você pode parar chamar as garotas com quem eu durmo de *conquistas*? Você faz parecer que meu objetivo na vida é foder mulheres, e elas não são troféus para mim.

— Claro, você pode perguntar a Lo porque ele tem que usar camisinha? — Eu respondo.

Ryke me dá uma olhada do tipo *você está realmente falando sério?* — É chamado de proteção contra uma gravidez não planejada.

— Eu estou tomando anticoncepcional, — eu sussurro, baixando a minha voz enquanto as pessoas passam pelo nosso corredor. Elas não percebem quem

somos, ou se percebem, elas não se importam. Ryke e Lo escolheram uma farmácia fora do caminho em vez de uma na cidade. Para me acomodar e a minha paranoia. Foi legal da parte deles.

— Lil, é só por um tempo, — diz Lo, pegando uma caixa da prateleira. Ele está sendo incomodado pela minha irmã e seu irmão para ser mais cuidadoso. Eles estão preocupados que, com o estresse do programa e os excessivos amassos para as câmeras (ou provocações excessivas), cometeremos um erro.

— Usar camisinha não é tão bom. — Eu paro. — Para qualquer uma das partes envolvidas. — E então eu aponto meu dedo para Ryke. — Não negue isso.

Ele levanta as mãos. — Eu não ia, mas algumas coisas valem a pena sacrificar, Calloway.

Tá. — Então, quantas caixas você vai comprar? Três? Cinco? — Ele precisa de umas onze. Seus casos de uma noite só podem quase competir com o meu eu passado.

— Uma, — ele responde. — E você não tem que comprar absorventes?

Teria sido um comentário rude se ele não estivesse falando sério. — Eu não preciso. Eu adio minha menstruação com as pílulas anticoncepcionais, — digo tudo isso sem corar. Internamente, estou dando tapinhas nas minhas costas.

— Deixe-me adivinhar, — diz ele, seus olhos escurecendo. — Assim você pode fazer mais sexo. — Minhas bochechas ficam vermelhas. *Droga*. Mas eu tenho que me dar crédito; eu consegui durar esse tempo falando sobre preservativos e sexo sem que meu corpo se revolte contra mim. Quando Ryke olha para o lado, dou a mim mesma um toque rápido no ombro. Viva eu!

— Ei, — Lo corta e coloca a mão no ombro de Ryke. — Pare de encher o saco dela.

Estou acostumada com isso e tenho certeza que irrito Ryke igualmente. Ele mal olha para a prateleira antes de puxar um pacote de preservativos, o que basicamente significa que ele tem uma determinada marca e tamanho que ele sempre usa. Concentro-me na fila do caixa, evitando o contato visual com os preservativos - porque saber o tamanho vai me deixar estranha.

Meu cérebro dispara no minuto em que noto a fila de revistas e tabloides empilhados ao lado do balcão. A manchete para meu coração: *Lily Calloway, Ninfomaníaca e Dormindo com Irmãos*. Eu já vi isso muitas vezes antes. Mas esse é o problema.

Eu pensei que após a enquete *do Celebrity Crush* e o efeito positivo do reality

show, esses rumores seriam postos de lado. Não só isso - mas eu nunca teria feito uma parada para comprar preservativos com Lo e Ryke se soubesse que a mídia ainda estava acreditando nos rumores.

— Isso é para você? — A atendente pergunta, olhando para os preservativos e, em seguida, os dois caras. E para mim. Puta merda. De todas as ideias ruins, essa é *horrível*.

— Não, — eu corto, me encolhendo ao lado de Lo. — Nós não queremos mais isso. E nós gostaríamos de comprar tudo isso. — Eu começo a empilhar todas as revistas no balcão.

— Não isso de novo, — Ryke geme.

— Lily... — Lo começa.

— Você não entende, — eu digo. — Você estava com oitenta e oito por cento, Lo. Isso não deveria estar acontecendo.

— Então você não quer os preservativos? — A atendente pergunta, confusa.

— Sim, nós queremos eles, — diz Ryke.

— Não, nós não queremos, — eu refuto. — Apenas as revistas. — Eu esvazio as prateleiras e deslizo meu cartão no balcão.

— Pelo amor de Deus, Lily, — Ryke estala. — Eu vou deixar você comprar suas malditas revistas, mas pelo menos me deixe comprar meus preservativos. Eu não quero ter que ficar sem.

— Tudo bem, — eu me rendo. — Os preservativos também. — Meu pescoço se aquece. — Mas só para você saber, nós três *não* estamos dormindo juntos. Estas estão erradas. — Eu bato minha mão na pilha de revistas. — Ele precisa do preservativo para usar com outras meninas.

— Ela entende, amor, — diz Lo.

A atendente pega meu cartão, parecendo com medo de mim. Eu não me importo. Tudo que eu quero é que as pessoas ouçam a verdade - isso é pedir demais?

Lo se esgueira atrás de mim e envolve seus braços em volta dos meus ombros. — Ela é muito protetora de mim, — ele diz a atendente. — É doce, na verdade, quando ela não está dando uma de louca.

A atendente sorri calorosamente e eu dou um soco no braço de Lo. — Eu não estou louca.

Seus olhos suavizam em um pedido de desculpas. — Eu sei.

Eu carrego a grande pilha de revistas em minhas mãos, Lo e Ryke se recusam a ajudar em princípio. O caminho para casa é cheio de uma tensão

estranha. Eu começo a ler os artigos e minha raiva só aumenta. A palavra *ninfomaníaca* me deixa no limite. Eu sempre me identifiquei como *viciada*, e me chamar de ninfomaníaca torna mais difícil argumentar que o vício em sexo é real. Muitas pessoas alegam que o vício em sexo é usado como desculpas para as pessoas transarem sem serem julgadas. E não é nada disso.

No momento em que Lo entra na garagem, estou fumegando.

Eu pulo do carro apenas um segundo depois que ele pare de se mover. — Espere, Lily! — Lo grita para mim. Mas eu estou em uma missão.

Brett e Savannah aparecem do nada, mas tenho certeza que eles estavam esperando que voltássemos para casa. Suas câmeras passam de mim para Lo e Ryke. Eu ando por eles com pressa.

— Você está sendo dramática! — Ryke grita para mim.

Eu abro a porta. — Eu não estou sendo dramática! — Eu grito de volta. Ok, isso foi um *pouco* dramático. Eu entro na cozinha, arrumando as revistas para que elas não caiam.

Eu chego na pia e atiro-as para dentro. Perfeito. Então eu me abaixo e abro o armário de baixo, onde Lo mantém acendedor liquido para usar na churrasqueira do lado de fora. Eu tiro e começo a esguichar na pilha de revistas.

— Uooou! — Lo e Ryke gritam juntos. Eles vêm até mim de uma só vez, e então eu sinto outra pessoa pegar a garrafa de plástico da minha mão.

Connor.

De onde diabos ele veio?

Lo me puxa para seu peito, suas mãos apertam minha cintura confortavelmente, mas eu mal me acalmo. Eu só quero destruir a *coisa* que me machucou. Se eu não puder responder aos repórteres ou aos comentários, é melhor descontar nas revistas reais.

Minha irmã mais velha aparece de repente, jogando as revistas sujas em um grande saco de lixo. Droga. Eu luto nos braços de Lo, na esperança de alcançar pelo menos uma única revista e colocar fogo nela.

Fica claro com seu aperto firme que ele não está me deixando ir.

— O que está acontecendo? — Connor pergunta. Sua voz calma dificilmente instila a tranquilidade. Lágrimas ameaçam subir, tão indefesas e furiosas, uma mistura tóxica que penetra emoções desagradáveis dentro de mim.

— As pessoas são uma merda! — Eu grito.

Connor pega uma revista antes de Rose adicioná-la as outras no saco de lixo. Ele nem abre, não que ele possa. As páginas encharcadas estão grudadas.

— Eu não me importo com a porra dos rumores. — Ryke estende os braços. — Quantas vezes eu tenho que dizer isso?

— Eu não sou uma traíra! Eu não gosto de ser nem uma suposta traidora, — eu digo, meu coração acelerado. Ele vai sair do meu peito a qualquer momento. Não é justo comigo ou com Lo. Ele não merece estar com "a garota que não consegue fechar as pernas".

Eu aponto o dedo para as revistas. — E eu *odeio* ser chamada de ninfomaníaca!

— O que você quer fazer sobre isso, Lil? — Lo pergunta, seus lábios perto da minha orelha. — Faça uma birra na frente das câmeras. Feito. Eles têm sua reação gravada.

Eu fico completamente imóvel. Não era isso que eu queria.

Connor limpa a garganta. — Ou você poderia colocar fogo nisso. — Ele joga a revista no saco de lixo de Rose. — Pode ser catártico.

Meus ombros se levantam com o pensamento.

Rose dá a Connor um olhar de desaprovação. — Não a encoraje. — Ela deixa cair o saco e mantém suas mãos encharcadas de fluido de isqueiro longe de suas roupas. Eu não quis que ela limpasse minha bagunça. Eu teria feito isso. A culpa me domina e antes que eu possa me desculpar, uma voz soa da sala de estar.

— Você está falando sério? — Julian grita.

O namorado de Daisy está com ela encostada na parede, com o nariz na sua cara e as mãos nos dois lados da cabeça dela. Ele está a prendendo. Meu coração voa para fora do meu peito, mas não é por causa das revistas. *Daisy...*

— Você sabe o *inferno* que eu passei por você?

Oh meu Deus.

— EI! — Ryke grita. Antes que eu possa piscar, ele está correndo, todo o seu comportamento mudando para um Ryke Meadows furioso e sombrio em uma fração de segundo. Brett corre ao lado dele, mantendo sua câmera inclinada para a sala em caso de uma briga. Eu tento dar um passo à frente, mas Lo não me libera, nem por isso.

— Eu tenho que ajudar, — eu sussurro.

— Eu não quero que você se machuque.

Connor segue Ryke com um passo apressado e determinado. Rose corre para lavar as mãos, e acho que se não fosse acendedor liquido, ela diria *foda-se* e iria ajudar Daisy por instinto.

— O que está acontecendo? — Pergunto a Rose.

Ela esguicha uma enorme quantidade de detergente na palma da mão e fala rapidamente: — Estávamos no meio de terminar com Julian para Daisy. — Os olhos dela voltam rapidamente para a cena. — *Porra.*

— Como é? — Lo estala.

— Sim, o que? — Eu pergunto, meu pulso acelerando. Eu recuo quando Julian bate com o punho na parede ao lado da cabeça de Daisy. O medo borbulha no meu peito. Com Connor e Ryke ajudando, eu sei que ela ficará bem.

O olhar alarmado de Rose permanece fixo na briga enquanto ela esfrega mais forte, mais rápido. — Daisy queria terminar com ele, mas ela não queria ferir seus sentimentos. Eu pensei que se Connor e eu fizéssemos isso por ela e a envergonhássemos um pouco, ela teria bom senso para fazer isso sozinha da próxima vez. — Ela acrescenta friamente, — Se eu soubesse que você teria um mini-colapso durante isso, eu teria remarcado.

Ai. — Eu sinto muito.

— Poderia ter ido mal independentemente.

Pelo menos ela ligou para o meu *mini* colapso.

Nós assistimos Ryke agarrar Julian pelo ombro. Ele lança um soco bem merecido no queixo de Julian, a força o fazendo ele dar alguns passos para trás. Então Julian recupera o equilíbrio e avança até Ryke, tentando derrubá-lo no chão. Mas Connor agarra o ombro de Ryke, mantendo-o na posição vertical.

Rose desliga a torneira às pressas, assim que Ryke bate o punho no rosto de Julian novamente.

Daisy fica petrificada na parede, e eu gostaria de poder correr até ela e trazê-la para um local seguro – bem, bem longe de seu ex-namorado.

Rose está ao meu lado. — Tire-a de lá, — diz ela baixinho. Eu não acho que ela está falando comigo.

Julian xinga e para, tocando seu olho inchado. Seu peito sobe e cai pesadamente. Eu queria que Ryke lhe desse uma joelhada nas bolas.

Julian olha para Daisy, seu rosto endurecido de raiva. Rose e eu começamos a avançar instintivamente, e Lo estende a mão, apertando nossos braços. Eu acho que Rose iria brigar com ele se ela não estivesse tão hipnotizada pela briga em andamento.

— Você só vai ficar aí parada?! — Julian grita com a nossa irmã.

— O que você quer de mim? — Pergunta Daisy.

— Que você me devolva os *meses* da minha vida que eu desperdicei com você, sua vagabunda idiota.

Uau. Tudo acontece tão rápido. Connor segura Ryke pelos ombros enquanto ele grita uma série de palavrões, alguns que eu nunca ouvi antes. E então Lo libera Rose e eu, só assim ele pode entrar para ajudar também.

Mas eu o quero na briga tanto quanto ele me quer nela.

Eu subo em suas costas para ele ficar parado.

— Vai foder alguém que realmente gosta de você, Julius! — Grita Lo. — Oh, *espere*, não tem *ninguém* neste planeta. É melhor encontrar alguém que possa te levar a Marte, seu filho da puta!

Eu lhe dou pontos extras pela criatividade.

Sem Lo para deter Rose do ataque, ela desaparece na cozinha, pegando uma lata de spray de pimenta em uma gaveta. Ai *sim*. Ela volta para a sala de estar como uma rainha guerreira, direcionando a lata diretamente para o rosto machucado de Julian.

— Saia, — ela rosna, empurrando o braço dele. — Ou eu vou queimar mais do que apenas seus olhos.

Eu envolvo meus braços em volta do pescoço de Lo, e suas mãos deslizam para as minhas pernas quando ele se acalma. Minha irmã tem isso sob controle.

Julian levanta as mãos, enviando a todo mundo na sala um olhar longo e inútil antes de sair da casa.

— Um babaca a menos, — diz Lo em voz baixa.

Falta só mais um agora.

{ 34 }

0 anos : 09 meses Maio

LOREN HALE

— Posso perguntar uma coisa a vocês? — Diz Connor, encostado na cômoda do nosso quarto. O relógio mostra 4 da manhã, mas ele está lá, completamente vestido como se tivesse acabado de voltar de uma reunião de negócios.

Lily e eu tivemos alguns minutos para esfregar os olhos e sentar na cabeceira da cama. Seu corpo descansa contra o meu, basicamente me usando como travesseiro. Meu cérebro letárgico tem dificuldade em processar sobre qual assunto isso poderia ser.

— Se tem a ver com Scott ou com a produção, eu vou voltar a dormir. — Eu não tenho energia para lidar com isso às quatro da manhã.

Lily solta um pequeno bocejo, os olhos parcialmente fechados. Nós fizemos sexo por mais de uma hora. Ela estava um pouco compulsiva ... Eu acho que porque Rose a fez experimentar o vestido de noiva para ver se precisava de alguma alteração.

— Não é sobre ele, — diz Connor, sua voz calma na calada da noite. — Eu quero saber seus sentimentos sobre o casamento de vocês em um mês.

Eu esfrego meus olhos novamente. — Você sabe, essa é uma daquelas coisas que eu *realmente* não quero falar sobre tão tarde assim, Connor.

— Nem... eu, — Lily boceja e começa a se enfiar debaixo das cobertas.

— Espere, — diz Connor, dando um passo à frente. — Eu preciso que vocês me respondam, por favor.

Eu só hesito por causa do *por favor*. Connor raramente implora pelas coisas, não desse jeito. Eu balanço minha cabeça enquanto tento escolher através das minhas emoções sobre o assunto. — Eu não sei... — *Eu sei*. — Quero dizer, não estamos ansiosos para o casamento.

— Por quê? — Connor pergunta.

— Você sabe por que, — eu digo, frustrado e cansado. — Connor, eu não sei se este é o momento em seu cérebro funciona melhor, mas o resto de nós -

as pessoas comuns - costumamos dormir agora.

Connor enfia as mãos nos bolsos. — Eu precisava de um horário em que Rose não estivesse acordada para nos ouvir.

— Isso é um enigma? — Lily pergunta sonolenta.

Eu nem sei.

— E se eu disser que vocês não precisam se casar?

Agora ele tem a nossa atenção. Os olhos de Lily se abrem completamente e minhas costas se endireitam como uma tábua. — O quê? — Nós dois dizemos em uníssono.

— Vocês não precisam se casar, — repete Connor. — Não em um mês. Não em seis meses ou sete. Vocês escolhem a hora, a data, o lugar, tudo em *seus* termos, de ninguém mais.

— Isso é um sonho, — diz Lily em voz baixa.

Ele balança a cabeça tipo *não é.*

Quando eu olho para ela, vejo lágrimas escorrendo pelas suas bochechas. — Isso é um sonho... — ela repete como se fosse se convencer de que não pode ser real.

Eu sinto algo molhado deslizar pelo meu rosto. As coisas boas não acontecem com pessoas más. Lily costumava me dizer isso o tempo todo. Isso parece bom demais para ser destinado a nós.

— Meu pai... — Eu começo, não conseguindo terminar. Eu levanto meus joelhos e descanso meu cotovelo em um deles, beliscando meus olhos para parar o sistema hidráulico.

— Eu conversei com os pais da Lily e brevemente com Jonathan. Todos concordam que o reality show ajudou a melhorar a reputação de vocês. É difícil para qualquer meio de comunicação negar que vocês estão apaixonados, e então o casamento, neste momento, não é tão importante quanto antes. — Ele continua, — Lily vai recuperar sua herança já que o casamento não vai ser mais uma estipulação.

Nenhum de nós realmente se importa com o dinheiro. Eu abaixo a minha mão. — Não vai parecer suspeito se de repente cancelarmos o casamento?

Ele respira fundo. — Eu quero casar com Rose no dia, se vocês deixarem.

Minha boca se abre em surpresa. — O que? — Eu respiro.

Lily está assentindo repetidamente, sobrecarregada com tanta emoção que ela começa a soluçar em suas mãos. Eu a abraço ao meu lado.

É como se alguém finalmente tivesse nos dado um tempo, e depois desse

um passo adiante, limpando uma tempestade negra em um céu azul brilhante.

Estou prestes a perguntar se ele ama Rose, mas a expressão que lava o rosto dele - diz tudo. Connor está sorrindo, seu olhar longe enquanto ele imagina esse seu futuro, brilhando com algo inatamente humano.

Espero que um dia ele aceite o quanto o amor realmente o superou.

E então ele olha de volta para mim e eu aceno para ele. — Se você está falando sério...

— Eu nunca falei tão sério na minha vida, — diz ele. Connor raramente exagera, então eu estou inundado, mais uma vez, com o poder de suas palavras.

— Sim, — eu digo. — Case com Rose. — Eu solto uma risada curta e atordoada e balanço a cabeça. Eu não posso acreditar que isso é real. — Isso é, se você sobreviver ao dia do seu casamento. — Rose não estando no controle... como isso vai acabar? — Ela vai ficar chateada que só tem um mês para mudar tudo.

Lily se acalma um pouco e enxuga os olhos com o cobertor. — Ela é tão especifica, — diz ela.

— É por isso que não vou contar a Rose. Vai ser uma surpresa para ela. — Ele acrescenta, — E eu a conheço bem o suficiente para planejar um casamento que ela vai amar. — Ele caminha até a porta, solidificando isso como uma noite que eu vou lembrar para o resto da minha vida. E não tem nada a ver com nossos vícios.

— E querido, — ele diz para mim, seu sorriso levantando seus lábios, — você vai ser um ótimo padrinho. — Ele bate na moldura de madeira e fecha a porta suavemente atrás dele.

Lily funga e diz, — Quando Connor Cobalt se tornou a fada dos dentes, concedendo desejos no meio da noite? — Nós sabemos há muito tempo que Connor Cobalt possuía alguma forma de magia.

Eu sorrio, atacando e prendendo-a na cama. Eu planto beijos em todo o seu rosto e ela ri em mais lágrimas. Eu percebo que estou chorando de novo também.

Estamos começando a nos sentir no controle de nossas próprias vidas.

Isso vem com sentimentos tão fortes que a única resposta é rir, chorar e, finalmente, cair num sono tranquilo e pacífico.

{ 35 }

0 anos : 10 meses Junho

LILY CALLOWAY

— Você passou em todas as suas aulas? — Ryke pergunta pela terceira vez no sofá, a descrença um pouco insultante.

— Sim, quero dizer, eu estava participando de apenas três neste semestre, mas passei. — Claro, eles eram aulas *aprovados* ou *reprovados* online de Princeton, mas ainda é *Princeton* então eu mereço um pequeno tapinha no ombro, costas, braço, aceito até no tornozelo.

— Eu nunca vi você abrindo um livro. — Sua falta de confiança em mim não é nada especial.

— Você não veria. Eu fiz a maior parte do meu dever de casa no meu quarto.

Lo come balas de gomas azedas ao meu lado. — E você não estava ocupado subindo em rochas? — Ele diz a seu irmão. Mal começamos a nossa maratona de filmes com Ryke e Daisy, e já tivemos que pausar cinco vezes *A Sociedade do Anel* por interjeições desnecessárias que não dizem respeito a hobbits ou elfos. Quando soubemos que os dois não tinham visto a trilogia *O Senhor dos Anéis*, Lo e eu queríamos corrigir isso imediatamente. Nesse ritmo, terminaremos todos os três filmes no próximo verão.

— Não o tempo todo, — Ryke refuta, sacudindo seu saco de pipoca sob o queixo de Daisy. Ela está espremida ao meu lado e o dele.

Ela distraidamente pega um punhado, comendo mais agora, especialmente desde que uma de suas gigantes campanhas de modelos terminou.

— Vamos assistir, — eu digo, apertando um botão no controle remoto. Quando Frodo chega ao reino élfico, minha mente vagueia para celebrações. A mais próxima para todos nós, é em apenas quatro dias. Estaremos na França para o casamento de Connor e Rose. Nós todos mantivemos o segredo sobre essa mudança, e apesar das declarações de Connor de que está tudo sob controle, estou um pouco preocupada que ela tenha um colapso mental por

causa da surpresa.

Rose não é do tipo que fantasiou e planejou todos os detalhes de seu casamento quando era pequena. Pelo contrário, Rose nunca pensou que ela iria casar. Mas ela também tem TOC, e ter alguém controlando o maior dia de sua vida pode perturbá-la.

Isto é, se Connor não fazer tudo com perfeição.

O casamento também marca o fim do reality show. Sem câmeras. Sem chuveiros comunitários. Sem casa no centro da Filadélfia.

Daisy fica mexendo no cobertor, mal assistindo o filme. Retornar para a nossa casa de Princeton será mais difícil para ela, porque significa que ela tem que voltar para casa, morar com nossa mãe e nosso pai. Esses seis meses foram como um longo e prolongado acampamento de verão e, provavelmente, a primeira vez que ela se sentiu incluída em nosso grupo.

Antes do reality show, ela acompanhava e pedia para se juntar a nós. Nos últimos seis meses, não precisava ser dito que ela pertencia a qualquer evento que planejamos. Eu não quero que as coisas voltem a ser como eram. Eu quero que Daisy esteja conosco, mas, ao mesmo tempo, ela tem apenas dezessete anos.

Ela tem que ir para a escola preparatória.

Eu rolo pelo Twitter no celular do Lo, muito curiosa. Ele olha por cima do meu braço, e ele deve perceber que *não* é o Tumblr porque seu olhar retorna para a TV.

Seu feed é cheio de tweets de artistas de quadrinhos e fãs de programas de TV como *Game of Thrones*. Meus olhos ardem por olhar para a tela por tanto tempo, prestes a fechar o aplicativo. Mas eu paro quando passo por uma hashtag.

#VideoPornoDeCoballoway O que? Minhas sobrancelhas franzem, e o primeiro tweet no topo é de um site de notícias credível.

@GBANews: *Connor Cobalt e Rose Calloway venderam seus vídeos pornográficas para um distribuidor muito grande. Clipes já estão online.*

Meu coração afunda no fundo do meu estômago. Isso não pode estar certo. Minha respiração fica presa na minha garganta. Rose nunca compartilharia sua própria vida sexual *na internet* se mal pudesse compartilhar detalhes minúsculos entre seus amigos. Eu praticamente soco Lo com meu corpo ossudo, me espremendo em seu espaço.

— Lil? — Eu ouço a preocupação em sua voz.

Eu lhe entrego o celular e, ao mesmo tempo, mudo a televisão para a outra

entrada HD, ligando a tv a cabo.

— O que está acontecendo? — Ryke pergunta, seu braço esticado no encosto do sofá.

Eu respondo passando por canais de notícias. Releio a manchete embaixo, repetidamente, esperando que eles dissessem *Primeiro de Abril*. Mas não é abril. E isso está longe, longe de ser uma piada.

Vídeos Pornô de Rose Calloway e Connor Cobalt vendidos a site pornô por US $ 25 milhões.

— Maldito inferno, — Ryke murmura.

— Isso não pode estar certo, — digo em voz alta o que está flutuando na minha cabeça. *Não, não, não*. Eu nunca tive vídeos da minha vida sexual sendo transmitidos para o mundo inteiro. Isso vai além do que aconteceu comigo. Isso é - isso é destruidor de vidas.

Eu sinto muito, Rose.

Lo sacode a cabeça, em meio a uma névoa. — Tem que ser Scott. Ele deve ter colocado câmeras nos quartos.

— O quê? — Eu grito. — Nos nossos quartos também?

— Não, Lil, — diz Lo rapidamente. — Se eles tivessem uma fita de sexo nossa, estaria na TV antes da de Connor e Rose. — Ele está certo. Eu seria mais "interessante", já que estamos na mídia há muito mais tempo.

Ainda assim, o fato dificilmente diminui a enormidade da situação. Minha irmã...

O repórter começa a falar, agarrando meus pensamentos dispersos. — Se você estiver chegando agora, as notícias acabaram de chegar sobre o herdeiro de uma empresa da Fortune 500, Connor Cobalt e sua namorada, Rose Calloway, venderam um vídeo de sexo. Outra garota Calloway em um escândalo, — diz ela. — Desta vez, há uma prova legítima.

— Ah, merda, — Ryke amaldiçoa.

Eu sigo seu olhar sobre o sofá, observando minha irmã que desce a escada. Lo pega o controle remoto e desliga a televisão. Tudo fica preto.

Rose aparece atrás de nós, suas bochechas côncavas e seus olhos amarelo-esverdeados assustadoramente focados. Como uma leoa pronta para devorar um antílope.

Ela coloca as mãos nos quadris e muda seu alvo para Lo. — Eu não tenho cinco anos de idade, Loren. Você pode ligar a televisão.

Minha garganta incha. Ela já sabe? Eu não posso esconder a expressão de

dor no meu rosto.

— Não, — diz Lo, sua voz afiada com nervosismo. — Eu prefiro não ligar.

Daisy leva a mão à boca, sussurrando para mim, — Devemos contar a ela?

Eu imito o gesto discreto, para Rose não conseguir ler meus lábios. — Talvez não até que Connor desça também. — Ele é um solucionador de crises. Ele fará tudo isso ir embora, certo?

Rose se recusa a esperar mais. Ela já está do outro lado da sala, suas costas arqueadas como se ela estivesse construindo suas defesas. Ela tenta roubar o controle remoto de Lo, mas ele não solta. Eles acabam tendo um cabo-de-guerra.

— Solte, Loren, a menos que você queira que eu desloque seu braço.

— Você não está cansada de fazer todas essas ameaças vazias?

Ela torce o antebraço dele e a dor cintila no seu rosto, estremecendo. Ele solta seu aperto, e ela reivindica o controle remoto.

Ele esfrega o braço. — Vadia.

Isso não foi legal.

— Sim, mas eu sou uma vadia com ameaças *reais*. — Ela liga a televisão, e a notícia explode mais uma vez.

— Aposto que você se sente como uma vadia maior agora, — acrescenta Loren.

— Cale a boca, Lo, — eu estalo. Esse *não* é o momento de atacar minha irmã. — Rose... — Ela congelou no meio da sala. Eu sei, melhor do que ninguém, o quão horrível e angustiante é ver sua roupa suja de sexo espalhada por toda a mídia.

Ela acena para mim e aumenta o volume para um nível desagradável. — O produtor não é outro senão Scott Van Wright, ex-namorado de Rose.

Eles ainda estão perpetuando a mentira do ex-namorado? Rose permanece paralisada, sua postura firme, lívida, calor puro irradiando da sua postura.

Rose…

Lágrimas quase ameaçam subir. Não deveria ser assim. Nossas vidas. Ela deveria ter o casamento perfeito com o cara perfeito, com o felizes para sempre perfeito. Ter alguém se aproveitando de você só para fortalecer sua carreira - não é justo. Não está certo.

As pessoas são uma merda.

Lo se levanta e pega o controle remoto de Rose, e ela o empurra para trás e aperta outro botão.

A TV fica mais alta, e eu me encolho com o som estridente.

— Eu estou assistindo isso, — diz Rose, conseguindo enunciar sobre o barulho. O repórter passa clipes do vídeo de sexo real. Na tela, seus braços estão amarrados à cabeceira da cama com um cinto, uma gargantilha de diamantes reluzente em volta do seu pescoço. Barras negras censuram todas as partes impertinentes, mas o vídeo sem cortes flui em algum lugar on-line.

— Rose, — Lo reclama, pressionando as mãos nos ouvidos.

Eu me levanto e pego seu braço. — Rose.

Ela recua. — Não me toque.

Ela me assustou agora mais do que nunca. É como se ela precisasse explodir, mas ela está contendo esse fogo violento dentro de seu corpo.

O canal de notícias borbulha meus ouvidos. — Scott Van Wright vendeu a fita de sexo para a Hot Fire Productions por um acordo multimilionário. Ainda não houve comentários de Connor Cobalt ou do Rose Calloway, mas parece ser uma transação legal entre as quatro partes.

Como isso pode estar certo?

— O resumo do video diz que a sessão de uma hora é forte e apenas para o público maduro.

Rose aumenta o volume. Por que ela insiste em ouvir isso assim?

— Que porra você está fazendo? — Ryke pergunta, sua mão subindo para seu ouvido.

— Talvez ela esteja tipo... tendo um colapso mental... — Daisy diz.

Rose vai para a cozinha, mais *no modo de ataque* do que qualquer coisa. Ela desaparece de vista enquanto ela escava através de um gabinete inferior.

— Falando sério, Rose! — Eu grito. — Você está bem?

Ela aparece com uma garrafa de uísque. Eu esqueci que Brett havia escondido sua bebida com o sabão da máquina de lavar louça. Ela gira e pega um copo de vinho de outro armário, derramando o uísque até a borda.

É como ver uma fissura percorrer uma pessoa feita de pedra.

Eu não gosto disso.

— Rose, não quero ensinar nada a você neste momento muito sensível em sua vida, — diz Lo, — mas não é assim que você bebe uísque. E como especialista em bebidas alcoólicas, você me ofende.

Ela faz uma careta, uma tão feroz que minha respiração morre no meu peito. — Você não é um especialista em bebidas alcoólicas. Você é uma alcoólatra. — Ela coloca a garrafa de uísque na mesa e toma um gole *gigante* de sua taça de

vinho.

Ela nem sequer se encolhe.

— O que me faz um especialista, — argumenta Loren. Ela acena para ele como se estivesse espantando um animal.

— O que está acontecendo? — A voz de Connor emana das escadas. Seu olhar viaja para a televisão, a fonte da cacofonia. Não...

É por isso que ela deixou a televisão tão alta? Ela decidiu ensurdecer todo mundo só para ele ouvir do andar de cima.

— Olhe querido, — diz Rose. — Nós temos um vídeo de sexo juntos.

Ela ficou louca. Oficialmente.

{ 36 }

0 anos : 10 meses Junho

LOREN HALE

Quer saber a coisa mais deplorável e sem coração que se passa na minha cabeça?

Estou tão aliviado que Lily não apareceu no noticiário. Estender empatia para o meu melhor amigo, Connor, ou para a irmã da Lily - eu não consigo fazer isso. No fundo, eu apenas penso: *finalmente* não somos nós, *finalmente* o mundo tem merda em outra pessoa.

É um pensamento que faz meu sangue esfriar, meus antebraços nos meus joelhos, sentado no sofá e esperando a culpa vir me esmagar. Eu gostaria de ser como meu irmão. Ryke olha para Rose com tanta preocupação que você acha que ele que está namorando com ela.

— Estou no celular com meus advogados e com os do Cobalt, — diz Greg Calloway no viva voz no celular na mão de Connor. — Estamos analisando os contratos que todos vocês assinaram. Até que possamos ter uma ideia clara do que está acontecendo, preciso que você tire minhas filhas dessa casa. Sem mais câmeras.

Adeus, Scott Van Wright. Eu pensei que Scott iria mais e mais fundo até que ele chegasse a um ponto insuportável conosco, mas vazar um vídeo de sexo do Connor e da Rose - isso nunca passou pela minha cabeça.

Connor ficou, sem surpresa, estoico durante toda essa coisa. Às vezes eu só quero que ele grite como o resto de nós. Mas na maioria das vezes, não quero. Porque se alguém como Connor quebrar a esse ponto, então o mundo inteiro está indo para o inferno.

Ele coloca a mão no ombro de Rose, mas ela mal relaxa. — Vamos fazer as malas hoje e sair, — ele diz a Greg pelo celular.

— Deixe-me saber quando vocês voltarem em segurança para Princeton. Se houver muita imprensa ao redor casa, todos vocês devem ficar em nossa casa em Villanova.

Minha carranca se aprofunda, esperando Greg adicionar*, eu preciso ter uma conversa séria com você, Connor*. Ele acabou de assistir Connor transar com sua filha

na televisão nacional, embora fosse censurado. E não apenas isso, eles gostam de ser amarrados e de coisas bizarras que eu acho que fariam com que Greg tocasse em seu lado paterno, pronto para uma conversa de uma hora.

Porém, isso nunca vem.

— Você sabe onde Scott está? — Connor pergunta a ele.

Minhas costelas queimam quando eu inalo.

— Não faço ideia, — diz Greg, — mas o pai de Loren está prestes fazer uma nova bunda nele. — *Que bom.* — Para ser honesto, eu adoraria ver isso acontecer. — Ele faz uma pausa. — Rose está por aí?

— Você está no viva-voz.

— Rose, querida, quantos advogados analisaram o contrato antes de você assiná-lo?

Eu presumo que ele esteja falando sobre o contrato do reality show - aquele em que confiamos a Rose antes de todo mundo assinar. Que diabos ela fez? Eu a encaro com tudo dentro da minha alma. *O que diabos ela fez?*

Ela segura Sadie em seus braços, o gato laranja de Connor que geralmente arranha Rose. Em vez disso, Sadie ronrona. O mundo está ao contrário hoje.

— Somente eu analisei, — Rose de repente anuncia.

— Que... porra? — Ryke diz, atordoado.

Eu gemo e me inclino contra o sofá, minhas mãos na minha cabeça. — Por que nós confiamos em você? — Eu estalo. Eu deveria ter percebido que ela seria muito pretensiosa para contratar um advogado de verdade.

— Eu fiz várias aulas de Direito em *Princeton*, — ela refuta. — Eu entendi cada linha do contrato. — *Claro. É por isso que você agora tem um vídeo de sexo liberado para o público, Rose.*

Eu balanço minha cabeça repetidamente. Então eles poderiam filmar nos quartos? Um peso cai direto no meu peito, a pressão roubando o ar de dentro de mim. Se eles nos filmaram, isso significa que eles têm vídeos meus e da Lily.

Scott está apenas esperando para solta-los então?

Lily respira de maneira irregular e esporádica ao meu lado. Eu alcanço e seguro sua mão. — Está tudo bem, — eu sussurro para ela. *Está tudo bem.* Ela pode ler meu desconforto através das minhas feições, seus olhos ficando maiores e maiores. — Está tudo bem, Lil. — Repetir isso não ajuda. *Nós vamos ficar bem.*

— Eu pensei que você tivesse levado meu advogado para a reunião, — diz Connor, já fora do telefone com Greg. — E eu pensei que ele tivesse lido os

contratos.

— Eu pensei que tivesse falado a você que eu não o levei, — responde Rose.

Connor franze a testa, balançando a cabeça. — Você deve ter mencionado isso para outra pessoa, querida. — Ele pega seu copo de vinho cheio de uísque e bebe o resto em um gole só.

Eu me concentro nele. Isso tira a minha atenção do que seriamente poderia ser o nosso fim. — Que diabos foi isso? — Eu pergunto a ele. — Greg me dá um discurso de duas horas sobre sobriedade depois do nosso escândalo, e ele nem sequer reconhece o seu.

— Para ser justo, — diz Connor, — você mentiu para Greg e Samantha sobre ser viciado. Essa notícia é um pouco mais chocante do que um vídeo de sexo...

Eu não vejo como.

Sua atenção e voz percorrem a sala. Eu sigo o seu olhar com todo mundo, e todo o oxigênio é subitamente enjaulado em meus pulmões.

Scott fica ao lado da escada com as mãos nos bolsos das calças caqui e feitas sob medida, como se ele não tivesse acabado de foder com um monte de gente. Como se ele nunca tivesse feito algo errado em sua vida. Como se ele não sentisse remorso, arrependimento ou culpa.

Eu invejo-o nisso. Quão fácil seria a vida se eu não estivesse sobrecarregado com tudo *isso*.

— Eu perdi alguma coisa? — Scott pergunta com um sorriso desprezível.

Com uma expressão ilegível, Connor caminha em direção a Scott, a única pessoa que está se movendo ou respirando nesse momento. Eu estive esperando por ele para fazer *algo* com o cara que o irritou durante o show. Se alguma coisa, esses últimos seis meses me ensinaram que Connor Cobalt e eu lutamos diferentes batalhas de maneiras diferentes.

Connor para bem na frente de Scott e estende a mão para apertar a do produtor. — Parabéns, — diz Connor. — Você me enganou. Muitas pessoas nunca conseguem fazer isso. E eu admito... nunca vi isso acontecer. — Sua voz é sem humor, sem emoção - assustadoramente morta.

Scott olha entre a mão de Connor e seu rosto. Então ele aperta a palma de Connor.

Que jeito fodidamente estranho de acabar com -

E então Connor soca Scott na mandíbula com o punho livre. Seu corpo bate

na parede com força. Meus lábios se levantam.

— Obrigado, — Ryke diz com uma expiração, perto de mim. Todos nós esperávamos que isso acontecesse.

— Isso é por mim, — Connor estala para Scott, raiva brutal em seus olhos, algo que eu nunca vi antes, algo que ele tem guardado para si mesmo.

Scott tenta socar também, mas Connor evita o ataque com facilidade. E então ele dá uma joelhada no pau de Scott, o contato é audível. Scott geme, suas mãos instintivamente alcançando sua virilha. Eu me encolho com o quão doloroso isso deve ter sido. E Rose está praticamente comemorando como um fã em um estádio de futebol. Estou chocado por ela não ter levantado os punhos no ar e rodado em círculos.

— Isso é pela Rose, —Connor diz humildemente, veneno em sua voz.

Scott se agacha, quase perto de uma posição fetal. Seus olhos lacrimejam, e leva um momento para ele se levantar lentamente, se apoiando na parede para não cair.

Connor nunca recua, confiante e irritado. Este não é um cara com quem eu quero brigar, eu percebo. Não assim.

Scott tosse em seu punho e, em seguida, ele diz, — Eu adoraria ver seu rosto quando você perceber o que você assinou.

Algo explode no meu peito e eu abro minha boca para gritar com ele. Mas Ryke cobre meus lábios com a mão, bloqueando todo o ruído e futuros arrependimentos de escapar.

— Você está vendo agora, — diz Connor com calma. Como ele não pode estar mais chateado? Até mesmo o pensamento de Lily sendo arrastada para a mídia raivosa, com vídeos de sexo nossos, está me matando por dentro. Eu não vejo nenhuma luz entre essa escuridão para nós. É um tijolo demais, um empurrão forte demais - parece catastrófico.

— Tenho certeza de que você tem todos os direitos sobre qualquer coisa que filmamos, — continua Connor, — o que lhe deu permissão para vender o vídeo de sexo para um site pornô sem o nosso consentimento assinado. Eu não tenho o contrato na minha frente, mas tenho certeza que há algo enganoso sobre a parte em que você não pode nos filmar nos quartos.

— Eu *li* essa linha corretamente. Eu sei disso, — diz Rose, apontando para o chão.

Scott ainda está parcialmente dobrado por causa dos dois golpes de sucessos de Connor. — Dizia que não poderíamos mostrar nada filmado nos quartos na

televisão. Nós nunca fizemos isso. O contrato não dizia nada sobre as gravações. E qualquer uma das gravações dos quartos e do banheiro pode ser usada para filmes e conteúdo da web. Só não pode na TV.

O banheiro. Eu olho para Lily enquanto ela olha para os joelhos, pálidos e frios ao toque. Eu esfrego suas costas e descanso meu queixo em sua cabeça, segurando-a mais perto do meu peito. Ela usou um maiô no chuveiro por seis meses. Ela estava tão desconfortável. Um lado positivo.

Scott acrescenta: — Lily estava quase sempre no quarto. — Ele faz uma pausa. — Não conseguimos instalar nenhuma câmera lá.

Fecho os olhos, ambos os nossos ombros caindo com a liberação deste peso incomensurável. *Graças a Deus*. Eu sugo a tristeza que jorra com uma inspiração áspera e beijo Lily nos lábios. Ela segura meu rosto rapidamente e me beija de verdade, um beijo profundo que me prende.

— É ilegal filmar menores em situações pornográficas, — diz Connor.

Lily e eu nos separamos com isso. Connor está falando sobre Daisy. Ela... ela realmente transou com alguém no quarto dela? Uma série de emoções puxa meu rosto em uma careta. A emoção mais duradoura é o choque.

Daisy empalidece, e ela encontra meu olhar, de todos os outros. Talvez muito mortificada para olhar para Ryke. Eu aceno para ela como se dissesse *está tudo bem*.

Ela balança a cabeça como se não estivesse.

Lily rasteja no meu colo para se sentar ao lado de sua irmã novamente, e ela envolve seus braços finos em volta do pescoço de Daisy.

— Nós não filmamos, — responde Scott. — Todas as gravações foram destruídas.

Havia gravações reais de Daisy... no quarto dela com outro cara? Ela deve ter feito coisas com Julian, mas não *aquilo*. Eu não posso nem dizer a palavra em contexto com ela. Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço.

— Você é nojento! — Rose grita com outro grito anexado.

Eu olho por cima do meu ombro para ver Ryke em pé, impedindo Rose de atacar, agarrando seus ombros.

Minha cabeça apenas balança enquanto Scott continua falando. Enquanto ele derrama todas as coisas que ele plantou com a produção.

— Lily e Lo no banheiro com aquele áudio? — Pergunta Connor.

— Editado, — Scott diz. — Nós fizemos isso com antecedência e colocamos na câmera para vocês encontrarem. — Pelo menos todo mundo vai

acreditar em nós agora.

— O álcool no armário de Lo?

— Plantado. Savannah e Ben colocaram lá quando Lily estava tirando uma soneca. Eles deveriam instalar uma câmera também, mas ficaram sem tempo.

De quantas balas nós esquivamos desta vez?

Eu não posso sair do sofá para ajudá-los ou para gritar outro palavrão. Ryke gritou todos eles de qualquer maneira. Eu já sabia o que todo mundo está descobrindo. Na verdade, eu sei há algum tempo que a produção estava por trás de toda essa merda. Acho que eles não conseguiram acreditar nisso cem por cento porque tinham outras opções a considerar. Como nós. Lily e eu - poderíamos ter mentido para eles.

— Eu vou deixar Ryke te bater se você não sair desta casa, — eu ouço Connor dizer Scott. — E os punhos dele vão doer muito mais que os meus. Então pegue o que está nas suas costas e *vá embora*.

Não muito tempo depois, a porta se fecha.

Só posso esperar que isso seja o último câncer em nossas vidas, mas meu pai me diria que estou sendo um idiota. Por acreditar nessa impossibilidade. Quando você tem dinheiro como nós, sempre haverá pessoas prontas para enterrar você por um pagamento.

É como o mundo gira.

{ 37 }

0 anos : 10 meses Junho

LILY CALLOWAY

Connor nem uma vez hesitou, nem por um momento ele duvidou do seu plano, que é em grande escala. Mesmo com o vídeo de sexo e um processo sendo jogado na cara de Scott, Connor disse, — Não há melhor momento do que hoje.

Lo e eu discordamos fortemente. Rose ia arranhar seu rosto no minuto em que fizemos a troca no casamento.

Acho que minha dúvida desapareceu mais ou menos no momento em que pisei no "Château de Fontainebleau" - um palácio francês digno de uma rainha.

Cada detalhe se assemelha a minha irmã mais velha. Os vestidos de damas de honra rosa pálido simples, como vestidos de balé. As centenas de convidados, a enchendo de elogios. A antiguidade generosa de tudo isso. Diamantes, rosas, bolo de veludo vermelho e música clássica.

É um casamento dos sonhos que ela nunca sonhou até agora.

Eu não poderia estar mais feliz por ela, especialmente desde que ela disse *sim*.

Eu estou ao lado de Lo em um grande salão de baile que se assemelha a um castelo real em um livro de história. As pinturas englobam todas as paredes com molduras douradas. O teto é tão extravagante, e uma fileira de candelabros brilha no alto. Buquês de rosas vermelhas gigantescas alinham a sala, elegante e chique como minha irmã.

Ryke aparece ao lado de seu irmão enquanto grupos de pessoas entram no salão de baile depois do jantar, um palco com violinistas, violoncelistas e um pianista.

— Quando vocês dois se casarem, eu deveria estar preparado para algo assim? — Ryke nos pergunta. Ele toma uma taça de champanhe cheia de água em dois segundos e um garçom a coleta antes mesmo de se virar.

— De jeito nenhum, — diz Lo. — Haverá um número finito de pessoas.

— E sem imprensa, — acrescento. Connor deixou a mídia se espremer

através das portas para que pudessem postar sobre o evento. Ele disse algo sobre precisar de "boa" publicidade para a Fizzle e a Cobalt Inc.

— Exatamente. — Lo dá seu irmão um meio sorriso antes de colocar o braço em volta dos meus ombros. Eu me inclino mais perto de seu corpo, esperando por Rose e Connor para tomar o espaço vazio para sua primeira dança como marido e mulher.

— Eu não estou tentando pressioná-los, — diz Ryke, — mas vocês irão marcar uma data para isso?

Lo e eu realmente não falamos sobre isso. Ficamos noivos porque nossos pais nos mandaram, e eles também disseram que tínhamos que nos casar *hoje*. E então, quando tudo isso mudou, a linha do tempo meio que se desmaterializou com ela.

— Não, — responde Lo. — Vamos esperar até que a mídia abaixe.

A mandíbula de Ryke endurece e ele balança a cabeça algumas vezes. — E se isso não acontecer, porra? O que vai acontecer então? — Eu não gosto do tom dele, nem um pouco. Como se ele acreditasse que isso *nunca* vai se tornar realidade. Eu odeio pensar que isso poderia ser o nosso novo normal. As câmeras frenéticas, os invasores, as perguntas e rumores sem fim. O reality show acabou, então tudo deve voltar ao que era, certo?

As maçãs do rosto de Lo sobressaem um pouco mais do que o normal, irritadas. Ele lambe os lábios e encolhe os ombros. — Eu não sei. Talvez você devesse se preocupar com sua futura esposa. Ah, espere, ela não existe.

Ryke levanta as mãos em defesa. — Dica fodidamente aceita. Eu ficarei fora disso.

Lo solta uma risada curta. — Quando você ficou fora dos negócios de alguém?

Ele concorda. — Bom ponto.

— Shhh, — eu sussurro, golpeando o braço de Lo. Os violinos se calaram e Connor passeia pelo espaço aberto. Quando ele para no centro, seus profundos olhos azuis se fixam em Rose.

Eu estou completamente sorridente. A maneira como ele está olhando para ela - é além de mágico.

— Eu só quero que todos saibam, — eu sussurro novamente, — que eu previa que isso aconteceria no momento em que eu os vi juntos.

Lo e Ryke batem palmas para mim ao mesmo tempo, principalmente com sarcasmo. Sim, sim, eles podem se unir contra mim, *mas* eu estava certa. Isso não

acontece com frequência, então eu embraço essa pequena glória.

Connor estende a mão e Rose se aproxima com um olhar estreito e apaixonado. Ela pega a mão dele na dela. Ela ainda está em seu vestido de noiva branco com material transparente em torno de suas clavículas. Uma fenda alta sobe por sua perna, mas a rede de tule flui tanto ao redor de seus membros que você mal consegue distinguir até que ela ande. *Sexy* e elegante.

Ela desenhou esse vestido, costurou para mim, mas é o estilo dela e algo que ela amava a cada passada. Daisy roubou o vestido para que o busto fosse alterado para combinar com as medidas do vestido de dama de honra de Rose. Ele serviu perfeitamente.

Eles esperam a música começar, perguntas piscando no olhar de Rose sobre a escolha da música de Connor. No momento em que os instrumentos criam um ruído doce e sedoso, a mão de Rose voa até a boca. E os olhos dela começam a se encher de lagrimas.

Connor a puxa para mais perto de seu peito, seu sorriso tão brilhante. As mãos dela tremem. Ambas agora subiram para os seus lábios, que estão abertos com surpresa desenfreada. Ela balança a cabeça e eu começo a chorar assim que raras lágrimas felizes escorrem pelas suas bochechas. Letras francesas deixam a boca do cantor como mel.

A música é linda, mesmo que eu não consiga entender uma única palavra.

— Que música é essa? — Eu murmuro, enxugando os olhos rapidamente.

— Não tenho ideia, — diz Lo, os cantos de sua boca levantando quanto mais tempo ele assiste Connor e Rose no centro da sala. Não há muitos olhos secos por aqui.

Connor beija a testa de Rose e eu leio seus lábios: *Eu te amo.*

Eu mordo meu lábio inferior para impedir que o sistema hidráulico comece novamente. Cada momento do casamento de Rose foi uma surpresa, e com cada um deles, acho que todos nós percebemos o quanto Connor a conhece e o quanto ele realmente a ama verdadeiramente.

— La Vie En Rose, — Ryke de repente diz com um sotaque francês.

— O quê? — Eu franzo minha testa.

— A música, — diz ele, — é chamada *La Vie En Rose.*

— Como você sabe disso...? — Eu pergunto, minha voz se arrastando, distraída por um segundo pela minha irmã. Rose se acalma após o choque inicial da escolha da música. E eles começam a dançar juntos.

— É uma música popular, — diz ele antes de andar de costas. — Vou pegar

outra bebida. Vocês dois querem alguma coisa?

— Bourbon, sem gelo, — Lo ironiza secamente.

— Hilário, — Ryke diz com humor zero. Ele acena para mim. — E você?

Eu não consigo superar como ele disse *La Vie En Rose*, como se ele entendesse exatamente como pronunciar cada sílaba na língua estrangeira. Se eu dissesse o título da música, soaria como um americano massacrando as palavras. — Você sabe a letra da música? — Eu pergunto.

— Elas estão em francês, — diz ele, olhando por cima do ombro para a fila crescente no bar. — Última chance, Lily.

— Fizz Life, — eu faço meu pedido, deixando minhas suspeitas de lado. Ele tece entre os convidados e eu concentro minha atenção em outro lugar. — Você acha que eles vão ficar bem? — Eu pergunto a Lo enquanto assistimos Connor girar Rose com equilíbrio e masculinidade. Eles não enfrentaram as graves repercussões de ter um vídeo de sexo flutuando na internet.

Quando eles começarem a pesquisar no Google e o ódio e a crítica aparecerem, eles sentirão a verdadeira dor. Não é divertido.

— Sim, — diz Lo. — Eles são Connor e Rose. — Ele diz seus nomes como se eles fossem uma fortaleza de aço. Embora eu concorde em algumas partes, ele não calculou o fato de que explosões negativas de tabloides podem facilmente derrubar suas defesas.

— Sim, mas eles vão precisar de nós, — eu digo com um aceno de cabeça. — Já passamos por isso antes. — Vamos ajuda-los, ser um ombro amigo para chorar como Rose foi para mim. Não que ela derrame mais do que algumas lágrimas por ano.

Ele fica quieto sobre o assunto, seus olhos se voltando para bebidas alcoólicas nas mãos de quase todos. É open bar. Ele usa aquele olhar levemente irritado que costumava ter na faculdade, quando pessoas felizes exibiam seu entusiasmo na frente dele.

Assim que a primeira música termina, os convidados começam a se juntar a Rose e Connor na pista de dança. Em vez de correr para o meio, um punhado de pessoas se aproxima de nós. Elas infelizmente permanecem, como se fosse para espionar. Nós não tivemos um único repórter nos bombardeando com perguntas porque Connor ordenou que eles não fizessem isso, mas eles estão estudando nossos movimentos de longe... bem, agora eles estão fazendo isso a partir de um metro e meio.

Eu pressiono meu corpo contra o corpo duro e magro de Lo. O ponto entre

as minhas pernas lateja e meu braço trava ao redor de sua cintura. Se eu me aproximar um *pouquinho*, posso sentir sua protuberância -

— Lily, — ele diz suavemente, olhando para mim. Ele arruma um pedaço do meu cabelo esvoaçante. — Se você se esfregar mais contra mim, eu vou ficar duro.

Oh meu Deus. Eu solto uma respiração superficial. — Esse é o objetivo... — Ou, não é? Não podemos fazer sexo no casamento da minha irmã, podemos? Isso é coisa que a velha, é malvada Lily faria.

Sou a Lily 2.0. Não - sou é a Lily 3.0. Uma novíssima pessoa.

Ele geme um pouco. — Lil... — Ele tira minha mão da bunda dele. Oh, Jesus Eu coro. A intensidade em seus olhos âmbar aumenta quando eles focam em mim. Sua respiração sai mais pesada do que antes.

Lo não se distancia de mim. Nem uma vez. Em vez disso, ele fecha o espaço, beijando-me com uma urgência que senti falta.

Meus membros tremem quando a palma da sua mão cobre a parte de trás da minha cabeça, seus dedos segurando meu cabelo, sua língua deslizando habilmente contra a minha. Nós nos separamos para uma única respiração.

— Lo... — *Estamos em uma sala cheia de pessoas*. É um pensamento que se desintegra na parte de trás do meu cérebro.

— Lil... — Ele descansa a testa na minha. Então ele beija minha bochecha e rapidamente aperta minha mão, me levando para outro lugar, desviando entre as pessoas. Percebo que estamos indo para um corredor ou um banheiro. Ele olha de volta para mim uma vez, seus lábios subindo em um sorriso lindo e desonesto. Nós vamos fazer sexo!

Sim. Sim. Sim.

Meu corpo vibra com a vitória e o bate palmas. Não está errado. Está *tão* certo. Eu seguro sua mão com as minhas, com medo de nos separarmos e eu perdê-lo.

E então um cara bêbado com óculos escuros Ray-Ban - dentro de casa - aleatoriamente nos atravessa, arrancando minha mão da de Lo. Outro cara em uma camisa branca corre pelo mesmo espaço. — Espere, Luke! — Ele grita atrás dele.

Seu impulso para frente me empurra para trás. Eu quase tropeço em uma velhinha com joias enormes.

Três, quatro... outras *cinco* pessoas seguem os dois caras como um bando de lobos.

Luke essencialmente criou um caminho entre Lo e eu.

O que é pior: não vejo mais a Lo. É como se ele tivesse desaparecido do prédio, perdido no mar de corpos. Eu giro ao redor, meu coração bombeando, a *necessidade* por ele pulsando em mim. Para onde ele foi? Eu giro mais uma vez tranco olhar com uma mulher em um vestido marrom. Minha atenção se estreita diretamente em seu cabelo encaracolado cor de mel que está estranhamente domado apesar do grande volume.

Ela para no meio da frase em uma conversa com outra mulher, com vinho branco nas mãos. Seu rosto se ilumina quando ela me vê. Por um breve momento, me pergunto se conheço pessoalmente essa mulher. Ela dá alguns passos para frente, como se ela fosse uma vampira que eu não tinha convidado para entrar em minha casa ainda.

— Oi, Lily, eu queria muito conhecer você já faz tanto tempo. Estou feliz que te achei aqui. — Ela estende a mão para eu apertar.

Eu hesitantemente aperto, uma sensação de pressentimento no meu intestino. Eu estudo o sei batom vermelho escuro, a pele mais escura e os saltos altos, joias e vestidos combinando perfeitamente. Muito na moda. — Você deve ser amiga de Rose, — eu digo. — De Princeton? — Embora ela pareça um pouco velha para ter se formado na faculdade com Rose, provavelmente tem trinta e poucos anos.

Ela solta uma risada fraca como se dissesse *você está falando sério? Você não sabe quem eu sou?* Oh, Deus. Ela é famosa? Uma celebridade?

Merda.

Eu sou péssima nisso. Eu realmente queria que Lo estivesse -

— Eu sou Wendy Collins, uma redatora da Celebrity Crush.

Meu rosto cai. Wendy Collins. Aquela que postou o e-mail que eu enviei *para ela*, on-line para o mundo inteiro ver. A que perpetua todo e qualquer boato de que estou dormindo com Loren e seu irmão... ao mesmo tempo.

Wendy Collins. *Eu não tenho nada para dizer para você.* Quaisquer insultos duros e horríveis que grudaram no fundo da minha garganta devem ficar lá. Eu não estou com um dos publicitários da minha família para me ajudar a redirecionar a conversa. Se eu falar algo errado, ela vai torcer minhas palavras para fazer uma matéria.

Eu sei disso agora.

Talvez ela possa ler o horror no meu rosto porque ela acrescenta rapidamente: — Você tem que entender que estou apenas fazendo meu

trabalho. Se eu não escrevesse essas histórias, alguém escreveria, e eu não seria paga o suficiente para pagar o aluguel em Nova York. Nem todo mundo nasceu em berço de ouro.

Certo. Não sei se é meu dever cívico deixar que as pessoas falem de mim na internet para que possam pagar por seu apartamento. Talvez seja. Talvez este seja o custo de crescer em luxo.

— Eu tenho que ir, — eu digo, prestes a me virar. — Eu tenho que encontrar meu melhor amigo. — *Termo errado, Lily*. Eu coro. — Meu namorado, — eu emendo e depois estremeço. *Ainda não está certo.* — Meu noivo. E *sim*, eles são todos a mesma pessoa.

— Nós estávamos conversando sobre sua irmã, — ela diz, me congelando no lugar.

Eu me viro, mordendo a isca com muita facilidade. Wendy gesticula para outra mulher ao lado dela, mais velha, com um corte de cabelo loiro curto e um queixo pontudo como uma bruxa malvada. — Esta é Andrea DelaCorte, uma editora executiva *da Celebrity Crush.*

— Prazer, — diz Andrea, tomando seu vinho. Seus olhos castanhos agitados passam julgamentos dos meus dedos dos pés até meu rosto, provavelmente especulando quantos corpos tocaram os meus.

Wendy não parece tão mal comparada a Andrea.

— O que tem a minha irmã? — Eu pergunto, um pouco defensivamente, considerando que seu nome provavelmente aparecerá em suas primeiras páginas em breve. E não só por causa do casamento.

— Andrea e eu estávamos conversando sobre como é bom ter alguém como Rose aos olhos do público. Ela é uma figura feminina em que acreditamos que muitas mulheres podem se espelhar.

O que...?

Por causa da minha careta, Andrea diz, — Ela está com Connor Cobalt há mais de um ano, e ela está comprometida com ele através de tudo.

Wendy concorda com a cabeça. — Especialmente depois que o ex-namorado dela tentou separá-los. É empoderador ter alguém como Rose por aí - ela é independente, motivada e sexualmente aberta. Eu não ficaria surpresa se as mulheres começassem a pedir conselhos de relacionamentos a ela.

Rose? Dando conselhos de relacionamento? Eu nunca pensei que ouviria essas palavras. Ou que um vídeo de sexo poderia ser visto positivamente em vez de negativamente.

Eu não entendo. Ela não seria caluniada e marginalizada como eu? Um peso cai no meu peito.

— Essa é uma ótima ideia, na verdade, — diz Andrea. — Você acha que sua irmã estaria aberta a uma pequena coluna no blog? Pode ser sobre dicas de sexo, um guia para namorar, qualquer coisa nesse campo. — *Dicas sobre sexo?*

— Eu não sei, — eu digo em voz baixa. Rose está sendo elogiada por ter um namorado há mais de um ano, por apenas dormir com ele. Mas eu estive com muitos caras sem nome. Ela é um modelo que outras pessoas podem copiar enquanto eu sou suja, certo? Ninguém deve seguir meus passos.

Eu nunca pensei nisso dessa forma.

Eu nunca pensei que ela seria elogiada e eu ainda seria condenada.

Não é justo.

Se eu tivesse comprometida com Loren Hale por toda a minha vida, as pessoas me amariam mais?

Provavelmente.

Andrea e Wendy examinam todas as minhas reações, como se estivessem escrevendo um artigo. Eu acho que murmuro um *adeus*, e então eu meio que me afasto em um torpor. Minutos devem passar antes que eu ouça uma voz familiar.

— Lily. — A voz preocupada de Lo parece tão distante. — Eu estive procurando por você... Lil? — Suas mãos vão para o meu rosto, ainda de pé no salão de baile, mais perto da parede ornamentada.

— Você estava certo, — eu respiro. Ele estava *tão* certo.

— Certo sobre o quê? — Sua voz é baixa, como o eco de uma caverna.

— Connor e Rose não precisam de nós. — Eles nunca precisaram de nós como precisamos deles. Somos sanguessugas então? Nós sugamos a vida de nossos amigos e nunca, nunca seremos fortes o suficiente para pagá-los de volta.

Eu estou em seus braços antes que eu possa pedir. Ele me carrega em um cavalinho da frente. Minhas pernas apertam em torno de sua cintura, sexo soando cada vez melhor e melhor. Pelo menos para me dar algo, algo de bom para abafar o mal.

Mas eu sei como isso acabara.

Eu nunca satisfarei esse desejo.

Muito delicada, eu digo: — Não podemos fazer sexo. — As palavras prendem um prego no meu coração. Porque dói negar sexo, mesmo pelos meus próprios lábios. Porque é tudo que sinto que preciso.

— Eu sei, — Lo sussurra, me levando para um corredor vazio com globos e mais pinturas em cima. Ele me coloca em um banco e se ajoelha na frente das minhas pernas abertas.

Minha respiração engata, e eu me inclino para frente para beijá-lo, para agarrar um punho cheio de sua camisa e puxá-lo para ainda mais perto.

Assim que meus dedos apertam o tecido, ele coloca as mãos nos meus joelhos, fecha minhas pernas com força e descansa uma das palmas das mãos no meu colarinho, empurrando minhas costas na parede. As picadas de rejeição. — Lo, — eu digo em uma respiração, suas características afiadas e severas e fortes.

Uma lágrima desce pela minha bochecha.

Ele não está recuando disso. É como se ele pudesse ver esse resultado desde o momento em que o casamento começou. É como se ele estivesse se preparando o dia todo para minha descida.

Aqui está.

Tenho vergonha de mim mesma. Eu me sinto nojenta.

— O mundo nunca vai nos entender, — ele me diz, seus olhos tão apaixonados que eu não consigo desviar o olhar. — Mas isso não importa, Lil. Nós temos um ao outro, e eu sinto sua dor, eu entendo o quanto isso dói, então eu preciso que você bloqueie as outras pessoas hoje, ok? Eles não existem no *nosso* mundo.

Nosso mundo.

Não há como voltar para uma vida com apenas Loren Hale. Mesmo que seja mais difícil ter amigos reais, conexões reais com outras pessoas, é a coisa certa. Mas é o que causa tanta agonia por dentro. Todos os dias, na presença deles, olhamos para o que deveríamos ser e sabemos que nunca poderemos nos tornar eles.

Meus ombros relaxam e eu sussurro: — Temos superpoderes em nosso mundo?

— Sim, — ele diz, — mas você não é invisível.

Droga.

— O que posso fazer então?

— Voar, — diz ele, — comigo. — Ele me levanta rapidamente, nas costas, como sempre fazemos. E ele corre em direção a porta, meu cabelo soprando para trás de mim. Meus lábios se levantam em um sorriso fraco.

Ele diz: — Quer se perder comigo em um palácio?

Eu descanso meu queixo em seu ombro, algumas lágrimas pingando, mas

elas vêm de um lugar mais cheio no meu coração. — Sim.

É um bom tipo de *sim*. O melhor tipo Um cheio de mil *eu amo você*, o tipo de amor que pode fazer você voar.

{ 38 }

1 ano : 00 meses Agosto

LOREN HALE

Seus lábios incham sob a pressão dos meus, seus dedos apertam meu cabelo castanho claro, puxando com força. Eu a empurro de volta para a parede do quarto. *Nosso* quarto. *Nossa* parede.

Ela estende a mão para a estabilidade, seus dedos encontram a borda de madeira da nossa penteadeira. Meu pau se aprofunda entre as pernas dela, e ela solta uma respiração áspera e irregular, seguida por um grito de prazer. Eu a beijo fortemente enquanto eu estoco contra ela, e seu corpo se espasma de prazer. Sua mão desliza, derrubando uma lâmpada no chão.

O acidente é quase inaudível.

Minha cabeça explode com luz, superado com seu corpo, seus sons e as emoções que nós trocamos através de nossos lábios. Eu nunca quero parar de beijá-la assim, enquanto eu estou completamente dentro dela, nossos pulsos em sincronia e essa desesperada urgência bombeando nosso sangue.

Eu não paro. A intensidade se choca em mim, pontos pretos e brancos dançando na minha visão. Nervos que eu não sabia que existiam explodem, e meus movimentos ficam mais famintos, mais fortes, extraindo cada grama de energia que ela ainda tem.

Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, empurrando para dentro dela mais e mais. Nossos lábios estão tão próximos que nossos narizes roçam.

— Lo, — ela grita. Ela tenta agarrar a cômoda novamente, mas sua mão, escorregadia de suor, desliza.

Em um grunhido pesado, eu digo: — Para cima. — Eu levanto as coxas dela até a minha cintura e solto uma para apoiar uma mão na parede, prendendo-a com o meu corpo.

Suas pernas deslizam rapidamente de volta ao chão. — Eu... — ela para de falar, cansada demais para usar as palavras. Mas seus olhos estão acesos com vontades e desejos.

Eu levanto apenas uma das pernas dela dessa vez e seguro acima do meu

quadril. O ângulo corta sua respiração e balança a cabeça para o lado.

Eu diminuo a velocidade dos meus impulsos, e um gemido escapa de seus lábios entreabertos. Lágrimas rangem nos cantos dos seus olhos. Limpo-os com o polegar quando começo a subida perigosa, acelerando e subindo em direção àquele pico.

Volto minha atenção para os pequenos seios dela, apertando um. Seu corpo se arqueia em minha direção e eu belisco seu mamilo endurecido. Ela suspira.

— Lo, — ela implora. — Porfavorporfavor.

— Quase, amor, — eu digo e, em seguida, solto um longo gemido. Sexo com Lily Calloway pode ser a experiência mais tóxica e alucinógenas que já tive na minha vida.

Eu faço isso praticamente todas as noites e todas as manhãs, e juntos, ainda conseguimos entrar em outra dimensão do prazer. Ela se aperta forte em volta do meu pau, e é o fim. Minha respiração cambaleia e meus impulsos se tornam determinados e ainda mais fortes.

Suas mãos cansadamente apertam meus bíceps, nem mesmo tentando se segurar.

Eu sou a única coisa que a apoia neste momento.

Quando eu termino, eu cuidadosamente puxo para fora, minhas mãos ainda firmes em sua cintura, no caso de ela não aguentar. Suas pálpebras vibram em exaustão e eu a levanto em meus braços.

Ela sofre para lutar contra o sono que finalmente pesa sobre ela. — Lo, me... — Ela boceja. — ...me desculpa.

Meus músculos queimam com seu sincero pedido de desculpas. Eu tiro os fios de cabelo molhado para longe de seus olhos. — Não se desculpe, Lil. É a minha escolha também. Porém, só por esta noite, ok?

— Hmmhmm. — Ela mal consegue assentir. Nós estávamos fodendo há pouco mais de quatro horas, com poucos intervalos entre. Tudo para deixar Lily até o ponto de exaustão mental e física. Lhe dar pílulas para dormir teria sido mais fácil, mas sua terapeuta estava preocupada que ela começasse a depender delas.

Duvido que ela aprovaria essa alternativa, mas foi apenas uma noite de sexo insano. Eu não vou deixar a Lily se acostumar com isso e fazer disso uma nova rotina.

Eu coloco Lily na cama, abro suas pernas um pouco, apenas o suficiente para limpá-la com minha camisa cinza amarrotada. Então eu puxo o edredom

preto e branco até o seu queixo. Seus olhos lutam para permanecer abertos.

— Onde está a minha conchinha? — Ela dá um tapinha no colchão ao lado dela.

Eu beijo sua testa. — Eu vou tomar um banho. — Eu confio que ela não vai se masturbar enquanto eu estiver fora. Eu tive que ter saciado ela o suficiente, para apenas *dormir* estar em sua mente. Eu coloco as pontas do edredom ao redor do corpo magro dela. — Eu te amo, Lil.

— Eu te amo... — Seus olhos se fecham e ela dá a última palavra. — ...também.

Eu a vejo cair no sono por alguns segundos antes de me virar para o banheiro, lutando contra o mesmo cansaço. Antes mesmo de chegar até ele, alguém bate na porta. Eu hesito em responder imediatamente.

— Lo? — Eu ouço a voz calma e controlada de Connor. — Sou eu.

Essas últimas palavras são as únicas que reanimam meu corpo. Lentamente, eu pego um par de calças de moletom e saio pela porta, deixando-a um pouco aberta.

Nossa casa em Princeton está assustadoramente silenciosa, principalmente porque Lily finalmente adormeceu.

Connor me estuda com um longo olhar, como se estivesse examinando um paciente. Eu penteio meu cabelo molhado e suado com as mãos e inclino meu ombro na parede. — Ela derrubou uma lâmpada, — eu digo, imaginando que ele ouviu o acidente desde que seu quarto está no piso principal.

— Vocês fizeram sexo por quatro horas. — Ele afirma isso como um fato.

— Sim, — eu digo. — Você estava me cronometrando?

— Foi difícil não fazer isso. — Seus olhos nunca vacilam dos meus. Eu não vejo julgamento neles, e é por isso que nos tornamos melhores amigos.

— Porque Rose está preocupada com ela.

— Porque eu tenho melhor audição do que a maioria das pessoas, — diz ele, — e vocês dois transam sem restrição.

Eu produzo um meio sorriso. — Nem todo mundo gosta de usar mordaças e algemas. — Porém, eu já amarrei Lily antes. Isso não é novidade para mim. Os vídeos de sexo de Connor e Rose, no entanto, vão além de qualquer coisa que eu já fiz. Eu não os assisti, nem quero, mas a internet ainda fala deles.

— Não, não é para todo mundo, — diz ele suavemente de acordo. — E eu nunca fui fã de mordaças, embora eu aprecie o propósito deles. — Ele faz uma pausa. — Posso falar com você na cozinha? — Seus olhos piscam para o

escritório do outro lado do corredor, a porta entreaberta. Nas sombras, um contorno de um corpo se move por trás dela. Rose. Sua mera presença aperta meu estômago.

Nas últimas duas semanas, Lily e Rose mal trocaram mais do que algumas palavras, em um tom calmo. Desde que Rose e Connor retornaram de sua lua de mel em Bora Bora, a atmosfera tem sido... tensa.

Eu olho de volta para o meu quarto, a porta um pouco aberta, Lily ainda dormindo sob as cobertas.

— Eu vou te poupar o tempo, — eu digo a ele, acelerando esta conversa. — Isso foi uma coisa única. Eu não estou habilitando ela. Eu sei o que estou fazendo. Fim. Se você quiser mais alguma informação, terá que contar detalhes sobre sua vida sexual. — Não que eu queira *mais* do que já recebi dos tabloides. Mas vamos ser fodidamente justos. Eu cruzo meus braços, esperando por sua resposta.

— Eu não sou Ryke ou Rose, — ele me lembra. — Eu confio que você não vai habilitar a Lily e vice-versa.

Então, sobre o que é isso? Eu franzo a testa.

Para me convencer mais, Connor diz: — Apenas alguns minutos no andar de baixo.

— Se você não se importar com o meu cheiro.

— Você cheira fantástico, querido. — Ele já está indo para a escada. — Exatamente como nos meus sonhos.

Eu dou um sorriso. — Tudo bem. — Eu sigo a sua liderança.

Assim que passamos pela sala de estar, pela arcada até a cozinha, Connor liga a cafeteira. Eu vejo o horário no relógio. 4 da manhã para ele. A morte da noite para mim. Ele ainda usa suas calças de pijama, então pelo menos estamos em pé de igualdade.

Eu me sento no balcão e inclino minhas costas nos armários. — Essa conversa envolve duas garotas Calloway muito teimosas?

— Ela envolve. — Ele abre um armário em cima da minha cabeça. Ele é tão alto que nós estamos olho a olho. — É muito trivial. — Ele pega uma caneca preta. — Se as duas sentassem e conversassem, perceberiam que estão do mesmo lado. Mas, em vez disso, sua namorada não está dormindo e nem minha esposa.

— Como você sabe que Lily não está dormindo? — Minha voz afiada machuca meus ouvidos a esta hora da noite.

— Vocês acabaram de fazer sexo por quatro horas, — diz ele, sabendo de tudo antes mesmo de eu dizer a ele. Não é tão chato agora quanto poderia ser. — E eu também vi Lily acordada na sala às 2 da manhã algumas vezes.

Meus lábios se retraem, preocupação cobrindo minhas feições. — O que ela estava fazendo? — Eu devo ter adormecido, e ela se arrastou para fora da cama.

— Lendo Kafka, — diz ele. — Ela disse que esperava que meu material de leitura a entediasse até ela dormir.

Eu solto um suspiro pesado. Quando Rose e Connor partiram para a lua de mel, as palavras "puta" e "vagabunda" e "nojenta" nunca foram espalhadas pela mídia. As manchetes elogiaram Rose por ser monogâmica, forte e aberta o suficiente para defender seu direito de ser submissa na cama.

O total oposto do aconteceu com a Lily. Ela foi degradada, humilhada e arrastada pela lama. Ainda é. Todo dia do caralho.

Ela não consegue dormir e esquece de comer às vezes. Eu já conversei com seus professores do próximo semestre, preparando seus cursos para que ela possa assistir às palestras on-line e assistir às aulas para as provas. Enquanto minha namorada afunda sob o peso da hipocrisia do mundo, ela carrega essa culpa incomensurável que ninguém entende.

Ninguém além de mim.

No fundo, ela deseja que Rose tenha as mesmas consequências que ela, então pelo menos ela poderia se sentir menos deixada de lado, menos repugnada por ela mesma, menos como um lugar no mundo que deveria ter sido limpo. E ela não pode destruir esses sentimentos ou tentar explicá-los. Porque eles soam completamente fodidos.

Mas eu sei o que é ter emoções que guerreiam com você. Desejar algo tão frio e insensível, apenas para sentir um pingo de autoestima.

Entendo.

Eu fodidamente entendo.

Rose está disposta a dar um tempo a Lily para classificar seus sentimentos e chegar a um acordo com o que aconteceu. Mas isso significa um impasse entre elas. Quando estão na mesma sala, elas mal conversam e mal encontram os olhos uma da outra.

Connor coloca café em sua caneca. — Eu tentei falar com Rose, mas ela acredita que Lily precisa resolver isso sozinha. — Ele espera que eu adicione algo, e percebo que ele me trouxe até aqui para ver onde a cabeça de Lily estava. Talvez para avaliar quanto tempo essa tensão durará.

— Eu acho que Lil só precisa de algum tempo, — eu digo, não tenho certeza de *quanto* tempo. — Ela está indo a terapeuta dela a cada dois dias agora.

Connor bebe café de sua caneca e eu noto seu anel em sua mão esquerda. Lily e eu discutimos nossa situação de moradia com Rose e Connor depois do casamento deles, e isso durou cerca de dois minutos. Eles não se sentem confortáveis saindo dessa casa, mesmo que os dois deveriam estar mais perto da Filadélfia. O trabalho deles está lá, como a Cobalt Inc.

Connor parou de fazer sua pós para assumir o cargo de CEO. A única coisa que os segura em Princeton é Lil, que ainda está na faculdade.

Como os paparazzi aumentaram exponencialmente após o reality show e agora o escândalo sexual de Rose, os dois disseram: "é melhor que nós quatro ainda moremos juntos". Uma frente unida - ou o que for. Eu não refutei. Porque mesmo que seja mais difícil com eles aqui, eu gosto de ter Connor por perto para conselhos. E Lily precisa da irmã dela.

Ele descansa contra a ilha central, de frente para mim, e ele olha para a caneca com um olhar perdido em seus olhos, que eu não vejo muitas vezes nele.

— O que foi? — Eu pergunto.

— Minha mãe está morrendo, — diz ele em voz alta. — Ela tem mais ou menos uma semana. Câncer de mama.

Meu queixo cai lentamente. Posso contar na minha mão o número de vezes que ele mencionou a mãe dele. Ela deixou o cargo de CEO da Cobalt Inc. há alguns dias. Agora eu sei porque. — Eu sinto muito, — eu digo, minhas sobrancelhas franzidas em confusão e um pouco de dor por ele.

Eu não posso ler a expressão dele. Ele não está deixando nada passar por seus traços para que eu possa ler. Tudo que vejo é uma superfície em branco, minhas próprias emoções ricocheteando de volta para mim.

— Não sinta, — ele me diz. — Ela não iria querer seu pedido de desculpas.

— Ela soa...

— Fria, — ele termina.

— Eu ia dizer como Rose, sem ofensas.

Seus profundos olhos azuis se levantam para os meus. — Elas não são parecidas. Katarina não tem a capacidade de amar alguém que não seja ela mesma. Se alguma coisa, ela é mais como eu.

— *Era*... como você, — eu digo. Ele finalmente admitiu amar Rose.

Ele sorri. — O amor ainda parece um conceito irracional para mim. — Ele faz uma pausa. — Mas, acreditando nele, eu me tornei como todo mundo.

— Você está bem com isso?

— Mais do que bem, — ele admite.

Eu aceno, feliz que ele não está tão cego em um assunto que parece óbvio para o resto de nós. — Você vai ao funeral? — Eu coço a parte de trás do meu pescoço. — Quero dizer, quando acontecer... — Eu me encolho. Tudo parece errado. Existe um jeito certo de falar sobre a morte da mãe de alguém?

— Ela não quer um.

Eu abro minha boca para perguntar por que, mas ele me interrompe.

— Ela não quer que as pessoas da Cobalt Inc. desperdicem seu tempo lamentando por um cadáver quando deveriam estar trabalhando. Suas palavras.

Ai. Eu mudo o assunto assim que vejo o estresse apertando seus ombros. — Como está o processo? — Pergunto. Eles estão tentando levar Scott Van Wright a julgamento por semanas, ou pelo menos chegar a um acordo fora dos tribunais. Uma equipe inteira de advogados reuniu evidências enquanto eles estavam em lua de mel.

— É complicado, — ele me diz. — Os vídeos já estão online. Vencer a ação não nos garante nossa privacidade de volta. Isso pode destruir Scott, mas não me dá nada. — Ele coloca sua caneca no balcão. — Eu nunca tive que usar tanta energia em um resultado que não terá nenhum benefício direto para mim.

Eu franzo a testa. — O benefício é assistir aquele babaca queimar.

Ele solta uma risada curta e esfrega os lábios. Quando ele deixa cair a mão, ele diz: — A vingança não é um benefício, Lo. É gratificação própria, uma resposta emocional com muita pouca lógica e ainda menos recompensas. — Ele exala e balança a cabeça. Eu nunca o vi em conflito. — Eu vou descobrir o que fazer. Eu sempre descubro. — Ele mostra seu sorriso de bilhões de dólares, lembrando-me em um único segundo como somos diferentes.

E como sou grato por tê-lo como amigo. E colega de quarto.

{ 39 }

1 ano : 01 mês Setembro

LILY CALLOWAY

— Devemos andar? — Pergunto ao meu guarda-costas, cujo corpo gigantesco ocupa *dois* lugares no sofá. Garth lê uma revista de jardinagem (eu não questiono o porquê) na sala de descanso da Superheroes & Scones. — Ou talvez devêssemos dirigir? Você já viu a multidão lá fora? Tem muita gente?

Eu vou até o sofá azul com almofadas vermelhas, abrindo um pouco a cortina para espiar lá fora. Uma longa fila de corpos serpenteia pela calçada, com cordas de veludo negro bloqueando-as da rua. A linha nunca encurta até trinta minutos antes do fechamento.

— O que você quiser, Lily, — Garth me diz.

— É do outro lado da rua, — eu menciono. — Seria meio bobo dirigir, certo?

Ele encolhe os ombros, não me dando uma resposta.

Meus nervos já estão aguçados e eu pratiquei meu pedido de desculpas no espelho cerca de um milhão de vezes. Eu não quero dar para trás. Não como ontem e no dia anterior.

Eu valorizo muito meu relacionamento com minha irmã para continuar assim. — Ok. — Eu pulo do sofá. — Nós vamos andando. Rapidamente. E nós não faremos contato visual com nenhuma das câmeras. — Paparazzi sempre ficam do lado de fora da loja para ter gravações minhas saindo da loja.

— Tudo bem. — Ele fecha a revista e se levanta, assim que a gerente da loja entra na sala de descanso. Michelle, uma universitária curvilínea, está com uma camiseta do Superheroes & Scones com o slogan: *Canalize seu super-herói interior.*

— Ei, você está indo embora? — Ela pergunta, sua franja marrom quase escondendo os olhos, mas eu a vejo olhando para Garth, que raramente sai do seu lugar no sofá.

— Sim, eu vou terminar o dia na minha casa. Precisa de alguma coisa?

— Acabamos de vender todo o estoque do *Guardiões da Galáxia, Volume 1: Vingadores Cósmicos*, mas posso anotar isso na lista de inventário.

Michelle costumava ajudar a administrar essa pequena loja de quadrinhos

independente em Washington e, depois de muitas entrevistas com outros gerentes de loja em potencial - e ter que deixar alguns outros antes dela - contratamos Michelle em tempo integral.

Eu aceno adeus a ela. O maior benefício de ter Michelle como funcionaria é que ela nunca pergunta sobre minha vida pessoal. Nosso relacionamento é puramente profissional e baseado em quadrinhos. Eu meio que adoro isso. — Vejo você amanhã. — Eu empurro a porta e Garth segue, acompanhando meu passo rápido.

Quando a multidão me vê, os gritos familiares de alegria *clique, clique* de câmeras, sobrecarregam meus sentidos. *Concentre-se no chão, Lily. O cascalho é seu amigo.*

Concentro-me na calçada, atravessando a rua com pouco tráfego e, em seguida, chego a uma nova vitrine. Eu cavo no meu bolso e tento encontrar a chave certa no meu chaveiro.

Na semana passada, Rose colocou a chave no balcão com uma nota.

Lily, Esta chave é para você se você quiser passar na loja.

Te amo, Rose Nosso relacionamento não foi consertado o suficiente para ela me entregar a chave pessoalmente ou para ela dizer essas palavras na minha cara. Hoje é o dia em que tudo muda. Tem que ser.

A loja de tijolos tem letras recém-pintadas acima*: Calloway Couture*. Depois dos vídeos de sexo, no plural (o site pornô online já lançou *dois*), Rose desistiu de seu sonho de ter uma linha de moda em milhares de lojas de departamento. Ela decidiu abrir uma boutique em Filadélfia.

O letreiro de *em breve* está pendurado na janela da frente, e minhas mãos suam enquanto eu me esforço para abrir a porta.

— Lily! Onde está Lo?! — um paparazzi grita atrás de mim.

— Lily! Você assistiu os vídeos de sexo da Rose?

Não, nunca. Todo mundo tem essa teoria estúpida de que eu os vi, que eu sou *tão* viciada em pornografia, que eu assistiria minha própria irmã transando com seu marido. Mesmo se eu estivesse em um lugar muito ruim, eu nunca iria querer assistir isso. Somos *parentes*.

— Você precisa de ajuda? — Garth pergunta.

A fechadura clica. — Ah-ha! — Eu sorrio. — Consegui. — O sucesso quase me distrai da minha missão atual, com um pacote de ansiedade anexado. Com uma respiração profunda, entro na loja.

Espero ver trabalhadores correndo, pendurando roupas e arrumando

manequins, mas os pisos de mármore branco estão quase vazios, nenhum tamborilar de pés apressados. Eu me pergunto se ela só quer um trabalho silencioso, menos agitado do que o que ela tinha.

A loja vazia está apenas iluminada pelas lâmpadas lustrosas penduradas no teto.

Os sinos da porta tilintam quando Garth a fecha.

— Poppy, se é você, eu preciso da sua opinião sobre os manequins. — A voz de Rose soa mais atrás na loja, e eu ouço papel sendo amassado e os barulhos de seus saltos. — Você gosta dos sem cabeça, sem rosto ou realistas?

Meu estômago se revira um pouco e noto os três manequins que ela está falando. O do meio tem uma cabeça lisa. — O sem rosto é realmente esquisito, — eu digo, minha voz saindo fraca.

O silêncio mortal enche a sala. Talvez isso tenha sido uma má ideia.

Antes que eu possa tomar uma decisão, Rose entra no meu campo de visão, carregando um pacote entreaberto com lenços de papel e plástico caindo pelos lados. A tensão se estende e só é quebrada por Garth, que limpa a garganta e diz: — Eu vou me sentar.

Ele se dirige para os sofás cor de champanhe ao lado da fila de vestiários.

Quando ele desaparece, eu tento realmente manter meu foco em Rose, mesmo que meu coração queira sair do meu corpo. — Então, eu vim aqui para pedir desculpas, e eu tinha todo esse discurso planejado, mas agora que estou aqui, eu meio que esqueci. É como naquela época que eu interpretei um bule de chá em *Alice no País das Maravilhas* na quinta série. Eu só tinha duas falas, mas ainda consegui esquecê-las. Você se lembra disso? Eu acho que as peças da escola são projetadas para envergonhar crianças pequenas. — Eu me encolho e balanço a cabeça. — Eu estou divagando. Eu sinto muito.

— Basta respirar e ir mais devagar, — ela diz com sua voz fria, mas seu rosto suave diz de forma diferente.

Certo. Eu me reagrupo e encontro seus olhos verde-amarelados mais uma vez, os olhos venenosos e mortais que eu evitei por muitas semanas. Uma onda de emoção me inunda de uma só vez. — Eu sinto sua falta, — eu deixo escapar, lágrimas brotando em meus olhos. — Eu sei que você pode nunca me perdoar. Eu fui fria e...

— Você deveria der sido fria, — ela estala, dando alguns passos para frente. Ela para timidamente, ainda alguns metros nos separando. — O que aconteceu foi fodido.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu deveria ter ficado feliz que as pessoas admiram você, — eu engasgo com as palavras. — Você é minha irmã e eu te amo. — Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. — E eu deveria estar tão feliz que você não teve que experimentar o que eu tive. — Mas no fundo, eu estava desejando um resultado diferente. Esse desejo de colocar dor dentro da minha irmã me deixou com um sentimento de culpa muito grande para lidar. Ele me come por dentro todos os dias, rasgando todas as partes boas.

Eu não consegui falar com Rose. Ela justificaria meus sentimentos, dizendo que está tudo bem. Eu não quero que fique bem.

— Lily, — diz ela com força. — A mídia não deveria ter humilhado você para começar. E já que eles fizeram isso, eles *não deveriam* ter me tratado de forma diferente. Se nossos papéis fossem invertidos, eu estaria tão furiosa que já teria invadido vinte agências de notícias e torcido o pescoço deles. — Ela tira o cabelo do ombro. — Eu não vou mentir para você, liguei para sete delas para xinga-los, e a única razão que eu parei foi porque Connor me disse que eu estava fazendo as manchetes pior. — Ela respira fundo. — Não é certo, e você sabe... eu queria, mais do que tudo, que você fosse tratada como eu e eu fosse tratada como você.

Meu queixo treme e ela olha para longe de mim, então ela não começa a chorar também. Eu fungo alto, tentando parar o sistema hidráulico.

— Pare, — ela estala, limpando debaixo de seus olhos. — Eu não estou usando rímel à prova d'água.

Eu sorrio fracamente e dou uns passos para mais perto dela, então estamos a apenas alguns metros de distância. — Sinto muito... — Meu rosto se quebra ainda mais. — Eu não quero que isso nos separe. Eu não posso te perder. Então, eu *realmente* sinto muito por ser tão...

— Humana, — ela me diz, inclinando a cabeça enquanto ela olha para mim novamente. — Eu não posso te dizer quantas vezes eu desejei mal para outras pessoas. É completamente normal, Lily.

— Mas você é minha irmã...

— E? Tenho certeza que desejei que Connor caísse de rosto no chão quando eu tinha quinze anos, quebrasse o nariz e perdesse nos Modelos da ONU. Inveja, ciúmes - eu os conheço, provavelmente, melhor do que você. — Um passo mais perto. Estamos a um braço de distância. — E adivinhe, irmãzinha, *você* é melhor que eu. Eu raramente me sinto culpada por essas emoções, mas você se tortura com isso. Então me diga, qual de nós é a

verdadeira puta cruel aqui?

Eu nunca trocaria Rose por outra irmã. Não trocaria por nada. Eu limpo meu nariz com meu braço. — Posso te abraçar? — Eu pergunto.

Ela torce o nariz. — É isso que acontece agora?

— Sim, — eu aceno.

Ela suspira e depois coloca a caixa no chão. — Não faça isso durar muito tempo.

Eu sorrio e envolvo meus braços em volta da minha irmã rígida e dura. Ela dá um tapinha nas minhas costas como se estivesse dando um tapinha com um taco em uma bola de golfe.

Quando nos separamos, ela aponta para os três manequins. — Você acha que o sem rosto vai assustar as crianças? — Seus olhos brilham com o pensamento.

— Ou apenas os fará chorar em sua loja.

Ela faz uma careta agora. — Eu gostaria de ter um cartaz do lado de fora que diga: *Não é permitido carrinhos de bebê. Não é permitido bebês. Não é permitido cachorros com mais de dez quilos.*

— E os gatos?

— Se você levou seu gato às compras, você tem um problema sério, — diz ela e, em seguida, avalia os manequins mais uma vez. — Porém, você está certa. O sem rosto é assustador.

Eu limpo minhas bochechas riscadas de lágrimas. — Você realmente pensou que eu fosse a Poppy? — Eu pergunto. Rose é a minha principal linha de comunicação em questões familiares. Nosso silêncio me empurrou para fora do loop e para um buraco negro escuro, e estou preocupada que agora que estou rastejando para fora, as coisas serão alteradas.

— Ela passa aqui as vezes. — Rose pega sua caixa e coloca no balcão. — A mãe também, mas eu acho que ela gosta da atenção dos paparazzi.

Eu franzo a testa. — Ela gosta? — Eu não notei isso. Mas talvez seja porque eu propositalmente não faço contato visual com a nossa mãe.

— Ela não quer que isso vá embora, — diz Rose. — Ela até tem alimentado histórias para a mídia para que possamos nos manter relevantes.

Meus lábios se separam. — O que?

Rose suspira. — Eu não tenho certeza do que ela diz a eles. Ela definitivamente vaza onde está almoçando durante o dia para poderem tirar fotos. Ela diz que a atenção é boa para Fizzle, mas ela realmente gosta do status.

Ela tem muitos amigos falsos a bajulando agora.

Eu percebo que nunca podemos nos distanciar dos holofotes, não se nossa mãe propositadamente nos traz de volta para eles. Tudo pelo "bem" da família. O peso afunda e eu deixo ficar ali.

— Eu perdi muito então, — eu digo baixinho.

Ela me dá um olhar afiado como se dissesse *não pense muito sobre isso*. E para me distrair ainda mais, ela diz: — Maria vai participar do *Quebra-Nozes* em dezembro. Toda a família vai para apoiar.

— Eu vou estar lá. — Eu entendo a dica. — Umm... — Eu examino a loja semi-decorada. — Você precisa de alguma ajuda aqui?

— Eu tenho tudo sob controle, — diz ela rapidamente, quase como um reflexo. Ela gira em seus saltos, e quando me viro para sair, ela faz uma pausa. — Espera.

Eu olho para trás.

— Eu estou morrendo de fome. — Ela pega as chaves e sua bolsa do balcão. — Vamos almoçar.

Eu sorrio suavemente, amando que não foi uma pergunta. É bem a Rose exigir sua companhia ao invés de pedir por ela. — OK.

Os nós no meu estômago lentamente começam a desembaraçar.

{ 40 }

1 ano : 04 meses Dezembro

LILY CALLOWAY

Nosso motorista de limusine pisa no freio pela terceira vez, e eu vou para trás no banco de couro, rindo tanto que meu peito dói. Lo respira pesadamente, a mão dele segurando o assento acima de mim, e enquanto ele olha para baixo, ele balança a cabeça. Mas seu próprio sorriso envolve seu rosto e faz covinha suas bochechas.

— Você acha que ele está fazendo isso de propósito? — Ele pergunta, seus olhos âmbar voando pelo meu corpo, criando trilhas quentes.

— Ele seria um empata foda de nível A, — eu digo.

— Bem, eu me *recuso* a ter minha foda empatada hoje à noite. — A impulsividade, o desejo em seu olhar me leva a um passeio maior e melhor do que a limusine descontrolada poderia me levar. — Está pronta?

Quando ele diz as palavras, o carro avança mais uma vez, e ele quase escorrega do banco de trás. Ele agarra meu ombro, seu corpo pressionado contra o meu e fixa uma mão firme na porta acima da minha cabeça.

Eu rio mais, especialmente quando ele esfrega a testa na curva do meu pescoço e solta um gemido longo e agonizante.

Eu amo que ele está mais excitado que eu.

Eu amo que eu possa rir durante o sexo.

Mas principalmente, eu amo que estar emaranhados juntos no banco de trás de um carro não é errado mais. Não vai mais me transformar em um monstro compulsivo. É um nível de controle que nunca pensei que alcançaria.

No entanto, aqui está.

Estou começando a me sentir normal. Ou pelo menos, o *nosso* tipo de normal.

Os gemidos de Lo se transformam em beijos no meu pescoço, os que molham minha calcinha e despertam tantos lugares sensíveis. Meu riso diminui, sendo substituído por respirações profundas.

Ele enrola meu vestido preto de veludo até a minha barriga e prende o dedo na minha calcinha, puxando-os para o lado. Quando seus lábios alcançam os meus, ele me enche, sua dureza lentamente iluminando cada nervo. Meu queixo sobe com um suspiro silencioso.

E então ele me beija profundamente, em incrementos imensuráveis que unem nossos corpos. Como se eles fossem feitos para nunca se separarem.

O carro chicoteia como se o motorista tivesse perdido a curva, mas Lo se fixou para mim. E ele usa o impulso para enfiar mais fundo entre as minhas coxas, meu corpo se eletrizando. Eu deixo escapar um gemido áspero. Tudo se aperta, minhas pernas tremem, e ele apenas me segura com força, criando uma plenitude dentro de mim que não existia antes.

Eu posso sentir o sorriso de Lo nos meus lábios. Eu devolvo o beijo, tentando enxugar seu sorriso, fazendo disso um objetivo. Ele segura a parte de trás da minha cabeça, e quanto mais agressiva eu me torno e incho seus lábios, mais forte seu pau bate em mim.

Quando gozo pela segunda vez, é rápido, esporádico e me deixa completamente sem fôlego.

Lo ri entre seus gemidos pesados, ainda balançando contra mim, construindo seu próprio clímax e despertando um novo em mim. — Você seria uma péssima transa se fosse um cara, — ele explica a fonte de seu humor.

— Hã.

Ele me beija e esclarece: — Você não seria capaz de durar tanto tempo.

Verdade. — Como eu sou como uma menina...? — Eu aperto seu bíceps, distraída quando seus impulsos se tornam lentos e profundos. *Oh Deus.* Minhas costas arqueiam e meus lábios se partem com necessidade.

Seus olhos âmbar me encaram como se eu fosse a coisa quebrada mais bonita que ele já fez parte. — Você é perfeita.

É mentira, mas ele faz parecer tão verdadeiro. Eu choramingo quando ele atinge outro lugar sensível. Minha mão desliza para sua bunda que se flexiona com cada impulso em mim.

Ele pega meu pulso e olha meu relógio. — Droga.

— Estamos atrasados? — Eu pergunto, fechando os olhos e deslizando para outro mundo. — Eu não me importo... tanto... — *Oh Deus.* Meus dedos do pé se curvam.

— Ainda não, — ele me diz, e eu entendo que ele está falando sobre o tempo. Não é o meu clímax, porque eu não posso contê-lo como ele pode

conter o dele.

Não há nenhum aviso antes que ele acelere seu ritmo, matando cada nervo e fazendo minha respiração falhar. Eu sou dele para ser tomada.

Meus olhos permanecem fechados, me concentrando em seus grunhidos roucos que são primitivos e necessitados. Meu núcleo treme com uma atração profunda. Fisicamente, mentalmente, emocionalmente - Loren Hale tem tudo de mim.

— Abra, — ele sussurra em uma voz grossa.

Oh. Eu abro meus olhos.

E me afogo embaixo de seus cor de âmbar.

*

Quando saímos da limusine, o vento bate no meu cabelo na altura dos ombros, flocos de neve pousando no meu casaco preto. Quinze minutos adiantados para o balé da Maria. Deve ser um recorde.

A respiração de Lo faz fumaça quando ele fecha a porta e se aproxima de mim na calçada. Não há câmeras por perto. É uma daquelas raras noites em que ninguém presta atenção ao que os Calloways estão fazendo. Outras famílias animadamente entram no teatro, e eu estou prestes a segui-los quando Lo agarra meu braço.

— Espere, — diz ele.

Eu me viro para ele. As grinaldas estão penduradas nos postes de luz, halos de luz fraca na rua. Eu tenho um flashback repentino, lembrando da neve, das guirlandas. Lo tinha vinte e um anos quando foi para a reabilitação, na véspera de Natal. E agora ele tem vinte e três.

Ele deve ler a minha expressão distante porque ele diz: — Você pode acreditar que eu tenho estado sóbrio por tanto tempo?

— Sim, — eu digo sem hesitar. Seu cabelo castanho claro está coberto de flocos de neve, alguns tremem e caem em seus cílios. Seu rosto está mais corado do que antes por causa do frio. Ele é lindo, sedutor até. Eu poderia beijá-lo novamente.

— Estamos indo bem, não estamos? — Pergunta ele. — Isso... — Ele faz um movimento entre nós dois. — Está funcionando. — Ele está tão confiante

com essa nossa nova rotina - sexo quase três vezes por dia e onde quer que gostemos - que é uma surpresa ouvi-lo questionar isso agora.

— Eu acho que sim, — eu digo. — Parece certo. — Nem sempre é fácil. Às vezes eu sou um pouco compulsiva e agitada, mas acho que nenhum de nós espera que seja bom vinte e quatro horas e sete dias por semana para o resto de nossas vidas.

Sempre haverá dias ruins, mas é como vivemos esses dias ruins que contam.

Ele diz: — Você acredita que aprendeu a controlar a maioria de suas compulsões? — Ele descansa os braços sobre meus ombros, como se estivéssemos prestes a dançar.

— Ainda parece um sonho, — eu sussurro.

— É real para mim, — diz ele. — Você levou anos. Não foi uma coisa da noite para o dia, Lil. — Seu olhar cai para os meus lábios. E depois de um longo momento, ele quebra o silêncio. — Eu quero casar com você.

As palavras me sacodem um pouco. Ele me segura mais forte.

— Logo, — ele continua. — No próximo ano, talvez? — Seus olhos se apressam em busca de confirmação, para garantir que estamos na mesma página.

— No próximo ano, — eu sorrio e dou um tapa em seu braço de excitação. — E se nos casarmos em 6-16?

Ele está sorrindo. Sua mandíbula afiada e maçãs do rosto simplesmente lindas. — O que você quiser.

Ele se inclina, me beijando enquanto as luzes de Natal brilham no alto. Com a neve caindo, é um momento perfeito para uma foto.

Eu gostaria de poder tirar uma foto e salvá-la para mais tarde. Talvez porque eu tenha um pressentimento. Um que me atinge quando ele me abraça no seu peito. Nós nunca nos deixamos ficar animados sobre algo mais adiante. Dois viciados construindo um futuro juntos: quando penso assim, tudo começa a soar como conto de fadas.

Muito enraizado na fantasia para algum dia se tornar realidade.

PARTE TRÊS

“O amor é para as almas, não corpos."
– Feiticeira Escarlate, Vingadores Giant-Size Vol. 1 #4

{ 41 }

1 ano : 06 meses Fevereiro

LOREN HALE

Daisy salta no trampolim com um sorriso desonesto, olhando diretamente para o meu irmão. Ele está sentado comigo em uma mesa de ferro preto com pratos de hambúrgueres e batatas fritas.

— Só porque ela tem dezoito anos... — Eu nem consigo pronunciar as palavras.

— Eu fodidamente sei, — diz ele.

Ela faz uma bala de canhão perto da borda da parede, espirrando água em nossos pés. A piscina coberta do meu pai está decorada com serpentinas amarelas para comemorar seu aniversário de dezoito anos.

De acordo com Lily, o plano inicial de Daisy era descer pelo rio Delaware, mas está muito frio para isso, então meu pai ofereceu sua propriedade em vez disso. Rose levou sete dias para convencer sua mãe a deixar Daisy fazer uma pequena festa apenas com a família e amigos íntimos.

— Eu só estou cuidando dela, — eu digo no meu limite. Daisy não conhece meu irmão *assim*. Ela não pode ver quantas garotas ele fode. Eu não acho que "relacionamento de longo prazo" seja sequer uma frase em seu vocabulário.

Ele rapidamente muda de assunto. — Você nunca mencionou que o pai tem uma piscina coberta. — Ele mergulha uma batata frita em molho barbecue. Ryke geralmente fica a trinta metros de distância desta casa o tempo todo, odiando tanto o nosso pai. Mesmo que Ryke esteja fisicamente aqui, ele não faz contato visual com Jonathan Hale, que está ao lado do bar com Greg Calloway.

— Ele também tem uma pista de golfe do lado de fora, um cinema e um spa. — Eu mostro um meio sorriso.

Meu tom frio apenas rola da minha língua. — Você nadou muito aqui? — Ele pergunta, curioso. Como se ele quisesse compensar o tempo perdido.

— Quando éramos crianças, Lily e eu costumávamos nos esgueirar aqui de noite, — eu digo, oferecendo-lhe alguma coisa.

Suas feições duras escurecem. — Se você disser que era para fazer sexo...

— Nós tínhamos uns... sete anos. — Eu franzo a testa. — Era inocente. — Nós nos desafiamos a entrar, todas as luzes apagadas, o fundo da piscina negro na escuridão. Eu sempre acabava a empurrando, e ela gritava e tentava me chutar. — Uma noite acordamos a equipe e o mordomo acabou dizendo ao meu pai que estávamos nadando.

— O que ele fez? — Ryke pergunta, seus cotovelos sobre a mesa, seu foco em mim. Sempre que falamos sobre o nosso pai, é sempre no contexto *comigo*. Seu passado com nosso pai - é como um abismo, uma imagem nebulosa que eu não consigo ver. Ainda é estranho que ele tenha tido conversas com Jonathan Hale onde eu não estava, conversas que ele teve como um garoto jovem que eu não sei *nada* sobre.

— Depois que ele descobriu? — Eu digo. — Ele trancou a piscina. — Eu jogo meu guardanapo amassado sobre a mesa.

— Ele estava preocupado que você se afogaria?

— Não, — eu digo bruscamente, irritação caindo sobre mim quanto mais discutimos essa merda. — Ele me perguntou se eu queria nadar competitivamente. Eu disse a ele que *não*. Então ele me disse que a piscina não era um privilégio que eu não tinha ganhado ainda. — Antes que meu irmão possa dizer qualquer coisa, eu pergunto: — Ele era assim com você?

— Mais ou menos, — diz ele vagamente, olhando para as paredes de vidro com vista para o jardim. A chuva bate contra as vidraças.

— Como está a sua mãe? — Eu cutuco um pouco mais.

— Eu não sei. Bem, eu acho. — Ele não fala com ela faz muito tempo. Não desde que ela vazou o vício em sexo de Lily para a imprensa.

— Uau, é bom conversar com você, Irmãozão. Vamos fazer isso de novo algum dia. Eu fico sabendo tanta coisa.

Ele me lança um olhar. Sim, ele esteve lá por mim muitas vezes, mais do que eu posso descrever. — Eu não falo com a minha mãe, e com certeza eu não falo com meu pai, então não sei o que há para dizer.

— Você já gostou do papai? — Pergunto. — Enquanto crescia? — Isso é o que eu quero saber.

— Claro, — diz ele. — No começo. — Ele dá um gole de sua lata de Fizz e então acena para mim. — Você ouviu alguma coisa de Scott?

Eu vou aceitar a deflexão, só porque eu *tenho* uma opinião sobre isso. — Ele me mandou uma mensagem duas vezes, uma vez para dizer: *eu estou em Barbados,*

vadia. E depois outra hora para me enviar uma foto real de si mesmo se bronzeando em um maldito iate. — Eu bloqueei o número dele depois disso. Como se eu precisasse ser lembrado de que ele está lucrando com os vídeos de sexo de Connor e Rose.

— Filho da puta, — Ryke resmunga baixinho. — Eu odeio que Connor tenha desistido do processo. Eu tentei falar com ele sobre isso, e ele *me* disse para ir se foder.

Eu realmente rio.

Ryke estende os braços. — O que tem de engraçado nisso?

— Porque Connor me disse que você gritou com ele como 'um Neandertal tentando debater sobre um conhecimento superior' - foi engraçado.

— Hilário, — Ryke diz secamente. — Você não pode honestamente concordar com ele.

— De jeito nenhum, — eu digo. — Eu não me importo se ele está usando a publicidade para crescer sua empresa de diamantes. Scott está tomando banho de sol em um iate e nadando em suas poças de dinheiro. Esse merda doente merece estar em uma prisão.

— Ou pelo menos falido, — diz Ryke com músculos tensos.

Lily grita e nós dois viramos a cabeça para a piscina. Ela está nos ombros de Daisy, tentando derrubar Rose, que está em Connor, brincando de lutinha.

— Puxa a alça do biquíni dela! — Daisy grita.

Lily tenta fazer o movimento sujo, soltando o top do biquíni preto de Rose, mas Rose afasta a mão dela.

— Roubando! — Rose acusa. — Eu ganhei.

Connor sorri e fala com ela em francês.

— Seeeem chances, — diz Daisy com uma risada. — Isso é tão legal.

Lily está de maio, então Rose não pode retaliar.

— Vamos apenas deixar Scott Van Wright para ele? — Ryke me pergunta.

— Não é isso que você sempre fez? — Eu volto para o meu irmão.

Ele concorda. — Sim, eu acho que é. Temos que escolher nossas batalhas, não é?

— Sim. — E Connor não iria querer que nós pisássemos perto dessa.

{ 42 }

1 ano : 06 meses Fevereiro

LILY CALLOWAY

Levanto meu corpo para fora da piscina, água salpicando no chão de pedra. Eu cuidadosamente ando até a pilha de toalhas brancas sem escorregar, mas a Maria de cinco anos sai do nada, contornando a minha frente.

— Sem correr! — Sam grita com a filha. Ele está sentado em um dos sofás de vime ao lado de Poppy, as bochechas dela um pouco coradas pelos mojitos que os garçons carregam. Os mojitos de framboesa eram tentadores, mas eu passei por eles, assim como Lo e Ryke.

Maria tenta diminuir o passo, um pedaço de papel com desenhos de giz na mão. Ela para por causa de Daisy, que está na borda da piscina.

— Aw, isso é para mim? — Daisy pergunta com um sorriso.

Maria acena e então sussurra em seu ouvido.

Gratamente eu chego perto das toalhas em um pedaço. Sem ossos quebrados. Eu envolvo o algodão macio em volta da minha cintura e me aproximo de Lo e Ryke na mesa de ferro. Ambos olham para mim quando me aproximo, a conversa termina.

Lo abre os braços e eu me sento no colo dele.

— Quem ganhou o jogo? — Ryke me pergunta.

Eu roubo uma batata frita do prato de Lo. — Daisy e eu, definitivamente. Porém, Rose e Connor vão dizer o contrário.

Daisy sai da piscina com o cartão de Maria, me ouvindo. — Sim, não há nenhuma regra contra acotovelar alguém no peito. — Ela tranca os olhos com Ryke, lendo sua confusão. — O cotovelo de Lily. O peito de Rose. — Ela abana as sobrancelhas com um sorriso crescente.

Ryke lhe dá um olhar duro e sem graça - sua expressão normal e pensativa. — Pelo menos todos nós sabemos que as meninas Calloway jogam sujo, — diz ele. Eu facilmente leio as insinuações sexuais.

— Não mais sujo do que você, — diz Daisy, passando por nós.

Ryke endurece, percebendo que a conversa foi para outro caminho... para mais perto de seu pênis do que ele provavelmente pretendia. Ou talvez ele

quisesse dizer isso. Ryke a observa abrir a porta de vidro.

Eu me inclino para frente e sussurro, — Você está olhando para a bunda da minha irmã?

— O quê? — Ele se encolhe como se *eu* fosse a louca.

Daisy desaparece do lado de dentro.

Lo sacode a cabeça para Ryke. — Apenas, não.

Ryke suspira pesadamente e revira os olhos, visivelmente frustrado.

Limpo a garganta, percebendo que este é o melhor momento para discutir um determinado assunto em minha mente. — Falando de coisas sujas, — digo a Ryke. Eu me endireito no colo de Lo, cruzando as mãos na mesa. Seriedade intacta.

As sobrancelhas de Ryke se levantam. — Eu preciso sair daqui? — Ele olha entre Lo e eu.

— Não, isso é sobre *você*, — eu digo.

Ryke olha para Lo. — Que porra é essa?

Lo levanta as mãos. — Eu não estou envolvido nas suspeitas dela.

— São fatos, — eu digo. Eu me concentro em Ryke. — Eu tenho observado você... — Isso saiu tão errado. — Quero dizer, estudando você. — Não. Não é melhor. Eu fico vermelha enquanto ambos os caras olham como se tivesse nascido asas em mim. *Querido Deus, me ajude um pouco.* — Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu fodidamente não sei, — Ryke diz facilmente.

Isso está indo mal. Eu tomo um gole da lata de Fizz Life e engasgo. Ai, credo. Isso é ruim. E não é meu.

— Lily, — Ryke rosna, impaciente. Ele pega sua água.

— Precisamos conversar, — eu digo, — sobre seu vício em sexo.

Ele engasga com a bebida, tossindo com a voz rouca.

Lo e eu lhe damos uns tapinhas nas costas dela ao mesmo tempo. — Está realmente fora de controle, — digo a ele.

E então Ryke limpa a boca com o braço. — Você não pode estar falando sério.

— Nós tivemos que mandar Michelle embora. Essa foi a *terceira* gerente de loja com quem você dormiu. E eu *realmente* gostava da Michelle. — Eu a teria mantido por perto, mas isso complica as coisas. — E eu entendo completamente. Você não pode se controlar, mas se queria esconder seu vício, não deveria ter dormido com pessoas que conhecemos. Isso é vicio sexual 101.

Ryke se inclina para trás em sua cadeira. — Isso não me faz um viciado em sexo.

— Tudo bem, — eu digo. — Eu sei que é difícil admitir, especialmente desde que você esteve com *tantas* mulheres. Mas estamos aqui por você agora. Você pode conseguir deixar isso sob controle. — Eu coloco minha mão em seu braço em conforto.

Seus lábios se separam um pouco. Eu acho que ele finalmente está fora do estágio de negação. E então ele diz: — Eu não sei dizer se você está falando fodidamente sério. — Ele olha para Lo. — Ela está falando sério agora?

Isso deveria ter funcionado. Eu fiz todas as coisas sérias que pessoas sérias fazem. O rosto complacente. As mãos cruzadas. A espinha reta. Confirma, confirma, confirma novamente. — Você não precisa mais ter medo, — acrescento.

— Lily... — Os olhos de Ryke escurecem. — Eu não sou um fodido viciado em sexo. Eu sei que você gostaria que eu fosse, então eu poderia me juntar a seu pequeno clube não anônimo de viciados em sexo, mas isso não está acontecendo.

Eu pensei que iria quebrá-lo dessa vez.

Droga.

Eu me abaixo novamente. Foda-se sentar em linha reta. — Você pode pelo menos admitir que você está transando mais do que a média do sexo masculino? — Eu pergunto. Ele sempre recebe números de garçonetes quando almoçamos, e eu o vejo entrando em tantos banheiros com garotas. Ele tem casos de uma noite com zero vergonha. Dentro e fora. Sexo, sexo, sexo.

Uau.

Isso soa como eu. Exceto pela parte zero da vergonha.

— Não, — Ryke estala e aponta para Lo. — Seu namorado fode mais do que a média do sexo masculino e *muito mais* do que eu. Vocês dois fazem sexo uma vez a cada noite. — *Duas vezes. Às vezes três ou quatro vezes.*

— Ele tem uma desculpa, — eu defendo. — Ele está namorando uma viciada em sexo em recuperação.

Ryke ri em um sorriso. — Não se engane, — ele diz meio malvado. Seus olhos voam por cima do meu ombro para Lo. Eu posso sentir seu sorriso enquanto ambos se juntam contra mim. — Ele quer tanto quanto você.

Eu teria discordado dele meses atrás, quando Lo temia em me empurrar para o limite com suas próprias necessidades, mas agora Lo mostra sua excitação

muito mais. Então soa como a verdade.

— Então Lo é viciado em sexo? — Ryke me pergunta, suas sobrancelhas levantadas em combate.

Não. Ele não é. Eles estão apenas com tesão. — Tudo bem, — eu me rendo, — mas você pode não dormir com a nossa próxima gerente de loja? É difícil encontrar a garota certa para o trabalho.

— Então contrate um cara, — diz ele.

— Acabamos de passar por isso, — diz Lo. Ele toca minha cabeça. — Viciada em sexo. — Ele faz um gesto para Ryke. — Não é viciado em sexo.

— Que tal isso? — Ryke refuta. Ele acena para mim. — Em um relacionamento. — Suas mãos vão para o seu peito. — Solteiro.

— Ele tem um ponto, — eu murmuro.

— De jeito nenhum, — diz Lo. — Nós não estamos contratando um cara por causa dele. — Ele olha para Ryke. — Mantenha seu pau em suas calças ou arrume uma namorada, cara.

— Ou... — eu digo, uma lâmpada piscando acima da minha cabeça. — Que tipo de garota *não* o atrai? — Podemos apenas contratar alguém com quem Ryke nunca iria dormir. Problema resolvido.

— Eu gosto de todas as mulheres, — ele proclama.

Problema não resolvido.

— Isso é algo que um viciado em sexo diria, — digo a ele.

Ele joga uma batata frita no meu rosto.

Eu como ela.

— Eu posso te dizer sem problemas porque eu não sou viciado em sexo, — diz ele, cruzando os braços e se balançando para trás em duas pernas de sua cadeira. — Quando eu gozo, não *tenho* que fazer isso de novo.

— O problema real aqui, — diz Lo, — é que você dormiu ativamente com as gerentes de loja de Lily. — As mãos de Lo mergulham na minha cintura. Eu as seguro lá enquanto escorregam pelas minhas coxas.

— Não é como se eu estivesse ativamente... — Ele se interrompe, seu olhar vai para atrás da nossa cadeira.

Nós não temos que virar a cabeça para encontrar sua distração. Daisy puxa a cadeira ao lado de Lo, com o prato cheio de framboesas e fatias de maçã. Ela sente a tensão estranha quase imediatamente e hesita em tocar em suas frutas. — Eu não sou bem-vinda aqui?

— Não, — eu digo e depois fico vermelha. — Quero dizer, *sim*. É seu

aniversário.

Ryke passa a mão pelos cabelos, parecendo bastante desconfortável.

— Você estava dizendo? — Lo cutuca.

Ele encontra os olhos de Daisy por dois segundos, mas não consigo ler o que passa por eles. — ...Eu não estava ativamente procurando por ela.

Daisy mastiga uma maçã, sem forçar.

— Então como foi? — Lo pergunta.

— Como é que algo assim acontece? — Ryke diz. — Fizemos contato visual. Conversamos por alguns minutos. Trocamos números e ficamos. O maldito fim.

— Wow, não fique tão hostil."

Ryke respira fundo, olha para Daisy uma ou duas vezes e depois balança a cabeça. — Eu não percebi que era por isso que você estava demitindo as meninas. Eu não teria chegado perto delas se soubesse que era o caso.

— Com quem você dormiu? — Daisy pergunta como se fosse uma conversa cotidiana.

— A gerente da loja deles. — Ele nem sequer mente?

Lo e eu olhamos entre eles. Que tipo de relacionamento eles têm?

— Má escola, — diz ela.

— Não me diga.

E então uma sombra cobre toda a mesa. Eu olho para cima e ali está minha mãe. Minhas veias congelam, percebendo que não nos falamos. Faz muito tempo. Ainda assim, ela mal me dá a hora do dia. Sua atenção permanece fixa em minha irmãzinha.

— Há muito açúcar nisso, Daisy. Achei que concordamos em comer somente os legumes.

— Eu não pensei...

— Está bem. Vou pegar um prato novo para você. — Nossa mãe pega o prato bem na frente do rosto de Daisy e vai para dentro.

Daisy parece doente. Ela coloca sua fatia de maçã meio mordida na mesa, o silêncio pesando sobre todos nós. Eu não sei o que dizer. Nossa mãe não tem autoconsciência. Se ela tivesse, ela perceberia o quanto sufoca Daisy... e o quanto ela me ignora.

Mas, novamente, talvez ela perceba isso. E ela simplesmente não se importa.

Porém, eu quero dar a ela o benefício da dúvida. Ela não me expulsou da família. Ela está apenas... lidando. De uma forma agressiva muito passiva.

Daisy quebra o silêncio. — Ela está certa. Meu agente disse que preciso perder cinco quilos.

— Você já está muito magra, — Ryke diz a ela, suas feições abatidas como a tempestade lá fora.

— Para você, talvez, — ela diz suavemente. — Para as pessoas que importam, eu estou gorda.

— Eu não importo, porra? — Ele pergunta, dor passando por sua voz.

— Eu não quis dizer isso assim.

— Sai de cima dela, — Lo interrompe, olhando para seu irmão em alerta. — É o aniversário dela.

— Eu não estou tentando *ficar em cima* dela, — ele retruca. — Você percebe que ela está se mudando para o *meu* complexo de apartamentos quando ela se formar em maio? — Ryke propôs a idéia, já que Daisy não quer ir para a faculdade, e nossa mãe tem planejado estender a estadia de Daisy em sua casa por mais dois ou três anos. O que significa mais pratos sendo agarrados e constante observações.

Lo, surpreendentemente, confiou em Ryke com essa ideia, mas vem com algumas suspeitas. Quanto do que Ryke está fazendo é porque ele se importa com Daisy como amiga? E quanto disso é porque ele quer fazer sexo com ela agora que ela é legal?

Eu quero pensar o melhor de Ryke, mas seu histórico com mulheres aponta grandes flechas de neon para o último.

— E? — Diz Lo. — Isso significa que você pode ser um idiota com ela?

— Eu sou um idiota com todos, — afirma Ryke, estendendo os braços novamente.

— Loren! — A voz áspera de Jonathan Hale ecoa contra o teto de vidro e as paredes. Uma mão no bolso de sua calça, a outra segurando uma taça de cristal de uísque, cheia até a borda. — Venha aqui, filho. — Ele praticamente bebe três quartos de sua bebida, de pé, tenso ao lado de uma samambaia pendurada e do bar da piscina.

— Não, — Ryke diz baixinho para Lo.

Os olhos de Jonathan pulsam com algo familiar, algo desumano e sem alma, como se ele estivesse pronto para abater qualquer homem em seu rastro, como se estivesse pronto para romper verbalmente seu filho. Meu coração dispara em pânico.

— Tudo bem. — Ele me levanta do seu colo e fica em pé comigo ao mesmo

tempo, a cadeira raspando para trás. Então ele me força no assento e me dá um olhar mortal que diz: *Não me siga.*

— Lo... — Eu começo.

— É provavelmente apenas sobre a Halway Comics, — ele me interrompe. — Eu não falo com ele sobre a minha empresa há algum tempo. Eu volto já.

Isso parece muito maior que isso.

{ 43 }

1 ano : 06 meses Fevereiro

LOREN HALE

Na curta caminhada até meu pai, olho para Ryke uma vez. Ele balança a cabeça para mim como se eu estivesse indo na direção errada, encarando o homem errado. Mas eu não estou cheio de falsas esperanças. Esta é uma pessoa que enfrentei a minha vida *inteira.*

Ele é meu futuro se eu não for cuidadoso.

E ele é o maior demônio de Ryke que ele enterrou.

Eu não estou nem a um metro e meio do meu pai antes de ele começar a falar, longe da distância de audição de todos os outros. — Quão forte você é?

Meu rosto se contorce em irritação maligna. Ele não me chamou aqui para essa merda. — Suficientemente forte para não revirar os olhos para *você.* — Eu não tenho a chance de mostrar um sorriso seco.

Quando um metro nos separa, ele aperta a mão no meu ombro, seus dedos cavando. Eu ouço *merdinha* em sua língua, mas ele engole esse insulto com sua bebida. — O quão forte você é, Loren? — Ele pergunta, o bar atrás dele.

Eu cerro meus dentes. — Existe um fodido nível? Escala de um a dez? Um sistema numérico? O que você *quer* de mim?

Ele respira pesadamente, seu nariz queimando. — Em algumas semanas, vamos ver que tipo de homem você realmente é. Você pode me vender rio abaixo, filho. — Ele coloca seu copo com muita força no bar, e uma fissura serpenteia através do cristal.

— Do que você está falando? — Meu pulso aumenta um pouco.

— Você vai ouvir algumas coisas em breve, — meu pai diz com um lábio enrolado. Ele está bêbado. Eu posso ver em seus olhos vitrificados e doloridos. — Talvez seja castigo, da minha parte. Por pensar que eu poderia criar um bastardo como qualquer coisa mais do que você é. — Sua língua corre sobre seus dentes em desgosto. Nenhuma culpa pisca em seus olhos. Nenhum remorso.

Suas palavras cortam direto em mim. Meu queixo trava, meus músculos queimam quando eles se apertam. *Eu sou apenas um bastardo então.* — Diga-me o

que está acontecendo, — eu rosto. — É sobre a Lily? — Eu odeio o desespero na minha voz.

— Não *lamente* como uma menininha, — diz ele com uma careta. Sua mão sai do meu ombro e agarra o lado do meu rosto. Eu posso ver Ryke se levantar de sua cadeira do canto do meu olho.

Ele não pode entrar no meio disso. Eu preciso de fodidas respostas. Eu tento dar ao meu irmão um olhar que diz: *não chegue perto de mim*. Mas meu pai força meu rosto para o dele.

— Olhe para *mim*, — ele rosna.

Eu não tenho outra escolha. Nossas testas quase tocam, estamos tão perto. Sinto o cheiro do álcool em sua respiração e isso agarra meu estômago de maneiras novas e horripilantes. Sua mão desliza para a parte de trás da minha cabeça. — Você é durão, filho? — Ele repete, bêbado além da sua mente, chateado com algo que ouviu.

— Apenas me diga, — digo baixinho. — Por que você não pode me dizer? — Ele tem todas as respostas. Ele sempre teve as respostas e as *mantém* longe de mim. Ele sempre faz isso.

Ele abre a boca como se fosse deixar sair, mas a raiva apenas distorce seus traços duros e grosseiros. E então ele diz: — Vamos queimar, você e eu.

Eu procuro seus olhos, e tudo que vejo é escuridão. O meu olhar começa a ficar nublado. — O que poderia ser pior do que eu já passei?

— Você não tem ideia.

Eu sufoco um grito que tenta alcançar minha garganta. — Eu mereço respostas.

— Você não merece *nada*, — diz ele. — Eu te dei *tudo*, Loren, incluindo a sua vida. Você percebe isso, não é?

Uma dor cai no meu peito. Eu lambo meus lábios secos. — Sim, — eu digo. — Eu percebo que você é o único que me queria. Entendi. Eu sou apenas um bastardo. Obrigado. — Espero que ele me deixe ir. Eu só preciso ir embora. Eu preciso de algo para beber - *Cristo*.

Eu esfrego meus lábios.

Eu tenho que sair daqui. Ele não vai me dizer nada. Ele nunca diz. Eu sinto como se tivesse batido minha cabeça contra a parede.

Eu respiro pesadamente. — Lily... — Eu tento me virar, para encontrá-la, mas meu pai agarra a parte de trás da minha cabeça, mais forte.

Eu te dei tudo, Loren.

Eu esqueci como é ficar contra ele quando ele está perdido e eu não estou. É mais fácil quando estou entorpecido. É mais fácil quando estamos afundando no mesmo buraco negro fodido. Mas ele está me arrastando para baixo, e cada corte brutal me rasga. O peso de cada palavra me agredindo.

Eu estou afundando por baixo de tudo isso.

Como uma areia movediça que eu deveria ter visto na minha frente.

— *Cresça*, — ele zomba. — Você não deveria ter que ligar para a sua maldita namorada quando você está se sentindo fraco. — Ele tira a mão da minha cabeça e bate na minha bochecha, duas vezes com força. Minha cabeça recua no segundo contato. E desgosto persiste nos olhos do meu pai. Por eu não ser forte o suficiente para suportar um tapa na cara.

— Ei! — Ryke grita para ele.

Eu sinto a mão de Lily na minha quase que imediatamente. E eu giro, cansado dessa merda. Cansado de tudo.

— Lo... — Ela diz, correndo ao meu lado, mas eu reajusto nossas mãos, enlaçando meus dedos com os dela.

— Não me deixe, — eu sussurro. Eu estou com medo de mim mesmo, eu percebo. *Eu não quero beber.*

Sim, eu quero.

Eu quero muito.

— Lo, — Ryke diz com força, prestes a dar alguns passos em direção ao nosso pai. Eu coloco minha mão livre no peito do meu irmão.

— Não comece uma briga com ele, — eu digo.

— Ele *bateu* em você, porra!

A piscina está em silêncio.

Nosso pai se retira para dentro com um novo copo de uísque enquanto Sam levanta Maria em seus braços e a leva para o jardim. A chuva parou.

— Lo! — Ele agarra meu ombro, praticamente me empurrando para encará-lo.

— Você não entende! — Eu grito de volta, apertando a mão de Lily. — Você não entende.

— O que eu não entendo? — Ele rosna. — Como você pode aguentar essa merda e depois defendê-lo?

— Porque ele é como eu, — eu replico.

— Ele não é *nada* como você.

— Ele está com dor! — Eu grito. *Eu te dei sua vida, Loren.* — E ele está me

machucando antes que eu possa machucá-lo. — *Você pode me vender rio abaixo, filho*. Eu não tenho ideia do que há de errado com ele, o que ele ouviu para torná-lo amargo e malicioso. Por que ele acha que vou foder com ele? Eu odeio que ele não possa me dizer. Eu odeio que *todos* censurem partes da minha vida de mim.

— Você é um idiota se você acha isso.

— Então eu sou um idiota do caralho, — eu replico, meu sangue bombeando tão rápido.

Seu rosto se contorce e ele descansa as mãos na cabeça. — Eu não quis dizer essa porra desse jeito.

— Eu acho que devemos ir, — diz Lily, envolvendo o braço em volta da minha cintura. Eu olho para baixo e percebo que seus dedos estão purificados do meu aperto. Eu solto meu aperto.

— Você quer beber? — Ryke pergunta.

Ele está me matando. — Por favor, *pare*, — eu rosno, minha voz coçando meus ouvidos. — Eu só preciso de... ar. — Eu respiro pesadamente, tentando não imaginar o que vai acontecer em algumas semanas - a versão fodida de um aviso do meu pai.

Saio com Lily, para o jardim, longe de Maria e Sam. Eu parei de tomar Antabuse cerca de quatro meses atrás. Desta vez eu sentei todo mundo e disse a eles antes de fazer isso. Eu queria me testar sem as pílulas. Um desafio que eu tinha certeza que poderia derrotar. Eles concordaram que eu estava sóbrio tempo suficiente para jogar as pílulas fora. Para tentar.

Não tenho uma voz na cabeça que me diz: *você vomitará se tomar um gole de uísque. Você vai ficar doente. Não vale a pena.*

Este é o dia mais difícil que tive em anos.

E de acordo com meu pai, isso só vai piorar.

{ 44 }

1 ano : 07 meses Março

LOREN HALE

São 2 da manhã e meu celular não para de tocar.

Lily está vasculhando nossa revista em quadrinhos na cama, a folheando rápido demais. — Você vai atender? — Ela pergunta, lambendo o dedo, prestes a virar a próxima página.

— Eu pensei que nós tivéssemos conversado sobre lamber as páginas. — Ela coloca impressões digitais em todos os quadrinhos quando ela faz isso.

— Eu não estou lambendo as páginas, — ela refuta. — Eu estou lambendo meu *dedo*. Pessoas inteligentes fazem isso.

— Como quem?

— Connor Cobalt, — ela observa.

— Sim? Bem, ele é uma pessoa estranha e inteligente, então ele não conta. — Meu celular toca *novamente*. Eu gemo internamente e desligo, não reconhecendo o número.

— Eu vou contar para ele que você disse isso.

— Ele provavelmente aceitará isso como um elogio, — eu digo, me aproximando dela. E então meu celular toca *novamente*. — Jesus Cristo. Quem deu meu número para um operador de telemarketing?

— Não fui eu, — diz ela rapidamente. — Talvez alguém tenha postado online. Isso aconteceu com Ryke, você sabe.

— Eu também não estou dormindo com garotas aleatórias que decidiram compartilhar meu número com o mundo, — eu digo irritadamente, mais por causa do meu celular do que qualquer coisa. Ryke também deveria ser mais cuidadoso com essa merda. Ele não se importa, no entanto. Ele mal se importa com o que alguém pensa dele.

Eu não posso ser assim. Não completamente.

Quando o próximo toque vem, eu gemo alto. Prestes a silenciar meu celular. Em vez disso, atendo a ligação. Meus olhos se estreitam no edredom, o celular

frio no meu ouvido. — Quem é? — Eu estalo.

— É Mark Johnson da GBA News. Como você está hoje, Loren?

Um arrepio passa pela minha nuca. Já se passaram três semanas desde a festa da Daisy na piscina - desde que meu pai me atacou com aparentemente nenhuma razão. *Esse é o porquê*. Deduzo em dois segundos que uma série de repórteres tem tentado me alcançar.

Eu não posso fazer isso aqui, na frente da Lily. Eu lambo meus lábios. — Espere um minuto, — digo a ele. Meu peito contrai, e não importa o quanto eu me diga para relaxar, meus músculos continuam se contraindo.

Lily franze a testa para mim. — Quem é?

— Você pode salvar a página na história em quadrinhos? — Eu pergunto. — Não a marque; apenas lembre-se da página.

— Sim, — ela diz suavemente enquanto eu balanço minhas pernas sobre a cama e saio do nosso quarto, fechando a porta atrás de mim. Eu praticamente pulo escada abaixo e faço meu caminho para a cozinha, fora do alcance de Lil. Se isso tem a ver com ela, preciso das respostas primeiro. Então eu posso contar isso para ela gentilmente.

Eu tento expirar, respirar completamente, mas a pressão na minha caixa torácica só me machuca.

— Ok, — eu digo para Mark, de pé entre a ilha da cozinha e a pia. — Isso é sobre o quê?

As pessoas gritam no fundo - no seu lado, não no meu. — Desculpe, — ele pede desculpas com uma respiração pesada, como se estivesse andando para outro lugar. O ruído interferente desaparece de repente. Eu ouço uma porta se fechar. — A redação estava ficando louca quando você atendeu a ligação. Sabemos que outras redes estão tentando entrar em contato com você também. — E ele é o primeiro que eu atendi.

— Não se iluda, — eu digo friamente. — Foi aleatório que eu atendi sua ligação.

— E eu agradeço cem por cento, — Mark diz rapidamente, como se para me manter na linha. — Eu sei que esse está sendo um momento difícil para você e sua família, Loren, mas nós adoraríamos ouvir o seu lado da história. Você tem uma declaração ou qualquer coisa que você gostaria de dizer? Se você não tiver tempo, ficaremos felizes com apenas uma pequena cotação.

O que poderia ser *tão* interessante assim que ele iria rastejar por uma merda de declaração? Quando o vício em sexo de Lily se tornou público, os repórteres

não me perseguiram assim. — Que tal você começar me dizendo o que está acontecendo.

Seu choque amplifica esse silêncio pesado e cria uma quantidade insuportável de tensão. Eu tento exalar, mas é como se navalhas estivesse cortando através de mim.

— Tem sido notícia desde 1:00 da manhã. — Ele faz uma pausa. — Eu pensei que você já tivesse ouvido.

Eu agarro o balcão da pia, me inclinando. Eu poderia desligar, ler uma reportagem online. Ver as manchetes. Ligar a televisão. Mas tenho a resposta na palma da minha mão. Agora mesmo. E nada me motiva a largar o celular. Se eu desligar, posso perder minha cabeça. — Apenas me diga. — Minha voz é dolorosamente profunda.

Ele limpa a garganta. — Seu pai está sendo acusado de molestar você. — Ele continua falando, mas as palavras não se registram no meu cérebro. Eu olho fixamente para a pia branca. *Seu pai está sendo acusado de molestar você.*

Há uma dor enterrada tão profundamente dentro de mim. Eu nunca toquei nela, nunca senti ela até hoje. — Não é verdade, — eu digo, tremendo com emoções que não posso resolver. — Não é verdade. Aí está sua citação. — Eu desligo e imediatamente ligo para o número do meu pai. Minha mão treme quando eu esfrego meus lábios. A linha clica. — Pai? — E tudo começa a sair de mim. — Não é verdade. Que fodido doente diria isso? — Eu quase grito. Isso sobe na minha garganta e se transforma em um grito silencioso, o som completamente perdido. Líquido quente molha meus olhos e eu afundo no chão, me encostado nos armários.

"Loren Hale" sempre foi sinônimo de: *fracasso, fodido, bastardo, alcoólatra, o namorado de Lily Calloway*. Esses são os títulos que o mundo me deu. Eu nunca, na minha vida, acreditei que isso pudesse estar ligado ao meu nome, ao do meu pai.

— Foi um amigo da família, — é a primeira coisa que meu pai diz. — Ele fez essas acusações para manchar minha reputação, o nome da minha empresa. — Ele solta uma risada fraca e irritada. — A Hale Co. produz produtos para bebês, e quem acredita nessa mentira provavelmente vai nos boicotar. — Ele não diz: *porque quem quer um carrinho feito por um pedófilo*? Ele não consegue pronunciar as palavras.

Eu descanso a minha cabeça na madeira, percebendo que ele não podia me dizer na piscina porque ele não conseguia aguentar. Ele tentou, mas não saiu.

— Ninguém vai acreditar, — digo em voz baixa. — Eu já fiz uma declaração. Eu disse que isso não aconteceu. — Tudo vai passar, como qualquer outro boato.

— Há uma investigação, Loren, — diz ele.

— O que? — Meu nariz se inflama, piscinas quentes brotando em meus olhos.

— Eles vão falar com seus professores da Dalton Academy, talvez alguns de seus professores da Penn antes de você ser expulso. Alguns amigos.

Eu enterro meu rosto em minhas mãos, uma onda se debatendo contra mim. A correnteza me engole todo.

— Eu não vou adoçar nada, — diz ele com uma voz áspera. — Você tem idade suficiente para ouvir a maldita verdade. — Ele inala em voz alta. Expira grosseiramente. — Eu já apresentei um processo de difamação, mas depois do que nossa família passou... com o reality show. — Eu ouço o gelo tilintar contra o seu copo. — Nós nos tornamos celebridades com quase nenhuma privacidade, e para ganhar um caso de difamação, vamos ter que saltar através de mil e quinhentos aros.

— Então, o que faremos? — Eu pergunto, a raiva aumentando. — Nós vamos apenas esperar? Nós vamos *esperar* que essas alegações desapareçam? Eu disse ao repórter que isso *nunca aconteceu*, e é sobre *mim*. Caso encerrado.

— Não, filho, — diz ele. — Não.

Um grito quase sai da minha garganta neste momento. Eu o forço para baixo, a dor inchando meu estômago. — Por que não?

— Você tem vinte e três anos. Você foi para a reabilitação. Sua palavra não significa nada para ninguém, porque eu poderia ter manipulado você. — Ele faz uma pausa, mais gelo batendo no vidro. — Isso é maior que nós dois, Loren. É sobre as pessoas ao nosso redor, que podem garantir nosso relacionamento como pai e filho.

Acabou, ele está dizendo. Ninguém nos entende. Ele não é o melhor pai, mas nunca me tocou assim. Ele nunca abusou de mim - não desse jeito. E eu odeio... Eu fodidamente odeio que isso vai ser uma parte de mim, pelo resto da minha vida.

E todos os dias, vou ter que repetir as mesmas palavras várias vezes: *meu pai não me molestou*.

Eu esfrego meus olhos que ardem e estão molhados com emoções que eu nunca senti. Eu queria ser como Ryke. Eu gostaria de não dar a mínima para

como outras pessoas me veem. Como alguém consegue esse tipo de força?

Eu me agarro a um pedaço de esperança. — As pessoas próximas a nós irão...

— Não, — ele estala, me cortando. — Pare de ser delirante. Eles estão procurando respostas em outras duas pessoas. Elas são as mais importantes. Não você, não eu, não Greg Calloway ou sua namorada.

Eu engulo em seco. — Quem então?

— Minha ex-esposa vadia e meu outro filho.

Sara Hale E Ryke Meadows.

Ambos odeiam Jonathan. Não suportam olhar para ele. Por que eles testificariam *a favor* dele? Acabou. Não há nada que possamos fazer além de viver com essa notícia.

— Eu entendo, — eu finalmente digo. Eu só quero me afogar. Quero entorpecer as partes de mim que não podem suportar essa realidade. Eu só quero ir embora para sempre.

Talvez quando eu acordar minha vida seja diferente. Todos estarão felizes. Não haverá mais dor. Uma lágrima escaldante desce pela minha bochecha. Meu telefone escorrega da minha mão, batendo no chão. Eu alcanço o armário atrás de mim e encontro uma garrafa de Glenfiddich. Três quartos completo.

Eu tiro a tampa de cristal e coloco a borda nos meus lábios.

Hesito por apenas um segundo antes que o líquido afiado escorregue pela minha garganta.

{ 45 }

1 ano : 07 meses Março

LILY CALLOWAY

Eu dormi com a história em quadrinhos aberta no meu peito. Eu me desperto, meio dormindo. — Eu estou acordada, — eu praticamente bufo as palavras e pisco rapidamente. Oh merda, qual era o número da sua página? Quarenta e sete? Ou quarenta e nove? Em algum lugar na casa dos quarenta, com certeza, certo?

Eu folheio a história em quadrinhos apressadamente. — Lembrei-me de sua página, — eu minto. *Eu vou encontrar.* — Eu não fui tão longe quando você saiu... — Eu paro quando vejo seu lado da cama. Sem ninguém. O cobertor do jeito que ele deixou quando rastejou para fora. Eu vejo o relógio na mesa da cabeceira.

5 da manhã.

Talvez ele tenha adormecido no sofá, eu penso primeiro. Mas não me lembro de uma vez em que ele tenha feito isso antes. Meu coração pula e eu escorrego da cama, com uma calcinha de algodão preta e uma blusa branca. A probabilidade de encontrar Connor é cerca de cinquenta a cinquenta desde que ele acorda cedo para ir trabalhar, mas eu não perco tempo colocando calças de pijama.

Eu apenas saio rapidamente pela porta, meus pés descalços encostando nas tábuas do chão enquanto desço as escadas. A sala de estar está escura como breu e eu ligo a luz. Meus olhos percorrem a mobília, travesseiros afofados, sem sinal dele.

OK. Passo através do arco para a cozinha, a luz do micro-ondas ligada. — Lo? — Eu sussurro, caminhando mais.

E então eu congelo, meus olhos ficando grandes. — Lo? — Sua mão mole sai de trás da ilha. Eu acordo com puro pânico, meu coração em queda livre. — Lo! — Corro para o espaço entre a pia e a ilha, e encontro Lo meio apoiado no armário, com a cabeça caída para o lado, o corpo caído.

Eu caio de joelhos e toco seu rosto, seus olhos fechados como se ele estivesse dormindo. Eu sinto seu pulso lento, batendo lentamente.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. — Lo, Lo... — *O que você fez? O que você fez?* Eu vejo a garrafa de uísque ao lado dele, quase tudo desaparecido. — LO! — Eu grito. Ele desmaiou. Mas isso é diferente. Ele não bebe álcool há muito tempo. — Acorde! — Eu balanço seus ombros um pouco. Espero que ele abra os olhos. Ele não está morto. Ele não está morto. Eu o levanto por baixo de seus braços. *Estamos indo para o hospital, Loren Hale. Apenas segure firme.* — Você espera por mim, ok? — Eu choro, tentando levantar seu corpo com o meu.

Eu não sou forte o suficiente.

Eu caio no chão novamente, o peso de seus músculos superando meus braços magros.

— Lily! — Rose corre para a cozinha, vestida com um roupão preto. — O que... — Sua voz falha.

Eu estou emaranhada com os membros de Loren Hale enquanto ele está completamente, perigosamente inconsciente.

— Connor! — Rose grita, medo saindo de sua voz.

Me aterroriza dez vezes mais. — Estou tentando levá-lo para o carro, — digo a ela, meu corpo tremendo. — Eu vou levá-lo para... o hospital.

— CONNOR! — Rose grita.

Ele corre para a cozinha, o cabelo molhado, sem camisa, calças de pijama azul marinho, como se ele tivesse acabado de sair do chuveiro. Ele entra em ação mais rápido que Rose. — Vá ligar o carro, Rose, — ele ordena, sua voz estoica. Mas há algo por trás dos olhos de Connor Cobalt que eu não gosto.

— Nós temos que ir, — eu digo através de uma cascata de lágrimas. Eu tento levantar Lo novamente, mas Connor se espreme no pequeno espaço.

— Eu tenho ele, Lily. Você pode ir com Rose? — Ele olha de volta para minha irmã, que está olhando de olhos arregalados para Lo. — *Rose.*

— De quem é a garrafa de Glenfiddich? — Ela pergunta em um suspiro.

Connor facilmente levanta Lo em seus braços, sua cabeça pendurada como se estivesse... Eu seguro seu pescoço para que não pareça com isso. Então Connor ajusta o corpo de Lo, sua cabeça descansando contra o peito nu de Connor. Melhor. Eu lidero o caminho, pegando o braço de Rose para que ela me siga.

Vi Loren Hale desmaiar de bêbado, mais vezes do que posso contar. Rose

não o viu assim. E mesmo que algo brutal aterrorize todos os nervos do meu corpo, só penso em uma coisa: *ele precisa de ajuda.*

Eu não quero acordar amanhã e perceber que não fiz a coisa certa para ele. Eu não quero me arrepender de não me mover mais rápido. Eu não quero abrir meus olhos e ver que ele se foi para sempre. Então eu chupo essa dor e vou para frente. Para a garagem. Para o Escalade de Rose.

— Connor, — Rose diz baixinho enquanto Connor carrega Lo, dois passos atrás de nós. Eu olho para trás, só para ter certeza de que Lo ainda está lá.

— Você precisa dirigir, — diz ele, admitindo que não pode.

Rose balança a cabeça rapidamente e respira fundo, seu rosto de jogo voltando. Ela destrava o carro e se dirige para o banco da frente.

Eu abro a porta de trás, e eu deslizo primeiro. Connor gentilmente descansa Lo ao meu lado, sua cabeça no meu colo. Concentro-me no modo como o peito dele sobe e desce, tão discretamente que é difícil de ver. *Apenas continue respirando, Lo.* Eu penteio seu cabelo para fora do rosto dele e, quando Connor fecha a porta do passageiro, estamos indo para o hospital.

Minutos devem se passar, no silêncio do carro, antes que alguém fale.

— Era meu, — diz Connor. Não consigo ver sua expressão do banco de trás, mas ele cobre os olhos com a mão. Algo que ele quase nunca faz. — Era o meu álcool.

Rose estende a mão e segura a mão de Connor entre os assentos.

Eu beijo a testa de Lo. *Você espere por mim, Loren Hale.* — Me prometa, — eu sussurro, piscando para conter as lágrimas. Eu posso tentar segurá-lo o mais firmemente possível, mas no final, ele pode escorregar pelo meu aperto a qualquer momento. Ele pode se afastar sem mim.

Por favor, não hoje.

{ 46 }

1 ano : 07 meses Março

LILY CALLOWAY

Eu esqueci que eu estava vestindo apenas calcinha e uma blusa transparente. E eu realmente não me importo. Embora a equipe do hospital me tenha dado uma calça azul. Eu coloquei uma cadeira o mais perto possível da cama de Lo, e seguro sua mão, tubos presos em sua pele e correndo para um saco de soro com fluidos.

Eles bombearam seu estômago. Agora ele só precisa acordar.

— Você não deveria ter álcool em qualquer lugar na *porra* da casa! — Ryke grita.

— Eu trouxe para casa depois de uma festa da empresa. Eu não pensei...

— Você está vivendo com um alcoólatra, Connor! Você não se importa com ele? — Suas sombras estão altas atrás de uma cortina cinza, dentro do agradável quarto do hospital com um sofá e um banheiro. A porta está fechada, então espero que ninguém possa ouvi-los no corredor.

— Sei que você está chateado...

— *Você* deveria estar chateado! — Sua voz treme, e sua sombra anda para frente e para trás enquanto Connor permanece fixo no lugar. — Você sabe o que você fez?! — Enquanto Ryke olha diretamente para Connor, há a mais longa pausa na história das pausas.

E então suas formas colidem, a silhueta de Ryke empurrando Connor rudemente. Algo faz barulho no chão enquanto Connor se defende, empurrando Ryke de volta. Meu coração dispara, especialmente quando um cotovelo ou braço bate na cortina. Eu não posso ver nada, sério.

Estou surpreso que Connor não está acalmando o Ryke. Ele está deixando o irmão de Lo atacá-lo desta vez. A sombra mais agressiva prende a outra na parede, ambas respirando pesadamente.

— Eu confiei nele, — diz Connor em voz baixa.

— Você não pode confiar em um fodido alcoólatra, — Ryke rosna.

— Eu confiei no meu *amigo*, — responde Connor. — Eu o vejo todos os dias, Ryke. Se eu soubesse das alegações, nunca o manteria fora da minha vista.

— Você sabe o que eu acho? — Ryke pergunta, fumegando. — Eu acho que você gosta de ser o super-herói do meu irmão. Eu acho que você gosta do jeito que ele olha para você, como se você fosse invulnerável. Enquanto ele está embaixo de você, fraco, procurando orientação e você tira proveito de tudo isso...

— *Para*, — diz Connor com força, e eu posso ver seu peito subindo.

— Diga-me que estou errado, — diz Ryke. — Diga-me que você *não* está o destruindo.

— Eu o amo, — diz Connor com tanta convicção. — Eu nunca prejudicaria Lo intencionalmente.

A porta de repente se abre, e os caras imediatamente se separam.

Eu ouço o barulho de saltos. Rose para no meio do caminho para o quarto. — Se eu interrompi alguma coisa, talvez vocês dois devessem perceber que estão brigando na frente da minha irmãzinha. Ela tem uma audição fodida, vocês sabem. — Rose falou mais palavrões hoje do que de costume. Eu quase me pergunto se Ryke está fazendo algum efeito nela. Ela afasta a cortina e todos olham para mim.

Lágrimas secas, minha mão entrelaçada na de Lo. Eu estou apenas esperando, isso é tudo.

Rose tem quatro cafés em uma caixa e ela se aproxima, passando-me um. — Dr. Banning queria que eu perguntasse se você já pensou em sexo.

Meu terapeuta. Eu falei com ela a um tempo atrás. Minhas bochechas ficam vermelhas, e meus olhos piscam para Connor e Ryke, que permanecem inabalavelmente ao pé da cama.

— Não, — eu sussurro. Eu fico triste e geralmente lido com sexo. Não dessa vez. Eu suprimi a maioria dos pensamentos sobre orgasmos, sobre aquela corrida que me levaria para longe daqui. — Lo tem estado lá por mim por tantos meses. — Dizer as palavras em voz alta as torna insuportavelmente reais. — Eu quero ser forte para ele. — É a minha vez agora. Estou pronta para isso.

— Estou orgulhosa de você, Lily, — Rose me diz, me dando um sorriso. Quando ela se vira para os rapazes, os dois esticam as mãos para pegar seus cafés. Ela puxa a bandeja para o peito. — Sem café para vocês. Não até que vocês parem de brigar por algo que não é culpa de *ninguém*.

— Rose está certa, — eu digo baixinho. — Lo não gostaria que vocês

discutissem sobre isso. — Ele se culparia se ele acordasse e ouvisse Connor e Ryke brigando.

Todos me perguntaram se as alegações eram verdadeiras. Nós ficamos sabendo sobre isso no momento em que os médicos começaram a bombear seu estômago. Eu disse *não*. Eu não posso nem por um segundo acreditar que eles são verdadeiros. Lo teria me dito.

Rose e Ryke pareciam ter dúvidas. E me magoou pensar que nossos amigos, seu irmão, talvez nunca acredite na verdade. Nós dois somos conhecidos por mentir. É difícil aceitar qualquer coisa que dizemos como fato. Então eu entendo, mas não dói menos.

Todo mundo fica no quarto, tirando o dia de folga do trabalho enquanto eu pulo todas as minhas tarefas na faculdade. Eu não me junto a eles no sofá. Eu apenas seguro a mão de Lo enquanto ele dorme.

Uma hora se passa antes que ele finalmente se mexa. Suas pálpebras se abrem lentamente e ele pisca algumas vezes para se orientar. Connor, Rose e Ryke saem do quarto antes mesmo de Lo acordar completamente, com medo de que suas presenças o dominem.

É só Lo e eu.

Quando ele finalmente vira a cabeça para me ver, há algo tão vitalmente doloroso naqueles redemoinhos âmbar. Nós já estivemos neste lugar antes. Ele em uma cama de hospital. Eu na cadeira. Eu faço o que fiz quando éramos adolescentes. Eu passo-lhe um copo de água.

Ele balança a cabeça lentamente e diz: — Deite-se ao meu lado.

Eu coloco a água na pequena bandeja na mesa ao lado da cama e subo na cama larga. Seus braços me envolvem antes que os meus envolvam seu peito, enroscados em alguns fios. Nossas pernas se entrelaçam, suficientemente abraçadas e conectadas.

É tranquilo e ouvimos a respiração um do outro por alguns minutos.

— Lo, — eu sussurro, meus dedos fazendo círculos em sua camisa preta. — Eu só quero que você saiba que se você deixar este mundo, eu não vou ficar nele por muito mais tempo. — Ele é um pedaço de mim. Você o retira e é como passar a vida sem pulmões.

Isso é o quão profundo nosso amor realmente vai.

— Lil... eu não... — Ele segura meu rosto, nossos lábios a centímetros de distância. — Essa não foi minha intenção. Eu nunca faria isso com você.

Eu enxugo suas lágrimas antes que elas caiam bem abaixo de sua bochecha.

— Quanto eu bebi? — Seu rosto se contorce. Ele não achou que tivesse passado do limite, percebo. Inicialmente, eu também não achei.

— A maior parte da garrafa, — eu digo.

— Eu deveria apenas ter desmaiado, — ele diz confuso.

— Você bebeu rápido demais e não toma álcool há *anos*, Lo. Isso faz a diferença. — O médico disse que sua tolerância está diferente. Ele não pode beber a mesma quantidade extrema que ele costumava consumir.

Ele fecha os olhos. — Eu sinto muito.

Eu o seguro mais apertado. — Eu teria ficado chateada também, — eu sussurro, — mas vai ser mais fácil do que você pensa.

— É? — ele pergunta.

— É.

Seus olhos se abrem, mas parecem distantes, perdidos pelos rumores que se espalham como fogo. — Eles não são verdadeiros, você sabe.

— Eu sei. — Beijo seus lábios, e ele me puxa ainda mais para perto e me beija de volta com mais força, cheio de desespero ansioso que destrói minha alma. Minhas pernas apertam sua cintura. Eu me afasto primeiro. — Lo...

Ele respira pesadamente. — Talvez você não devesse... ficar perto de mim por um tempo.

— Não, — eu digo. — Você não pode me habilitar.

— Por que? — Pergunta ele, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Porque eu posso resistir ao seu charme, Loren Hale. — *A menos que ele o imponha, nesse caso, eu terei que me virar para me recompor.*

Ele ri em um sorriso fraco e dolorido, e então ele balança a cabeça, suas feições se despedaçando. — Eu não quero ser fraco.

É uma das coisas mais humanas que ele já disse.

Eu beijo sua testa e ele beija meu nariz com a mesma rapidez. Eu sorrio um sorriso que está cheio de lágrimas e esperanças e promessas não ditas. — Você não vai ser. Não por muito tempo.

{ 47 }

1 ano : 11 meses

Julho

LOREN HALE

16 de junho se passou. Eu me lembro de Lily escolhendo a data para o nosso casamento como um sonho. Eu acharia que não era real se a Lily não tivesse marcado o dia no nosso calendário com estrelas. Antes de eu beber, nós conversamos brevemente sobre um local, em algum lugar na costa, mas depois que eu quebrei minha sobriedade, nós apenas esquecemos disso.

Nossa energia foi focada em outros lugares. Eu gostaria de poder dizer que eu não provei álcool depois daquela noite, mas é muito mais fácil quebrar minha sobriedade novamente agora que eu fiz isso uma vez.

Eu não tenho razão há algum tempo, não desde março. Alguns dias mal posso tolerar a idéia de começar uma manhã sem algo para me fazer passar por ela. Eu não posso me forçar a tomar Antabuse. A única coisa que me mantém aqui é a Lily. Eu tento fazer todos os dias contarem para alguma coisa. Para ela. Quando eu estrago tudo, ela não age como se fosse o fim do mundo. Ela me diz que o dia seguinte será melhor.

Mas às vezes eu acho que meu pai estava certo. Eu nunca serei nada mais que um bastardo.

{ 48 }

2 anos : 01 mês Setembro

LOREN HALE

Corro atrás do meu irmão, pela rua suburbana de Princeton, em Nova Jersey. Ele nem sequer tenta diminuir a velocidade. Não quando meus tendões gritam para parar. Para dar um único intervalo. Meu peito arde como se um animal quisesse se arrastar para fora de mim. E ele apenas olha para trás, como se quisesse dizer, *mexa-se*.

Eu não posso correr tão rápido quanto ele. Eu não consigo acompanhar, nem mesmo quando minhas panturrilhas queimam. Nem mesmo quando eu forço meu pé na frente do outro, cada um pesado como chumbo.

Ele alcança o carvalho no final da rua primeiro - é claro. Eu paro e descanso minhas mãos na minha cabeça, minha mandíbula trava quando eu olho para ele, chateado. Comigo, principalmente. Por não poder correr ao seu lado. Eu quero.

Deus, eu quero.

— Você não pode ser fácil comigo apenas uma vez? — Eu pergunto, empurrando fios úmidos de cabelo da minha testa.

— Se eu diminuísse a velocidade, estaríamos *andando*, — retruca Ryke, nem mesmo sem fôlego. Ele estica o braço por cima do ombro. Se eu dissesse a ele para fazer cem flexões agora, acho que ele nem suaria.

Eu reviro meus olhos e franzo a testa. Eu queria deixar tudo para trás, apenas seguir em frente com as alegações - a merda estúpida online, o jeito que as pessoas *olham* para mim quando eu ando por uma rua - mas eu não posso. Eu não sei como liberar essa tensão do meu corpo. Isso *nunca* vai embora. Não com algo além de álcool.

Eu me agacho para tentar respirar direito. E então eu esfrego meus olhos.

— Do que você precisa? — Ele me pergunta.

— De um maldito copo de uísque. Um cubo de gelo. Acha que pode fazer isso por mim, *mano*?

Ele me encara de volta. — Você quer um copo de uísque? Por que eu não te

empurro na frente de um trem de carga? É a mesma coisa.

Eu me levanto e solto uma risada curta. — Você quer saber como eu me sinto? — Eu estendo meus braços, meus olhos em *chamas*, como se eu estivesse no meio do caminho entre o choro e a raiva. — Eu sinto que estou saindo da minha maldita mente, Ryke. Me diga o que devo fazer? Hã? Nada leva essa dor embora, nem correr, nem foder a garota que eu amo, *nada*.

Eu peço a Deus para que eu possa encontrar uma saída fácil. Uma correção fácil. Qualquer coisa, exceto álcool. Eu aceitaria isso em um piscar de olhos. Mas não há *nada* que eu possa fazer além de lidar com essa merda. Tentar seguir em frente, deixar para lá. Está demorando muito mais do que eu imaginava.

— Você recaiu algumas vezes, — diz ele. — Mas você pode voltar para onde você estava.

Eu balanço minha cabeça, uma reação instintiva.

— E daí? Você vai beber uma cerveja? Você vai beber uma garrafa de uísque? Então o que? — Ele continua, os olhos brilhando. — Você vai arruinar seu relacionamento com Lily. Você vai se sentir um *merda* pela manhã. Você vai querer estar fodidamente morto...

— O que você acha que eu estou desejando agora?! — Eu grito, apontando o dedo para a porra do chão. — Eu me *odeio* por quebrar minha sobriedade. Eu *odeio* que eu esteja neste lugar da minha vida novamente. — Eu gostaria de poder voltar no dia em que eu quebrei minha sobriedade um milhão de vezes. Eu gostaria de nunca ter atendido o telefone. Eu queria voltar para o andar de cima e me arrastar na cama. Eu gostaria de segurar Lily e desaparecer do mundo com ela.

Eu gostaria.

Eu gostaria.

Eu gostaria. E nada nunca se torna realidade.

Seu rosto cai e ele levanta a mão como se dissesse *se acalme*. — Você estava sob muita pressão.

— Você está sob a mesma pressão, — eu replico. A mídia pede a ele uma declaração sobre as alegações quase todos os dias. — E eu não vi você quebrando sua sobriedade. — Meu irmão - inquebrável, inflexível como as pedras que ele sobe. Nada pode derrubá-lo.

O ciúme e o ressentimento são horríveis.

— É diferente, — diz Ryke, sua voz menos hostil e agressiva. — A mídia estava dizendo uma merda horrível, Lo. Você lidou com isso da primeira

maneira que você soube como. Ninguém te culpa. Nós só queremos ajudar você.

O suor se acumula na parte de trás do meu pescoço. Não é de correr pela rua. — Você não acredita neles, não é? — Pergunto. Eu posso ver a resposta em seus olhos, quase toda vez que falamos sobre os rumores de abuso sexual.

— Em quem? — Ele pergunta.

— Nas notícias, em todos os repórteres... você não acha que nosso pai realmente fez essas coisas comigo? — *Diga não. Apenas diga não.* Eu preciso que ele acredite em mim.

Ele parece fisicamente magoado, sua resposta tão clara.

— Não é a porra da verdade! — Eu grito. Por que meu próprio irmão não pode acreditar em mim? Eu o conheço há três anos. *Três anos*. Isso deve valer para alguma coisa.

— Ok, tudo bem. — Ele levanta as mãos novamente. — Você só tem que seguir para frente, porra. Não se preocupe com o que as pessoas pensam.

Eu rio internamente, cheio de agitação. *Não se preocupe com o que as pessoas pensam*. Eu inalo profundamente e olho para o céu com o olhar mais sombrio que tenho. — Você diz essa merda, Ryke, como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Você sabe como isso é chato? — Eu viro minha cabeça, encontrando seus olhos.

— Eu vou continuar dizendo isso, só para irritar você.

Eu solto outro suspiro profundo. OK.

Ele esfrega a parte de trás da minha cabeça e acena para a minha casa na rua. Eu o sigo por alguns passos, e vejo a maneira como os músculos dele cortam em linhas definidas - lembrando-me de que ele é um atleta. Um tipo diferente. Ele pode não ter um emprego das nove às cinco, mas ele tem objetivos.

Objetivos que ele colocou em espera para estar aqui por mim. Não quero que ninguém pare a vida porque tive que pisar no freio da minha.

Eu paro no meio da estrada tranquila, de manhã. Sem câmeras. É a melhor hora para correr. Eu lambo meus lábios. — Sobre a sua viagem para a Califórnia... Eu sei que não tenho perguntado sobre isso em meses. Eu fui muito egoísta...

— Não se preocupe com isso. — Ele gesticula com a cabeça para a casa. — Vamos fazer um café da manhã para as meninas.

— Espera. Eu tenho que dizer isso. — Eu engulo em seco. — Eu preciso que você vá. — Ele tenta me cortar, mas eu corro para frente. — Eu já posso

ouvir sua porra estúpida de refutação. E eu estou dizendo para você *ir*. Suba suas montanhas. Faça o que você precisa fazer. Você está planejando isso por um longo tempo e eu não vou arruinar isso para você.

Eu não posso machucar mais ninguém.

— Eu sempre posso reagendar. Essas montanhas não vão a lugar nenhum, Lo.

Eu coloco minhas mãos na minha cabeça novamente. Ele queria escalar sozinho essas formações rochosas na Califórnia por meses, talvez até mais do que isso. — Eu vou me sentir um merda se você não for, — eu digo. — E eu vou beber. Eu posso te prometer isso.

Ele apenas me encara.

Por que ele não entende? *Me deixe*. — Eu não preciso de você, — eu rosno. É uma mentira completa e absoluta. Mas eu não posso segurá-lo como um colete salva-vidas. Eu tenho que deixar meu irmão ter uma vida fodida sem mim nisso. — Eu não preciso que *você* segure a porra da minha mão. Eu preciso que você seja tão egoísta como eu uma vez em sua vida, então eu não me sinta como um merda em comparação a você, certo?

Ele me olha por um longo momento, com essa expressão dura como pedra que fica mais escura a cada minuto. *Por favor. Desista de mim. Só desta vez*. E então ele diz: — Ok, eu vou.

Eu exalo, uma pressão realmente se afastando de mim. Eu não percebi que eu estava carregando essa culpa por tanto tempo.

Ryke envolve seu braço em volta do meu ombro e diz: — Talvez um dia você possa me superar.

Sim. Talvez um dia.

{ 49 }

2 anos : 01 mês Setembro

LILY CALLOWAY

— O que eu faço? — Eu pergunto, meus ombros curvados para frente. Rose me arrastou para o banheiro do andar de baixo como se estivesse arando através de guerreiros espartanos volumosos. Considerando que eu provavelmente ficaria vermelha e me renderia às suas espadas, Rose simplesmente derrubou todos eles, uma mulher em uma missão. Nenhum homem pode impedi-la. Nem mesmo trezentos deles.

— Isso não é sobre você, — diz Rose, ajeitando o cabelo em um rabo de cavalo elegante.

Eu franzo a testa. — Você está se preparando para desentupir a privada?

Ela me dá uma olhada.

— O que? Você está arrumando seu cabelo. É toda a informação que eu tenho. — Ela não está me fornecendo nenhuma informação.

Quando ela abre a boca, alguém bate na porta. — O que vocês duas estão fazendo aí juntas? — Pergunta Lo, suspeita em sua voz. Isso *é* muito suspeito, vou admitir. Sessões de banheiro juntas só acontecem quando há várias cabines. A menos que, você sabe, *sexo*. Mas isso não pode ser um dos seus pensamentos. Porque, incesto.

Uh. Eu coro instantaneamente. Eu preciso de um pouco de água sanitária para limpar minha mente.

Imagino Lo encostado na parede, braços cruzados, e quase o convido para dentro. Mas Rose bate a palma da mão contra os meus lábios e me dá enormes olhos loucos.

Isso me assusta e me impulsiona para o lado da minha irmã. Seus olhos verde-amarelados são muito convincentes. Além disso, mesmo que ela tenha um talento para o drama, isso parece sério.

Rose deixa cair a mão, confiando em mim para ficar quieta, e então ela quebra a porta e enfia a cabeça para fora. — Duas palavras, Loren: *menstruação feminina*. — Ela bate a porta na cara dele.

— Ótimo, — ele grota de volta com irritação. — Eu diria para você falar

comigo de novo quando terminar sua TPM, mas você é sempre uma vadia. — Eu estremeço com essa resposta. Ele tem sido muito mais malvado desde que recaiu, mas isso também vem com uma porção ainda maior de culpa. Eu imagino seu rosto se contorcendo, e isso machuca meu estômago ainda mais.

Seus passos soam nas tábuas do assoalho, se afastando.

— Menstruação feminina? — Eu pergunto com o aumento das minhas sobrancelhas. — Isso é sobre o, Rose?

Ela passa por mim com fogo nos olhos e se agacha para pegar algo nos armários debaixo da pia. Seu silêncio me deixa nervosa.

Eu quase mordo minhas unhas, mas eu solto minha mão rapidamente. — Devo ir buscar Daisy? — Eu pergunto. — Se isso é tipo uma coisa de irmãs, devemos incluí-la, certo? — Eu me sinto mal deixando-a sozinha com os caras, especialmente desde que estamos todos juntos para celebrar sua viagem a Paris. Daqui a alguns dias, ela estará na Fashion Week, a primeira vez que ela comparecera sem a nossa mãe. É um grande negócio para ela, e Rose gosta de qualquer motivo para dar uma festa, mesmo que apenas amigos próximos participem.

Rose se levanta, segurando uma caixa de absorvente.

Eu a encaro. — Então, isso *é* sobre a sua menstruação? — Eu sinto que há um mistério aqui. Um que eu não estou programada para resolver.

— Não, — ela diz como se eu fosse uma idiota. Eu não vejo como *e*u poderia ser a idiota aqui. Ela abre a caixinha e tira um bastão familiar.

Meu pensamento apressado sai da minha boca. — Quem misturou um teste de gravidez com absorventes?

Rose franze os lábios. — *Eu* coloquei o teste aqui, — diz ela categoricamente.

Oh.

Ohhhhhhh. Meus olhos se arregalam em alarme, nunca acreditando ou registrando que *isso* realmente possa acontecer: Rose beliscando um teste de gravidez entre dois dedos. — Você não está...

— Estou atrasada.

Oh meu Deus. Isso está realmente acontecendo.

Eu simplesmente não entendo porque ela está mantendo isso em segredo. Claro, eu tive que passar por testes de gravidez mais do que eu gostaria de admitir em voz alta ou até para mim mesma. Vergões semelhantes a erupções começam a surgir quando eu penso tão longe no meu passado. Mas isso vem de

Rose - minha irmã que costumava comprar absorventes para mim porque eu corava muito forte no caixa.

— Por que o teste de gravidez incógnito? — Eu pergunto com a inclinação da minha cabeça.

Ela aponta uma unha bem cuidada para a priva. — Sente-se.

O que? — Hum, Rose, — eu digo hesitante. — Você deve sentar na privada, não a irmã da pessoa que pode estar grávida. É assim que os testes de gravidez funcionam...

Ela olha para mim como se estivesse tentando me murchar. Como se eu fosse *Loren Hale* - o único inimigo dela.

— Sou Team Rose. — Eu aponto para o meu peito. No espelho, eu vejo meus braços ossudos e a pele corada, parecendo muito bronzeada agora.

— Eu preciso que você faça o teste primeiro, — diz ela, empurrando o bastão em minhas mãos.

Agora eu fico pálida, o sangue correndo para fora de mim. — Por quê?

— Eu preciso de uma base, — diz ela. — Para saber que eles funcionam antes de eu tentar.

Isso soa... ridículo, mas Rose começou a andar de um lado para o outro, me preocupando um pouco. Seus olhos percorrem o banheiro como se ela estivesse pensando *muito* sobre o futuro. Não é segredo que Rose não gosta de crianças, ainda mais bebês.

— Eu pensei que você e Connor falaram sobre ter crianças, — eu digo suavemente, na ponta dos pés com muito cuidado sobre o assunto.

— *Aos trinta e cinco*, — diz ela. — Nós concordamos em ter filhos aos trinta e cinco anos. Isso não faz parte do plano.

Ela tem apenas vinte e cinco anos.

— Você sabe, — eu digo, — muitas mulheres têm bebês na sua idade. — Eu tento o meu melhor em ser solidária, mas ela me lança outro olhar fulminante.

— *Mije* no bastão. — Cada palavra soa como uma ameaça.

Eu respiro fundo. Ela fez muito mais por mim. Eu definitivamente posso fazer isso por ela. — Mas você não pode dizer a Lo que fiz um teste de gravidez - mesmo um em camaradagem. Ele vai surtar.

— Isso nunca vai acontecer, — ela promete.

Eu me aproximo da privada, abaixo minhas leggings e sento no assento frio. Eu me concentro na tarefa, com muito cuidado para não fazer xixi nos dedos

(essa é a parte mais complicada). Quando termino, puxo as leggings, coloco o bastão no balcão e lavo as mãos, esperando pelos resultados.

— Você é a próxima, — eu digo com um sorriso, tipo *viu, não é tão assustador, Rose.*

Ela inala bruscamente. — Vou esperar até vermos o seu.

— Vai ser melhor se você acabar logo com isso. — Ela vai desgastar seus saltos de dez centímetros se ela não parar de andar. Eu delicadamente lhe entrego a caixa de absorventes, mostrando a ela que não é tão ruim assim. — Provavelmente vai dar negativo de qualquer maneira. Você está tomando anticoncepcionais, certo?

— Eu não deixei de tomar um único dia, então você sabe o que isso significa?

— Que não há maneira de você estar grávida. — Eu exalo para ela e sorrio. Ela está sendo dramática por nada.

— Que eu sou *azarada*. Muito, *muito* azarada, Lily. O anticoncepcional é 99% eficaz, então o esperma sobre-humano de Connor de alguma forma penetrou nas defesas do meu corpo. Ele *ganhou*. Seu espermatozoide conseguiu fazer seu caminho e agora eu vou ter essa *coisa* crescendo dentro de mim por nove meses inteiros, enquanto ele vai desfilar em torno do fato de que ele engravidou uma mulher inexpugnável. — Ela exala depois daquele discurso retórico.

Meus olhos estão arregalados e acaricio seu ombro de ferro como suporte. Eu tento não pensar no esperma de Connor ou seu esperma usando uma capa de super-herói. — Se você tiver um bebê, pense em todas as roupas fofas que você pode vestir nele ou nela. — É o único pensamento positivo que eu posso pensar.

— Um bebê não é uma boneca, — ela refuta em um tom frio. Ela se inclina para a frente, forçando minha mão a cair. Eu duvido que fosse tão reconfortante assim mesmo. Ela retira com relutância o teste de gravidez da caixa de absorventes.

— Ok, — eu digo, reagrupando. — Então me dê uma razão pela qual você não gosta de crianças que não têm nada a ver com acessos de raiva e fraldas sujas.

Ela puxa a calcinha preta para baixo do vestido e olha para o bastão antes de fazer o teste. — Além do fato de que eles estranhamente vão parecer um híbrido de Connor e eu, — diz ela, — as crianças são reflexos de seus pais. Qualquer coisa que eles dizem ou fazem vai ser visto como um produto de

minhas escolhas parentais. — Ela balança a cabeça e esse medo estranho escurece seu rosto. — Não é como foder um teste de matemática, Lily.

Ela revira os olhos, suas guardas se levantando novamente. E então ela faz xixi no bastão. — O que o seu diz? — Ela pergunta.

— Negativo, — eu declaro antes mesmo de pegá-lo. Ela dá descarga na privada e eu pego meu bastão. — Duas linhas são... — Eu pego as instruções, meu coração catapultando para a minha garganta. Não…

Depois de esfregar as mãos com sabão e enxagua-las, Rose dá um passo à frente e olha por cima do meu ombro para ler o teste. — *Lily*. — Suas sobrancelhas sobem em acusação.

— Está quebrado! — Eu aponto para o bastão como se ele tivesse me traído. Eu o jogo na pia. Não há absolutamente *nenhuma* maneira de eu estar grávida. Certo. Certo?

Rose aperta meus ombros, girando-me para ela. — Fique *calma*, — ela diz em sua voz antipática.

Eu respiro fundo. Como se eu estivesse em uma aula de maternidade. Oh meu Deus. Eu já estou fazendo coisas de grávidas. Eu toco minhas bochechas que assam. — Estou queimando? Acho que tenho queimaduras de sete graus.

— Não existe isso, — diz ela.

— O que o seu diz? — Eu pergunto, prestes a olhar para o balcão.

Ela aperta meus ombros com mais força. — Concentre-se. Uma questão de cada vez.

OK. Mas não posso deixar de notar sua mudança de comportamento. Minha irmã apavorada e em pânico colocou sua atitude de solução de problemas com um pouco de excitação. Ela está evitando seus problemas, concentrando-se nos meus.

— Lo tem usado proteção?

— Não, — eu digo. — Connor tem usado?

Sua careta é mais profunda. — Eu estou tomando anticoncepcional. Já discutimos isso.

Ah, sim. OK.

— Respire, — ela me diz.

Eu solto um suspiro. Eu posso estar grávida. — Oh meu Deus.

— Quão atrasada você está? — Ela pergunta, ainda me interrogando. Meu cérebro está tentando atravessar cinco caminhos diferentes ao mesmo tempo.

— Hm... — Eu pisco repetidamente. — Oh, hm. — Eu balanço minha

cabeça para recolher meus pensamentos. — Eu pulo minha menstruação com o anticoncepcional. — Eu não sei o quão atrasada eu estou. Eu não sou Rose. Aposto que ela tem alertas em seu celular para seu próximo ciclo.

— E você tomou todas suas pílulas? Todo dia? Você não pulou uma vez?

— Eu estou bem com isso, — eu digo. — Eu sempre tenho... — Eu me encolho. Merda. Minha cabeça dói enquanto eu torço meu cérebro por respostas. Quando Lo recaiu e quando os rumores de abuso se incendiavam, em vez de se extinguir, tudo se tornava realmente confuso e estressante. Eu devo ter me distraído e esquecido.

A realização me faz dar alguns passos para trás, mas Rose ainda segura meus ombros, então eu balanço um pouco como se eu tivesse tomado muitas mimosas matinais. Isso não pode estar certo. — Está errado. — Não posso acreditar neste resultado.

Se estou grávida... Lo ficará arrasado. Ele já expressou que não quer filhos, não quando o alcoolismo é hereditário. E não estamos em um bom lugar para ter um bebê. Eu não sei se alguma vez estaremos.

— Tem que estar errado, — eu digo novamente, desta vez encontrando o olhar estreito da minha irmã feroz.

Eu espero que ela diga: *provavelmente está*. Ou: *não tem como você estar grávida*. Mas talvez pareça irrealista. Eu sou viciada em sexo. Eu deveria ter tido um acidente há muito tempo, certo? — Nós fazemos sexo anal, — eu deixo escapar, até levanto a minha mão como se isso resolvesse tudo.

— E?

— Então, temos muito, muito sexo anal, e o esperma não pode ir para o lugar certo nessa posição. — Estou me encolhendo, desviando da palavra "vagina" e "óvulos" de uma só vez.

— Tudo o que é preciso é uma vez por via *vaginal*, — diz ela. — E o que você está fazendo tendo *muito* sexo anal? Você não deveria estar tendo muito e muito de *nenhum* tipo sexo. Eu pensei que vocês dois estivessem sendo mais cuidadosos.

Nós não estamos.

Nós não temos tido cuidado desde que abandonamos a lista negra do meu terapeuta. Rapidinhas na hora do almoço. Sexo em público. Tornou-se nossa nova rotina. Uma que nos encheu de alegria e normalidade.

— Tem algo que eu tenho que te dizer. Por favor, não grite. — Eu enfio uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Um pouco antes do meu

vigésimo primeiro aniversário, Lo e eu não estávamos indo tão bem. Nós tivemos uma grande briga sobre sexo... — Eu engulo uma pedra na garganta. — Eu me sentia culpada por impedi-lo, e ele estava sempre se contendo ao meu redor. — Eu paro para avaliar a reação dela.

A raiva já assombra seu rosto em algo demoníaco, suas bochechas côncavas e os braços cruzados.

Merda. Eu apenas continuo indo. — Você vê, eu não queria que o cara que eu estou ficasse com medo de mim. E é isso que estava começando a parecer. Então...

— Vocês têm tido *muito e muito* sexo, — ela termina para mim, suas palavras cristalizando.

— Sim, e nós abandonamos as regras *sugeridas* pela minha terapeuta.

Sua boca cai. — Não...

— Foram *sugestões*, — enfatizo essa parte.

— Você contou para a Dr. Banning? Você deixou que ela falasse sobre o que você estava fazendo ou você e Loren mantiveram isso escondido *de todo mundo*? — *Bem, Daisy sabe*… mas eu não jogo minha irmã mais nova embaixo do ônibus. Sua lealdade deve ser recompensada.

— É a nossa vida sexual, — eu digo baixinho. — Nós pensamos que estávamos sob controle.

— Agora você está grávida, — ela diz. — Como isso está *sob controle*?

As lágrimas começam a transbordar e eu limpo-as rapidamente. — O teste pode estar errado...

Quando ela vê minhas lágrimas, ela revira os olhos, mas para de me atacar com todas as armas do seu arsenal. — Quanto é *muito*? — Ela pergunta, colocando as mãos nos quadris.

— Eu não sei... — Eu pisco, tentando lembrar a quantidade. — Talvez duas vezes, três, às vezes quatro.

— Todos os *dias*? — A palavra é cheia de ácido.

Minha resposta não trará sentimentos bondosos e bom humor, então meus lábios permanecem fechados. Eu apenas aceno.

— Por dois anos, Lily? — Ela parece que vai chorar. Talvez porque nunca confiei nela para compartilhar essa informação.

— Eu sinto muito, — eu sussurro. — Estava funcionando... — Até agora. Eu não posso tocar no meu abdômen. Existe realmente alguma coisa lá?

— Estou surpresa que você não tenha engravidado dez vezes.

— O teste pode estar errado, — eu exclamo, aderindo a esse pouco de esperança. Como posso dizer a Lo? Isso vai mandá-lo de um penhasco que eu tenho tentado afastar dele por meses.

— Vou agendar um horário no ginecologista para você, assim teremos certeza, — diz ela.

Eu aceno, e meu olhar se dirige para o balcão onde está o teste dela. Ela está com o olhar fixo no chão, assustada demais para enfrentar seu próprio destino. Então faço isso por ela, aproximando-me do teste de gravidez.

Duas linhas.

Igual ao meu.

Eu balanço minha cabeça, um peso saindo do meu peito com um único pensamento. — Esses testes têm que estar quebrados, Rose. Qual é a probabilidade de nós duas termos engravidado ao mesmo tempo? — Está tudo errado. Nós estamos bem.

— Não é impossível, obviamente, — diz ela, seu corpo rígido como uma tábua. — Vou marcar uma consulta para mim também.

Eu solto outro suspiro, desta vez tremo meu queixo. — Eu não posso dizer Lo, — percebo. Mesmo que seja verdade, eu não sei se posso contar a ele imediatamente. Isso vai destrui-lo tanto. Eu não quero causar dor a ele.

— Eu sei, — diz ela. — Eu não vou dizer a Connor.

Minha boca cai. — Por quê? — Ele *quer* filhos. Eles estão casados há pouco mais de um ano, e eles passaram por muitas coisas juntos, sem sinais de separação. Eles canalizam energia do universo que apenas estrelas nerds podem acessar. Estou certa disso.

A galáxia está do lado deles.

— Ele vai ficar *feliz*. — Ela diz a palavra como se fosse nojento. — E eu quero processar o horror desta situação o maior tempo possível sem ele regozijar e sorrir. — Ela levanta o queixo como uma declaração. — Se ele é realmente tão inteligente quanto ele diz ser, ele vai descobrir por conta própria.

Eu me pergunto se ela realmente quer fingir que isso não está acontecendo por um tempo. É estranho, mas Connor provavelmente gostará do desafio. Então, novamente, talvez não seja tão estranho. Ele é o Connor Cobalt.

Ela avalia meu estado mental por um segundo, devolvendo suas preocupações de volta para mim. — Ajudaremos uma a outra, — diz ela. — E não contaremos a ninguém até que você esteja pronta para dizer a Lo.

— *Se* eu estiver grávida, — digo, mas o sistema hidráulico já começou de

novo. Rose geralmente está certa. Ela é a inteligente, então o fato de ela não estar nem considerando uma imprecisão no teste - isso o torna mais real do que eu quero que seja.

Ela arranca um pedaço de papel higiênico e entrega para mim.

Eu seco meus olhos, percebendo que, se tivermos alguma chance de esconder isso, não posso deixar o banheiro angustiada e aborrecida. Eu fungo.

— Estou aqui para você, — diz ela naquela voz gelada de Rose Calloway. Estranhamente, é mais do que reconfortante. — Nós não vamos deixar a outra ficar para baixo.

Eu concordo. No final, tenho que fazer o que é melhor para Lo. Mesmo que doa.

{ 50 }

2 anos : 01 mês Setembro

LOREN HALE

— Onde está Daisy? — Rose pergunta, entrando na cozinha com Lily depois que elas passaram provavelmente quinze minutos juntas no banheiro. Connor está certo. Eu não deveria questionar essas coisas. É a Rose. Ela poderia ter perguntado a Lily sobre sexo, apenas muito preocupada.

Connor coloca bacon em uma tigela. Café da manhã para o jantar, a escolha de Daisy para sua festa de despedida. — Na garagem, — diz ele. — Ryke foi verificar ela.

Eu assisto Lily se aproximar de mim. Seu olhar me revira lentamente, aterrissando na minha virilha. Eu nem acho que ela percebe que está fazendo isso. O que realmente me faz sorrir. Ela para a um passo de mim, hesitando.

Dane-se tudo. Eu prendo meus dedos na faixa de suas leggings e puxo-a para o meu peito. Ela bate direto em mim, um suspiro escapando de seus lábios, e ela coloca as palmas das mãos no meu abdômen. Eu beijo o nariz dela e ela cora. — Lo, — ela sussurra, seu coração batendo rapidamente contra mim. O meu coincide com a velocidade do dela e eu beijo sua bochecha. Ela respira profundamente, necessidade piscando em seus olhos, mas também algo mais...

Ela olha para longe de mim, concentrando-se em Connor e Rose, que têm uns bons cinco metros entre eles.

Rose está com os braços cruzados. — Eu odeio o seu sorriso.

— Você ama meu sorriso. É por isso que te incomoda, querida.

— Sua lógica invertida não passaria da primeira rodada do Quiz Bowl Tournament."

Ele dá um passo para mais perto dela. — Minha lógica é o que fez meu time no Quiz Bowl Tournament ganhar. Quatro anos. Seguidos.

Ela o encara. — Eu espero que seu gato arranhe seu rosto hoje à noite, — ela diz. Rose até imita as garras com a mão.

Ele sorri como se ela tivesse lhe dado o melhor elogio.

Meus olhos voltam para Lily. — Lil?

— Você falou com Ryke sobre namoro? — Ela pergunta, esquivando-se da

minha provocação como se eu não estivesse a beijando. Normalmente ela pelo menos sorriria de volta.

— Sim... ele diz que não está com sua irmã. — *Todos* nós especulamos que algo está acontecendo entre ele e Daisy desde que ela se mudou para seu complexo de apartamentos. Ele não namorou uma única garota desde então. Ele até rejeita garotas quando elas tentam flertar ou oferecer seu número. É estranho.

— Talvez ele tenha uma namorada secreta que *não* seja Daisy, — Lily oferece uma teoria. Ele está com Daisy quase todos os dias. Connor nem pensa que isso é possível.

— Eu não sei...

Lily esfrega ansiosamente seu braço, e sua perna sobe em direção ao meu quadril, mais por impulso, um impulso ruim. Eu posso sentir a diferença agora.

— Você está bem, Lil? — Eu pergunto.

— Sim, — ela respira. Ela deixa cair a perna, se contorcendo.

— Você me diria se eu estivesse te empurrando longe demais?

Ela balança a cabeça rapidamente. — Estou bem, sério. Um pouco... — Ela se inclina e sussurra, — *excitada*. — Então ela cora de novo, mas acaba sorrindo nervosamente.

Meus lábios se levantam. — Eu não tinha ideia, — eu digo. — Nós vamos ter que fazer algo sobre isso mais tarde. — Eu beijo o canto de seus lábios, e seu corpo se curva no meu. Minha mão desce pelas costas dela, deslizando por baixo da calça dela...

— Loren, — Rose estala, arruinando completamente o momento.

Eu suspiro internamente e coloco algum espaço entre nós. — Sim?

— Que tal você não apalpar minha irmã quando estou no mesmo lugar que vocês?

A irritação apenas volta para dentro de mim. — Que tal você não foder verbalmente seu marido quando eu estou no mesmo lugar que vocês, obrigado? — Eu abro um sorriso.

Rose olha para mim como se eu fosse louco. — Eu nem sei do que você está falando.

Connor se inclina contra o balcão da cozinha com um sorriso crescente, colocando uma uva na boca. Sim, mesmo quando ele come, seus lábios puxam para cima em um sorriso rico.

— *Eu odeio o seu sorriso*, — eu a imito em voz alta. — *Sua lógica invertida não*...

sei lá o que. — Eu não posso nem mesmo imitá-la direito. Eu a aceno e vou em direção à porta. Eu preciso chamar meu irmão e Daisy de qualquer maneira. A comida está na mesa já.

Quando abro a porta, ouço a voz de Rose no fundo. — Eu não estava flertando com você, Richard.

Eu posso muito bem sentir o sorriso dele ultrapassar todo o seu rosto.

— Ei, — eu chamo, entrando na garagem e fechando a porta atrás de mim. — O jantar está... — Meu rosto cai, se transformando em uma série de emoções.

Ryke e Daisy estão em uma moto estacionada, juntos, com as pernas dela em volta da cintura dela, ela encostadas na lata de gasolina perto do guidão. O corpo dele está empurrado contra o dela, sem espaço entre eles. São milhas e milhas de distância longe de inocentes.

A pior parte: apenas alguns minutos atrás Ryke me disse que *nada* estava acontecendo. Eu não entendo. Eu não entendo por que ele tem que mentir para mim. Pergunto se ele tem sentimentos por ela. Ele diz que não. Eu pergunto a ele se eles estão fodendo. Ele diz que não. Pergunto-lhe *qualquer coisa* e ele me dá respostas que ele acha que eu quero ouvir. Ele está andando em cascas de ovos em volta de mim, e eu só preciso da porra da verdade.

Todos os dias, sinto que estou perdendo a minha maldita mente.

Raiva entra em mim. De tantos lugares. Eu não posso parar isso. Ryke sai da moto, agindo sem culpa sobre toda a provação. Daisy segue o ele e, quando estão de pé no concreto, eu explodo.

— Eu interrompi alguma coisa? — Eu pergunto ao meu irmão.

— Não, — diz Ryke. — Nós estávamos apenas conversando.

Eu aceno repetidamente. Há medos tão profundos que mal posso tocá-los. Ele poderia foder Daisy. Quebrar o coração dela. Ele poderia me trair. E quebrar o meu. Eu só preciso que ele me dê *alguma coisa*. Que ele me diga que a ama. Que ele me diga que *isso* é mais do que eu acho que é. *Qualquer coisa* que possa colocar essas dúvidas para dormir.

Eu pergunto, — Se vocês estavam apenas conversando, por que as pernas dela estavam enroladas na sua cintura?

— Lo, — Daisy corta. Ryke levanta a mão, silenciosamente dizendo a ela para ficar de fora.

— Somos amigos, — Ryke diz para mim.

Isso é tudo que ele me dá: *somos amigos*. Eu sacudo minha cabeça. — Amigos

não fazem nada assim. — Aponto para a Ducati que eles *estavam* em cima juntos.

Ryke aperta a ponte do nariz, endurecendo o maxilar. — O que você quer que eu diga?

Qualquer coisa. — Que isso que acabei de ver foi um erro! — Eu grito.

Seus lábios apertam. Ele apenas olha para mim. Eu quero dar um soco nele agora mesmo. Talvez então ele me diga a verdade.

— Foi um erro, — diz Daisy. — Eu queria ver como seria andar de moto ao contrário. Eu precisava da ajuda dele.

Eu olho entre eles. Ela está falando sério? — Essa é a melhor mentira que você pode inventar?

Ela sorri. — É a verdade.

— Isso não é uma piada, Daisy. Ele é sete anos mais velho que você. Ele esteve com mais garotas do que você provavelmente já percebeu. — Eu não quero trazer uma pessoa para sua vida que só vai fode-la e deixá-la. Eu não posso lidar com isso.

— Não, — ela diz, — percebo que ele dormiu com muitas mulheres, mas o número dele é provavelmente aquele que eu teria facilmente alcançado aos vinte e cinco anos.

Eu faço uma careta. Às vezes eu acho que ela coloca esse ato de *"eu sou tão velha e experiente"* apenas para o meu irmão. — Eu estou em um universo alternativo agora.

— Sério? — Daisy diz com um sorriso torto, um que ilumina todo o seu rosto. Isso me lembra que ela ainda é jovem e pode escapar de tudo isso. Eu quero algo melhor para ela do que meu irmão. Ela tem a oportunidade de deixar Filadélfia para trás, namorar um cara sem muita bagagem. Ela pode ser tão fodidamente livre. — Legal, — ela balança a cabeça. — É mais divertido aqui? Eu acho que é. — Ela se vira para Ryke. — O que você acha?

Seus olhos nunca me deixam. — Pare com isso. — E então ele diz, — Lo...

— Você não é bom o suficiente para ela, — eu o interrompo. — Você percebe isso, certo?

Os músculos de Ryke se flexionam, tão tensos quanto os meus. — Eu me importo com Daisy tanto quanto você, se não mais, então você não precisa jogar essa besteira superprotetora para cima de mim.

Eu quero acreditar nisso. Tanto. O lado de mim que eu odeio nunca vai. — Não é besteira se você está transando com ela, — eu digo.

— Nós não estamos transando, — ele grita.

A porta se abre e Connor, Rose e Lily entram na garagem.

Lily está ao meu lado com uma careta pesada. — O que está acontecendo? — Ela sussurra.

— Eu os peguei fodendo na moto dela. — Eu literalmente digo assim para que eu seja malvado.

Ryke geme. — Qual é! Nós dois estávamos na moto, totalmente fodidamente vestidos. Nós *nunca* fizemos sexo! — Ele balança a cabeça. — Quantas vezes eu tenho que dizer isso? — *Eu não sei. Eu não sei como te dar um tempo quando eu raramente recebo um.* É a parte mais cruel da minha alma. — Você quer saber, — diz ele, — nós podemos muito bem foder já que todos vocês acham que já fizemos isso mil vezes.

— Uou, uou. — Eu me encolho e levanto as mãos. — Eu não posso tolerar vocês fazendo isso uma vez. Então, por favor, me poupe da maldita imagem de que aconteceu mil vezes.

— Vocês dois, — Connor intervém, descendo as escadas que levam até a garagem, — parem por um segundo. — Ele fica entre nós. — Vocês estão exagerando.

Provavelmente. Mas às vezes é bom ver a raiva brilhar nos olhos do meu irmão. Como se estivéssemos em igualdade. É doente, eu percebo.

— Eu não gosto de ser acusado de coisas que eu não fiz, — Ryke rosna.

Isso quase me mata. — É? Como você acha que o papai se sente? — Isso sai antes que eu possa parar. A garagem morre com o silêncio, minha voz hostil ecoando. Eu não pressionei Ryke *uma* vez sequer por uma declaração. Eu não vou dar uma também.

Mas todo dia que ele fica quieto, é outro dia que eu luto sozinho. Tudo o que ele precisa fazer é ir à imprensa. É só isso. Se ele não pode fazer isso pelo nosso pai, então por que ele não pode pelo menos fazer por *mim*? Sim, eu não sou a melhor pessoa para estar por perto, mas ele esteve ao meu lado por três malditos anos. Isso tem que valer para alguma coisa.

Eu engulo, percebendo que ele não vai dizer nada. Eu não posso forçá-lo a falar. É uma coisa muito grande. — Ela tem dezoito anos, — digo a ele, me mantendo no assunto.

— Aqui vamos nós novamente. — Ryke joga os braços no ar. — Vamos ouvir isso, Lo. Ela tem dezoito anos. Ela é como sua irmãzinha. A mãe dela me odeia. Eu sei. Eu sei. Eu *sei*, porra.

A dor se agita através de mim. *Eu sinto muito.* Eu sinto? Eu apenas me sinto

como um merda. O braço de Lily desliza pela minha cintura e meus ombros começam a relaxar. Eu exalo.

Ainda não acabou. Eu sempre fui uma metralhadora, outra bala pronta depois que eu apertei o gatilho. Na maior parte do tempo, estou apenas esperando que isso ricocheteie. E finalmente me bateu.

{ 51 }

2 anos : 01 mês Setembro

LILY CALLOWAY

Saio pela cozinha, treinando meu foco na sala de estar e no controle remoto. Não em Loren Hale, que fecha a geladeira, uma garrafa de água na mão. Eu não vou *nem* olhar para a sua estrutura óssea linda, as maçãs do rosto afiadas como gelo ou os lábios rosados que se transformam em um beicinho sexy quando ele me encara. Ou seus intensos olhos âmbar que sempre olham *diretamente* para mim. Sou só eu e o controle remoto.

Bem na almofada do sofá.

— Ei, — Lo me chama.

— Ei de volta, — eu respondo, não diminuindo a velocidade. *Olá, controle remoto*. Eu me dirijo para o sofá e antes mesmo de me jogar, Lo corre para me pegar. Em um flash, ele aperta meu bíceps, me impedindo. Eu deixo a surpresa flutuar no meu rosto. — Você tem reflexos do Peter Parker? Por que você não me disse que foi picado por uma aranha radioativa?

Ele não ri nem sequer reconhece minha piada. — Por que você está agindo tão estranha?

— Estranha como? — Meu estômago faz uma dança, o tipo de dança nervosa que só os alunos do ensino médio podem se relacionar.

— Você está me evitando.

OK. Ele está certo nisso. A caminho do médico com Rose, tínhamos um grande pneu furado, que era um sinal ruim, condenada desde o começo. Então, quando o médico disse *você está grávida* para nós duas, resignei-me ao fato de que isso era uma verdadeira injustiça cósmica.

E é melhor eu juntar minhas coisas para que as notícias não quebrem Lo. Rose está duas semanas a mais do que eu, então ela pode ter que anunciar sua gravidez antes de mim. Mas eu só tenho que esperar pelo melhor momento, o momento perfeito em que Lo está em um lugar bom. Eu espero que venha antes de começar a mostrar barriga. Tem que ser.

— Lily, — ele estala, acenando com a mão na minha cara. — Você está me

ouvindo?

Manter isso de Lo é como carregar uma granada, sem saber quando vai explodir. — Eu não estou evitando você, — eu digo rapidamente.

— Você *acabou* de passar por mim, — ele argumenta, — e ontem, você nem esperou para tomar banho comigo. — Eu pulei o sexo no chuveiro. Isso tinha que ser uma grande bandeira vermelha. Suas sobrancelhas se apertam, dor percorrendo suas feições. — Eu fiz alguma coisa? Você está com raiva de mim?

— Não, — eu digo, como se uma faca estivesse se enfiando na minha caixa torácica. — Eu só queria ir mais longe sem ter sexo tão frequentemente. Você sabe, ver se eu posso fazer isso. Como um objetivo pessoal ou algo assim.

Seus músculos se soltam em um instante. — Você pode me informar quando estiver planejando essas metas pessoais?

Eu concordo. — Boas notícias, — eu digo, subindo na ponta dos pés e enganchando meus braços em volta do seu pescoço, — eu completei essa meta.

Seus lábios se curvam para cima, e suas mãos caem na minha bunda, apertando e construindo uma forte pressão como a magia sexual. Ele me leva de volta para o sofá, e eu me deito contra as almofadas, o controle remoto cavando em minha omoplata. Eu o jogo no chão e sinto o peso do corpo tonificado de Lo caindo sobre o meu.

Um barulho fica preso na minha garganta e meu coração pula, completamente paralisada por seus lábios. Eu tento me inclinar para tocá-los com os meus, mas ele coloca a palma da mão no meu peito, me achatando contra o sofá.

— Eu não gosto deste jogo, — digo a ele.

Seus joelhos descansam em cada lado dos meus quadris, me abraçando e tornando quase impossível sair do sofá ou adquirir um beijo longo e sensual.

— Você não gosta? — Suas sobrancelhas sobem, e sua mão desaparece debaixo da minha fina camisa de algodão. Deslizando pela minha pele, me provocando. É uma sensação que me enche de necessidade.

— *Sim*, — eu respiro. Sim? Essa foi a resposta certa?

— Parece que você está presa aqui, — diz ele.

Sim. Eu tento me concentrar, mas a mão dele está subindo pelo meu abdômen em um ritmo tão lento e intoxicante. — Sem beijar? — Eu sussurro.

Ele se abaixa e seus lábios roçam a minha nuca, seu nariz me aninhando. Eu choramingo um pouco, as sensações se formando e pulsando dentro de mim. Sua língua desliza contra a minha pele macia e eu estremeço, meus membros

tremendo embaixo dele.

Não é justo. Isso não é justo. Eu sou um caso perdido. Eu deixo escapar um suspiro rouco, e então coloco meu braço entre nossos corpos, o suficiente para que eu possa colocar uma mão do lado de fora de suas calças. Quando começo a esfregar, ele geme no meu pescoço.

Ha! Eu dou um passo adiante e deslizo minha mão por baixo do elástico de seu short de ginástica, mas por cima de seus shorts de compressão apertados, tipo elastano que a maioria dos caras usam para manter suas coisas no lugar quando elas malham. Muito pouco tecido está entre minha palma e seu pênis.

Lo balança sua pélvis, chupando suavemente meu pescoço, e seus lábios viajam para os meus em um breve momento, atacando com uma fome febril. *Sim. Deus sim.*

Em vez de mover minha mão, deixei-o roçar seu corpo contra o meu. Meus lábios doem e incham, e minha calcinha começa a encharcar. Quando eu o sinto endurecer, solto um suspiro agudo e tento deslizar meus dedos sob o short de compressão.

Mas ele descansa a palma da mão em cima da minha, silenciosamente me dizendo para mantê-la lá.

Ele me beija mais devagar e sua língua entra e sai da minha boca, o melhor beijador do mundo inteiro. Eu acho que poderia fazer isso para sempre. Bem, não *para sempre*. Eu preciso de uma liberação mais cedo ou mais tarde, mas as preliminares nunca foram melhores entre nós. Eu me alegro de antemão agora. Cada momento significa alguma coisa. Não é apenas sobre o clímax.

Embora algo duro, *muito* duro, dentro de mim seria quase perfeito.

— Ei, saiam de cima um do outro. — A voz de Ryke me acorda dos meus pensamentos felizes. Um travesseiro assalta meu lado.

Lo sustenta seu corpo com um braço, apenas o suficiente para separar seus lábios dos meus e revelar exatamente onde minha mão está. Nos shorts do Lo. Em seu pênis.

Eu deveria olhar para cima? Eu olho. Eu olho para Ryke, que se ergue sobre o sofá. Meus cotovelos se coram em um tom de vermelho. Ryke cruza os braços, um olhar acusador no rosto. — O sofá é uma área pública.

— Nós não estávamos fodendo, — Lo refuta com um meio sorriso. — Obrigado pela preocupação, *mano*. — Ele me ajuda a tirar minha mão de seu short porque eu congelei em um buraco de vergonha.

— Dez minutos depois e vocês estariam, — observa ele. — Eu realmente

quero ir, porra. Os bancos de peso provavelmente estão todos ocupados, então você pode se apressar?

— Sim, me dê dez minutos.

— Não *com ela*, — diz ele. — É o meio da tarde. — Merda.

Os músculos da mandíbula de Lo se flexionam, e ele se levanta. — Dez minutos *sozinho*, eu entendi.

Eu cubro meu rosto quente com as mãos, o observando pelas rachaduras dos meus dedos. Eu não posso me tocar. Para outras pessoas, não é tão perigoso. Para mim, isso pode desencadear minhas compulsões. Perder pensamentos e tempo para pornografia e masturbação - não de novo. Eu não quero regredir, não com esse bebê dentro de mim.

Eu só preciso... esquecer a pulsação entre minhas coxas. *Não pense no que parece ser o clímax, Lily. Pense em coisas feias. Coisas pouco atraentes.* Eu olho para Ryke, seu rosto com a barba sem fazer e sua careta como se sempre estivesse pensando em algo. Quase mata minha excitação. *Quase.*

Lo faz uma pausa ao lado do sofá e seus olhos caem para mim. — Você vem com a gente, Lil.

— Nãonãonão, — eu digo. — Eu vou com você, não com ele. — Eu aponto um dedo para Ryke, removendo um escudo de mão do meu rosto.

Ryke geme. — Sério, Calloway?

— Não é esse tipo de vinda, Lil, — diz Lo com um pequeno sorriso, me fazendo menos uma aberração enlouquecida por sexo. Ele cutuca meu ombro com o joelho. — Para a academia, ok?

Eu aceno, nervosismo vibra na minha barriga. Eu posso aguentar. Eu percebo que cruzei as pernas. Eu gostaria de algo muito, muito duro ainda. *Não pense nisso.* Certo. Coisas pouco atraentes. *Ryke Meadows. Ryke Meadows.*

Eu expiro.

— Não a deixe, — diz Lo a Ryke. Não é uma pergunta.

Seu medo perdura por muito tempo depois que ele sai, como uma tempestade de poeira que ele deixou em seu rastro. Eu acho que estou bem. Molhada, excitada, mas posso esperar até hoje à noite. Sem pornografia ou me tocar. Não é o que eu realmente quero de qualquer maneira. Loren Hale é meu único desejo verdadeiro.

Alguns segundos se passam, o silencio constrangedor na sala me perturba. Eu fico parada no sofá, com medo de descruzar minhas pernas no momento atual.

— Você pode conversar? — Eu pergunto, tentada a simplesmente cavar neste sofá como um rato toupeira e nunca mais voltar a ver a luz do dia.

— Claro, — ele diz asperamente, o que me deixa um pouco assustada com o que vem a seguir. — Devemos conversar sobre como eu agora tenho que esperar o seu namorado se masturbar antes de podermos ir a academia.

Eu me encolho e deixo minha outra mão cair do meu rosto. — Não significa que você terá que falar sobre o seu *irmão* se masturbando?

Ele revira os olhos e joga outro travesseiro para mim. Seriamente irritante. Assassino de humor. Eu ilumino. Está funcionando, e eu nem acho que Ryke quis ser meu repelente sexual.

— Quem instigou isso? — Ele gesticula para o sofá. — Você ou ele?

— Foi mútuo, — eu respondo defensivamente.

Ele abre a boca e depois a fecha rapidamente, como se tentasse escolher as palavras certas. Isso não acontece com frequência. Ryke fala por impulso comigo. Finalmente ele chega a isso: — Você está bem?

Meus lábios se partem, incapaz de dizer qualquer coisa, meio em choque.

— Não fique tão fodidamente surpresa, — diz ele. — Eu me preocupo com você. É só que... Lo está em um lugar ruim. Toda a minha preocupação foi dirigida a ele por um tempo.

— A minha também. — Lentamente, eu me sento e abraço um dos travesseiros no meu peito, capaz de me sentar bem ao estilo indiano. Não é tão ruim. — Estou muito preocupada com ele. — Faço uma pausa, coletando meus pensamentos. — Ele me disse que está indo para o oeste com você e Connor, em uma viagem, em vez de ir para a reabilitação. — Quando ele pronunciou essas palavras, eu comecei a chorar. Sempre que estamos separados parece que alguém arrancou um pedaço de mim, mas desta vez, as lágrimas foram mais do choque da situação. Quanto mais nos sentamos e discutimos, mais parecia certo.

Espero que, quando ele voltar, esteja em um lugar muito melhor, o suficiente para lidar com mais novidades. Eu não tenho certeza se manter esse segredo será mais fácil ou mais difícil com ele longe.

— Eu não achava que a reabilitação fosse uma escolha inteligente, — diz Ryke. — Não com a imprensa. Eu não acho que ele possa lidar com mais atenção da mídia.

— Eu sei, — eu digo, lembrando de todas as manchetes sobre sua viagem ao hospital. Já é ruim o suficiente que ele tenha quebrado a sobriedade e chegado lá, mas ter toda a nação nisso - é dez vezes pior. Isso tornou sua

recuperação mais difícil, e foi uma das razões pelas quais ele bebeu novamente depois. Ele até me disse isso. — Obrigada por isso. — Eu olho para Ryke. — Por oferecer uma alternativa.

Ele encolhe os ombros como se não fosse nada. Mas é algo. Eu vi o alívio nos olhos de Lo quando ele me contou sobre essa pseudo-reabilitação longe das câmeras e da imprensa.

Ryke se senta ao lado dos meus pés e passa a mão pelo cabelo castanho escuro. — Você sente falta de sexo em público ou algo assim?

— Hã? — Eu franzo a testa para a mudança rápida de assunto e tenso no tópico atual.

— Vocês estavam praticamente fodendo na sala de estar, — diz ele, mantendo contato visual comigo. O que torna o constrangimento amplificado em cerca de dez graus. — É porque você sente falta? Do sexo em público, quero dizer.

Eu às vezes esqueço que Ryke fica confortável com a maioria das coisas. — Sim... eu sinto muita falta, — eu minto. A verdade: Lo e eu fizemos sexo na piscina há algumas semanas, enquanto Connor e Rose passaram um longo fim de semana em Londres.

— Você sabe que não deveria ter vergonha de gostar disso. Não é errado, — ele me diz. Esta é definitivamente uma manobra de Ryke Meadows para me deixar confortável.

Minhas bochechas esquentam. Metade de vergonha e a outra metade de medo. Não é assim que eu quero que Ryke descubra meu segredo de sexo extra. Ele pode descobrir da mesma forma que Rose, quando eu finalmente dizer a ele que estou grávida.

— Não que isso me torne um viciado em sexo, — ele prefacia, — mas eu prefiro fazer sexo em lugares além da cama.

Eu me animei, mais interessada. *Eu sabia.* Todas aquelas idas ao banheiro com Melissa durante a viagem para Cancun anos atrás de repente fazem mais sentido. Ele fez até no avião. É muito raro encontrar alguém que goste dessas coisas. Talvez porque eu não converse tanto sobre sexo.

— Como onde? — Eu pergunto.

— Eu fodi em todos lugares, — diz ele. Eu devo admitir, ele tem um dom em falar sem restrição ou vergonha. É como se ele fosse quem ele é ao máximo.

Eu gostaria de poder ser assim sobre sexo. Mas eu acho que é um pouco diferente ser uma garota.

— Na praia, — ele lista.

Eu sacudo minha cabeça. — Areia é o mal.

— Mas no início da manhã, é tão lindo.

Não me lembro de uma manhã na praia para mim. Noite, definitivamente.

— Banheiros, — continua ele.

— Até mesmo os sujos? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — Honestamente, eu realmente não noto isso. — Ele acrescenta: — Parques, elevadores, campos de golfe, vestiários, a floresta - amo a floresta.

— Você já fez sexo na sua escola? — Eu pergunto.

Ele concorda. — Sob as arquibancadas, bem clichê.

Eu sorrio. — Eu também.

Ele levanta a garrafa de água em um brinde.

— Lo e eu fizemos sexo em um cinema uma vez, — digo a ele. — Ele comprou todos os ingressos apenas para que pudéssemos fazer.

As sobrancelhas de Ryke se levantam. — Antes de você entrar em recuperação, eu assumo.

Eu concordo. Foi quando ele quis saciar todos os meus caprichos e desejos, o que se transformou em uma grande fábrica de habilitação. Mas foi divertido. Eu não posso negar isso. Mesmo que tenhamos sexo em público, duvido que Lo faria isso novamente. Algumas coisas vão longe demais.

— Eu fodi essa cigana em um festival uma vez, — ele diz, com o braço esticado sobre as costas do sofá, — bem debaixo da mesa dela. Nós derrubamos a bola de cristal. —Ele sorri para a lembrança como se fosse boa. Como se todo o evento fosse mais do que apenas um clímax para ele. Não era assim que eu via o sexo. Eu não procurava lugares selvagens para foder. Eles eram convenientes na época. Configurações para eu pegar o que eu queria.

— Eu fiz em um parque de diversões ou festival ou... o que for, — eu digo. — Na roda-gigante.

— Enquanto estava se movendo? — Surpresa se infiltra em sua voz.

— Sim, quero dizer, ele não durou muito tempo. — Minha garganta aperta, tentando não pensar nos detalhes confusos.

O rosto de Ryke cai um pouco. Talvez ele esteja apenas agora percebendo que eu não estou falando de Lo. Eu testo essa teoria dizendo: — Eu também fiz com um cara que conheci em uma cabine de algodão doce. Na mesma noite.

Ele se move para frente, retirando o braço do sofá, a escuridão tomando

conta do seu rosto. Eu posso dizer que ele está tentando afastá-la, mas quando seu olhar encontra o meu, há mais compreensão, mais empatia pelo meu vício do que eu já vi antes.

Eu e ele. Nós não somos iguais. Ele pode relembrar sobre todos os lugares que ele já fodeu com risos e sorrisos, relembrando histórias que envolvem princípios, meios e conclusões satisfatórias. Com orgasmos e sem vergonha no final. Meu passado está cheio de mágoa e arrependimento. Prefiro deixar tudo no meio do nevoeiro.

Ele estava certo. Ele nunca vai se juntar ao meu clube.

Sou só eu.

Solitária.

Como deve ser.

— Você está pronta? — A voz de Lo me acorda do meu devaneio. Ele está na porta com o cabelo molhado e um maxilar afiado. Seus olhos voam da minha cabeça aos meus pés, avaliando meu estado. E então ele acena para mim como se dissesse *você está bem*. Eu me levanto e de bom grado caminho direto para os braços dele.

Talvez eu não esteja tão sozinha.

{ 52 }

2 anos : 01 mês

Setembro

LILY CALLOWAY

Desembarquei. O voo foi muito bom, quase sem turbulência. - Lo *A Copa do Mundo de Rúgbi está acontecendo em Paris neste final de semana. Tráfego horrível.* - Lo *Daisy parece abalada.* - Lo Percorro minha antiga conversa de texto com Lo, relendo cada palavra. Sua viagem com seu irmão e Connor teve que fazer um grande desvio e pit stop até a minha irmãzinha.

Ela teve algum tipo de terror noturno... tem certeza de que não quer vir? - Lo *Rose está furiosa agora?* - Lo Rose anda na minha frente, batendo os dedos violentamente na tela do celular. Furiosa, sim. Fumegante, sim. Ela rosna e parece que está pronta para jogar seu telefone do outro lado da sala. — Connor não tira uma foto dela e envia para mim, — diz ela. — Como devo verificar que Daisy está bem sem *provas*?

Eu descanso um cotovelo no balcão da Superheroes & Scones, a loja abre em algumas horas. — Confie nele, — eu digo, um buraco no meu estômago. — Nós temos que acreditar que eles estão nos dizendo tudo. — Eu leio minhas mensagens novamente, silenciosamente amaldiçoando Lo por mandar breves mensagens.

Eu deveria focar apenas no meu livro que está aberto para o meu curso de Opções, Futuros e Derivativos Financeiros. Cada página é destacada com marcas amarelas de neon, minhas pontas dos dedos manchadas dessa cor. Mas as frases se misturam, minha mente está em Paris com os caras e minha irmãzinha.

— Podemos ir para lá amanhã, — sugiro.

Lo ligou para entregar um relato mais detalhado do que aconteceu. Daisy foi expulsa de um desfile apenas alguns minutos antes dela desfilar, e o estilista basicamente arrancou suas roupas. Na frente de todos nos bastidores. Eu ficaria mortificada se fosse eu, então eu não fiquei surpresa que ela estivesse chateada.

Mas estou um pouco chocada por ela ter escolhido ligar para Ryke e *apenas* Ryke para falar sobre o incidente.

Ele imediatamente queria checar ela pessoalmente. E quando eles passaram a noite, Daisy os acordou, gritando como se estivesse sendo assassinada. Aparentemente, ela estava "presa" em um pesadelo... ou algo parecido.

Calafrios ainda percorrem minha pele toda vez que eu imagino isso. Lo disse: — Foi horrível. — *Foi horrível.* Eu quero pular em um avião e abraçar minha irmã, não a deixar com nossos outros companheiros e Ryke.

— Não podemos voar amanhã, — Rose diz, seus olhos ainda se estreitaram em seu celular. — Você não vai se formar.

Depois de ter demorado tanto tempo, quase posso sentir o papel crocante do meu diploma tão próximo. Mas eu tenho uma grande prova, e se eu não fizer, eu receberei um grande zero. Meu professor disse: "Para ser dispensada, você precisa estar morrendo em um hospital." Esse professor em especial não gosta do "tratamento especial da celebridade", então eu tenho que estar lá.

Pessoalmente.

— Você pode ir, — eu a lembro, já sentindo um pouco de culpa por não estar presente para Daisy. Eu não quero segurar Rose aqui também.

Ela coloca o celular na bolsa e se inclina para o balcão. Sinto cheiro de café sendo preparado por um dos funcionários. — Eu não vou deixar você, — diz ela. Eu li o resto: *não enquanto você está grávida.*

Eu dou a ela um sorriso fraco.

Rose se endireita. — Agora, onde estão suas anotações? Eu vou te questionar.

Eu os tiro da minha mochila aos meus pés e passo a pilha desordenada para ela.

Ela bufa. — Connor é um tutor horrível. Ele nem ensinou você a passar os elásticos nisso.

— Ele ensinou, — eu digo, embora eu achasse que a "dica útil" fosse bem autoexplicativa. — Eu sempre perco os elásticos. — Meu tablet toca no balcão. Fui permitida internet para estudar para a minha prova, mas também posso ter configurado notificações para determinadas tags no Tumblr.

Eu não nego isso.

Eu ainda estou um pouco obcecada.

Eu só não quero outra surpresa como a do pai do Lo. Além disso, eu às vezes temo que as gravidezes apareçam online. Essa *não pode* ser a maneira como

Lo vai descobrir.

Passando meu dedo pela tela, eu ligo o tablet e checo o alerta: *1 Novo da tag #Coballoway*. Eu clico na etiqueta, e minhas bochechas queimam com o gif da mão de Connor segurando o traseiro de Rose, sua bunda já um pouco vermelha. Eu rapidamente clico para fechar. *Eu não vi isso.*

Rose termina endireitando minhas anotações e me dá uma olhada. — Por que você está toda vermelha? — Estou corada de constrangimento, não de excitação, só para ficar claro. Seus olhos voam para o tablet. — Lily, você tem *internet* aí?

— Só um pouquinho, — eu deixo escapar.

— Ok— ela pega o tablet da minha mão — você não pode ter um pouco de internet. — Ela registra minhas configurações.

— É somente para trabalho, e você sabe, *estudo*. — Eu toco no meu marcador em meu livro para maior ênfase.

— Fique com suas anotações.

Ela simplesmente não confia tanto em mim desde a consulta com o médico. Eu acho que ela está esperando que eu volte à minha velha e destrutiva rotina pornográfica. O que é compreensível, mas ela está grávida também e...

Meus olhos crescem enquanto meus pensamentos tomam um rumo perigoso. — Rose, — eu sussurro, me inclinando para frente, — você vai ser capaz de fazer sexo agora que você está grávida? — Eu franzo a testa, pensando mais. Oh meu Deus. — Posso fazer sexo quando eu estiver muito, muito grávida? *Oh meu Deu*s. E depois? — Eu pego o meu tablet. Eu preciso de respostas. Respostas que a internet pode fornecer.

— Lily, — Rose estala, levantando o tablet sobre a minha cabeça. Malditos saltos dela. — Fique calma.

— Você não está pirando? Nem um pouco. Nem internamente?

— Internamente, estou revirando os olhos para você, — ela diz.

Oh. — Estas são perguntas válidas. — Eu aponto para ela. — Você deveria estar mais preocupada. Quero dizer, você e Connor fazem, tipo... — Eu paro.

— Tipo o quê? — Seus olhos me perfuram através do crânio.

— Tipo... duro, e você gosta de ser amarrada.

— E? — Ela diz.

— Como é? — Eu pergunto de repente.

A porta da sala de descanso se abre, chamando nossa atenção para uma garota sem maquiagem com cabelos lisos e negros, grandes óculos e bochechas

rosadas. Ela faz a saudação vulcana, uma prancheta dobrada debaixo do outro braço. — Vida longa e prospera. — Ela sorri e depois diz outra saudação em coreano.

Eu mencionei que estou apaixonada pela nossa nova gerente de loja? Ryke não pode tê-la.

Rose bate as unhas no balcão, observando Maya Ahn deslizar por trás dele. Todas as nossas conversas sobre bebês e sexo desapareceram com a ameaça de espionagem. Pior cenário: a notícia vaza para a imprensa antes de contarmos a Connor e Lo. Esse é um pesadelo de proporções infernais.

O silêncio se arrasta e Maya gira em torno da cafeteira. — Eu interrompi alguma coisa? — Ela empurra os óculos para cima com um dedo.

— Não, — eu digo rapidamente. — Nós estávamos falando sobre... colocar silicone. — Ohmeudeus. Eu limpo minha garganta. — Os meus são meio pequenos... — Na verdade, eu não tenho problema com meus seios, mas foi a primeira coisa que pulou dos meus lábios.

Rose olha para mim como se eu tivesse acabado de comprar meu bilhete só de ida no trem maluco. — E *eu tenho dito* a Lily que seus seios estão bem como estão.

Maya não parece perturbada pela conversa. — Enquanto você está feliz com você mesma, não importa realmente como você está, certo? — Ela liga a cafeteira e gorgoleja em resposta.

— É verdade, — eu digo com um aceno de cabeça. — Eu acho que vou ficar assim mesmo.

— Ok. — Rose pega sua bolsa fora do balcão e vai em direção à porta. — Preciso ir a Calloway Couture para me preparar para a abertura. Venha, Lily. Você pode estudar na minha sala de descanso.

— Eu tenho uma sala de descanso, — eu movimento para a sala.

— Sim, mas meus sofás são melhores. — Seus olhos se tornam ferozes. OK. Nossa.

— Vejo vocês mais tarde! — Maya grita quando saímos pela porta da frente. O vento bate em mim e solto um grande fôlego. Essa foi por pouco.

— Pelo menos saberemos o quão confiável ela é, — diz Rose enquanto atravessamos a rua. As pessoas que estão na fila do Superheroes & Scones pegam seus smartphones para tirar fotos de nós. Estou um pouco surpresa por nenhum cinegrafista surgiu do nada.

— Por que isso? — Eu pergunto. Rose abre a porta de sua loja e eu a fecho

atrás de mim.

— Porque se a manchete de amanhã disser *Lily Calloway vai colocar silicone*, então você pode demiti-la. — Ela faz uma pausa, em pensamento. — Na verdade, não é uma má ideia. Plante uma mentira para sua equipe e veja se eles a alimentam para a imprensa. Eliminando os traidores. — Ela sorri como se encontrasse sua nova tática para sua própria loja.

Meu celular vibra antes que eu possa elogiar sua estratégia maligna.

Saudades. - Lo Eu respiro fundo e tento não contar os dias até vê-lo novamente.

{ 53 }

2 anos : 01 mês

Setembro

LOREN HALE

Loren, onde seu pai te tocou? Eu ainda posso sentir o calor dos flashes enquanto descíamos a rua da cidade de Paris, os paparazzi nos bombardeando, um oceano inteiro longe de onde vivemos. Caminhar. Apenas andar. Tornou-se um pesadelo.

Por que seu irmão não fez uma declaração à imprensa? Ryke sabe da verdade, Loren?

Sento-me em uma banqueta em um pub, segurando um copo com líquido gaseificado escuro. Eu tento me concentrar na Copa do Mundo de Rúgbi tocando em todas as telas de televisão, mas hoje não consigo me distanciar de todas as perguntas. Não importa o quanto eu tente.

Connor diz algo para mim, um prato de batatas fritas entre nós, mas eu perco a noção de suas palavras.

— Seja como for, — eu murmuro, minha voz mordaz e fria. Eu bebo minha bebida, o gosto amargo do licor escorrendo. Começando a entorpecer minha cabeça. Mas não é rápido o suficiente.

Connor tem que saber que eu pedi um Fizz e uísque quando ele saiu para ligar para Rose. Ele não é um idiota, e enquanto seu comportamento nunca mudou, ele saiu novamente. Eu estou supondo para ligar para o meu irmão.

Lo, e a Lily?!

Eu cerro meus dentes. Meus olhos se queimam como se alguém esfregasse sal neles. Eu olho para as filas e fileiras de garrafas atrás do barman. Eu não quero pensar sobre isso.

Seu pai alguma vez tocou na Lily?

Eu engulo o resto da minha bebida. Eu aceno para a garçonete e aponto para o meu copo. Ela balança a cabeça, entendendo. *Sua namorada foi molestada?*

Onde seu pai a tocou?

Pare.

De pensar.

Hoje.

Foi o primeiro dia em que eu ouvi o nome de Lily sendo jogado no meio dessa bagunça. Eu só quero que todos vejam a verdade. Para perceber o quanto eles estão causando danos à minha família, especulando. Em vez disso, cada mentira continua crescendo em uma maior. Eu não vejo como isso vai acabar.

Connor olha entre mim e a televisão, comendo uma batata frita.

— Você ouviu, — eu finalmente digo, — que Sara Hale será entrevistada na televisão? — Algum tipo especial. — Ela vai enterrar meu pai. — E eu vou ser arrastado para baixo com ele.

A bartender desliza o copo recém-preenchido para mim. Ela evita contato visual, medo em suas sobrancelhas. Ela tem medo de mim. Eu devo estar com o pior olhar de merda - como se eu estivesse aqui esperando que o mundo queimasse comigo.

Eu parcialmente espero. E então eu tomo outro gole, um burburinho mal presente.

— Sara não tem nada a ganhar com isso, — diz Connor com facilidade, como se o assunto estivesse resolvido.

— Nem todo mundo é como você, — eu replico rancorosamente, segurando o copo frio. — Tudo o que a mãe de Ryke já fez é porque ela odeia Jonathan.

— Eu nunca disse que ela não mentiria na câmera. Eu só quis dizer que não vai resolver nada para ela se ela fizer. Então, aproveite esse fato. Eu aproveito.

— Você vai em frente e deleite-se com isso, Connor. — Um gosto ácido queima minha garganta. — Você será o único.

— Estou acostumado a ser a única pessoa que pensa de forma inteligente. Eu sinceramente não posso esperar que todos cheguem ao meu nível.

Sua arrogância não me abastece como eu pensei que abasteceria. Talvez porque ele aceita meus insultos e apenas cria mais dos seus próprios. Isso faz com que ser um babaca seja mais fácil. — Saúde, — eu digo levantando a minha bebida e tomando um longo gole.

Não é tão afiado. Se eu pudesse, eu bebia uísque puro.

O bar explode em palmas e gritos excessivamente enérgicos com o jogo de rúgbi. A conversa francesa domina o pequeno pub. Assim que o barulho começa a diminuir, uma mão descansa no meu ombro. — Ei, — diz Ryke.

Eu só tomo minha bebida.

— Como foi fazer compras? — Ele pergunta, sua voz profunda, como

nuvens negras, rolando antes do aguaceiro.

— Chato. — Eu como uma batata frita e olho para frente, pronto para o seu ataque de: *que porra você está fazendo? Como você pode quebrar sua sobriedade de novo? Pare com essa merda estúpida.*

Não parece estúpido. Ele não precisa ter câmeras e *pessoas* em cima dele que o veem como uma vítima de um crime que nunca aconteceu. Ele não entende?

Eu sempre serei Loren Hale: o cara que foi tocado inapropriadamente por seu pai.

E agora a Lily...

Ryke arrasta um banquinho vazio entre Connor e eu, e eu trinco meus dentes. Eu espero Connor recuar, mas ele fica quieto.

Bem.

Tanto faz.

Ryke faz um gesto para a bartender e meus músculos se contraem. — O que eu posso pegar para você? — Ela pergunta.

— O que ele está bebendo. — Ele aponta para o meu copo.

A parte inferior do meu estômago cai, percebendo sua manobra estúpida. Tudo para que eu possa admitir, em voz alta, que sou um idiota. Eu sou um bastardo. Entendi! Eu sei o que sou e não é bom. Eu tomo o resto da minha bebida em um gole. — Terminei. Vamos sair daqui. — Eu me levanto da banqueta. *Isso não está acontecendo*. Eu não *preciso* dele fazendo isso. Por que ele não pode simplesmente me deixar em paz dessa vez? Eu só preciso respirar.

Sua mão aperta meu ombro. — Sente sua bunda aí. Eu quero uma merda de uma bebida. — Ele literalmente me força de volta ao banco.

— Você soa como papai, você sabe disso? — Eu respondo. *Apenas diga a ele. Apenas diga as palavras do caralho:* eu bebi. Elas se levantam em uma bola irregular para a minha garganta. E eu continuo engolindo-as.

A bartender começa a fazer a bebida dele, colocando gelo em um copo.

— Ryke, — eu estalo, forçando seu olhar para o meu. Um hematoma roxo margeia sua bochecha, de quando Daisy lhe deu um tapa enquanto ela estava tendo um terror noturno.

— O que? — Sua mandíbula está dura. Seus olhos nunca se amolecendo. Ele me lembra do nosso pai. E isso torna isso mais difícil. Isso só piora.

Eu inalo uma respiração ofegante, o oxigênio nunca encontrando meus pulmões. No canto dos meus olhos, vejo a bartender pegando o uísque. — Vamos embora.

— Eu te disse. Eu quero uma porra de uma bebida.

Por que ele está fazendo isso? Eu puxo a gola da minha camisa e viro para trás, colocando meus antebraços contra o balcão fria. Ryke está sóbrio há nove anos.

Nove fodidos anos.

Por que ele iria brincar com a ideia de quebrar isso? Por mim? Meu estômago se agita, o álcool me deixando mais enjoado do que qualquer coisa.

— Refil? — A bartender me pergunta.

Eu sacudo minha cabeça. — Não, eu estou bem. — Eu o odeio. Eu odeio que ele esteja me pressionando tanto. Eu odeio que ele não me deixe em paz. Eu odeio que ele espere mais de mim do que eu posso dar.

Eu estou caindo.

Abaixo de cada sentimento que eu expulso.

— Saúde. — Ryke levanta seu copo, parando por um breve segundo, me dando uma saída. Me dizendo para pará-lo.

Pare ele.

Pare ele.

A borda do copo bate nos lábios dele.

Eu estou rígido. Eu estou gritando para mim mesmo para me mexer. Ser um maldito ser humano decente. Fazer valer a pena essa vida que me foi dada. E, no entanto, eu o observo, com a morte dentro de mim.

Ele bebe álcool.

E eu penso: *agora estamos quites.*

Por ele ter uma vida melhor. Por saber sobre mim por tanto tempo e não fazer nada. Por não me defender na mim na mídia e acabar com esse tormento.

É um pensamento que torce meu rosto com uma culpa brutal.

Ele lambe os lábios, decepção piscando em seus olhos. Por que ele tem que ser tão bom?

— Eu espero que você tenha gostado, — diz ele com raiva.

— De qual parte? — Eu estalo em impulso. — Eu bebendo ou vendo você fazer beber?

Bata em mim. Seus músculos se flexionam, uma veia pulsando em seu pescoço. E em vez de levantar o punho, ele pega o copo, prestes a beber mais.

Meus pulmões explodem, e eu o arranco de seus dedos rapidamente e entrego a bartender. — Ele já acabou. — Eu começo a deslizar para fora da banqueta enquanto eu digo: — Se você é tão idiota quando está sóbrio, eu não

posso imaginar que tipo de idiota você é quando está bêbado.

Antes de sair, ele agarra meu braço. — Você não pode fazer essa merda. — *Pare. De. Falar.* —Você deveria me ligar se tiver vontade de beber. Eu poderia ter falado com você sobre isso.

— Talvez eu não queira falar com você! — Eu grito. Eu saio da banqueta e ele me segue, ficando uns dois centímetros mais alto. Cara a cara. Ambos usando caretas tão sombrias que você pensaria que éramos inimigos mortais, não irmãos.

Há tanta coisa que ele nunca me contou sobre seu passado. E continuo esperando para ouvir. Eu nunca empurro. Isso não é algo que eu faria a ele. Mas quanto mais ele fica quieto, mais difícil se torna para nós dois. Nós atingimos um obstáculo no nosso relacionamento, e eu estou batendo com a cabeça contra o tijolo enquanto ele me assiste sangrar.

— Então ligue para Lily, — ele diz, — sua maldita noiva, que estaria em lágrimas se ela te visse agora. Você pensou sobre ela quando bebeu? Você considerou o que isso faria com ela?

Não. Eu não posso pensar nela quando bebo. Isso dói demais. — Eu já acabei com essa merda, — eu digo. Eu tento me afastar disso.

Ele agarra meu braço.

Me deixe ir. Por favor.

— Você não pode fugir de seus fodidos problemas. Eles estão lá vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Você tem que lidar com isso.

— Não fale sobre *lidar*. Você nem vai mandar mensagem para o papai de volta. Você está o ignorando como se ele não estivesse vivo. — Eu balanço minha cabeça. — Você está fazendo a mesma coisa com ele que você fez comigo. Então, por que você não faz o que você faz de melhor e finge que eu não existo?

Eu assisto a dor tomar conta de suas feições. Eu o esfaqueei da única maneira que eu sei como, e então eu apenas o empurrei para frente.

Eu apenas saio.

Desejando que eu fosse outra pessoa.

{ 54 }

2 anos : 01 mês

Setembro

LOREN HALE

Do lado de fora do bar, Daisy uiva para as estrelas, de pé na calçada. — Estamos na terra das pessoas altas!

Meu irmão começa a falar com ela. Ele está sorrindo.

Eu mudo meu olhar morto para o céu noturno. Eu quero ficar feliz que Daisy não esteja tão mal-humorada como estava quando chegamos, embora ela pareça frágil e tenha círculos em seus olhos. Mas ela está rindo.

Isso é bom.

Connor mantém a mão no meu ombro. Eu acho que se ele tirar eu vou cair. Ele diz alguma coisa, mas eu mal consigo registrar suas palavras.

Fãs de esportes com camisas de times desfilam do outro lado da rua no meio de um trânsito terrível. O jogo deve ter terminado.

Eu odeio o que fiz esta noite.

Está me atingindo dez vezes mais forte. Não há licor suficiente para entorpecer esse ataque. Alguns caras começam a gritar ao lado do meio-fio e eu descanso minhas mãos na cabeça.

— Lo, — Connor respira.

Eu me viro para ele, mas Ryke de repente se aproxima de nós. Connor dá um passo atrás para que eu possa falar com meu irmão. E meus olhos nublam com lágrimas. — Você não deveria ter tido aquele uísque, — eu digo, o pedido de desculpas ficou preso na minha garganta.

Diga!

Eu não posso. Eu belisco meus olhos.

— Um copo não vai me deixar viciado, Lo.

Eu solto uma risada fraca. — Sorte sua. — Eu me encolho.

— Devemos voltar para o hotel... — Ele de repente se inclina para frente, alguém batendo nele por trás. Eu mal noto dois caras gordos trocando socos.

E então um par de punhos cobre minha têmpora. Eu cambaleio para o lado,

quase tropeçando, meus dedos raspando o chão. Os terríveis gritos sangram meus ouvidos e, em um instante, é como um furacão de pessoas, braços voando, empurrando - corpos batendo uns nos outros.

Meu pânico subiu para um novo nível.

O fim de um intenso jogo de rúgbi trouxe o começo de um tumulto. Ryke estende a mão e agarra meu braço. Travamos nossos olhares por um instante, como se disséssemos: *não me deixe*.

E então outro punho bate no lado do meu rosto. A dor me aquecendo instantaneamente. Eu agarro sua camisa, qualquer coisa, e o golpeio no estômago, só para que ele saia de cima de mim.

Quando me viro, Ryke está sendo arrastado para trás por sua jaqueta de couro. Eu tento correr em direção a ele, mas alguém agarra meus ombros e com força me bate no chão.

Uma bota me chuta nas costelas e minha adrenalina afoga a intensidade da dor. Eu dou uma cotovelada na canela de alguém e tento me levantar, mas a bota me atinge na cabeça.

Porra. Pontos pretos explodiram na minha visão.

— LOREN! — Connor grita.

O sangue escorre do meu nariz e dos meus lábios. Eu sinto o gosto do ferro amargo. Os gritos. Nunca acabam. Vidros se quebrando. Calor de chamas, mas não consigo ver de onde eles se originam.

Está um puro caos.

— LOREN!

Outro chute no estômago, e eu caio novamente em minhas mãos. *Levante-se. Seu bastardo idiota*. Eu soco de volta, encontrando carne. E eu me levanto na mesma hora que Connor me alcança com uma expressão ilegível, mascarando seu alarme. Apenas com um hematoma no rosto.

— Onde está Ryke? — Minha voz está cheia de medo. Eu olho em volta. — Temos que encontrar... — *Jesus. Cristo*. Alguém me bateu com algo no lado. Eu tento tossir e Connor está basicamente me guiando para longe de tudo.

— Pare, — eu tusso, meus pés instintivamente seguindo os dele. Eu seguro minhas costelas. — Connor, espere! — Eu grito.

— Temos que ir, — diz Connor, com os olhos arregalados para me dizer *agora*.

— Ryke está em algum lugar aqui! — Eu grito. Eu olho ao redor. *Daisy*. E eu tento correr pela rua, mas Connor agarra minha cintura, dois centímetros mais

alto que eu. E mais forte. Em quase todos os sentidos.

Ele me força de volta na calçada, não na rua onde todos enlouqueceram. Sirenes tocam à distância, cada vez mais perto.

— Nós temos que ir! — Connor grita para mim.

— Eu não posso... — *Eu não posso deixá-los*. Eu giro de volta para encarar Connor e empurro-o no peito. — Você iria deixá-los?! — Lágrimas molham minhas bochechas. Eu sinto que acabei de colocar meu irmão para descansar. E Daisy se foi com ele.

— Não, — diz Connor, sua expressão geralmente sem emoção lentamente se desfazendo. — Eu salvaria você.

Por quê.

Eu sacudo minha cabeça.

— Ele é forte, — ele me lembra. — Ele vai encontrar Daisy, e nós vamos nos encontrar com ele.

Ele é forte.

É difícil dizer não para alguém como Connor. Com a mão nas minhas costas, nós empurramos pela multidão, para longe da briga.

Longe das pessoas que importam.

*

Nós andamos por dez minutos antes de entrar em uma farmácia. Eu vagamente presto atenção em Connor, que desaparece em um corredor. O caixa me diz algo em inglês, sobre o tumulto. Eu acho. Eu abro minha boca para responder, mas o ar pega meus pulmões. Eu não posso respirar.

Eu tento inalar.

Eu não posso respirar. Nenhum machucado ou vergão equivale a essa agonia que me afeta. Eu empurro as portas, o ar frio da noite me cobrindo. E eu suspiro pesadamente, minhas mãos nas minhas coxas.

Eu vomito no meio-fio.

As sirenes de polícia e ambulância gritam.

Eu limpo minha boca com as costas da minha mão, sangue a manchando do meu nariz.

— Lo, — diz Connor, aparecendo do lado de fora. Ele descansa a mão nas

minhas costas. Sua camisa está rasgada pelo colarinho. — Vamos. — Ele me guia ao longo da calçada. Demoramos mais tempo para encontrar um táxi, mas quando o encontramos, ambos subimos no banco de trás, o trânsito horrendo. Em francês, Connor diz ao motorista nosso destino, e eu enloqueço, batendo nos bolsos.

— Meu telefone. — Deve ter caído.

— Alguém pisou nele lá no pub, — explica ele, procurando algo em um saco de papel. Eu olho para o encosto de cabeça, pensando nos eventos desta noite. Com meu irmão sendo arrastado pela jaqueta, longe de mim. Eu me lembro de gritar com ele - dizendo que gostaria que ele nunca tivesse existido em minha vida.

Eu rebobino ainda mais para quando o forcei a beber álcool.

— Connor, — eu sussurro, líquido quente em meus olhos. O que eu fiz? Connor segura a parte de trás da minha cabeça, mas eu não consigo parar esses sentimentos violentos. Eu não posso parar o remorso ou o medo do que aconteceu. Ele força meu olhar no dele. — Por favor... — Meu peito cai pesadamente. — Eu não posso...

Eu não posso mais lidar com isso.

Eu não quero nada disso.

Lágrimas saem de mim e tento respirar - dores agudas apunhalam minhas costelas em cada uma delas. Minha cabeça flutua pela falta de oxigênio, e tudo que eu penso é: *me mate.*

Estou a milhas de distância da única pessoa que pode me tirar dessa borda. Da pessoa que esteve comigo em todos os passos da minha vida. Quem compartilhou memórias e momentos que ninguém mais verá. Se eu desistir, ela vai embora.

Eu destruo esse vínculo que transcende o amor, levando sua alma comigo.

É a única coisa que me mantém respirando.

Eu assisto Connor morder uma pílula ao meio com os dentes da frente. Seus olhos piscam para mim, cheios de uma preocupação incomum que ele raramente mostra a alguém.

— Você está me colocando para dormir? — Eu pergunto.

— Não do jeito que você gostaria, — diz ele suavemente. Ele me passa metade da pílula. — Eu não posso tirar sua dor, não importa o quanto eu queira. — Ele faz uma pausa. — Isso é o melhor que posso fazer por agora.

Cada momento da minha vida tem sido uma montanha que eu luto para

escalar.

{ 55 }

2 anos : 01 mês

Setembro

LILY CALLOWAY

— Lo, — eu digo no minuto em que Connor lhe entrega o telefone.

Ele me disse que Lo tomou uma pílula para dormir, então eu só tenho alguns minutos com ele. Lágrimas já escorrem pelas minhas bochechas, os imaginando no meio do motim de Paris, filmagens em quase todas as estações de notícias. Rose e eu não sabíamos que nossa irmã e os caras estavam presos nela até ligarmos para Connor.

Eu me sento na minha cama com o edredom puxado para o meu peito. Rose saiu do quarto para dizer a Poppy que Daisy está no hospital. Connor, Ryke e Lo estão na sala de espera, sem saber o quão ruim seus ferimentos estão.

Rose e eu já procuramos voos e arrumamos nossas malas.

— Lily, — ele engasga. Eu ouço o tormento em sua voz. Eu não tenho que perguntar de onde é. As origens são provavelmente lugares muitos vastos.

Minha garganta aperta e eu me recomponho para ele o máximo que posso. — Eu te amo, — é a próxima coisa que eu digo.

Eu praticamente posso imaginá-lo beliscando os olhos para parar o sistema hidráulico, sua respiração mais forte do que o habitual. — Eu estraguei tudo, — diz ele.

— Não, — eu digo a ele, tão severamente quanto eu posso. — Você não estragou.

— Você não sabe o que eu fiz.

— Isso não importa. — Eu gostaria de poder abraçá-lo. Por que temos que estar tão distantes?

E então ele diz com uma voz quebrada: — Eu nunca vou derrotar isso.

— Lo, — eu respiro, lambendo meus lábios secos. — Você está esquecendo de uma coisa.

Ele exala profundamente. — O que?

— Estamos na Terra-616. Este não é um universo alternativo. — Eu agarro o telefone com mais força, as lágrimas caindo. — Nós vamos ter o nosso final feliz. Só vai demorar um pouco para chegar.

Ele me disse isso uma vez. Quando eu atingi um ponto baixo. Agora ele só precisa se lembrar de suas próprias palavras.

Ele respira novamente, como se um peso estivesse levantando lentamente seu peito.

— Você acredita em mim? — Eu sussurro.

— Em cada palavra, — diz ele. — Eu quero te abraçar.

Eu sorrio e limpo o resto das minhas lágrimas. — Você vai.

— Sim, — ele murmura. — Lily...

Espero que ele termine seu pensamento, uma das minhas mãos segurando meu edredom branco.

Muito suavemente, ele diz: — Eu não estaria aqui sem você. — É maior do que *eu te amo*. É uma declaração que solidifica o que eu sei há tanto tempo.

Não estamos conectados por nossos vícios.

Mas pela nossa infância. As almas se fundiram desde o início.

{ 56 }

2 anos : 02 meses Outubro

LOREN HALE

Desde o hospital, há quatro dias, não consegui fazer uma desculpa sentimental para meu irmão. Toda vez que tento, algo pior sai da minha boca. Ficar quieto tem melhores resultados, mas também rasga meu estômago em pedaços. Eu estou começando a pensar que eu seguro tudo apenas para me punir.

Eu corro minha mão pelo meu cabelo antes de reajustar meu boné de beisebol. Eu olho por cima do meu ombro para as bombas de gasolina, esperando um bombardeio de câmeras. Está quieto, árvores sussurrando ao vento.

— Ninguém está nos seguindo, — Ryke me lembra, quebrando uma camada de silêncio tenso. Uma de suas sobrancelhas está com pontos, a mais severa de suas feridas do tumulto. Eu tenho duas costelas quebradas, mas eu tive que dizer não para analgésicos. Seria fácil demais confiar neles.

Ryke e eu estamos do lado de fora de um posto de gasolina em Ohio, uma porta suja de banheiro à nossa frente na lateral do prédio. A viagem começou em Nova York e terminará com Ryke escalando algumas formações rochosas em Yosemite, Califórnia.

Eu tentei não pensar sobre essa última parte. Ryke nunca usa corda ou arreios. A probabilidade de cair é maior do que chegar ao topo. Até mesmo Connor me disse isso. Tijolos pesados ficam no meu peito toda vez que eu acidentalmente processo esse final, aquele em que eu estou vivo e ele não.

O mundo é fodido se isso acontecer.

— Eu não posso evitar, — eu digo para Ryke, procurando por câmeras apenas mais uma vez. — Eu sempre vou estar no meu limite. — A mídia não tinha nenhuma filmagem de nós no tumulto, e conseguimos sair do hospital sem alarme também. Nós ficamos lá por um tempo por causa da Daisy - ela está bem. Não tão bem assim. Mas ela está andando. Respirando. E ela desistiu de modelar. Embora... ela teria que desistir independentemente de qualquer coisa.

Ryke bate na porta do banheiro, a maçaneta está quebrada, e é por isso que estamos de pé aqui, protegendo-a para que ninguém entre. — Você precisa de alguma coisa, Dais?

Ela está trocando seus curativos. Eu verifico meu relógio. Por quinze minutos?

— A fita está presa em um dos meus pontos. — Ela soa perto das lágrimas.

Ryke não hesita nem pergunta, ele apenas empurra a porta. Ele deixa entreaberto, para que eu o siga para dentro. Eu sigo. O espaço é apertado e papel higiênico está espalhado nos ladrilhos úmidos.

Ryke segura o lado do rosto de Daisy e inspeciona a ferida na bochecha esquerda, metade do curativo fora já. — Fique quieta, — ele diz a ela, tirando a fita que aperta sua pele e com ela, uma série de pontos. As mãos dela mãos cravam na cintura de Ryke.

— Espere, espere um segundo, — ela estremece.

— Dais, — diz ele suavemente, seus olhos estreitados nela. — Isso tem que sair. — Sangue encharcou a gaze e precisa ser substituído.

Eu lambo meus lábios. — Apenas pense em coisas felizes, — digo a ela.

Ela lentamente começa a sorrir, o que puxa sua ferida. — Aí.

Conselho errado. — Pense em coisas horríveis, — eu digo e, em seguida, coloco uma mão no ombro do meu irmão mais velho, — tipo o seu cavaleiro de armadura brilhante caindo do pônei.

Ela acaba rindo e toca sua bochecha, a dor mal alcançando seus olhos verdes que reluzem com algo brilhante.

Ryke me encara. — Isso é o melhor que você tem?

— Eu não vejo você oferecendo nada, *mano*.

— Me imagine batendo pra caralho no meu irmão, — diz ele asperamente, nunca olhando para longe de mim.

— Ou o inverso, — eu estalo de volta, nossas mandíbulas trancadas. Como chegamos a esse lugar? É como se um rio da história do passado nos separasse, e eu não posso atravessá-lo sem ele.

O riso de Daisy morreu. — Isso é deprimente, — ela nos diz categoricamente.

Nossa atenção retorna para ela. — Esse é o ponto, — eu digo.

Seus lábios estão virados para baixo, e Ryke trabalha em tirar a fita, os pontos ainda se agarram a ela. Seus olhos já estão vermelhos neste momento, e os sinais de dor aparecem com o jeito que ela agarra a camiseta verde do meu

irmão.

— Tem certeza de que não quer suas irmãs aqui? — Eu digo para distraí-la. Rose e Lily estão nos encontrando em algumas semanas, o que será uma surpresa para Daisy. Mas elas estão aderindo aos desejos dela o máximo que podem. Daisy só precisa de tempo para lidar com o que aconteceu.

— Lily tem faculdade, — diz ela. — Eu não quero estragar o tempo de ninguém.

Ryke revira os olhos.

Eu inclino minha cabeça para ela. — Elas querem ver você.

— Não desse jeito, — ela sussurra, referindo-se a sua bochecha marcada.

E então Ryke remove o curativo completamente. Eu examino seu rosto, vi a ferida antes, mas não desde que ela estava dormindo no hospital. O corte grande e avermelhado corta da têmpora até o queixo. Cortada, mas costurada diretamente em sua bochecha. Aparentemente ela foi atingida por um pedaço de madeira, com algo afiado no final. A ferida parece horrível, especialmente em uma garota tão bonita quanto Daisy. Vai cicatrizar. Não há dúvidas sobre isso.

Ela estuda minha reação enquanto Ryke desembala um pedaço limpo de gaze. — Estou mais feliz, sabe? — Ela diz, seus lábios subindo fracamente. Ela está livre de uma profissão que estava lentamente a deixando doente nos últimos anos. E, posteriormente, ela está livre da sua mãe.

Eu mascaro minha expressão ajustando meu boné novamente. — Estou feliz, — eu digo. — Mas eu nunca vou ficar feliz que isso tenha acontecido com você. — Poderia ter acontecido de milhares de outras maneiras até ela chegar a esse ponto - para sair da vida de modelo. Eu nunca desejaria isso para ela, ou para qualquer uma das garotas.

— Tudo bem, — ela diz suavemente, seu longo cabelo loiro caindo em sua cintura. Tenho a sensação de que ela vai cortar a maior parte dele em breve.

Ryke começa a cobrir seu corte com ataduras limpas, e os braços dela deslizam mais ao redor de sua cintura. Para onde seu corpo está pressionado contra o dela.

Ele sussurra algo para ela, seus lábios roçando sua orelha, não discretos sobre isso. Eles nunca foram. E então ela sorri brilhantemente, seus dedos caindo para o cós dos jeans dele. O abraço deles me pega de surpresa, como um chute rápido.

E é neste único momento, que eu tenho certeza, eles estão juntos.

Então eu pergunto: — Eu perdi alguma coisa? — Eu gesticulo entre eles,

meu maxilar se afiando instintivamente. Espero que meu irmão me conte toda a verdade. De uma vez.

Por favor.

E então ele dá um passo para trás, se afastando de Daisy com uma expressão puta. Como se eu tivesse estragado tudo. Ele nem está me dando uma chance.

Ele diz, — Somos apenas amigos.

Certo. Eu aceno algumas vezes. — Eu vou encontrá-lo no carro. — Fervendo. Vai além deles estarem juntos. É que ele não pode ser honesto comigo. Ele me pede sua total confiança, mas está ficando cada vez mais difícil quando ele constrói muros entre nós.

Ele disse uma vez que eu fico vulnerável na frente de Connor, alguém que usa camadas e camadas de armadura enquanto eu dou tudo de mim para ele.

Em algum lugar ao longo do caminho, eles trocaram de lugar. Eu me pergunto quanto tempo vai demorar para ele finalmente ver isso.

{ 57 }

2 anos : 02 meses Outubro

LILY CALLOWAY

"Fui informado por altos oficiais do Pentágono que ainda existe um projeto de OVNIS secreto. É aí que está o seu arquivo de Roswell." General da Brigada Richard Mitchell (aposentado) Eu olho para uma das muitas citações na parede do museu, cada uma sobre os alienígenas de Roswell. Eu relaxo contra o peito duro de Lo, seus braços cobrindo meus ombros. Nós nos reunimos nas Smoky Mountains, e tudo parecia bem. Melhor que o telefonema no hospital. Até mesmo Daisy irradiava mais vida do que o normal, apesar do que aconteceu com a bochecha dela.

Ela deixou muito difícil ficar chateada por ela - ela é talentosa nisso. Mas às vezes, eu só quero abraçá-la por um ou dois minutos e dar mais atenção a ela, o tipo bom que ela merece.

— Wampa morreu do Tennessee para o Novo México? — Pergunta Lo com uma careta. — Ele está fedendo, Lil. — Lo coloca a mão na minha cabeça - ou melhor, no meu gorro do Wampa.

— Shhh, — eu sussurro.

E então ele tenta tirar meu gorro branco de *Star Wars* da minha cabeça. Eu seguro as abas do meu Wampa protetoramente sobre meus ouvidos. — Ele não está, — refuto e fungo apenas para ter certeza. Oh. Cheira a fumaça de lenha da fogueira nas Montanhas Smoky. No momento em que minhas mãos caem, Lo rouba o gorro de mim, meu cabelo se levanta com o movimento.

Eu passo a mão, e ele penteia o dedo pelos fios bagunçados. O Smoky Mountains não terminou da melhor maneira, mesmo que todas as partes "antes" estivessem sido alegres o suficiente. Porém Rose teve um colapso, causado por hormônios, e ficou um pouco feio.

Eu acho que Connor sabe de seu segredo.

Porém, não o meu.

O que significa que eu *devo* ser mais esperta do que ela neste caso. Eu internamente me vanglorio com a idéia.

O momento mais baixo nas montanhas ocorreu logo no início da manhã. Quando nos arrastamos para fora da nossa tenda, os paparazzi surgiram dos arbustos. Literalmente.

Para afastá-los, nos separamos. Daisy e Ryke saíram juntos, e Lo, Connor, Rose e eu dirigimos nosso carro alugado na outra direção. Vamos nos encontrar mais cedo ou mais tarde, mas, por enquanto, estamos separados do irmão de Lo e da minha irmãzinha.

— Você acha que eles estão fazendo aquilo? — Eu deixo escapar. Eu deveria manter meus pensamentos para mim mesma. — Deixapralá, — eu falo tudo junto e agarro sua mão, rapidamente puxando-o para uma caixa de vidro de um modelo de espaçonave com poeira, rotulado: *Corona Impact Point.*

— Uou, devagar, — diz ele, quase batendo em mim quando eu paro.

— Olhe para isso. — Eu tento distraí-lo da minha declaração, pressionando meu dedo no vidro. — E se a poeira for real? Tipo, do acidente real?

Ele me dá um daqueles olhares frios de Loren Hale que normalmente faz as pessoas se encolherem. Estou muito acostumada com eles. Eles são mais como beliscadas. Amo beliscadas. — Quem está fazendo aquilo? — Pergunta ele, franzindo as sobrancelhas. Ele aperta meu gorro em uma bola, a raiva enrijecendo seus bíceps.

— Eu estava apenas pensando em como todos nós nos separamos, — murmuro sob a minha respiração. — Vamos ouvir a gravação do rádio. — Eu tento puxá-lo em outra direção, mas seus pés ficam colados ao chão.

E então clica para ele. — Você quer dizer sua *irmãzinha* de dezoito anos e meu irmão *mais velho* de vinte e cinco anos?

— Quando você coloca assim, soa mais quente do que você pensa. — Eu coro um pouco.

Ele não tira sarro. — Eu não vejo como. *Irmã. Irmão.* Imediatamente mata tudo, Lil.

Eu dou de ombros. — Eu meio que shippei eles durante *Princesas da Filadélfia.* Você não? — Ele vai entender minha referência do fandom. Shippar: torcer muito para um relacionamento em perspectiva.

Ele se encolhe como se fosse um pensamento grosseiro. — Ela tinha

dezessete anos durante o show. Eles nem estão legitimamente juntos.

— Isso nunca impediu você de querer que um shippe dê certo. — Ele shippava Sterek de *Teen Wolf* sem medo.

Ele revira os olhos e solta um suspiro profundo. Acho que é apropriado falarmos sobre fandoms e shipps em um lugar que deu origem a um dos meus programas de televisão favoritos: *Roswell*. Aliens nunca pareciam tão quentes do que na Warner.

— Lil, — diz ele. — Vamos apenas dizer, teoricamente, eles estão juntos agora, fazendo... — Os músculos em sua mandíbula se contorcem e Wampa é uma bola triste em um dos seus punhos. — ...tanto faz.

Eu poderia adicionar evidências de que eles estão fazendo *algo* diferente de falar agora. Daisy estava com os cabelos rebeldes quando saiu de sua barraca na manhã e eu conheço cabelos pós-sexo. Mas apenas adicionar esse fato vai atrair rugas mais irritadas para as sobrancelhas de Lo.

— ...então porque, — continua ele, — eles não contaram a *alguém*?

— Eles estão com medo de como você vai reagir, — eu digo. E então eu bocejo. Ninguém nunca me disse que estar grávida te deixa tão cansada. Ninguém, exceto o Google.

No meu bocejo, ele se aproxima de mim, nossos sapatos se tocando. Eu não sabia que bocejos funcionavam como ímãs, mas eu estou gostando.

— É? — Ele engole em seco e olha para o chão. — Então por que Daisy pelo menos não te contou ou para Rose, para *outra pessoa*?

— Eu não sei, — eu sussurro, pensando mais sobre isso. — Você acha que eles disseram a todos, menos a nós? — A ideia dói um pouco. Claro, nós mantivemos coisas de todos eles. Todos nós escolhemos com quem compartilhar informações, mas definitivamente é uma merda ficar do lado do recebedor, os que estão no escuro.

— Ela teria lhe dito, Lil, — diz Lo com certeza. Mas não tenho tanta certeza. Porém, isso o agita, eu posso ver em sua postura rígida. Ele odeia o pensamento de que seu irmão iria manter isso dele. Eu me preocupo principalmente com as intenções de Ryke com minha irmãzinha. Se ele está se esgueirando com ela, então o relacionamento deles não pode ser tão real quanto o de Rose e Connor. Tem que ser mais sexual, e isso me deixa nervosa.

Eu quero que Daisy tenha o melhor cara lá fora. Aquele que lhe dá tudo. Beijar escondido, embora seja divertido, não é o tipo de relacionamento que vai durar.

— Podemos simplesmente esquecer isso por enquanto? — Pergunta ele. — Isso está me irritando.

— Você está machucando o Wampa, — indico.

Ele percebe que ele está esmagando meu gorro, e então ele o coloca de volta na minha cabeça. Seus olhos âmbar voam sobre o meu rosto com um pouco de saudade, preenchidos com mais clareza do que nos últimos meses. Eu diria: agora é a hora de contar a ele sobre o bebê. Mas algo sombrio gira por trás daqueles olhos que me assustam. Dor que ele ainda tem que lidar.

É muito cedo. As semanas estão se passando, mas ainda tenho tempo, acho, antes de começar a mostrar.

Lo coloca uma mecha do meu cabelo debaixo do gorro felpudo, e então os dedos dele tocam a pele sensível do meu pescoço. Arrepios correm pelos meus braços. Eu tremo e seguro seu bíceps.

— Estou feliz que você esteja aqui, — ele sussurra.

Feliz é melhor do que apenas *contente*. É mais brilhante e mais completo e algo que eu gostaria de sentir mais, mas na maioria das vezes, eu sempre sinto isso com ele. — Eu também, — eu respiro.

Ele se inclina para me beijar, um sorriso brincando no canto do lábio. Eu posso não conseguir este beijo tão facilmente. Eu tento fechar o espaço entre nós. Ele rapidamente se inclina para trás e depois dá um beijo na minha testa.

— Leve o tempo que precisar, — diz Connor.

Eu coro, mas quando nós dois viramos nossas cabeças, Connor está parado no meio do museu com o celular no ouvido. Rose bebe um café gelado e olha para um recorte barato de um alienígena.

— Nós paramos em Roswell porque Lily e Lo queriam ver os alienígenas, — diz ele. — Eles passaram quatro horas no museu - desculpe-me, quero dizer, o buraco de merda de propaganda.

Passaram. Estamos prestes a ir embora, eu entendi. E nós nem chegamos à maior exposição no final do museu. Existem coisas extraterrestres deixadas para serem vistas.

Lo envolve seu braço em volta do meu ombro e solta uma risada curta. — E você nos fez passar três horas em um cemitério, — ele diz a Connor. — Entre nós, quem é o super esquisito, amor?

Connor sorri, aquele branco ofuscante, bonito demais para encarar. — Era um cemitério de guerra, — ele diz para a pessoa no celular, provavelmente Ryke. — E Rose e eu estávamos procurando nossos ancestrais.

Eles estavam. Os nerds estavam tentando encontrar seus primos de sétimo grau.

— Eu ganhei, — diz Rose, levantando a voz para que Daisy e Ryke possam ouvir. Ela balança o gelo no copo. — Eu tenho três parentes mortos a mais do que Connor. — Eles falam através de seus olhos agora, algo que eu definitivamente gostei muito.

— Siga-me, — Lo sussurra, sua respiração quente contra a minha pele, ele faz movimentos com a cabeça para a grande exposição na parte de trás de uma parede de vidro: um alienígena em uma maca.

Eu sorrio e aperto sua mão.

Eu quero acreditar que esta viagem vai acabar bem, mas uma grande quantidade de tensão não resolvida ainda está entre Lo e Ryke.

{ 58 }

2 anos : 02 meses Outubro

LOREN HALE

Nós paramos em um posto de gasolina, não muito tempo atrás. As revistas estavam em uma fileira no balcão do caixa. A grande impressão em negrito ainda pisca como faróis vermelhos cegantes. Eu não posso me livrar deles.

A Entrevista De Sara Halle Deixa Teorias Em Aberto: A Investigação Continua. Ela nem confirmou nem negou muito. Todas as portas e possibilidades ainda estão abertas para a crença.

— Lo, vai devagar, — diz Lily, correndo para me alcançar enquanto eu chego o mais longe possível do estacionamento. Poeira vermelha se levantam no ar, meus sapatos levantando a poeira de Utah. Alguns casais se espalham na trilha, e eu desvio para esses arcos de pedra vermelha. Meu sangue bombeia cheio de adrenalina.

— Eu não quero vê-lo, — eu grito para ela por cima do meu ombro. Eu vejo Rose e Connor seguindo em um ritmo mais lento. Rose quase cai, seus saltos presos em uma pedra, mas Connor a pega pela cintura e a enlaça perto de seu peito.

Ela respira com os olhos arregalados, como se ela fosse cair de uma montanha ou algo assim.

A outra manchete queima na minha cabeça.

Vício de Lily Calloway: Poderia Estar Ligado Ao Trauma Sexual Do Pai De Seu Noivo? Eu já vi essa teoria antes em outro tablóide, mas ser lembrado disso - rasgou algo dentro de mim que não posso consertar.

— Lo, — diz Lily, chegando ao meu lado.

— Eu não posso... — Eu sinto minhas maçãs do rosto salientes. Em poucos minutos, Ryke e Daisy devem nos encontrar no início da trilha. — Ele *repetidamente* mentiu para mim, — digo a Lily, meus ossos queimando para continuar andando. Não pare. Volto a minha caminhada, indo cada vez mais longe. — Você quer ouvi-lo, tudo bem. Estou *cheio* de fingir que está tudo bem entre nós.

Não está. Não tem sido desde que eu quebrei a minha sobriedade.

— É uma droga, — diz ela, correndo para me acompanhar, ofegante. — Eles não me disseram também.

O último tablóide foi o que me cortou mais. O que eu não posso afastar, não importa o quanto eu tente.

Ryke Meadows e Daisy Calloway Flagrados se Beijando! Fotografados do lado de fora da Devils Tower, uma formação rochosa em Wyoming - ela estava em seus ombros, o cabelo cortado nas clavículas, com listras cor-de-rosa, roxas e verdes. Sua cabeça estava mergulhada, seus lábios se tocando, sorrindo.

Eles pareciam felizes.

Eu me viro para Lily e ela bate direto no meu peito. — O que eu devo fazer? — Eu pergunto, meu peito subindo com raiva. — Dar um tempo a ele? Dizer que *está tudo bem*? — Eu aponto para o chão. — *Não* está bem. Eu confiei nele! — Eu faço tudo difícil para Ryke - ser meu amigo, ser meu irmão - mas ele não vê o quanto eu dei a ele, o quanto eu o deixei entrar e o quanto eu o amava.

— Talvez vocês dois possam se sentar e conversar, — diz ela apressadamente, esticando uma mão para pegar a minha.

Eu dou alguns passos para trás. — Ele teve tantas oportunidades para falar a verdade, para se abrir para mim. Para dizer *qualquer coisa* que significasse algo para ele. Eu sinto que nem conheço ele. Nosso relacionamento foi construído a partir do meu vício. Ele me pergunta sobre o nosso pai. Em relação ao álcool. Em relação à minha infância. Mas eu não sei absolutamente *nada* sobre o dele.

Eu não preciso que ele seja meu padrinho de sobriedade de vinte e quatro horas por dia.

Eu preciso que ele seja meu irmão.

Connor e Rose se juntam a nós e eu fico no meu lugar, olhando para frente. — Eu não quero olhar para o rosto dele, — eu rosno. Porque eu vou ver um cara que eu preciso desesperadamente na minha vida. Ele me mantém saudável. Ele é o chute no traseiro que me impulsionou para frente.

É por isso que isso dói muito mais. Seria mais fácil se ele fosse Scott Van Wright ou Julian. Alguém que eu possa odiar por odiar.

Suas mentiras são como validações: *você é fraco demais para confiar, Loren.*

Você é apenas uma fodida criança.

Por que eu te contaria algo importante?

— Ei pessoal!

Eu giro um pouco e vejo Daisy acenando enquanto ela caminha pela terra vermelha, um caminho sem marcas onde rochas gigantes pontilham a paisagem.

O sol subiu até a metade no céu, a sombra nos deixando, suando meu corpo já fervendo. Eu assisto Ryke se aproximar, sua mandíbula não barbeada endurecendo no minuto em que ele encontra o meu olhar severo. A confusão cobre seu rosto por um breve segundo, e o ódio se constrói dentro de mim, preparado para ser lançado diretamente nele.

Meus dedos se enroscam em um punho. Meu coração está se despedaçando. Ele apenas anda. Como se nada estivesse errado. A culpa é minha, no final, eu me lembro. Por confiar em alguém que eu não deveria ter confiado. Por ter o deixado entrar.

Eu sou o verdadeiro idiota.

— Amei o cabelo, Dais, — diz Lily, sua voz cheia de medo.

Eles estão mais próximos. Eu bufo, meus músculos tensos, esticados ao máximo. Meus pés se movem antes da minha cabeça processar. Um alvo certo no meu irmão. Eu foco nele.

Ryke para e coloca uma mão no ombro de Daisy. — Daisy, — diz ele. — Vá para suas irmãs.

— Ryke...

— Porra, *vá*, — ele rosna.

Ela dá alguns passos para trás, mas nunca se junta a Lily e Rose, que ficam ao lado de uma pedra com Connor.

Isso não é apenas sobre Daisy. É muito mais complicado que isso.

— Lo. — Ele levanta as mãos, já me dizendo para ficar calmo. Se eu fosse *outra* pessoa, ele me atingiria. Ele iria me dar um soco. Ele jogaria todo o seu *peso* no meu corpo e me colocaria no chão. Estou farto de ser tratado como um brinquedo quebrado.

Eu sou um maldito ser humano. Quando serei digno da verdade?

— O que há de errado? — Ryke pergunta. — Vamos conversar sobre isso.

Estamos tão perto. Uns três metros de distância. — Você quer conversar sobre isso? — Eu digo, minha voz com muitas camadas de emoções para desvendar. — Eu te dei um milhão de chances para fodidamente *conversar* sobre isso. Eu estou farto de conversar com você. — Eu o alcanço e não hesito. Eu não posso.

Meu punho bate em sua mandíbula. Eu raramente luto assim, mas eu só quero que ele me coloque no nível dele. Pelo menos uma vez. Eu dou uma joelhada no seu estômago, e ele cambaleia, caindo no chão.

Ryke tosse, com uma mão no chão.

Luta comigo.

— Lo, pare! — Daisy grita. Ela tenta vir até nós, mas Connor a agarra pela cintura e a puxa para trás com suas irmãs.

Eu não posso parar. Penitência - é isso que sou para ele. Por todos esses anos que ele nunca foi atrás de mim. Eu sou o caminho para o céu. Faça certo por mim e todos os seus pecados serão absolvidos.

É por isso que ele fica por perto.

Algo frio cresce dentro de mim, e eu dou um soco no rosto de Ryke novamente. Ele vira a cabeça e cospe sangue na terra.

— Lo, acalme-se! — Grita Lily. Eu não olho atrás de mim.

Eu só bato nele novamente, meus dedos doendo quando eles batem em sua mandíbula, rezando para que ele se levante. *Levante-se.* E me soque de volta.

— Me bata, — eu rosno.

As unhas de Ryke raspam a terra vermelha, quase se fechando em punho. Seu olhar permanece fixo no chão, seus músculos tensos como os meus. E, no entanto, suas mãos começam a relaxar. Ele está falando com ele mesmo para não fazer isso.

— Vamos! — Eu grito, meus olhos queimando, água transbordando. — Eu vi você bater em caras com o dobro do meu tamanho. Eu sei que você quer me dar um soco. — Eu dou passo em sua direção. *Trate-me como eu mereço ser tratado. Trate-me como se eu pudesse lidar com essa merda.* — Lute de volta!

Ele se cambaleia em seus pés, seu rosto abatido. — Eu não vou.

Eu bato as palmas das mãos no peito dele, empurrando-o com força.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Lo...

Eu soco ele na mandíbula. Novamente. Ele tropeça, mas fica em pé.

— PARE COM ISSO! — Daisy chora, sua voz estrangulada.

Eu posso ouvir Lily soluçando. Isso gera mais dor dentro de mim, arranhando para sair. Eu não posso voltar atrás. Não agora. Eu aponto um dedo acusatório para Ryke. — Você é um maldito covarde.

Seus lábios pressionam fechados, a escuridão nublando seus olhos.

— Você está com tanto medo de falar com o nosso pai, — eu digo friamente. — Você está com tanto medo de falar com sua própria mãe. — Eu me inclino para frente, e ele realmente recua, mantendo distância entre nós. Eu *nunca* o vi fazer isso. A agressão ainda existe nele; ele apenas se recusa a usá-la em mim.

— O que você quer que eu diga? — Ele rosna. *Qualquer coisa que você sente.* —

Que estou com um medo do caralho? — Ele aponta para o próprio peito. — Estou com um medo do *caralho*, Lo! — Seus olhos estão vermelhos. — Estou com tanto medo que eles vão me manipular para amá-los quando tudo que eu quero é esquecer!

— O que eles fodidamente fizeram com você?! — Eu grito. Eu vejo Ryke Meadows com Sara Hale. E eu vejo uma mãe amorosa. Eu vejo o amor que nunca tive. Eu não entendo o que aconteceu que é tão horrível que ele odeia todos *tanto* assim. Ele nunca vai me dizer. — Eu morava com o *nosso* pai. Você se sentava em sua perolada mansão branca com uma mãe que te amava!

Ryke balança a cabeça. De novo e de novo. Seus lábios se fecharam novamente. Por que isso é tão difícil para ele? Ele me empurra para o meu ponto de ruptura todo maldito dia. Talvez seja finalmente hora de alguém empurrá-lo.

— Me fala! — Eu grito, dando um passo mais perto. Ele respira como se doesse para inalar, um sentimento que eu estou familiarizado. — Me fala quão ruim era sua vida, Ryke. O que ele fez com você? Ele bateu na parte de trás da sua cabeça quando você tirou um C em um teste de matemática? Ele gritou na sua cara quando você foi mandado para o banco em um pequeno jogo da liga? — Lágrimas quentes saem. Eu estou tão perto dele, com os olhos apertados, observando essa parede de tijolos desabar entre nós. — O que ele fez, porra?

Ele balança a cabeça novamente.

Droga, Ryke. Eu bato minhas mãos no peito dele outra vez, e ele finalmente me empurra de volta. Eu cambaleio mas mantenho meu equilíbrio, ainda de pé.

— Eu não estou lutando com você, porra! — Ele grita.

Eu trinco meus dentes e o empurro de novo, esperando derrubá-lo, mas sua força supera a minha.

Seu antebraço bate em mim e minhas costas estão no chão em um instante. Suas mãos seguram meus pulsos, seu joelho colocando pressão em minhas costelas, as que eu tinha quebrado. Sufoco a dor sob cada emoção dolorida.

— Eu não quero lutar com você, Lo, — ele engasga, seu rosto angustiado perto do meu.

Eu me sinto quente, lágrimas rasgadas rolam pelas minhas bochechas afiadas. "Você gasta muito do seu maldito tempo tentando me salvar", eu respiro, "e você nem percebe que está me matando."

Seu rosto duro e masculino se contorce de dor.

— A notícia não é só em Filadélfia, você sabe. É onde quer que a gente vá.

Todo o caminho até um posto de gasolina em Utah. — Eu solto uma risada fraca. — Eles acham que ele me molestou. *Toda* a porra da nação. — Dizendo em voz alta para ele - o peso das palavras bateu em mim, mais forte do que qualquer punho podia. — As pessoas acham que meu pai me tocou, e você não faz nada a respeito. — Eu olho diretamente para ele, uma pergunta na ponta da minha língua, uma que eu queria perguntar. Eu nunca o pressionei sobre as alegações. Nunca o empurrei. Talvez eu devesse ter feito isso mais cedo. Como ele sempre fez comigo. — Por que você acredita nelas e não em mim?

— Eu acredito em você, — ele sussurra. Talvez eu não deva confiar nele, não depois de todas as mentiras. Ele poderia estar me aplacando, com medo de que eu esteja muito perto dessa borda perigosa. Mas ele usa um olhar assombrado, um que o arrasta de volta ao passado. Isso não é sobre mim. É sobre os demônios que ele está enterrado. Sempre foi. Finalmente, acho que ele percebe isso.

— O que diabos ele fez para fazer você odiá-lo tanto? — Eu pergunto, me referindo ao nosso pai. Espero mais uma vez, então fico surpreso quando ele finalmente fala.

— Ele escolheu você, — diz ele com uma voz oca e sombria. — Ele escolheu o filho bastardo ao invés de mim e minha mãe, e eu *menti* por ele toda a porra da minha vida. Eu escondi minha identidade por ele. Eu não tinha mãe em público porque eu era uma Meadows e ela era Sara Hale. Eu não tinha o maldito pai para mostrar. — Seus olhos perfuram os meus, cheios de mágoa que ele se recusou a entrar em contato. Ódio. De todos. — Eu salvei a reputação *dele*, e ele me enterrava metros abaixo da porra do chão a cada dia que ele escolhia você ao invés de mim, todos os dias ele desfilava com você e me empurrava para o lado. Eu não conseguia respirar, estava com uma fodida raiva.

Eu encontro um verdadeiro buraco em suas palavras, um que prende em mim como um parasita. — Eu pensei que você tivesse descoberto sobre mim quando você tinha quinze anos. — Quantas oportunidades ele realmente teve de vir me conhecer?

— Eu lhe disse que o encontrava em um clube de campo toda semana. Eu sabia o nome dele. Eu sabia que ele era meu pai. Ele era um fodido socialite, então eu era inteligente o suficiente para descobrir que seu filho era meu irmão. Eles só não me disseram até que eu tinha quinze anos. — Seus braços tremem, não com medo, apenas chateado. Ele rasteja para fora de mim, mas fica de joelhos, exausto. Seu rosto está avermelhado em todo lugar que meu punho

pousou.

Eu fico de costas e olho para o céu azul. E eu me pergunto. Eu me pergunto como deve ter sido para ele. Sozinho, nenhum pai ou mãe de verdade. Amizades que significam menos quando você não conseguia explicar quem você era.

— Eu tenho ressentimentos, — ele confessa. — Mas eu acho que você também, Lo. — Meu queixo se fecha. Eu dou a ele um tempo difícil. Porque eu tenho inveja de sua força, da maneira como as pessoas respeitam e confiam nele. Não porque ele apareceu tarde na minha vida. O fato de ele ter aparecido é mais do que eu teria feito. Como eu poderia continuar segurando isso contra ele? Se ele sente algum arrependimento sobre isso, então ele está projetando isso em mim. Batendo-se sobre isso.

Nosso pai sempre esteve no centro de nossa dor, e eu reconheço o quão difícil deve ser para ele ajudar um homem que tem merda em você, o expulsou e escolheu o bastardo. Eu entendo agora. Mas eu também faço parte dessa bagunça.

Uma nuvem rola sobre o sol, e eu digo: — Eu só queria que você pudesse me amar mais do que você o odeia. — Eu viro a cabeça para o lado, de frente para as feições endurecidas do meu irmão que raramente se quebram. Meus olhos se abrem de novo. — Isso é possível?

Ele solta uma respiração profunda. — Eu te amo, você sabe disso. — Ele toca minha perna em conforto.

Meu corpo se aperta. — Você não respondeu à minha pergunta. — Sim ou não. *Você vai me defender*?

— Eu não sei, Lo, — diz ele. — Eu quero. Eu quero pra caralho, mas não é tão fácil quanto desejar esse tipo de paz. Eu o odeio por coisas que ele fez comigo, pelas coisas que ele faz com você.

Eu me sento e limpo meu rosto com a parte de baixo da minha camisa. — Jesus Cristo, — eu solto uma breve risada. — Você não entende. Eu merecia cada palavra que ele dizia para mim. Você não me conheceu na escola preparatória, Ryke. Eu era um merda. Eu era *terrível*.

Ele me encara. — Nunca, porra, nunca me diga que você *merecia*. Ninguém merece ser abusado todos os dias.

Eu sinto como se eu merecesse. Ainda mereço às vezes. Eu exalo, meus olhos piscando para ele quando eu digo: — Ele nunca me tocou. — É a verdade. Eu sei que o mundo inteiro pode nunca acreditar em mim, mas eu preciso que pessoas mais próximas a mim acreditem.

Ryke segura meu rosto entre as duas mãos, seus olhos castanhos perfurando os meus, salpicados de avelã. — *Pare* de defendê-lo. Não para mim, ok?

Ele nunca amará meu pai do jeito que eu amo. É impossível até tentar convencê-lo. Ele simplesmente não vê o bem que está escondido embaixo de tudo de ruim. Ou talvez, ele só acha que as partes ruins superam as boas.

Eu recuo, a tensão solta entre nós. Mas ainda há algo que temos que enfrentar. Eu não vou deixar este deserto sem resolver tudo.

Eu gesticulo para a marca vermelha em sua bochecha. — Essa ferida aí, é por foder a irmãzinha da minha namorada, por sinal.

Seus lábios partem em horror.

{ 59 }

2 anos : 02 meses Outubro

LOREN HALE

— Paparazzis flagraram vocês do lado de fora da Devils Tower. — Eu cavo no meu bolso atrás do meu celular que eu comprei depois que o antigo foi destruído no tumulto. Então eu passo pelo site do *Celebrity Crush*, encontrando a foto de Daisy nos ombros do meu irmão, os dois se beijando. Eu jogo meu celular para ele, e ele pega em suas mãos. — A foto está em todos os sites de fofocas.

Por conta da sua expressão chocada, eu estou supondo que ele não viu as manchetes ainda. Quanto mais ele olha para a foto, mais seu rosto se fixa em raiva, seus olhos brilhando com essa escuridão. Então ele joga o telefone de volta. Me atinge na mandíbula antes de bater no chão.

Eu pego e tiro poeira dele. — Puto porque você foi pego?

Ele fica quieto. *De novo não.*

Eu internamente rosno em frustração. — Por favor, fale comigo, — eu digo, — porque eu preciso entender o que está acontecendo ou se posso socá-lo novamente.

Ele balança a cabeça, a camisa coberta de terra vermelha como a minha. Contusões começam a se formar em sua mandíbula. — Apenas aconteceu. — Sua voz é rouca e baixa, como se isso fosse tudo que ele iria me dar.

Apenas aconteceu. Eu pisco algumas vezes. — Apenas aconteceu? — Estou tão cansado de ouvir isso. — Isso é realmente uma coisa de merda para me dizer. — Ele passa a mão pelo cabelo, a poeira vermelha ondulando. — Você fode a irmãzinha da Lily, e você diz, *oh, apenas aconteceu porra*? O que, você caiu em cima dela? Você a adicionou à sua lista de garotas? É um caso de uma noite? — Meu peito se agita, com medo de que tudo isso possa ser verdade. Ele nunca disse o contrário.

— Isso não é o que eu quis dizer. — Ele faz uma careta e esfrega o rosto com as mãos rapidamente, como se talvez ele acordasse e essa questão fosse enterrada com todo o resto.

Eu não vou o deixar enterrar. — Então o que você quis dizer? — Eu pergunto.

Ele olha para mim. — É sério.

— Tão sério que você compartilhou com todos.

— Porque eu sabia que você ia pular na porra da minha garganta! — Ele se levanta com raiva, e eu também, minhas costelas se expandindo a cada respiração pesada.

— Se você se importasse com ela, não estaria se esgueirando por aí como se estivesse fazendo algo errado! — O que devo pensar? Ele é um cara mais velho. Ela é uma menina mais nova. E se ele gostasse dela além do sexo, ele estaria com ela. Sério.

— Vai se foder! — Ryke grita, veias salientes em seus braços e pescoço. — Você fez isso *impossível*, Lo!

— Ela tem DEZOITO ANOS! — Eu grito, me aproximando dele. E mesmo que seu nariz se infla de raiva, ele se força a recuar. — Ela é como uma irmãzinha pra mim. Não deveria ser possível! Mas você não se importou. Você ainda *transou* com ela. — Eu confiava nele. Eu o aceitei em *minha* vida, e se ele a machucar, é parcialmente minha culpa.

Ele estrala os dedos, provavelmente para impedir-se de formar punhos.

— Seu pau finalmente conseguiu o melhor de você, não é? — Pergunto. — Ela fez dezoito anos e você poderia *finalmente* colocá-lo...

— Não, não foi assim, porra! — Seus músculos flexionam e os nós dos dedos embranquecem, as mãos fechadas em punhos.

— Eu deveria deixar você sozinho neste deserto, — digo a ele. — Estou me *chutando* agora, por toda vez que eu te deixei perto dela, por cada vez que eu te deixei ficar sozinho com ela...

— Você não sabe do que você está falando. — Ele bufa de irritação, mas ele nunca se explica. Eu espero um segundo, esperando que ele esclareça. *Eu não consigo ler a porra da sua mente, Ryke.*

— Eu não sei de que porra estou falando? — Tudo o que tenho para me basear é o que vejo. E nem tudo é bom. A maior parte é apenas inadequada, a partir de quando ela tinha quinze anos. — Quanto tempo, Ryke? Me fala, por quanto tempo você gosta dela mais do que apenas um amigo, e vamos ver se é tudo coisa da minha cabeça?

— Eu não sei. — Seu olhar duro cai para a terra vermelha.

— Eu vou perguntar *de novo*, — eu digo, um tremor na minha voz. — Por

quanto...

— Pare, — ele rosna.

Eu dou outro passo em direção a ele. — Não, *por quanto tempo*...

— POR ANOS! — Ele grita, o sangue correndo para o rosto, vermelho, chateado e atormentado. Eu não quero acreditar nele. Mesmo que eu já acredite por muito tempo. Mesmo que eu tenha visto na minha frente. — É isso que você quer ouvir?! Anos, Lo.

Eu queria que isso não fosse verdade. Que ele não arrastou Daisy para a nossa família. Aquela garota merece estar livre dessa merda. — Você está mentindo? — Eu digo.

— Eu não estou, — diz ele, lágrimas brotando em seus olhos. — Eu tenho sido tão fodidamente atraído por aquela garota. E eu *nunca* planejei fazer uma merda sobre isso. Eu nunca ia tentar. E eu tentei... Eu tentei pra caralho não pensar nela assim. — A honestidade flui para fora dele. — Era errado. Eu sabia que fodidamente era errado. Eu suprimi tudo o máximo que pude.

Ele gostava dela desde o começo. — Então por que não ficou longe dela? — Eu pergunto. — Por que não colocou uma centena de metros entre você e Daisy? Você flertava com ela todos os dias, Ryke. Você se tornou o *amigo* dela. — Parecia um motivo para ficar com ela, como se ele estivesse apenas esperando até que ela fizesse a idade certa.

— Eu me convenci de que nada iria acontecer, então achei que não havia problema em continuar.

— Você é um idiota do caralho! — Eu grito. A sério. No momento em que ele decidiu fazer parte da vida dela, acabou. — Ela era tão gostosa, — eu digo, — que você não podia dizer não depois que ela se tornou legal...

— Não, — ele me interrompe, avançando com propósito e raiva. — *Não foi* assim.

— Então como foi, porra? — Eu grito, tentando tirar algo dele que ele não vai soltar.

E então ele grita: — EU A AMO, PORRA!

Meu queixo cai, suas palavras fisicamente me jogando para trás alguns passos. Eu apenas - eu examino suas feições, seus olhos que me pedem para entender e queimam com emoção.

— Eu me apaixonei por ela, — ele finalmente explica. — Doeu ficar longe de Daisy. Doía vê-la com outros caras. Tudo doía *pra caralho*, e eu não queria mais viver com essa dor. Eu fodidamente não pude. — Ele respira fundo. — Eu

não posso te dizer quando se tornou insuportável, mas se tornou.

Eu estudo ele por um tempo, deixando cada sílaba afundar. *Doía vê-la com outros caras*. Passei anos sendo o melhor amigo de uma viciada em sexo. Passei anos amando uma garota que abria a porta para todos os caras, menos para mim. E não há um dia em que eu desejaria esse tipo de tormento para meu irmão ou um amigo. Ninguém.

Então eu digo: — Eu entendo, mais do que ninguém, como é doloroso ver alguém que você ama estar com outras pessoas. — Eu paro. — Mas você não pode realmente amá-la...

— Eu a conheço há mais de *dois* anos, — diz ele. — Eu passei muito tempo com ela, Lo. Nós passamos por muitas coisas juntos, então sim, eu me apaixonei por ela.

Eu olho por cima do meu ombro, para as garotas. Lily tem seus braços finos em volta de sua irmã alta enquanto Daisy chora, molhando a camisa de Lily. Eu volto para Ryke, mas ele ainda está olhando para Daisy.

Sua expressão é mais do que apenas cuidado por ela. Lembro-me dele simpatizando com Daisy há alguns anos, em Cancun; Lembro-me de Ryke explicando como eles foram criados por tipos semelhantes de mães. Mas esse tipo de empatia é reservado para uma outra pessoa em sua vida, do tipo que algumas pessoas nunca podem sentir. Está escrito em todo o seu rosto.

Não importa o quão estranho pareça, é assim que vai ser. Eu não vou separar duas pessoas que se amam. Eu não faria isso intencionalmente.

Quando ele se concentra em mim, ele fala novamente. — Você pode me deixar aqui, — ele diz apaixonadamente, — mas eu vou encontrar um caminho de volta. Eu não posso deixá-la, e eu não vou deixar você, não importa o quanto você me empurre para fora. — Seus olhos sangram com essa força distraída, um oximoro que eu posso entender. Eu tive esse mesmo olhar no contexto de Lily.

— Quanto doeu? — Pergunto.

— O que?

— Ver ela com outros caras.

Ele recua como se o ar tivesse lhe escapado. Depois de uma breve pausa, ele diz: — Parecia que alguém estava me afogando em água salgada e me incendiando ao mesmo tempo.

Eu quase lhe dou um sorriso fraco. — Mesma coisa. — Eu firmo minha respiração. — Eu preciso de um tempo. — *Para me acostumar com eles. Juntos.* Cristo. É esquisito. — Mas eu não vou bater em você novamente. Então,

aproveite isso.

— Obrigado, — diz ele.

Eu aceno. — Eu queria que você se apaixonasse por outra garota. — Eu vou desejar todos os dias que meu pai não tente usar Daisy para chegar a Ryke. Apenas para tentar consertar o relacionamento deles. É algo que Jonathan Hale faria em um piscar de olhos. Talvez Ryke ainda não tenha percebido isso.

— Sinto muito, — diz ele. — Eu realmente sinto muito. Por mentir.

Eu dou de ombros. — Você não queria ter apanhado. — O passado é passado. Eu quero reiniciar. Talvez tenhamos mais fé e confiança uns nos outros depois disso.

— Não, — diz ele. — Eu não queria te machucar.

Eu sei. — Eu vou superar isso. Apenas... me dê um fodido tempo. — Eu ando em direção às meninas que se amontoam, conversando enquanto Daisy esfrega os olhos com as costas da mão. Com a camisa dele, limpa e sem poeiras, ao contrário de nossas roupas, Connor nos observa com aquele rosto impassível, o que eu não consigo ler muito bem.

E eu não sinto meu irmão atrás de mim.

Eu paro e giro completamente ao redor, virando minhas costas para Connor. As marcas avermelhadas ao longo do olho de Ryke começam a ficar roxas por baixo, enrolando minhas emoções. *Eu sinto muito.* Eu ainda não tenho certeza se ele irá à imprensa, para defender o nosso pai, por mim. Mas eu realmente sinto muito que a minha existência lhe causou tanta dor.

Ele viveu a vida bastarda, em desgraça e se escondendo, todo esse tempo. E eu nem sabia disso.

Ele deve ler meus olhos porque ele começa a andar e fica ao meu lado. Começamos a caminhar juntos. E eu estendo a mão e coloco minha mão em seu ombro.

Ele recua primeiro, assustado com a aceitação.

Mas então ele esfrega a parte de trás da minha cabeça, bagunçando meu cabelo asperamente. — Estou feliz que você tenha me batido.

— Por que? — Eu pergunto.

— Muitas pessoas não me confrontam. — Porque ele é intimidante, e se ele quer manter seus problemas escondidos, ninguém é estúpido o suficiente para ir contra ele, apenas para deixar essas coisas aparecerem. — Estou feliz que você fez isso.

— Eu sabia que você não me bateria de volta, — eu digo. — E não é como

se tivesse sido um ato completamente altruísta.

Ele revira os olhos. — Você não pode aceitar um elogio e não o transformar em um assassinato de caráter de si mesmo?

— Talvez um dia, — eu digo. *Mas não hoje*. Eu acaricio seu ombro e depois solto minha mão.

Estou mais em paz com ele agora do que há anos. Levou sangue e um deserto quente, mas chegamos a este lugar.

Eu quase posso respirar de novo.

{ 60 }

2 anos : 03 meses

Novembro

LOREN HALE

— Afaste-se da janela, Daisy. — Eu digo no meu limite. Ela pressiona a testa contra o vidro e agarra a maçaneta da porta, olhando para fora do carro o máximo que pode. Mas sua visão é bloqueada por câmeras que tentam nos capturar através das janelas escuras. Paparazzi estão em volta do Escalade do meu pai que está estacionado do lado de fora da cadeia. De volta a Filadélfia.

Anderson, o motorista do meu pai, está sentado à toa no banco da frente enquanto esperamos pelo meu pai e, espero que meu irmão, voltem.

Não muito tempo atrás, Ryke escalou três formações rochosas em Yosemite sem cair. Tudo que eu queria era que ele sobrevivesse, e ele parecia cansado, mas realizado quando completou a escalada. Eu estava orgulhoso dele.

E agora ele tinha que voltar para *essa* merda. A vida é uma droga na maior parte do tempo.

— Eu não deveria entrar lá... — Daisy reconhece com uma voz trêmula. Ela quer ir buscar Ryke da prisão, mas ela não pode fazer nada. Nem eu. Meu pai, no entanto, tem mais poder que nós. Nós só temos que ser pacientes.

Eu esfrego meus lábios, irritado. Apenas com toda essa situação em que estamos. — Ryke queria que você fosse para casa com Connor e Rose, então eu não posso imaginar que ele ficaria feliz se ele visse você entrar na cadeia.

— Eu sei, — ela murmura, limpando uma lágrima perdida rapidamente.

Eu estremeço, não gosto quando ela chora, nem um pouco. Eu já sinto uma mudança no meu relacionamento com Daisy desde que ela se tornou namorada do meu irmão. Ela costumava ser como uma irmãzinha para mim, mas minha obrigação com ela agora parece maior agora que Ryke não está aqui. Como se eu tivesse que ser uma força que a mantem segura quando ele está fora. Ele faria o mesmo por Lily, e é um papel que eu aceito facilmente. Eu bato no assento de

couro ao meu lado. — Volte para trás.

Daisy relutantemente se afasta da janela, prestes a deslizar para o assento central.

— Não aí, — eu digo antes de ela chegar ao meio. — As câmeras podem tirar uma foto sua do para-brisa. — Dessa forma, ela será bloqueada pelo banco da frente.

Ela balança a cabeça, os olhos inchados de tanto chorar. Lágrimas estão secas no seu rosto, até na bochecha esquerda com a longa cicatriz. Está menos vermelha do que costumava ser, mas sempre será perceptível.

— Eu odeio minha mãe por fazer isso com ele, — Daisy diz suavemente.

— Sim, — eu digo, inclinando a cabeça para trás, — Samantha Calloway não é um raio de sol brilhante. — Eu penso em toda a dor que ela causou a Lily por não falar com ela e a ignorar. E agora, com o que ela fez com Ryke, que é completamente inocente -

— Não, eu realmente, *realmente* a odeio, — Daisy chora lágrimas de raiva, virando a cabeça para mim. *Cristo.* É assustador ver malícia em uma garota que nunca a usou antes, alguém tão cheia de vida. — Eu parei de modelar, e em vez de ficar bem com isso, ela culpou Ryke e fez *isso.* — Seu telefone está apertado em sua mão trêmula. — O que as pessoas estão dizendo... nada disso é verdade. Você sabe disso, certo?

Sim, eu sei. Também estou muito familiarizado com alegações difamatórias, sendo falsamente acusado. Eu arranco o telefone da mão dela e rolo através de seu Twitter enquanto ela esfrega os olhos.

@GBANews: *Ryke Meadows está preso por estupro de vulnerável. #NotíciasdeÚltimaHora* @PoPhillyFan12: *#Raisy está morto :(eu não posso acreditar que Ryke faria isso! #TeamCoballoway* @Sucker3Punch: *Ele ainda é gostoso. Por que Daisy teve que tentá-lo assim? #Raisy está morto por causa daquela vadia.*

@WendyBird_1: *#Raisy está morto chora*

"Raisy está morto" é um dos assuntos mais comentados no Twitter. Eu tento esconder uma careta. Ryke e Daisy foram uma das partes mais populares do reality show, por causa de todo o flerte que passava dos limites, mas nunca cruzou a linha. Eu não achava que os fãs iriam se revoltar, nem mesmo por algo assim.

— Não há provas contra ele, Daisy, — eu a lembro. — As pessoas vão esquecer isso. — Uma lente de câmera toca a janela, se aproximando demais. Ela mal se encolhe com o barulho.

— Eles não esqueceram o que aconteceu com você, — diz ela suavemente.

Eu endureço. — É diferente. — Há uma investigação em andamento sobre o caso de abuso sexual e eles têm amigos da família dizendo coisas como *Jonathan Hale fisicamente apalpava Loren em público*. Talvez apenas a parte de trás da minha cabeça. Eles estão exagerando o pouco que eles viram.

— Não é a mídia o que mais me machuca, — ela sussurra. — Eu só... — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, o fio tingido de rosa. — Eu me sinto tão traída pela minha mãe. — Samantha foi quem chamou a polícia.

Eu desligo o telefone dela. — Ryke não será acusado de estupro de vulnerável. Eles *não* têm provas, Daisy. Apenas se concentre nisso. — É a única coisa positiva. Samantha só queria jogar Ryke no fogo da mídia, fazer com que eles o destruam por um tempo desde que ele está namorando sua filha. Eu não quero que ele tenha que lidar com isso mais do que eu quero que Daisy tenha.

— Talvez eu tenha insistido demais... é isso que todo mundo diz, sabe? Que eu o provoquei.

Eu a encaro. — Em primeiro lugar, vocês dois não ficaram juntos até que você fosse legal. — Eu me encolho internamente com o pensamento deles fazendo algo diferente de dar as mãos. *Eu não posso acreditar que estou tendo essa conversa com Daisy Calloway.* — E em segundo lugar, Ryke vai te xingar no minuto em que você se culpar. Então, repensem sua primeira declaração para ele.

Seu queixo treme. — Não, eu culpo a minha mãe... mais do que ninguém.

Eu não adiciono o que ela provavelmente já sabe. Isso vai além de Samantha ficar puta que Daisy desistiu de ser modelo. Ela odeia a mãe de Ryke, então ela não ficou extasiada ao saber que sua filha estava namorando o filho de Sara Hale. Eu acho que nem Greg Calloway está empolgado com a ideia. Pela mesma razão que eu não estava: Ryke se expressa de forma agressiva, com poucas palavras. Eu não gostaria que esse tipo de cara namorasse minha filha. Não que eu vou ter uma.

De repente, as câmeras se afastam do Escalade em uma onda, correndo em direção à cadeia. Daisy se aproxima da porta e agarra a maçaneta.

— Não saia do carro, — eu aviso.

Ela inala bruscamente e diz, — Ele está saindo! — Lágrimas inundam seus olhos sobrecarregados e claramente apaixonados por meu irmão. Eu não posso negar esse fato.

Eu só tenho uma visão incrível de cinegrafistas com barbas retorcidas. Eu suspiro pesadamente, desejando que eles se apressem. Quase enfio a cabeça no

meio do assento, só para olhar, mas minhas juntas estão soldadas juntas em agitação.

E então, a porta da frente se abre. — Ryke, você dormiu com a Daisy quando você estava no reality show?! Você vai a julgamento?! — Mas Ryke não entra.

Meu pai senta no banco da frente ao lado de Anderson. Antes de bater a porta, ele grita de volta: — Não há julgamento porque ele não foi acusado. Escreva isso em seus malditos jornais. — Ele os cala, abafando o barulho por dois segundos.

Porque a porta dos fundos, a próxima de Daisy, se abre. As câmeras ficam loucas atrás de Ryke. Gritando tantas coisas ao mesmo tempo e tentando se aproximar para pegar uma foto de Daisy. Ela se ajoelha no assento enquanto Ryke está do lado de fora do carro.

— Ryke, eu sinto...

Ele se inclina e a beija, com a porta entreaberta para que as câmeras capturem o momento. Sem vergonha. *Bom para ele*. Embora o abraço deles seja um pouco *demais* para mim. Eu tenho que desviar o olhar quando fica claro que sua língua desliza na boca dela.

Meu pai está muito quieto no banco da frente. Ele continua limpando a garganta como se estivesse engasgado. Eu franzo a testa, o que aconteceu na cadeia?

Depois de outro segundo, Ryke desliza no carro e fecha a porta. Daisy está prestes a deslizar no assento do meio entre mim e meu irmão, mas Ryke a puxa para o seu colo. Ele sussurra em seu ouvido, e então ela acena e descansa a cabeça em seu ombro.

— Você está bem? — Eu pergunto a Ryke enquanto Anderson acelera em direção ao seu complexo de apartamentos ou talvez a casa do meu pai. Um dos dois. Os paparazzi entram em seus carros rapidamente, mas nós temos uma vantagem sobre eles.

— Eu vou ficar bem, — diz ele, abraçando Daisy mais perto de seu peito. Percebo que uma de suas mãos esfrega sua parte inferior das costas em um movimento circular. Ele finalmente olha para mim. — Papai tem algo para lhe dizer.

Minhas sobrancelhas franzem e só espero meu pai falar.

Ele audivelmente tosse em sua mão, definitivamente engasgou agora.

Ryke olha de relance para o encosto de cabeça. — Pai, — diz ele com os

dentes cerrados.

E então meu pai gira em seu assento para me encarar. Seu cabelo castanho escuro parece mais cinza pelas têmporas, o rosto mais severo e a testa mais enrugada.

Em uma respiração, ele diz, — Eu vou ficar sóbrio.

Minha boca cai lentamente. Eu tenho que ter ouvido errado. — O que foi isso? — Meu pulso aumenta um pouco. *O que foi isso?*

Ele revira os olhos. — Você realmente vai me fazer dizer isso de novo?

Eu congelo em choque. Eu contemplo o que aconteceu, como ele se recusou a murmurar as palavras em voz alta com as costas voltadas para mim. Meu pai não é um covarde, mas esta é uma proclamação tão pesada que eu não posso aceitar isso completamente. — Sim, — eu digo. — Diga isso de novo.

Ele suspira pesadamente. — Eu não vou mais beber, filho.

Eu estudo ele por um longo momento. E cheguei a uma conclusão. — Eu vou acreditar quando eu vir.

— Você e eu ambos, — ele murmura, mas a determinação enruga sua testa.

Nosso pai não faria isso com a bondade de seu maldito coração negro. Então eu olho para Ryke. — O que você faz? — Eu pergunto.

Jonathan responde primeiro. — Ele vai ser uma parte desta família. — Ele se vira para frente e eu o ouço dizer em voz baixa, — Como ele sempre deveria ser.

Eu li entre as linhas.

Para ter seu filho de volta em sua vida, meu pai está disposto a ficar sóbrio.

É um inferno de uma declaração, e eu nem me importo que ele não estava disposto a fazer isso por mim todos esses anos. Eu apenas pondero sobre a possibilidade de um dia ver o impossível. Meu pai sem o uísque dele.

{ 61 }

2 anos : 03 meses

Novembro

LILY CALLOWAY

Eu fui incluída no clube dos meninos por acidente. Ninguém me notou, exceto Lo, mas ele não está prestes a me expulsar da cova do meu pai. Isso tem que significar que meus poderes de invisibilidade estão florescendo. Talvez meu bebê seja mágico. O pensamento quase faz com que a gravidez não seja tão ruim.

— O que você está vestindo? — Lo pergunta a seu irmão com uma carranca. Connor, Lo e Sam arrastaram Ryke até a cova no momento em que ele estacionou sua Ducati na garagem dos meus pais, Daisy com ele. O almoço de domingo começa em trinta minutos, então acho que foi um sucesso que ele apareceu na hora certa ou até mesmo, se esforçando em seu relacionamento com minha irmãzinha. Ele aceitou o convite do meu pai, mesmo depois que minha mãe ter jogado Ryke na cadeia. Essa é a versão do meu pai de balançar uma bandeira branca.

Ryke fazendo as pazes e colocando esse problema atrás dele, na verdade, alivia muita tensão. E sei que ele está fazendo isso para tentar consertar a ponte entre Daisy e meus pais, aquela que está desmoronando.

— É almoço, — Ryke diz como se eles fossem loucos. — Eu estou vestindo uma porra de uma camisa e calças.

Todos os outros caras estão vestidos com camisas sociais e calças pretas. — É formal, — diz Lo ao irmão. — Eu pensei que você tivesse percebido isso.

Ryke olha para o teto e depois verifica seu relógio. — Eu não tenho tempo para voltar.

— Você pode trocar comigo, — diz Lo, já desabotoando sua camisa. Sento-me no braço do sofá, observando meu namorado tirar as roupas. Eu cruzo meus tornozelos e Lo me olha de volta conscientemente. O canto de seus lábios se eleva.

Sim. Estou muito, muito atraída por você. Mas a minha eu traidora deixa de bajular os músculos definidos e o peito esculpido. Meu sorriso desaparece. Lo

franze a testa para mim, mas ele está distraído com o irmão, que corre as mãos ansiosamente pelo cabelo. Ele realmente precisa parar de mexer nos fios. Meus pais não gostam de toda a aparência desgrenhada e de que acabou de sair da cama.

— Você não vai se encrencar por usar uma camiseta comum? — Ele pergunta a Lo tipo *que porra é essa?* Aparentemente, há uma falha neste plano.

Mas Sam esclarece isso. — Ele é Loren Hale. — Sim, isso descreve bem a diferença.

O rosto de Ryke endurece. Ele toca seu peito. — E eu sou Ryke Meadows. Aonde você está indo com essa porra?

Sam assobia. — Você não conhece Greg Calloway tão bem assim, não é?

Lo passa a camisa para Ryke. — O que Sammy está tentando dizer é que vou receber tratamento especial. Você não. — Ele esclarece, — Papai me criou e ele é o melhor amigo de Greg. Além disso, eu não estou namorando a garota Calloway mais nova. — Lo enfrenta Sam Stokes, que fica rígido, uma série de animosidades entre eles. Fraca, mas visível em suas posturas fechadas. — Eu consegui o melhor passe livre enquanto você tinha que passar por dez mil arcos. O dinheiro de Poppy deve ter *significado muito* para você.

— Nenhuma quantia de dinheiro vale os testes que Greg me fez passar, — diz Sam, suas costas arqueadas em defesa. — Se você não acredita que eu amo a irmã de Lily...

— Eu estou apenas brincando com você, — diz Lo nitidamente.

Ryke segura a camisa, solidificado como pedra enquanto processa o que isso significa. Eu tenho uma boa sensação de que Ryke será testado como Sam. A questão é: ele vai durar até o fim ou simplesmente desistirá da ideia? — E Connor conseguiu um passe livre também? — Pergunta ele.

— Eu era confiável desde o início, — diz Connor, ocupado com mensagens de texto, apenas metade nessa conversa. — Não é chocante para ninguém. — Ele sorri.

— Talvez se eu te desse um soco, você ficaria um pouco chocado, — diz Ryke.

— Só porque você sempre fala sobre isso, mas nunca faz, — diz Connor. — O que é surpreendente é que eu não devolvi você para o canil. Eu prefiro meus animais com uma mordida maior.

Ryke o mostra o dedo.

Eu me levanto e vou para o lado de Lo, meu braço curvando-se em torno de

sua cintura nua. Eu sinto seus dedos roçarem minha nuca. Lily 1.0 teria transformado esse cenário em uma fantasia muito, muito sexual. A Lily 3.0 extinguiu a maioria deles, mas eu fico na ponta dos pés para beijar sua bochecha.

Isso foi bom. Ainda melhor quando Lo usa um sorriso genuinamente feliz.

Meu corpo aquece. Talvez eu possa dizer a ele hoje. Depois do almoço. Ele parece estar em um lugar muito melhor.

— Eu sei que Greg não gosta de mim, mas estou *tentando*. Estar aqui não é o suficiente? — Ryke pergunta.

— Não, — diz Sam. — É um começo pequeno, mas definitivamente não é o suficiente. Passei *anos* tentando ganhar sua confiança e aceitação na família Calloway. Como Jonathan é seu pai, ele não deve levar tanto tempo, mas sem ofensa, você é notório por estar com muitas mulheres. Eu até questionei o que você está fazendo com Daisy.

Ryke revira os olhos, agitado, mas não tem resposta. Ele tira sua camiseta verde escura, e eu treino meus olhos para ficar em Loren Hale por um segundo prolongado.

— Você tem uma tatuagem? — Sam pergunta com uma expressão mista como: *você está ferrado, amigo* e *eu sinto muito por você*.

Eu falo: — Você não assistiu *Princesas da Filadélfia*? — Durante o show, Ryke passou muitas semanas preenchendo a tatuagem ao longo de seu ombro e peito: uma fênix com uma coloração vermelha e laranja. Uma corrente preta está amarrada ao redor dos tornozelos do pássaro e se estende ao longo de sua caixa torácica, terminando com uma âncora pelo quadril. Aquela âncora está em um lugar perverso e ele sabe disso.

Sam acaba de perceber que eu entrei no quarto. Minha invisibilidade desapareceu. — Eu nunca assisti o show, não.

Oh.

Ryke coloca a camisa social de Lo e começa a abotoar. — Então, o que acontece se eu tiver uma tatuagem?

— Greg odeia tatuagens, — diz ele.

— Isso é muito ruim, — diz Ryke categoricamente, — porque a filha dele tem um.

O queeee... — Qual irmã? — Eu pergunto.

Ryke me dá uma olhada como se eu estivesse sendo burra.

Ah. Certo. Daisy.

Sam coça a parte de trás da cabeça. — Um conselho, não mencione isso

agora, ou nunca. Ele vai achar que você é uma má influência para ela.

— Ele já pensa isso, — retruca Ryke. — Apenas diga: *estou fodido*.

— Talvez você devesse arrumar o cabelo, — sugiro.

Ele solta um grunhido frustrado e tenta passar os dedos pelos fios grossos e bagunçados. Ele está piorando. — Pare de olhar para mim com esse olhar, Lily, — ele retruca, mais nervoso do que eu já vi.

— Que olhar?

— Como se estivesse constipada.

Eu fico boquiaberta. — Isso foi malvado.

— Isso foi muito malvado, — diz Lo.

— É a porra da verdade.

Eu cruzo meus braços. — Você quer saber, eu ia te ajudar a arrumar seu cabelo, mas estou retirando minha oferta. — Eu levanto meu queixo em confiança. *Aceite isso.*

Connor encontra um buraco na minha declaração. — Você não pode retirar uma oferta que nunca foi declarada.

Eu olho para Ryke. — Você gostaria que eu arrumasse seu cabelo? — Ele abre a boca, mas eu o interrompo. — Eu retiro minha oferta. Ha! — Eu levanto meu punho para Lo, e ele bate com o dele. E então ele beija minha testa. Eu consegui um beijo com isso. Eu tento não sorrir muito.

— Por mais divertido que isso seja, — Sam diz com o celular na mão, não parecendo tão divertido quanto o resto de nós, — é melhor irmos para a sala de jantar. Poppy acabou de me mandar uma mensagem. Jonathan está aqui e, aparentemente, Samantha não vem.

— Ela está envergonhada sobre o que aconteceu, — esclarece Connor. — Coisa boa para você, Ryke, você não vai ter que lidar com ela por um tempo.

— Fodidamente fantástico, — diz ele, indo para a porta. Não tenho certeza se o tratamento silencioso da minha mãe é melhor do que sua presença constante e persistente. Pelo menos, para mim, os momentos em silencio me deram mais náuseas do que as primeiras semanas da minha gravidez.

Lo desliza a camisa verde sobre a cabeça. — Pronta? — ele me pergunta. Lo e eu não participamos muito dos almoços, mas decidimos vir a este em apoio a Ryke e seu relacionamento com Daisy. Não vai ser tão difícil com minha mãe aqui, mas eu ainda tenho uma enorme bomba de bebê para jogar hoje.

Eu estou rezando para que ele suporte o golpe.

{ 62 }

2 anos : 03 meses

Novembro

LILY CALLOWAY

— Vamos falar sobre o futuro pequeno Calloway, — Jonathan diz na mesa da sala de jantar, almoço de domingo da família em sessão.

— Cobalt, — Connor o corrige, tomando seu vinho.

Os olhos de Jonathan piscam para o licor brevemente, mas ele não faz nenhum movimento para trocar seu café por álcool. Eu mal posso acreditar que ele está sóbrio. Eu nem acho que *Jonathan* acredita nisso, mas três padrinhos de sobriedade sentam em cadeiras perto da porta vinte e quatro horas por dia, provando que ele está dedicado à sua reabilitação.

— Certo, — Jonathan diz. — O que você precisar para o seu bebê, a Hale Co. fornecerá: brinquedos, berços, fraldas.

Depois que Connor ficou sabendo da gravidez de Rose durante a viagem, minha irmã anunciou a notícia para a família e, posteriormente, para o mundo. As redes de televisão propõem um novo reality show que se concentra nos dias que antecederam o nascimento. Eles recusaram, mas a empolgação dos fãs, familiares e amigos é palpável.

Eu só tenho um forte sentimento de que minhas notícias terão o efeito oposto.

— Eu *mal* estou me acostumando com a ideia de que estou criando alguém, — diz Rose, beliscando a haste de um copo de vinho, apenas água, — então, por favor, você pode não falar sobre brinquedos de bebê? A última coisa que eu preciso pensar é uma criança me batendo com um chocalho.

— A melhor parte disso, — diz Lo, — é que esses brinquedos têm meu sobrenome rabiscado do lado. — Ele dá a ela um meio sorriso. O bebê de Rose brincando com um chocalho com a assinatura Hale - essa é uma imagem que ela não aceitaria em nenhum universo.

Os olhos de Rose se estreitam friamente. — Eu gostaria de ver as resenhas sobre esses chocalhos de plástico. Aposto que vinte crianças já se engasgaram

com eles.

— Esse insulto morreu em seu ventre.

Rose revira os olhos. — Sua insensibilidade não é nada nova, Loren.

— Sinto muito, — diz ele categoricamente, — não percebi que as bruxas tinham sentimentos além da raiva satânica.

Ok, isso está indo para um território perigoso. Eu belisco o braço de Lo, e ele pega a dica, pegando sua água para parar de continuar.

— O que acontece se você tiver um menino? — Daisy pergunta do outro lado da mesa, com Ryke, Sam, Poppy e meu pai. Ryke tem o braço ao redor das costas da cadeira dela, o que pode ou não ser um bom movimento. Eu não posso dizer com o que meu pai está preocupado. Ele corta sua costela com uma faca de carne, olhando para Ryke de vez em quando em aviso rígido.

Rose respira fundo com a pergunta, sua faca rasgando seu salmão. Ela destrói o pedaço de peixe e Connor descansa a palma da mão dele na de Rose. Ela diminui os movimentos bruscos da faca.

Rose diz, — Então, vou tentar engravidar logo depois, só para ter uma menina.

Connor sorri, ofuscante. — Eu não rezo para ninguém além de mim, mas posso fazer uma exceção, só para podermos ter um menino primeiro. — Ele quer muitas e muitas crianças, então a proclamação de Rose é como o céu para ele agora.

— Suas orações não vão funcionar contra o destino, — retruca Rose. — Há cinquenta por cento de chance de eu ganhar de você.

— Não é o destino. É ciência, querida.

— Vamos ver então, — diz ela.

O sorriso de Connor se estende por seu rosto, e ele diz uma palavra ou duas em voz alta em francês e depois para. Ele raramente parece irritado, mas por causa de uma certa pessoa *mentindo* sobre seu conhecimento de língua estrangeira, isso induziu uma carranca de Connor Cobalt.

— Que outras línguas você conhece? — Connor pergunta a Ryke do outro lado da mesa. Todo esse tempo, Ryke entendeu o que Rose e Connor sussurravam em francês. Tão injusto. Ele é fluente em francês e espanhol, com certeza, de tanto estudar quando criança, pelo pedido estrito de sua mãe.

— Por quê? — Ryke pergunta. — É tão importante que você fale em código com sua esposa?

Eu levanto minha mão timidamente. — Só quero acrescentar, — digo a

Connor e minha irmã, — que não entendo algumas das coisas que vocês dizem em nossa língua. Isso é tudo. — Todo mundo olha para mim por um segundo, e eu meio que murcho no meu assento, lamentando essa interjeição. Há *muitas* pessoas nessa mesa.

Connor diz a ele, — Rose só sabe francês, então esse não é o ponto. — Ele continua e acrescenta algumas palavras com o que parece ser italiano.

Ryke distraidamente responde na mesma língua, da mesma maneira fluente.

Connor parece divertido, como se estivesse brincando com um novo brinquedo que foi criado para testar sua inteligência. Ele muda para o alemão, o que soa bonito em sua língua, mas Ryke já teve o suficiente desse jogo que Connor começou. Ele para com isso mostrando o dedo do meio a ele.

Meu pai parece irritado, limpando a boca com o guardanapo. Tenho certeza que ele queria alguém menos vulgar para Daisy.

Mas minha irmãzinha não se importa com os sentimentos do meu pai. Ela empurra sua comida ao redor de seu prato, mais mal-humorada desde o incidente da prisão. Ela só não perdoou nossos pais ainda.

Lo pede ao empregado mais próximo para trazer café, e eu percebo que é para mim. Eu estive bocejando mais do que o normal, e na viagem de avião da Califórnia para a Pensilvânia, eu basicamente desmaiei de exaustão. Ele está percebendo tudo. Ontem ele disse que me levaria ao médico, mas eu resmunguei um *não, obrigada* e o distraí com sexo. Não foi um dos meus momentos mais nobres.

Depois do almoço, eu me lembro. Ele aprenderá que nosso novo futuro consistirá em uma pessoa extra. Eu olho para a toalha de mesa branca. É mais assustador quando penso assim. Como vamos ser responsáveis por outro ser humano?

Nós lutamos por tanto tempo apenas para cuidar de nós mesmos.

— Então, quando você vai começar a mostrar? — Lo pergunta a Rose, de modo tranquilo. Talvez isso não seja tão ruim.

— Já cresceu um pouco, — diz ela, tentando salvar o salmão que ela demoliu em seu prato.

— O que acontece quando eles encontram cascos no ultrassom? — Seu lado bom não durou muito tempo.

Jonathan interrompe: — Honestamente, Loren, quando você assumir a Hale Co., *você* terá que ser mais sensível com essas coisas. A empresa já passou pelo inferno e voltou. Não vai sobreviver se você não se importa com o setor.

Lo mói os dentes antes de dizer: — Tão sensível como você? Como se *você* se importasse com essa merda?

Jonathan devora o insulto com um olhar severo. — Quando você foi pai...

— Esse é o problema, eu *nunca* vou ser pai, — Lo interrompe, segurando a mesa enquanto se aproxima de Jonathan. Meu coração é catapultado para a minha garganta.

Estou paralisada da cabeça aos pés.

— Você adora fazer o oposto de tudo que eu digo, — declara Jonathan. — Eu lhe digo para correr. Você anda. Eu te digo para beber. Você fica sóbrio. Eu digo a você para liderar minha empresa. Você começa a sua própria.

Eu me lembro - uma vez, talvez em nosso primeiro encontro como um casal de verdade - Lo professou um reconhecimento similar de sua rebelião adolescente. Mas isso é diferente.

O rosto de Lo fica vermelho de raiva. — Ponha isso na sua cabeça. — Cada palavra é estampada com poder. — Eu *nunca* vou submeter uma criança a essa merda de tortura. Eu preferiria ser queimado vivo do que viver sabendo que coloquei alguém nesse tipo de inferno. — É como se um punho tivesse arrancado meu coração, destruindo cada artéria terrivelmente devagar. E ele apenas continua. — Então, destrua todos esses malditos sonhos de ter netos. — Ele se levanta. — Seu império Hale começa ali, com ele. — Lo aponta Ryke através da mesa. — Não comigo.

Ele joga o guardanapo de pano em seu assento e se afasta, fumegando.

Eu não posso seguir ele. Meu olhar assombrado e petrificado está fixo em meu prato de comida meio comido. As lágrimas estão submersas sob o peso de sua opinião. Ele prefere morrer a abraçar a ideia de trazer vida ao mundo.

— Lily, — Rose sussurra.

Estou bem.

Eu balanço minha cabeça internamente. Eu não estou.

Eu não vejo como eu posso contar essa notícia de uma maneira boa. Eu não vejo como *isso* pode ficar bem como eu esperava.

{ 63 }

2 anos : 03 meses

Novembro

LOREN HALE

— Estamos oferecendo uma solução, — diz Connor, sentado na sala de estar. Pelo amor de Cristo, toda vez que tentamos assistir a um filme, uma conversa séria é de alguma forma levantada. — Não é nada para se preocupar.

Eu toco meu peito. — Eu *não* vou morar com você. Você tem sido um ótimo colega de quarto nos últimos dois anos, mas você está tendo um bebê, cara.

Tudo mudou com a gravidez de Rose, e o tópico está honestamente forçando meu relacionamento com Lily. Ela está distante de mim desde o almoço. E eu sei que dói a ela que nunca teremos filhos, mas vai doer ainda mais se ela pensar nisso todos os dias com o bebê de Rose e Connor nos cercando.

Eu acrescento, — Você não precisa lidar com nossos problemas além disso.

— Você não está pronto, — Rose diz. — Você recaiu apenas alguns meses atrás...

— Eu nunca vou estar pronto, Rose! — Eu grito, meu pulso latejando. — Se você está esperando que eu seja curado, então você pode desistir agora. Isso vai durar para sempre. Não um mês. Não alguns anos. Eu sou um viciado. Eu poderia muito bem ficar sóbrio por dez anos e recair novamente. Você tem que aceitar isso.

O rosto dela se aquece. — E quanto a Lily?

— Eu posso cuidar dela como eu sempre cuidei, — eu digo com firmeza, mas uma pressão pesa em mim. Eu tenho feito um bom trabalho até... eu não sei. Talvez quando voltamos para a Filadélfia. Depois da viagem. Ela está apenas se afastando de mim. É a pior sensação do mundo.

— Ah, — diz Rose, — você quer dizer quando passou anos a deixando transar com homens diferentes todas as noites. — É como um soco de direita na mandíbula.

Eu não posso mais suportar essa parte do meu passado. Não há um dia que

passe que eu não gostaria de trazer Lily para meus braços mais cedo, que eu fornecesse a ela tudo o que ela estava procurando, parando-a antes que ela procurasse em outros homens. Que eu parasse de beber por ela, desde o começo.

Eu canalizo a dor que percorre através de mim em algo mais sombrio, mas percebo a pequena barriga dela através do vestido preto de Rose. E eu sufoco uma réplica vingativa.

— Esse é o seu passe de gravidez dessa maldita noite. Quem está crescendo em sua barriga é um demônio. Deixando você malvada.

Rose segura a mão dela como se dissesse *cala a boca.* — Eu não me importo com o bebê. Eu quero que Lily more conosco, e se ela quiser, então você não deveria estar brigando comigo.

— Ela não quer, — eu atiro de volta.

— Você perguntou a ela?

— Sim! — Eu grito. *Não.* Eu faço uma careta internamente, minhas mãos tremendo. Eu simplesmente não tiver a chance, sério.

— Há quanto tempo ela se foi? — Ryke pergunta de repente.

E o fundo do meu estômago cai. Eu verifico a almofada ao meu lado, já sabendo que Lily não está nela. — Merda, — eu amaldiçoo. Eu me levanto. O medo sacode meus ossos, vibrando cada parte de mim até que eu esteja cheio de medo e pânico. E a forma mais crua de adrenalina.

Apenas forçado a agir por instinto. Eu mal ouço Connor anunciar há quanto tempo ela está desaparecida. Eu não espero que eles sigam. Eu corro para o lugar onde ela se retira sempre que ela luta contra o vício.

*

— LILY! — Eu grito, empurrando a maçaneta do banheiro. Eu bato na madeira. — LILY! — O medo já começou a canibalizar minha alma. Ontem ela me rejeitou quando tentei beijá-la depois do almoço. Eu pensei que espaço era o que ela precisava - eu não achava que fosse tão ruim assim.

Eu me envolvi tanto com meus problemas que não consegui ver o que estava acontecendo. Eu não posso perdê-la. Não por um momento. Não por um segundo.

Ela é a única razão pela qual eu *ainda* estou vivendo essa vida.

Eu freneticamente tento entrar pela porta, a água gorgolejando pelas paredes. O chuveiro está ligado.

— Sai da frente, — Ryke me diz.

Eu mudo de posição para que ele possa bater o ombro na porta. Depois de duas tentativas, ela se abre. Ele entra antes de mim, os anéis da cortina do chuveiro tilintam contra a haste enquanto ele a puxa para trás.

Assim que eu vejo a Lily, vestida, sentada na banheira com a água do chuveiro batendo em seu corpo magro, eu pulo direto para dentro, a água congelando. Eu a encaixo entre as minhas pernas enquanto ela treme, enquanto ela agarra os joelhos ao peito. A água cai sobre nós, encharcando nossos cabelos, nossas roupas. E eu seguro seu rosto delicado entre as minhas mãos enquanto ela chora.

Meu peito desmorona, cada parte de mim gritando por dentro. Eu sinto que quebrei a única garota que amei. E tudo que eu quero fazer é reorganizar os pedaços e colocá-los de volta. Eu procuro seus olhos cheios de lágrimas, e até mesmo quando Ryke desliga o chuveiro, nós dois trememos de mais do que apenas o frio.

— Lil, shhh, — eu digo, sua dor me rasgando. — Você está bem. — Ela se agarra a mim como se eu pudesse escorregar por seus braços, ir para trás e sair. Eu não faria isso. Eu não posso. Nosso amor é raro. É um que eu não posso abandonar, mesmo que eu tente. Quando ela grita, um grito idêntico me rasga. Quando ela chora, meu mundo chove com tristeza. Quando ela ama, eu realmente voo.

Eu nunca quis mais ninguém além de Lily.

— Eu... sinto muito... — ela soluça, sua camisa preta de manga comprida grudada em seu corpo magro. Ela enterra a cabeça na curva do meu ombro, e eu a abraço, esfregando suas costas. Aquecendo ela com o atrito. Isso é catastrófico. Outra quarta-feira, onde ambos nos encontramos exaustos e fraturados no tapete. Apegados ao fato de que não podemos viver sem o outro, mas derrotados pelos obstáculos que dizem que devemos.

— Sente muito pelo que, Lil? — Eu sussurro.

— Eu queria dizer a você... — Lily murmura, saindo do seu esconderijo no meu ombro. Seu cabelo molhado está mais escuro e molda suas bochechas pálidas, tristeza saindo de seus olhos. Eu acaricio a cabeça dela. *Tudo bem, Lil.* — Ontem, eu ia... fiquei com medo...

— Lily... — eu digo baixinho. — …Você pode me dizer qualquer coisa.

— Não isso. — Ela balança a cabeça, chorando profundamente. Eu escovo meu polegar sobre sua pele fria. —Não *isso*.

Lágrimas quentes rolam pelas minhas bochechas. Ela poderia ter me traído. O pensamento me engasga por um segundo. Não consigo pensar em mais nada que lhe causasse tanta agonia e culpa. Meus lábios estão perto de sua testa enquanto ela olha para as mãos, como se fossem um portal para fora deste mundo.

Eu a levo para a minha, entrelaçando nossos dedos juntos. Um por vez. Se ela quiser sair, eu vou com ela.

— Você tem que me dizer, Lil, — eu sussurro quanto mais água se apossam em seus olhos verdes. — Eu não consigo adivinhar. — Eu tento segurar mais emoções, mas eu me conecto de forma tão sucinta com ela que é quase impossível não *sentir* cada coisa. Como o toque de cada nervo. Como as pontas dos dedos em fogo e depois na neve. Estou apavorado com o que ela poderia me dizer, mas tenho mais medo de perdê-la. — Por favor... não me faça adivinhar.

Ela balança a cabeça algumas vezes, ficando quieta. E então seus lábios se partem em choque e realização. — Você acha que... você acha que eu te trai? — Seu rosto se quebra com essa possibilidade. *O que*? Eu quase começo a chorar pesadamente. Eu sugo o choro, o meu nariz queimando de tanto segurá-lo.

Esta dor. É como se alguém tivesse me demolido. Direto no chão. — Eu não sei, Lil, — eu respiro. — Você tem ficado distante e você não veio comigo para Paris, então você teve todo esse tempo sozinha... eu só, eu não... eu não sei.

— Eu *não* te trai, — diz ela, com o queixo tremendo novamente. Ela parece que poderia me dar um soco no braço, como ela normalmente faz. Mas ela não tem energia suficiente para fazer isso, não há luta para esse golpe. — Você tem que acreditar em mim.

— Eu acredito, Lil, — eu digo, tomando fôlego, não de alívio total. — Mas você tem que me dizer o que está acontecendo.

— Eu estava chateada... sobrecarregada. — Ela esfrega os olhos com a palma da mão, mas as lágrimas ainda não cessaram. — E eu queria fazer coisas e eu apenas pensei... que isso ajudaria. — A vergonha aumenta quando ela olha entre o chuveiro e os joelhos, enrugada dentro de si mesma.

— Apenas fale de uma vez, — eu insisto. — O que quer que seja. Apenas tire isso do seu peito agora, amor. — Eu só quero que ela se sinta bem de novo.

Ela se concentra em nossas mãos atadas. — Eu não sabia como te contar... Eu pensei que enquanto você estivesse em Paris, eu descobriria uma boa maneira de dizer isso, mas eu não... Eu não acho que há uma boa maneira. E eu continuei adiando, pensando *amanhã será o dia.* — Ela continua esfregando os olhos.

Então, finalmente, ela deixa cair as mãos.

E ela diz com uma grande inspiração, — Estou grávida de oito semanas.

Eu congelo, como se um carro tivesse batido direto em mim. Vidros se quebrando. O carro desviando. Rodando. O airbag estourando no meu peito, arranco o vento para fora de mim. O choque e o medo me levam a um estado sem pensamentos.

— Você não pode estar... — O sangue corre para a minha cabeça. Meus olhos caem para seu estômago, a camisa preta que está colada na sua barriga. Eu subo o tecido para suas costelas. Eu confundi o leve aumento da barriga com ganho de peso. Nada prejudicial para nossas vidas. Nada que pudesse nos derrubar.

Eu finalmente olho para as outras pessoas que estão no banheiro. Ryke. Connor. Rose. *Rose.* — *Você* está grávida, — digo a ela.

— Nós duas estamos, — diz Rose em voz baixa, com medo de mim. Todo mundo está com medo de mim.

De como vou reagir.

Eu nunca quis uma criança. Nunca sequer considerei isso por um momento. Eu sou egoísta, danificado e rancoroso. Não importa o quanto eu amo a Lily, há coisas sobre mim que nunca vão mudar. — Isso não é possível, — eu digo. Embora seja. Com a quantidade de sexo que fazemos - muito e muito descuidado - *esse* sempre poderia ter sido o resultado final.

— A probabilidade é pequena, mas não é impossível, — responde Connor, com as mãos casualmente nos bolsos das calças. Ele sabe disso há algum tempo. — Seus ciclos ficaram sincronizados depois de viverem juntas. Eu não uso proteção com Rose, e tenho certeza que você não usa com a Lily.

— Eu esqueci de tomar meu anticoncepcional alguns dias, — Lily sussurra, incapaz de encontrar meus olhos, olhando apenas para as mãos, as que eu abandonei. — Eu não percebi...

Eu pego suas duas mãos de novo e as lágrimas caem com mais força. Eu as aperto. — Você poderia ter me dito mais cedo. — Minha mente volta para ontem, e eu franzo a testa. O que eu admiti em voz alta sobre crianças - eu havia

a destruído e nem sequer percebi isso. Eu volto mais. Paris. Eu ainda sinto aquela noite como uma cicatriz profunda sob a minha pele. Eu estava perdido e nenhuma parte de mim teria funcionado da maneira certa com essa notícia.

Ela teve oito semanas, talvez menos, para me dizer a verdade. E em todas elas, eu não estava forte o suficiente para lidar com isso. Eu posso sentar aqui, encharcado em água gelada, a segurando em meus braços e admitir isso.

— Eu sei que você não quer filhos, — ela funga, contendo as lágrimas, tanto quanto possível. — E eu não queria estressá-lo com isso... me desculpe.

A culpa bate em mim. — Shhh. — Eu a pressiono mais forte no meu peito, suas pernas apertando minha cintura. — Está tudo bem, Lil. — Eu nunca quis que ela suportasse um fardo *tão pesado assim* sozinha. Não um que deveríamos ter carregados juntos.

— Não está, — diz ela, enxugando as bochechas e, em seguida, olhando nos meus olhos. Seus grandes e redondos olhos verdes estão molhados e avermelhados. — Você não quer um bebê.

Não. Eu nunca quis um bebê. Mas de frente com essa realidade, eu só quero fazer o certo por Lily. Eu só quero consertar todos os erros que eu já fiz. Eu estou pronto, tão fodidamente pronto, para derrotar isso.

Para nunca mais enfrentar esses demônios.

Eu estou cansado de sentir pena de mim mesmo.

Meus dedos se emaranham em seu cabelo úmido. — Isso não importa mais. — Eu coloco minha mão no meu peito. — Somos viciados. Você e eu. — Eu movo minha mão entre nós. Esse fato não vai mudar, não importa o quanto desejemos cair no esquecimento. — Talvez não devêssemos ter filhos, mas temos os meios para criá-lo ou cria-la bem.

— E você nos tem, — proclama Rose.

Lily e eu olhamos para as três pessoas que foram a base de nossas vidas saudáveis. Rose levanta o queixo com uma expressão determinada como se dissesse *vocês dois pudessem fazer isso.*

E então tem Connor. Ele está reto, com mais confiança do que qualquer um de nós já teve. Eu quase posso sentir irradiar do seu corpo e fluir através do meu. Seus lábios começam a subir, sabendo o efeito que ele tem em mim e na maioria das pessoas.

Meu irmão. Ryke tem os braços cruzados sobre o peito. Acho que ele sabe, tão bem quanto eu, que não estou nem perto de estar pronto para ter um filho. Mas a negatividade foi varrida de suas feições duras e sombrias. Ele tem a

mesma vontade firme e inflexível em seus olhos que o resto deles.

A perseverança para fazer qualquer coisa, ser qualquer coisa. Prosperar.

Algum dia, essa palavra também nos pertencerá. Depois de anos nunca conseguindo, é tudo que eu sempre quis.

{ 64 }

2 anos : 03 meses

Novembro

LILY CALLOWAY

O chuveiro fumegante embaça a porta de vidro. Estamos em nosso banheiro no andar de cima, onde a privacidade existe, e Loren Hale se eleva acima de mim, a água nos cobrindo como lençóis quentes. Nós nos descongelamos depois do banho gelado, seu olhar intenso nunca se afastando do meu.

De todas as reações que imaginei que ele teria, essa era a que eu menos esperava. Mas a que eu mais amo. É aquela em que ele está indiscutivelmente comprometido conosco, como uma equipe. Eu não pediria mais nada dele.

Minhas mãos sobem em suas costas, e sua palma cai no meu traseiro, a outra em meu rosto. Seus olhos âmbar me preenchem. Ele se inclina tão perto, sua boca parando a um centímetro do meu pescoço. Um gemido escapa antes mesmo dele pressionar seus lábios contra mim.

Mas quando eles se fecham sobre a pele macia, eu me empurro para ele, minha perna subindo ao redor de seu quadril. A névoa espessa deixa difícil respirar, meu corpo aquecendo com a água e seu toque, sensual e lento.

Seus lábios encontram os meus, sua língua os separa, deslizando em um movimento hipnótico. Eu estou tonta em seu abraço, e ele levanta minha outra coxa sobre sua cintura, levantando-me dos azulejos. Meu núcleo pulsa como sangue bombeando em minhas veias.

Ele chuta a porta do chuveiro enquanto nos beijamos profundamente, minhas mãos apertadas ao redor do seu pescoço. Ele me carrega de volta para o quarto, não se importando com o fato de a água escorrer pelos nossos corpos molhados e cair no chão. De repente, ele me coloca de costas, nosso suave e quente cobertor abaixo de mim. Nós mal nos separamos o suficiente para parar de nos beijar. Todo nervo se derrete, meu coração transborda com esse ritmo.

Minhas pernas já estão abertas ao redor dele, e ele respira pesadamente

quanto mais ele alonga o inevitável. E a mão dele desaparece entre as nossas pélvis, meus lábios inchando contra os dele. Eu posso sentir o quão molhada estou antes de seus dedos me tocarem.

Eu gemo, minha cabeça inclinada para trás. Ele beija minha mandíbula, e então ele lentamente, lentamente desliza sua ereção profundamente, dentro de mim. Quando sua outra mão retorna, aperto seus dois antebraços, as palmas das mãos em cada lado da minha cabeça. Ele balança contra o meu corpo em um ritmo melódico, e um gemido rompe de seus lábios. Ele descansa a testa contra a minha, sua respiração quente entrando em meus pulmões.

— Lily, — ele engasga quando ele empurra para frente. De novo e de novo.

Meus olhos reviram quanto mais nós continuamos, quanto mais alto vamos. Parece a eternidade, como horas e horas e anos e anos. Um abraço que dura vidas.

Quando diminuímos a velocidade, quando eu me arqueio contra ele e nossos lábios se separaram em um clímax brilhante e esmagador, nos deitamos na cama, nossas pernas emaranhadas juntas. Minha cabeça descansa em seu peito, ouvindo a batida constante de seu coração.

— Eu te amo, — ele sussurra, penteando meu cabelo úmido da minha testa.

Eu levanto o queixo para olhar para ele, prestes a dizer *também te amo*, mas parece muito praticado, não abrangendo nem a metade dos meus sentimentos.

Ele vê isso nos meus olhos. — Eu sei, — diz ele, levantando-me mais alto em seu corpo para que ele não tenha que olhar para baixo. Nós estamos no nível dos olhos, nossas cabeças no mesmo travesseiro, viradas uma para a outra. Meu tornozelo esfrega contra sua perna e sua mão acaricia meu braço.

— Lil... — ele diz suavemente, mas é a minha vez de ler as respostas por trás de seu olhar.

— Estou com medo também, — eu admito. — Nós nunca fomos capazes de manter um peixinho vivo. Você se lembra de BG? — Ele começa a sorrir com a memória. Eu acrescento, — Ele não durou nem uma semana antes de flutuar até o topo do tanque. Acho que o superalimentei.

— Ele provavelmente morreu quando percebeu que você o nomeou de BolaGato, — diz ele, com os olhos suaves. — Embora você definitivamente tenha superalimentado ele.

— Não temos o melhor histórico, — concluo, — mas desta vez pode ser diferente. — Não conseguimos manter um peixinho saudável porque estávamos muito consumidos pelos nossos vícios. Nós mudamos muito, então quem pode

nos dizer que isso não vai dar certo?

Ele me encara profundamente e diz, — Eu só não quero que nosso filho seja danificado como nós.

Minha respiração pega e leva um minuto para coletar as palavras certas. — Não podemos viver com medo disso. Isso vai nos aleijar.

Ele me puxa para mais perto, e ele me beija tão fortemente que o ar é aspirado dos meus pulmões. Uma adrenalina de proporções épicas correndo por mim.

Quando nos separamos, sua testa na minha, ele sussurra: — Você e eu.

Eu sorrio contra seus lábios. — Lily e Lo.

— E outra pessoa, — diz ele.

E outra pessoa.

Eu tenho muitos meses antes de conhecer essa outra pessoa, mas estamos começando a aceitar esse novo mundo, uma nova realidade onde não podemos mais ser egoístas. É o nosso maior teste até agora.

{ 65 }

2 anos : 03 meses

Novembro

LOREN HALE

Eu desenho círculos em um guardanapo de papel no bar da cozinha, Ryke no banco ao meu lado. As garotas estão amontoadas na sala de estar, a tensão esticando o ar. Mas isso não tem nada a ver comigo. Ou Lily. Daisy finalmente deixou as irmãs se concentrarem nela pela primeira vez.

Algo aconteceu. Meses antes. Um ano, talvez com a Daisy. É mau. Eu posso ver escrito em todo o rosto do meu irmão. Connor nos observa do outro lado do balcão, tomando café de um copo de isopor.

As canecas são embaladas em caixas de papelão, todos os armários estão vazios. Todo mundo está voltando para Filadélfia quando Lily se forma, mas não temos ideia se vamos nos separar de Connor e Rose.

Ryke descansa a mão no meu ombro. — Como você está indo?

— Pergunte-me de novo quando isso afunda, — eu digo.

— Que você vai ter um filho?

— Sim, — eu aceno. — E eu já me sinto horrível por isso.

Ryke faz uma pausa. — Ele pode não ter problemas de dependência, Lo.

— Não, não é isso. — Eu paro de desenhar e aponto minha caneta para Connor. — Nosso filho vai ter que competir com o deles. Já está fodido e nem nasceu ainda. — Eu egoisticamente queria que eles não estivessem tendo um bebê. Então, eu sei, com certeza, que teríamos toda a sua atenção, a ajuda deles em cada passo em falso que fizermos. Vai ser um desafio maior sem isso. Isso vai forçar Lily e eu a assumir total responsabilidade. Talvez seja melhor assim, mesmo que seja mais difícil.

Em vez de ser compreensivo, Connor sorri para a borda da taça e Ryke está *sorrindo*. Meu irmão diz: — O filho de Connor também vai ser um muco, então você pode ter certeza de que o seu não será totalmente fodido.

Eu começo a sorrir também.

Connor está prestes a responder, mas um soluço doloroso emana da sala de

estar. Nós todos endurecemos, nossos ombros puxados para trás em alarme.

— Devemos ir lá dentro? — Eu pergunto, imaginando Lily e suas irmãs em lágrimas. Mas eu lembro como Lily abraçou Daisy em Utah quando sua irmãzinha estava chorando, como ela tem sido o ombro para chorar. Meus músculos se soltam.

— Mais cinco minutos, — diz Connor.

Talvez isso dê ao meu irmão tempo suficiente para compartilhar a versão do que aconteceu. Eu recomeço a desenhar caixas ao redor dos meus quadrados, a caneta sangrando pelo guardanapo. — Tem a ver com seus problemas de sono, certo? — Eu pergunto, lembrando em Paris como Daisy teve um terror noturno. Ela deu um tapa no rosto de Ryke sem perceber. Eu nem sequer deduzi que ela poderia tê-los sempre que dormisse.

— Sim, — Ryke diz suavemente. Ele se desloca no banquinho, então estamos inclinados um para o outro. — Não foi apenas um grande evento que desencadeou seus problemas. Na maioria das noites, ela nem consegue dormir.

Eu franzir a testa. — Ela viu...

— Sim, ela viu médicos por causa de seu distúrbio do sono e está indo para a terapia para o estresse pós-traumático.

Eu fico rígido. — Estresse pós-traumático? — Estou começando a perceber que só vemos fragmentos de pessoas, e as peças que recebi criam uma das fotos mais incompletas de meu irmão, de Daisy e de seu relacionamento.

No fundo, podemos ouvir os sons fracos de Daisy chorando enquanto ela fala. Ryke parece tão dividido que ele tem dificuldade em se concentrar em nossa conversa e não nas meninas.

— Ryke, — eu sussurro. Eu tenho que saber o que aconteceu.

Ele respira fundo. — Eu acho que começou depois que o vício em sexo de Lily se tornou público. — Minhas sobrancelhas se juntam, reconhecendo há quanto tempo isso realmente aconteceu. — Daisy foi muito provocada por adolescentes estúpidos de sua escola preparatória. Na véspera de Ano Novo, ela disse que algum cara continuou jogando preservativos para ela.

Eu olho — O que?

Os olhos de Ryke se estreitam. — Eles continuaram fazendo comentários sobre Lily...

— Porque ela é viciada em sexo? — Minha voz treme.

— Sim, — diz Ryke. — Todo mundo queria acreditar que Daisy era uma, se tornaria uma, qualquer coisa que criasse uma boa história. — Veias ondulam em

seus antebraços, seus músculos tensos. — E então, durante o reality show, um cara da câmera, que não fazia parte da produção, invadiu a casa uma noite, e ele entrou no quarto dela e começou a tirar fotos.

Eu empalideço. — Onde eu estava?

— Dormindo, — diz Ryke.

Eu olho furiosamente. — Por que *ninguém* me falou sobre isso? Já faz mais de um ano.

Connor diz: — Tudo começou por causa do vício da Lily. — Culpa. Eles estavam com medo de sobrecarregar Lily com mais e mais culpa.

Me lembro de todos os artigos que especulavam como Daisy se tornaria uma pequena Lily, uma futura viciada em sexo, mas nunca vi como isso a afetava. Ela escondeu muito bem de nós. — Ela parecia feliz. — Eu me encolho. *Não feliz exatamente*. Daisy sempre foi triste, de certa forma. Depressiva. Eu sei disso como todo mundo.

— Ela estava infeliz, — confirma Ryke. — Ela teve problemas para dormir quase todas as noites depois que o cara invadiu seu quarto.

— E depois do programa? — Eu pergunto, olhando fixamente, atordoada com a realidade de quanto nossos vícios afetaram verdadeiramente aqueles que nos rodeiam. É uma espada de dois gumes. Precisamos do apoio deles, mas em estar mais perto deles, só tornamos suas vidas mais difíceis.

Eles provavelmente pensaram que nós racionalizaríamos os problemas de Daisy como uma razão para nos afastarmos deles, para nos distanciarmos das pessoas que nos levantaram toda vez que caímos. Talvez nós tivéssemos.

— Daisy teve que voltar para casa depois do programa, lembra? — Ryke diz, balançando a cabeça com o pensamento. — Eu odiei porque eu vi o quão ruim ela estava durante *Princesas de Philly*, e eu não pude entrar naquela casa quando a mãe dela estava em casa. Então ela estava largamente lidando com o ridículo sozinha. — Ele faz uma pausa. — E então algo pior aconteceu antes dela se formar.

Connor abaixa o copo e a confusão no rosto dele me deixa surpresa. — Você não sabe também? — Eu me pergunto.

— Não, — diz Connor, seus olhos pontiagudos em Ryke. — Você nunca me contou.

— Não era minha história para contar, — retruca Ryke. Ele está esperando que Daisy fale tudo para suas irmãs. Ele parece fisicamente doente. — Eu odeio até pensar nisso.

Connor coloca mais café em sua xícara, ouvindo atentamente comigo. Eu não tenho ideia do que *mais* poderia ter acontecido com ela. Já parece demais.

— Ela tinha um casal de amigas da escola preparatória chamada Harper e Cleo, — diz Ryke. Eu tento me preparar para o pior. — No caminho de volta de compras com Daisy, as meninas pararam o elevador. — Ele hesita por um segundo. — Alguns caras disseram a Harper e Cleo que se perguntavam quantos centímetros caberiam dentro de Daisy.

Eu recuo de volta. — *O que*? — Eu me viro com raiva.

Connor mantém sua expressão vazia de propósito, o que só me irrita mais.

— Eles compraram um par de dildos, — continua Ryke.

— Não. — Eu balancei minha cabeça repetidamente, imaginando como isso acaba. Eu conheci as crianças tão entediadas, tão cruéis e tão estúpidas como as que são assim. Eu tenho sido objeto de assédio durante toda a minha adolescência, alguns justificados, outros sem razão. Eu posso sentir o medo e o ódio que engole minha juventude.

Eu nunca desejaria isso a alguém como Daisy.

— Ela lutou contra elas, — Ryke diz, a raiva enxameando seus olhos como ele gostaria que ele estivesse lá para parar tudo sozinho. — Mas só depois que deram um ultimato. Ela poderia colocá-lo ou elas a atormentariam até a formatura. Ela escolheu o último.

Não.

Eu sacudo minha cabeça. Não. — Ela viveu com medo por quantos malditos meses? — Com medo de andar pelos corredores, com medo de que algo igualmente terrível ocorresse a qualquer momento.

— Ela ainda tinha seis meses, — diz ele.

Eu caio para a frente desta vez, meus cotovelos no balcão. Eu enterro meu rosto em minhas mãos. Seis meses. Estresse pós-traumático. — Eu sinto muito, — eu digo imediatamente. É por isso que ele queria que Daisy morasse no mesmo complexo de apartamentos que ele. É por isso que ele passou tantos dias e horas com ela.

É assim que eles começaram a se apaixonar.

— Eu sinto muito, — eu digo novamente. — Eu deveria saber que você estava apenas tentando ajudá-la.

— Eu poderia ter lhe dado alguma coisa, — diz ele. — Eu fui um idiota sobre isso, e eu poderia ter lhe dado *uma* coisa para fazer parecer que minhas intenções eram boas. Mas eu não achei que importava. — Ele encontra meus

olhos. — Não é tudo em você, Lo.

Ele se levanta com isso. A verdade carrega um silêncio mais leve, aliviado. Eu o vejo andar na cozinha, concentrando-se nas garotas através do arco. A caneta quebra quando eu desenho outro círculo, manchando minha palma preta.

É mais ou menos a mesma hora que a Lily passa pelo arco, os rastros de suas lágrimas visíveis ao longo de suas bochechas.

Eu me levanto, e ela se encaixa em meus braços enquanto eu me inclino contra o balcão da cozinha. Seu olhar distante me assombra, a culpa e o remorso se espalham. Seu vício é a fonte da dor de Daisy. Não há outra maneira de contornar isso, e é uma culpa que a Lily aguentará o resto de sua vida.

— Você está bem, amor? — Eu sussurro.

Muito suavemente, ela diz: — Eu gostaria que tivesse sido eu.

Eu sei. Eu beijo a têmpora dela e a aproximo ainda mais, seu coração batendo no meu peito. Eu noto cada caixa na cozinha, os balcões nus e o vazio de cada quarto. Vivemos aqui há muito tempo e é estranho fechar outro capítulo de nossas vidas juntos. É ainda mais estranho pensar que o capítulo não pode incluir um ao outro.

E isso só me bate, aqui mesmo, a decisão para o nosso futuro. Eu olho para Connor a uns três metros de mim. — Sua oferta ainda está de pé?

— Qual oferta?

— Aquele em que vamos morar com vocês, — eu digo. — Eu estava pensando ... — E isso apenas derrama através de mim agora. Eu deixei o momento me guiar. — … Que poderíamos comprar uma casa com muita segurança. Mais que esse lugar. E Daisy poderia viver com todos nós. Eu acho que ela pode se sentir mais segura do que morar sozinha com Ryke. E quando os bebês nascerem, nós vamos apenas ... vamos descobrir então.

Ninguém afirma em voz alta - mas o olhar em seus olhos diz *sim*, um milhão de vezes.

{ 66 }

2 anos : 04 meses

Dezembro

LOREN HALE

Eu me sento no banco de peso e Ryke pega a barra de minhas mãos, ajustando-a de volta. Ele me joga minha toalha e se senta no final do banco. Já estamos na academia há trinta minutos, ninguém está aqui de manhã cedo, só nós. Connor teria se juntado, mas Rose tinha uma consulta médica.

Eu assisto Ryke olhar para a toalha em suas mãos. Ele mal fala desde que começamos a levantar pesos.

— O que é? — Eu pergunto bruscamente, pegando minha garrafa de água do chão.

Ele abre a boca, mas fecha quando as palavras não chegam até ele.

— É Daisy? — Eu me pergunto, minhas costas se endireitando. Eu penteio os fios de cabelo úmidos do meu rosto.

— Não, — ele diz rapidamente. — Ela tem estado melhor desde que nos mudamos.

— Quanto de sono ela consegue em uma noite? — Eu pergunto.

— Cinco horas na maioria das noites, menos nas más. — Ele lança a toalha, distante. Leva-lhe um longo momento antes de deixar escapar. — Estou fazendo isso.

Eu franzir a testa. — Fazendo o quê? — Eu descanso meus cotovelos de volta na barra de metal, minhas pernas em cada lado do banco.

— Eu vou fazer uma declaração para a imprensa. — Ele não pode olhar para mim. Ele apenas olha para as luzes fluorescentes penduradas no teto do ginásio.

Ainda assim, me sacode. — Sobre os rumores... — Eu paro. Eu não esperava que ele fizesse uma declaração sobre os rumores de abuso sexual, nem mesmo depois de limparmos o ar em Utah. Eu podia ver que ele tinha feito uma promessa para si mesmo, de nunca mais proteger o nosso pai, e eu não queria

forçá-lo a quebrá-la. — Você não precisa ...

— Eu preciso, — diz ele, balançando a cabeça. — Eu deveria ter feito isso meses atrás. As coisas mais difíceis da vida são geralmente as coisas certas. Eu simplesmente odiava papai demais para fazer a coisa certa. — Ele joga a toalha em sua bolsa de ginástica. — Quando eu limpar o nome dele das alegações, quero que você saiba que não é para ele, ok? — Ele se vira para mim. — Estou fazendo isso por *você* e por mim.

Eu dou tapinhas nas costas dele, engasgado por um segundo. Eu esfrego meus lábios enquanto processo esses sentimentos. Demoro um minuto para finalmente dizer o que há dentro de mim há anos. — Obrigado.

Sem meu irmão, eu não estaria sóbrio. Eu nem tenho certeza se eu estaria vivo. Sua decisão de entrar na minha vida e nunca ir embora foi uma que me salvou. Nenhum, *obrigado*, pagará o que ele me deu. Mas é tudo que tenho. E pelo sorriso que começa a iluminar seu rosto normalmente escurecido - algo me diz que isso é suficiente para ele.

{ 67 }

2 anos : 04 meses Dezembro

LILY CALLOWAY

Eu abraço meu robusto suéter de tricô apertado em volta do meu corpo, o vento chicoteando meu cabelo quando eu saio. Nenhuma vas estacionou na rua. Ninguém tirou fotos de mim. A vizinhança fechada me lembra a nossa infância, nem tudo de bom, mas o mal-estar está sob esses sentimentos moderados.

É um abrigo da tempestade da mídia.

Passo por uma árvore de abeto no gramado, descendo a calçada em direção à caixa de correio com passos rápidos. Minhas bochechas coram com o frio, mas nada me impede de verificar a correspondência todas as manhãs. Eu abro a tampa com uma expectativa vertiginosa e vejo o longo tubo e minha animação explode em fogos de artifício.

Eu puxo para fora como se fosse um sonho.

— Você fez isso, Lil, — diz Lo, descendo a calçada com uma caixa de papelão rotulada *Natal*. Uma das minhas jaquetas de inverno inchadas repousa sobre ela. Ele coloca a caixa no chão e se junta a mim.

— Eu não posso acreditar que eu não tenha nem colado, — eu digo, acenando o tubo ao redor como um sabre de luz. — No final, pelo menos. — Embora Connor me pegou rabiscando uma folha de cola no meu rótulo de garrafa de água no meu último semestre. Ele me deu uma palestra sobre não precisar de uma muleta, e eu joguei a garrafa fora antes do exame. Sem suas habilidades de tutoria e ética, eu nunca teria chegado tão longe.

— Abra, — Lo sorri.

Eu pego a tampa do tubo e delicadamente retiro o papel fino que contém o meu certificado.

— Agora você é uma graduada *oficial* da faculdade, Lily Calloway. Como é? — Ele pergunta, o orgulho ultrapassando suas feições.

— Bom, — eu digo. *Realmente muito bom*. Levei muito tempo para me formar em Princeton, especialmente depois de me transferir para lá. Eu passei com um

GPA muito baixo, mas passei. Isso é tudo que importa para mim. Eu olho para ele. — Mas não é tão bom quanto outras realizações. — Passar pela recuperação, tomando as providências para ser um eu melhor, essa conquista supera todas as outras.

Ele puxa meu boné Wampa na minha cabeça, puxando as abas das minhas orelhas para o calor. — Você é boa demais para sair comigo agora? — Ele pergunta, apoiando um braço na caixa de correio.

Eu me perco para seus olhos âmbar por um momento, e então eu digo: — Somos o mesmo.

Seus lábios se levantam lentamente, covinhas em suas bochechas. Ele acena para a caixa, me dizendo para segui-lo até a entrada da garagem. — Eu nos tirei das compras de móveis com Connor e Rose. — Ele recolhe o meu casaco de inverno e me ajuda a colocá-lo em cada braço.

— Como você faz isso? — Eu pergunto, observando-o levantar a caixa de papelão, a caligrafia parece infantil. Como… uma das nossas quando éramos pequenos.

— Temos que decorar a árvore. — Ele acena para a grande árvore de Natal no meio do quintal. Eu disse a Rose que ia parecer esquisito fora de época, mas ela me enxotou e disse que *essa* era a casa. Ela ficou do lado de fora, as mãos nos quadris, como ela fez uma vez com a nossa casa da irmandade. O Princeton, onde nossos namorados se juntaram a nós.

— Bem pensado, — digo a ele. Eu prefiro decorar uma árvore do que passar horas ouvindo a conversa de Rose e Connor ir de sobre a mobília para Faulkner, para Shakespeare e coisas científicas que machucam minha cabeça.

— Quer uma carona? — Ele me pergunta, curvando-se. Eu pulo nas suas costas um pouco ao acaso, Wampa quase voando.

— Cuidado, Lil, — ele me diz. Ele tem que segurar a caixa, mas eu não tenho nenhum problema envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura e segurando seus bíceps como um macaco. — Você pode sentir isso? — Ele pergunta na curta caminhada até a árvore. Eu sinto ele revirar os olhos. — Não *isso*, mas eu quero dizer ele ou ela ou qualquer outra coisa.

É estranho para mim também. — Não realmente, pelo menos ainda não. — A pancada na minha barriga é um pouco maior, mas não muito. Ele me coloca de pé, a gigantesca casa de tijolo e pedra aparecendo atrás de nós. Oito quartos. Ainda mais banheiros.

Isso me lembra, todos os dias, que podemos pagar nossos erros. Às vezes

me pergunto se é por isso que acabamos fazendo mais.

Ele agacha e abre as abas da caixa. — Então, eu estava pensando, — diz ele, enquanto eu tento investigar isso. — Se tivermos um menino, sei do que devemos chamá-lo.

Meus lábios se separam um pouco de surpresa. — Você está pensando em nomes?

— Quero dizer, sim, — diz ele. Suas sobrancelhas franzem quando ele olha para mim. — Você não?

— Uma vez, talvez duas vezes. — Eu não me deixei revelar as partes boas de estar grávida. Mas agora que Lo deixou, acho que posso começar.

Ele se levanta da caixa, segurando um pacote de enfeites, bonecos de brinquedo de plástico com cordas na cabeça. Da nossa infância. Costumávamos brincar com eles durante as férias, arrancando-os da árvore de Natal da família Hale, na cova.

Meu coração acelera enquanto ele classifica a coleção em sua mão e escolhe uma certa. Ele passa para mim, a tinta azul lascada na fantasia dos X-Men. Este era seu super-herói favorito quando éramos pequenos. Não Hellion, que apareceu nos quadrinhos em nossa adolescência. E não Scott Summers, que lentamente se transformou em um homem que ele admirava.

No começo de tudo, ele simpatizava mais com o Quicksilver. Por ser filho de um homem indesejável. Por ser rebelde e desejar que a vida se apressasse já. Ele não é perfeito de forma alguma, mas é por isso que Lo o ama: todas as imperfeições, todas as falhas. Ele é um herói nos meus olhos por causa de cada uma.

— Maximoff, — diz ele. Minhas lágrimas transbordam. Eu viro o enfeite e vejo o nome de Lo gravado nas costas. Ele me puxa para mais perto e esfrega a manga abaixo dos meus olhos. — Diga algo.

— Eu amo isso, — eu digo com uma risada que produz mais lágrimas. *Maximoff. Último nome do Quicksilver.* E então clica. — Lembra quando dissemos que os melhores corvinais são aqueles que podem torcer pelos Grifinórios e pelos Lufa-Lufas?

Lo acena com a cabeça.

— Luna, — eu digo. — Para uma garota ...

Ele sorri. — É perfeito... só não diga a Rose e Connor que é por causa deles. — Ele sabe que Luna me faz pensar em minha irmã e seu melhor amigo. — Isso vai para as cabeças deles. — Muito verdade.

Se tivermos uma menina, a origem do nome dela é um segredo que ficará entre nós.

Eu olho de volta para o enfeite na minha mão. — Isso não é mais fingimento, não é? — Passamos três anos fingindo juntos antes de nos tornarmos um casal oficial. As linhas entre nosso relacionamento e nossos mundos sempre se confundiram. Como um pé em uma realidade alternativa e um na Terra-616.

— Não, amor. — Lo inclina meu queixo para que eu encontre seus olhos âmbar rodopiantes. — Isso é real.

{ Epílogo }

2 anos : 05 meses Janeiro

LILY CALLOWAY

— A reunião da casa está em ordem, — anuncia Rose. Eu acho que ela gostaria que ela tivesse um martelo para bater na mesa, mas ela tem que se contentar com a rota menos dramática. Silêncio.

Ela se senta equilibrada em uma cadeira Queen Anne em frente à lareira. Com Connor na cadeira ao lado dela, eles parecem realeza presidindo gente comum. Eu acho que eles sabem disso, e é por isso que ambos parecem um pouco animados demais.

— Vocês tiveram reuniões na casa em Princeton? — Daisy pergunta a Lo e a mim. Mesmo que todos nós nos hospedamos juntos na casa durante *Princesas da Filadélfia*, isso é diferente. Aquela situação era temporária e nosso cenário era rigoroso e orientado pela produção. Aqui temos mais liberdades, e isso significa aprender a lidar um com o outro em um novo nível.

Daisy se enrola com Ryke no sofá de camurça, ao lado da que Lo e eu sentamos.

— Sim, mas o rei Connor e a rainha Rose nunca tiveram seu próprio trono, — diz Lo, com o braço em volta da minha cintura e os dedos enfiados na minha legging. Pelo menos eu não era a única a pensar que eles pareciam com a realeza.

Rose estreita os olhos verde-amarelados. — Quando você detalhar as reclamações, sugestões e anúncios de todos, pode se sentar na minha cadeira, — diz ela, agitando um pedaço de papel de impressora, significando todo o trabalho que ela fez.

— Ou você pode apenas sentar no meu colo, querida, — oferece Connor para Lo, os cantos de seus lábios se curvando em um sorriso.

Lo ri, — Tentador.

— Podemos apenas começar, porra? — Ryke pergunta, passando a mão pelo cabelo úmido do chuveiro. O de Daisy está igualmente molhado, enrolado em um coque bagunçado em sua cabeça.

Todos os três rapazes foram a academia esta manhã e Daisy se juntou a eles

a pedido de Ryke. Minha irmãzinha e o irmão mais velho de Lo estão voando para a Costa Rica amanhã, e Ryke precisou avaliar seu nível de habilidade na parede da academia. Ela me disse com um sorriso travesso que ele queria "estourar sua bunda em uma pedra de verdade", o que soava tão sujo em minha mente, e eu *ainda* não tenho certeza se isso era uma insinuação escondida para o sexo anal.

Eu deveria ter perguntado porque está me atormentando toda vez que eu os vejo juntos. Como pop-ups sujos. Neste momento, mantenho meu foco em Rose e sua postura suprema.

— Primeiro, e mais importante, — diz ela, — há a questão da limpeza.

Ah sim, eu sabia que Ryke seria queimado por Rose pela bagunça que ele deixa por aí. E pela desordem do quarto de Daisy durante o reality show - roupas em *todos os lugares* - eu sei que ela prefere viver em caos desordenado também.

— Daisy e Ryke, — diz Rose. — Vocês dois precisam lavar seus pratos ou colocá-los na lava-louças. A pia não é uma lata de lixo. Nem a mesa de café, nem a garagem ou a toca.

— Fodidademente incrível, — Ryke geme e se inclina para trás no sofá como ele não pode acreditar nisso. — Nós não temos doze, Rose.

Eu posso sentir o sorriso de Lo atrás de mim, e eu o cotovelo para escondê-lo. Mas Ryke avista isso. — O que é tão engraçado?

— Eu tive que morar com Rose por quase três anos. É bom ver alguém sofrendo sob seu reinado.

Daisy diz: — Rose, eu gosto de poder ter esse tipo de liberdade. Mamãe sempre reclamou sobre o meu quarto...

— Eu não vou ser manipulada sobre isso. Boa tentativa, — ela diz, — mas *não*.

Connor parece impressionado com Rose superando Daisy, o que realmente é um elogio maior para minha irmãzinha.

Daisy encolhe os ombros como se *tinha que tentar.*

Rose estala os dedos, recuperando a atenção de todos. — Não é um conceito difícil. Se estamos morando juntos, limpe você mesmo.

— E se eu fodidamente não quiser, — Ryke refuta.

— O quê? — Rose olha como se ele estivesse oferecendo outra escolha para um teste verdadeiro e falso.

Ele chuta os pés para cima da mesa para enfurecê-la ainda mais. Connor diz

algo em italiano e, como Rose só conhece francês, percebo rapidamente que ele está secretamente falando com Ryke.

— Whoa! — Eu levanto minhas mãos. A sala silencia no impacto, todos os olhos se voltando para mim. Uau, isso funcionou melhor do que eu pensava. — Posso fazer uma regra sobre não ter segredos em línguas estrangeiras?

— Aprenda a língua estrangeira e não haverá nenhum segredo, — diz Connor rapidamente.

Mais fácil falar do que fazer. Mas eu vejo o poder nos olhos de Rose, como se ela estivesse aceitando uma nova espécie de desafio.

Ryke acena para minha irmã mais velha. — Deixe Daisy e eu contratar uma empregada como queríamos.

— Não, — Lo e eu digo juntos.

Ryke geme novamente. Lo e eu já expressamos nossas opiniões sobre servidores e funcionários, empregadas domésticas e mordomos. Nós crescemos com eles, e esta casa, por mais gigantesca que seja, já nos lembra dos lugares onde fomos criados.

Nenhum de nós quer voltar a isso. Percorrer os corredores, lembrou de tempos que eram mais escuros e mais sinistros. Novos começos e novas oportunidades significam mudanças, e eu quero mudar como eu vivo. Além disso, fomos apunhalados e feridos muitas vezes. Eu não posso imaginar confiar em alguém o suficiente para lhes permitir o domínio livre da nossa casa.

— Você tem um aviso, — Rose diz a ele antes de seguir em frente. — Segunda ordem do dia. O ofurô não é um lugar para foder. — Crueza, mas ela nem sequer hesita ou cora.

E então a realidade dessa acusação afunda. — Quem fez sexo na banheira quente? — Eu não fiz.

— Bem, não fomos nós, — Lo começa, levantando os olhos para mim, e ele está tendo dificuldade em olhar para o sofá adjacente.

Oh. Ohhhhh. Eu faço uma careta quando uma imagem pop-up de Ryke e Daisy transando nas águas quentes e espumantes enche meu cérebro. Apagar! Excluir! Ahhhhh Os olhos de Daisy são discos gigantes, e estou mais ciente de que ela é muito mais nova que todos nós. Ela provavelmente está sentindo essa diferença de idade agora também. Algo sobre nós sabermos que ela está fazendo sexo com Ryke faz uma camada de estranheza varrer a sala. Ou pelo menos, está varrendo grandes e gordas rajadas em minha direção, perdendo completamente Rose e Connor.

Talvez as cadeiras do trono tenham propriedades mágicas de imunidade.

— Esta reunião é apenas uma maneira de estourar minhas bolas? — Ryke pergunta com raiva, sua mão na cabeça de Daisy enquanto ela se abaixa. Seus dedos estão perdidos em seu cabelo, e me pergunto se ele está dando uma massagem na cabeça ou algo assim.

— Você não está quebrado ainda, — diz Connor. — Levará alguns meses, ou um ano, desde que você sempre se recusa a ser treinado.

— Fantástico, — Ryke responde.

— Não *fodidamente* fantástico? — Daisy sussurra para ele com um sorriso brilhante.

Ele realmente sorri de volta, e seus olhos a acariciam intimamente, reservados para quartos e preliminares.

Connor limpa a garganta. — A última coisa... — Seus olhos pousam em Lo, mas os azuis profundos de Connor estão cheios de seriedade. Todo o humor e brincadeira morre ali. Eu não acho que isso é sobre pratos sujos e enroscando em banheiras de hidromassagem mais. — É algo que afeta vocês quatro. — Ele corre até a beira da cadeira para ficar um pouco mais perto de nós. Meu coração pula uma batida. — Como você sabe, o publicitário do Calloway está revelando a gravidez de Lily para a mídia amanhã.

Durante todo o dia, tenho me preparado para a tempestade de fogo. Se a reação for parecida com a dos meus pais, eu vou estar enfrentando descontentamento e desaprovação. Lo e eu não somos casados. Ele recaiu apenas alguns meses atrás. Nós não somos o casal brilhante e extraordinário como Rose e Connor.

Mas acho que estou pronta para suportar o julgamento. Eu já passei por tantas coisas que não vejo mais um futuro onde o ridículo me dilacera mais.

O único problema na declaração de Connor é o começo: *é algo que afeta vocês quatro*. Se isso é sobre a minha gravidez, então por que isso afeta Ryke e Daisy também?

— Eu não entendo, — diz Lo em primeiro lugar, sua voz cheia de aborrecimento. Como se mundo está arranhando ele antes que ele tenha a chance de levantar suas guardas.

— Falei com um contato que recebi da GBA News, — diz Connor. Ele coleciona muitas pessoas, então não é surpresa que ele conheça alguém por dentro. — Eles têm o direito exclusivo de contar a história da gravidez da Lily. Eu liguei para ele para perguntar que tipo de repercussão haveria. Eu queria

preparar vocês dois. — Seus olhos voam de Lo para mim.

Então talvez tenhamos tempo para colocar armaduras.

— O que ele me disse, — continua Connor, — era algo que eu não esperava.

Eu espero que alguém conte uma piada sobre Connor não saber de tudo, mas Ryke e Lo ficam estranhamente quietos, seu silêncio apenas intensificando o momento.

— Ele disse que as pessoas vão debater se a criança é mesmo a de Loren. Ou se é de Ryke.

Seu anúncio deixa um peso indescritível na sala. Ninguém menciona um teste de paternidade. Como se eu fizesse um, o argumento seria colocado de lado. Essa não é a questão.

O ponto é que isso está errado. Que eu finalmente passei pelos rumores de ménage. Eu finalmente segui em frente.

É algo que afeta os quatro de vocês.

Ryke está sussurrando no ouvido de Daisy, seus olhos endurecidos em pedra. Ela olha longamente para o tapete e balança a cabeça. — Estamos juntos, — ela diz baixinho.

Os músculos de sua mandíbula se contraem e ele se levanta. — Podemos ter uns dez fodidos minutos para falar sobre isso sozinhos? — Ryke nos pergunta. — É um grande negócio.

Estou com medo de fazer contato visual com Lo ou até me mexer. Minha irmãzinha está namorando Ryke, e agora as pessoas vão acreditar que eu vou ter o bebê *dele*. Quantas vezes meu vício vai machucá-la?

Rose está de pé. — Essa provavelmente é uma boa ideia.

Em um segundo rápido, Ryke segura a mão de Daisy e eles se retiram para o seu quarto. Tanto Connor quanto Rose saem para a cozinha, nos dando privacidade também.

Eu quero acreditar que esses rumores não são diferentes. Mas eles são aqueles que podem realmente machucar Ryke e Lo mais do que qualquer outro. Eles podem nos afetar de novas maneiras, nos desafiando novamente.

— Lil... — Sua voz não é tão afiada como eu previa. Respirando fundo, ele diz: — Olhe para mim.

Eu viro minha cabeça para olhar para ele. Eu leio suas feições, os vincos de sua testa, o brilho de dor, mas não é tão escuro quanto poderia ser.

— Esta é a coisa certa, estar aqui? — Eu pergunto a ele. Eu não quero mais

que Daisy sofra, e se nos distanciamos deles, então talvez-

— Se eu aprendi alguma coisa nos últimos dois anos, — diz Lo, — é que precisamos estar cercados por pessoas que amamos. E honestamente, eu não acho que eles nos deixarão fazer isso de outra maneira.

Eu tento sorrir, mas é um fraco. Eu concordo, no entanto. Não empurrar a família e os amigos de lado. Nos aproximamos deles a cada luta, e não devemos abandonar isso por uma teoria ou por um e se. Estamos todos unidos por esses eventos, uma equipe que não quero desmembrar. Agora não.

Ele cobre meu rosto, seu polegar acariciando minha bochecha. — Um dia de cada vez, — ele diz, seus olhos âmbar entediados com força nos meus, — é assim que vamos levar isso.

Um dia de cada vez. — Isso não é muito lento para você? — Eu pergunto. O Loren Hale que eu estou acostumada não quer atrasar a vida, não é preciso aguentar a agonia. Ele odeia a espera.

Eu assisto seu olhar cair para minha barriga. E então eles piscam para as minhas feições. Ele as olha como se ele estivesse englobando cada sarda, cada pedaço de mim. — A vida se move muito rapidamente, — diz ele. — Eu não quero acelerar um único momento. Não mais.

Eu choro de rir porque nunca pensei que o ouviria falar assim. Ele escova minhas lágrimas por mim, nossos lábios apenas uma respiração distante.

E eu sussurro: — Um dia de cada vez, então.